

JONATHAS SERRANO
Do Instituto Historico e da Escola Normal

EPITOME DE Historia Universal

Com um prefacio de **Escragnolle Doria**
Professor de Historia do Collegio Pedro II

Adoptada no Collegio Pedro II, na Escola Normal
do Districto Federal, e em varios estabelecimentos
de instrucção da Capital da Republica e dos Estados.

PROJETO RESGATES DO ESBOÇO

ESTE LIVRO FOI DIGITALIZADO EXCLUSIVAMENTE POR NÓS

ESBOÇO DE
SANIDADE



CONHEÇA O CANAL
NO YOUTUBE



LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO

22-A, Rua Libero Nedder

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1448

JONATHAS SERRANO
Do Instituto Historico e da Escola Normal

EPITOME
DE
Historia Universal

Com um prefacio de **Escragnolle Doria**
Professor de Historia do Collegio Pedro II

Adoptada no Collegio Pedro II, na Escola Normal
do Districto Federal, e em varios estabelecimentos
de instrucção da Capital da Republica e dos Estados.

16ª EDIÇÃO
Revista e consideravelmente augmentada

69.º a 73.º milheiros

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO QUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO
S. PAULO
49-A, Rua Libero Badaró

1934

BELLO HORIZONTE
Rua da Bahia, 1052



PREFACIO

Mercê de Deus, nunca houve mingua no Collegio de Pedro II de professores distinctos e de alumnos distinguidos.

Do Collegio têm sahido as mais bellas flores para as exposições de nossa cultura intellectual.

O famoso estabelecimento, em tão boa hora fundado pela Regencia, possue pelo menos um representante conspicuo em cada provincia de saber no reino do engenho humano.

Modernamente poucos alumnos da velha casa de tantos moços se avantajaram nella mais do que o auctor deste compendio, lavrado na experiencia de um professor conceituadissimo na sua classe, por irreprehensivel sob todos os aspectos.

Desde 1901, no então Externato do Gymnasio Nacional, Jonathas Serrano mereceu o carinho dos superiores e o respeito dos collegas.

Era um menino franzino, timido, esquivo, uma dessas crianças pelas quaes, de relance, na giria dellas, “não se dá nada”.

O menino transfigurava-se, porém, transposto o limiar da aula, sentado o docente na cadeira, abertos os compendios ou desdobrados os mappas, encetada a lição.

Luziam-lhe os olhos em chammas de ardente curiosidade. O rosto banhava-se na expressão mystica dos grandes trabalhadores, prosperando no estudo até á morte, pospondo a alma ao corpo, a cultura á fadiga.

Varios eram os lentes de Serrano. Mau grado os temperamentos oppostos e as orientações dispaes, reuniam-se na justiça prestada ao subordinado dilecto e digno.

EPITOME

DE

HISTORIA UNIVERSAL

DO MESMO AUTOR

PHILOSOPHIA DO DIREITO — um vol. optimamente impresso em superior papel, encadernado em percaline.

“... trabalho magistral. Embora tendo do mundo uma concepção essencialmente differente, e com grande satisfacção que affirmo as qualidades superiores do livro, pelo methodo didactico, pela clareza e elegancia da exposição, pela ponderação dos conceitos, pela amplitude dos conhecimentos revelados. — CLOVIS BEVILAQUA.”

METHODOLOGIA DA HISTORIA NA AULA PRIMARIA

Um elegante volumezinho em que se expõem em linguagem clara as vantagens do methodo em geral e em especial applicado ao ensino da historia, conforme os resultados da observação pedagogica nos paizes mais cultos da Europa e da America e as opiniões dos autores de maior competencia.

“Não só de utilidade immediata para as normalistas e professoras, mas para todos os estudiosos desses problemas, educadores e curiosos, é este livrinho tão bem feito, pensado, escripto e até impresso, que dá a vontade irresistivel de o ler e aprender, e mais, ver brevemente outros tantos como esse, servindo a todas as disciplinas do curso normal.”

AFRANIO PEIXOTO.

“... Este primoroso livrinho... é o mais serio, o mais methodico, o melhor estudo da materia... E' obra melhor que discursos e conferencias... que podem dar nomeada a quem os faz, mas são de effiçencia muito problematica.”

O. DE SOUZA REIS na *Escola Primaria*.

“... Além da seriedade com que está escripta, a *Methodologia da Historia na Aula Primaria* se recommenda pela vernaculidade da phrase.”

Jornal do Commercio.

“... Livro interessantissimo e bem feito. Seus capitulos, sobretudo “O conceito de Historia” são admiravelmente tratados.”

A Noite.

PREFACIO

Mercê de Deus, nunca houve mingua no Collegio de Pedro II de professores distinctos e de alumnos distinguidos.

Do Collegio têm sahido as mais bellas flores para as exposições de nossa cultura intellectual.

O famoso estabelecimento, em tão boa hora fundado pela Regencia, possue pelo menos um representante conspicio em cada provincia de saber no reino do engenho humano.

Modernamente poucos alumnos da velha casa de tantos moços se avantajaram nella mais do que o auctor deste compendio, lavrado na experiencia de um professor conceituadissimo na sua classe, por irreprehensivel sob todos os aspectos.

Desde 1901, no então Externato do Gymnasio Nacional, Jonathas Serrano mereceu o carinho dos superiores e o respeito dos collegas.

Era um menino franzino, timido, esquivo, uma dessas crianças pelas quaes, de relance, na giria dellas, "não se dá nada".

O menino transfigurava-se, porém, transposto o limiar da aula, sentado o docente na cadeira, abertos os compendios ou desdobrados os mappas, encetada a lição.

Luziam-lhe os olhos em chammas de ardente curiosidade. O rosto banhava-se na expressão mystica dos grandes trabalhadores, prosperando no estudo até á morte, pospondo a alma ao corpo, a cultura á fadiga.

Varios eram os lentes de Serrano. Mau grado os temperamentos oppostos e as orientações dispaes, reuniam-se na justiça prestada ao subordinado dilecto e digno.

Serrano conserva de todos viva lembrança. Mantem especial saudade do professor de Francez, Henrique Monat. E com razão.

Pedagogo amavel, cheio de tolerancia, veuada claramente de ironia, cirurgião de escol e anatomista profundo, sabendo ver nos corpos e ler nas almas, Monat parecia uma intelligencia de iman, attrahindo por simpies presença o ferro do character da mocidade.

Monat, arguto e bom, por manuducção, encaminhou o discipulo da vespera para o professorado. Serviu a classe e o Collegio de Pedro II, onde aliás pouco leccionou.

Ser mestre não é dar aula mecanicamente, a namorar o relógio, mastigando noções e deglutindo enfados, chamando quatro idéas para mantear palavras durante sessenta minutos.

Ser mestre é um pouco mais, é espreitar com alvoroço o progresso do alumno, afagando-o no impulso do esforço, corrigindo-o no tactear do erro.

O alumno aproveitavel, brioso, de futuro, não se desampara com prazer á porta da escola, perdendo-o de vista, para sempre, no reboição da turba humana.

Cultivando-o para bem da communitade, o mestre continua a segui-lo pelo enleio sinuoso da vida, desviando-o do perigo pelo conselho, pelo apoio material se fôr preciso, fixando-o no bem e no trabalho pelo applauso, sobrio, mas cordial.

A mestres de tal porte, infelizmente raros em toda a parte, jamais mingua o valimento ou caduca o imperio.

Deixar discipulos, isto é, perpetuadores, que escopo admiravel, que alvo difficil de attingir!

Exigem-se para o magisterio vocações especiaes, como para a carreira ecclesiastica. Maus professores e maus padres depressa corrompem uma sociedade turvando-lhe as suas fontes mais limpidas, o ideal e a infancia.

Norteador por Monat, ouvindo-lhe o aviso amigo, Serrano dedicou-se ao professorado, carreira aspera e fecunda, sacerdocio sem ordens, incumbido de dar solidez a intelligencias

tenras, que, com o discurso do tempo, se vão enrijando como com elle a agua se consolida em crystal.

Alumno de primeira plana no Gymnasio, Serrano não concluiu o curso do bacharelado em sciencias e letras pelo nobre e raro escrupulo, pedra de toque de uma alma, de não poder estudar com tanto afinco e zelo quanto até então, por motivo da saude gravemente abalada. Apenas restabelecido ei-lo na Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes, e nella em breve laureado com as notas mais elevadas, com as distincções academicas mais escassamente concedidas.

Formado em Direito, Serrano, professor secundario na constancia de seus estudos superiores, não desertou do magisterio e do ensino da Historia.

A profissão não lhe cahiu na desgraça. Rejeitando offercimentos vantajosos e tentativas seductoras, preferiu continuar a ensinar o que aprendeu e o que aprendia.

No individuo, o desapego a ninguem surprehendeu. Profunda e sinceramente catholico, Serrano sabe que atravessa a vida minorando a extensão da jornada pelo cumprimento do dever.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, filho do capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Souza Serrano, senador da Republica pelo Estado de Pernambuco, e de D. Ignez da Silveira Serrano, perdeu cedo o pae. Foi criado com desvelo por sua mãe e sua avó materna D. Ignez Martins da Silveira, ambas senhoras de linhagem e cultura, parentas proximas de Domingos José Martins.

Sobrinho neto deste, Jonathas Serrano consagrou dias e vigalias ao estudo da Historia e sobretudo da historia patria, onde figura, para sempre, o nome de Domingos Martins, membro do governo revolucionario de Pernambuco de 1817 e nelle collega de Antonio Carlos e do lexicographo Antonio de Moraes e Silva. O primeiro era ouvidor de Olinda. O segundo capitão mór do Recife e disciplinador das palavras da lingua portugueza no famoso e classico dictionario. Diga-se a verdade, tomaram parte constrangida e esquiva no movimento, rubro

fructo do odio velho, portanto sem descanso, de lusitanos e brasileiros.

Nas *Notas Dominicaes* de Tollenare, viajante de commercio francez, testemunha ocular dos acontecimentos da epoca, encontra-se desenhado o typo de Domingos José Martins, com o qual Tollenare não sympathisava, reconhecendo-lhe defeitos, mas nelle louvando grande firmeza de animo, sangue frio e energia, declaração de cuja sinceridade não se pode duvidar.

Educado na Inglaterra e negociante em Londres, Domingos Martins, no seu tempo, era tido por *adeantado*, imbuido dos principios do liberalismo inglez.

No traje, nas idéas, na calma retivera muita cousa da Gran-Bretanha, o navio ancorado por Deus na Mancha, segundo a pittoresca expressão do nosso Castro Alves, mas soltando as suas tripulações pelo mundo inteiro.

Fuzilado na Bahia, no Campo da Polvora, após o mallogro da revolução de 1817, echo das revoluções que no tempo enrubeciam de sangue a America Hespanhola, Domingos José Martins revelou nos ultimos momentos admiravel presença de espirito e immensa serenidade.

Intemente á morte, deu elle proprio ordem de fogo ao pelotão de fuzilamento.

Em Jonathas Serrano, sobrinho neto de tal homem, capaz de morrer pelo ideal de sua vida, revivem muitos dotes do antepassado, na firmeza dos ideaes, na perseverança das opiniões, na coragem ante os preconceitos, iscas de erros.

Na escola, na academia, na imprensa, Serrano mantem sempre a fé catholica patente, cortez, profunda e apostolar.

Professor laureado, entrega hoje ao publico o primeiro trabalho didactico, após mais de um decennio de ensino diario, exhaustivo, da disciplina thema de seu livro.

Na obra do joven mestre encontrará o discipulo de Historia cousas bem raras em tratados da materia e, salvo erro, inexistentes nos nossos compendios: quadros synopticos abundantes e conscienciosos, o afastamento da arida chronologia e da secca

nomenclatura, o consorcio feliz e constante da historia propriamente dita e da historia da civilização.

O compendio de Jonathas Serrano, filho espiritual e querido do Collegio de Pedro II, representa, no meu modesto sentir, excellente ensaio da nova orientação dos estudos historicos, outrora apenas confiados á memoria, a sentinella do cerebro, *the warder of the brain*, como observa lady Macbeth ao esposo no castello escossez.

Nos collegios, dantes e agora, a sentinella do cerebro, deante de alguns professores e de certos methodos, contra todos os preceitos militares, pedia e pede, em altos brados, que a rendam antes de findo o tempo da vigilia.

Felizmente entre nós já se vae comprehendendo a inutilidade perniciosa, no estudo da Historia, de empanturrar a memoria, deixando-a crua de indigestão. Programmas, lições, exames vão mostrando o desejo de associar a historia da civilização á historia propriamente dita.

Valioso instrumento de cultura intellectual, a Historia é uma sciencia de raciocinio introduzida na Europa no seculo XIX, com a sua feição hodierna bem diversa da feição de arte que lhe dera a antiguidade, bordando com o ouro da lenda e com a seda da fantasia o tecido dos factos.

A Historia, modernamente, do seculo passado em deante, tornou-se uma sciencia ousada, esmerilhadora, infatigavel, parecendo ter pressa de recobrar o tempo perdido ao tactear na verdade, ou no que julga tal, por tantos seculos.

Bossuet transformou a Historia em escola. Nos seus bancos sentara apenas os principes, para lhes fazer descobrir a força das paixões e dos interesses, as epocas e as conjuncturas, os bons e os maus conselhos.

Hoje em dia os subditos invadiram a escola e, por sua vez, sentaram-se nos bancos, donde, ás vezes em algazarra irreverente, se arrogam o direito de julgar os principes, astros precipitados do zenith do absolutismo ao solo da democracia.

Somente, pois, no seculo XIX foi a Historia incluída no programma das escolas secundarias, na Europa. Do seu inicio

aos nossos dias a pedagogia historica tem soffrido incessantes e proveitosas modificações, no material e nos processos.

O *Album Historico* de Lavissee mostra bem o que se procura conseguir do consorcio de ver e de aprender.

Apresentar gravuras ao alumno, pedir-lhe que as analyse, fazendo o mesmo quanto a narrativas e descripções; pedir-lhe tambem desenhos, esboços geographicos, quadros synchronicos, quadros de comparação entre sociedades differentes ou de encadeamento dos factos — tudo tem sido tentado para variando tornar proficuo o conhecimento e o estudo da sciencia que Carlyle classificou tão bem quando a chamou o mais distincto producto da natureza espirital do homem.

Se na Europa apenas no seculo XIX a Historia teve direito de cidade, não admira que no Brasil igualmente só da Independencia em diante penetrasse no gremio dos nossos estudos secundarios.

Como tanto se deve saber, os jesuitas iniciaram a instrucção no Brasil, e os nomes de escol, encontrados em nossa terra nos seculos XVI e XVII, igualmente se acham nos livros de matricula das escolas jesuiticas, de Euzebio a Gregorio de Mattos, de Rocha Pitta a Santa Rita Durão e Basilio da Gama.

A Historia não figurava em taes escolas, nem a considerou a reforma de Pombal.

Até á Independencia não se fallou na materia. A lei de 15 de Outubro de 1827, assignada pelo visconde de S. Leopoldo, ordena a creação de escolas publicas nas cidades, villas e logares populosos do Brasil. Em taes escolas deviam ter preferencia para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brasil.

Na instrucção secundaria a Historia surgiu em 1838, quando o Imperial Seminario de S. Joaquim se viu transformado, pelo decreto de 2 de Dezembro de 1837, em Collegio de Pedro II.

Com pequenas alterações se manteve o ensino no Collegio até á grande reforma de 1854, emprehendida por um dos mais

competentes estadistas do Segundo Reinado, Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, visconde de Bom Retiro, um dos nossos mais atilados ministros do Imperio e deste o seu genio bom.

Pela reforma Bom Retiro, inspirada nos estudos de Justiniano José da Rocha, o curso do Collegio de Pedro II, continuando a ser de sete annos, teve duas cadeiras de historia e geographia, devendo o professor de uma ensinar a historia e geographia antiga e medieval, e o da outra a parte moderna de taes sciencias, com especialidade a historia e geographia nacional.

De 1854 em deante passou a Historia a ser exigida como preparatorio indispensavel á matricula nos cursos superiores do Imperio; e nunca mais desapareceu do programma dos estudos secundarios, cujo modelo é o do Collegio de Pedro II.

Neste a materia tem sido leccionada por homens de quilate, quaes, entre os mortos, João Baptista Calogeras, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves Dias, o barão de Teutphœus, Joaquim Mendes Malheiros e o barão do Rio Branco.

Ao ensino da sciencia tratada por taes mestres se consagra o auctor deste livro, docente de numerosas turmas de alumnos. Nunca lhe desmentiram a certeza do saber, a sinceridade das idéas e o trato permanente com os melhores autores da disciplina no afan de perscrutar, na uncia de comparar e no desejo de melhorar, nesse amargo desejo de perfeição que tão cruelmente trabalha todo o verdadeiro intellectual.

Com a passagem dos annos, com o volver dos mezes, com a fuga dos dias, o jovem professor ha de ir ministrando aos alumnos, cada vez mais copiosos, não só o resultado proficuo dos seus estudos como o da experiencia, segundo linda definição, o unico fructo que amadurece sem adoçar jamais.

Rio, 8 Maio 1912.

ESCRAGNOLLE DORIA.

NOTA PRELIMINAR

Fructo da observação durante mais de quinze annos de magisterio, attinge a 10.^a edição este modesto compendio, hafejado pela fortuna desde os seus primeiros dias. Notavelmente accrescido já nas edições precedentes a esta, revisto e emendado em varios pontos, sai agora ainda augmentado e expurgado de varios senões que escaparam ás revisões anteriores, sem desfigurar entretanto o primitivo plano, que nos esforçamos em conservar, de accordo com a lição fecunda da experiencia. "Visam apenas estas paginas, — diziamos no anteloquio da primeira edição — proporcionar aos discipulos o indispensavel conhecimento dos factos mais notaveis e da marcha geral da civilização".

Já não é licito em nossos dias, graças ao progresso da pedagogia scientifica, seguir os velhos e condemnaveis processos exhaustivos da memoria, em que se decoravam paginas e paginas, fazendo-se da historia uma insupportavel nomenclatura recheiada de uma fatigante chronologia. Martyrio da memoria, o que devêra ser encanto da imaginação ! Compare-se o *Album Historique* de Lavissee e Parmentier a um desses soporiferos compendios do velho estylo: que distancia e que contraste !

Graças ao cinematographo, as resurreições historicas não são mais uma utopia. O curso ideal fôra uma série de projecções bem coordenadas, o cinema ao serviço da historia, — immenso gaudio e lucro incalculavel dos alumnos. Isto, porém, é, *por emquanto*, ainda bem difficil. Resta, entretanto, mais modestamente, o emprego das gravuras, retratos, mappas, etc., para ensinar *pelos olhos*, e não apenas, e enfadonhamente não raro, só *pelos ouvidos*, em massudas, monotonas e indigestas prelecções. Para fixação do essencial, em nomes e datas, ha o grande e fecundo recurso dos quadros synopticos.

Ademais é sabido quão penosa é a tarefa dos mais distinctos estudantes, em se tratando de preparar integralmente os pontos dos programmas officiaes. A multiplicidade das disciplinas do curso secundario, a exiguidade do tempo que se lhes pode razoavelmente consagrar, a anciedade com que todos — alumnos, paes de alumnos, professores e directores de collegio — desejam ver passado o perigoso exame e patentes as portas da Faculdade (lamentavel *régime de chauffage*, consoante á expressão de Demolins) — tudo são factores do pouco aproveitamento em geral observado nos estudantes de historia. Accresce, mais grave ainda, a relativa escassez de bons compendios; e — gravissima, porém infelizmente mais commun — a inopia methodologica dos que devem ensinar —. (*)

O conhecimento de noções claras e simples, alicerce para desenvolvidos estudos posteriores, — eis o que depa-ram as paginas deste compendio. Cabe ao mestre commen-tar, explicar, referir anedotas suggestivas, comparar e ana-lysar os typos e as epocas, evocar o passado de tal geito que dê aos alumnos a illusão de que elle viu aquella scena, contemplou aquella paisagem, conheceu de perto aquella vulto historico. Não demos indicações bibliographicas, a não ser aqui ou ali, mui reduzidamente: cabe ainda ao mestre fazêl-o conforme as circumstancias.

Praza a Deus continue este pequenino trabalho a pro-duzir bons fructos e, — sob a generosa protecção dos amigos que desde a primeira edição o honraram com sua escolha, — logre incutir nos jovens leitores o amor da-quella sciencia de que não hesitariamos em dizer que é a disciplina educativa por excellencia. (**)

Rio — 1929.

(*) Veja-se nossa *Methodologia da Historia*, (Alves & Cia. ed.)

(**) DESDEVISES DU DEZERT ET BREHIER — Le Travail Historique pag. 15.

EPITOME DE HISTORIA UNIVERSAL

INTRODUÇÃO

I

HISTORIA: *Definição, objecto, importancia, posição no quadro geral das sciencias. — Divisão da história. — Fontes historicas. — Methodos historicos.*

Definição. Historia é a sciencia que tem por objecto o estudo da origem e desenvolvimento das sociedades humanas, dos factos mais importantes nas mesmas succedidos, e das relações entre elles existentes.

Já tem sido definida: “Narração authentica e devidamente ordenada dos factos memoraveis da humanidade”; “biographia da humanidade”; ou ainda, “conhecimento do passado da humanidade”. Para outros auctores é “o estudo do planeta em que habitamos, no ponto de vista dos factos sociaes de que tem sido theatro”. Eliseu Réclus considerava a geographia como a *historia no espaço*, e a historia como a *geographia no tempo*. “Mestra da vida” tal a denominou Cícero, procurando synthetizar n’uma phrase o alto valor moral das lições que nos offerece o passado do homem.

Objecto da historia. Todos estão de accordo em reconhecer que a historia deve estudar os *factos sociaes*, isto é, aquelles que mais ou menos directamente affectam a vida social e o progresso humano, na

ordem material, intellectual e moral, — triplice aspecto da civilização. Os factos que só dizem respeito á vida privada de um individuo, não tendo consideraveis consequencias sociaes, pouco interessam, ou mesmo nada, á historia geral. Podem ser objecto de biographias, memorias, etc.; mas só terão valor historico na proporção em que servirem á comprehensão de um facto historico propriamente dito, isto é, social.

Não basta, porém, conhecer os nomes das personagens, reis, generaes, etc., nem apenas as datas dos factos. A historia não é só nomenclatura, nem simples chronologia. E', principalmente, o encadeamento dos factos, a concatenação das causas e das consequencias, para a investigação das leis historicas.

Cumprê estudar um facto, portanto, attendendo ás causas que o produziram e ás consequencias que d'elle resultaram.

Importancia da historia. E' quasi inutil demonstrar aqui a importancia da historia. Prova-a de modo eloquente o enorme esforço que do seculo XIX até hoje se vem despendendo para melhor conhecer o passado da humanidade, esforço largamente retribuido pelo muito que se tem apurado de taes investigações, trazendo nova luz aos mais difficeis problemas.

A historia é como que o grande reservatorio da humanidade, a quasi incalculavel somma de experiencia accumulada no longo evoluer da nossa especie. Estudar bem a historia é "abranger com o pensamento tudo que ha de grande entre os homens, e segurar, por assim dizer, o fio de todas as questões do Universo (1)".

(1) BOSSUET — *Discours sur l'histoire universelle*, p. 22. — Com muita razão escreveu SORTAIS, a proposito do papel da historia nas sciencias moraes: "Na base de todas essas sciencias existem actos humanos; comprehende-se pois que todas precisem da historia, que regista as manifestações da actividade humana, individual ou social. Assim é que a *Psychologia* recorre á historia para corroborar os dados da observação pessoal. — A *Sciencia da linguagem* apoia-se na historia das linguas. — A *Logica*, para determinar as leis formaes do pensamento e os

**Posição da historia
no quadro
geral das sciencias.**

A sciencia é uma só. Mas é preciso estabelecer uma divisão da sciencia em varias sciencias particulares, conforme as diversas ordens de phenomenos que se estudam. O nosso espirito precisa dividir para melhor comprehender, analysar para depois fazer a synthese. D'ahi a classificação das sciencias, que serve para dar uma idéa de conjuncto do saber humano, determinando os limites de cada sciencia particular e mostrando a ordem em que as varias sciencias podem ser estudadas.

Podemos grupar as sciencias particulares do seguinte modo:

a) *mathematica*, que tem por fim o estudo das *grandezas* ou *quantidades*;

b) *as sciencias physicas*, ou estudo da *materia não organizada*;

c) *as sciencias naturaes*, que estudam a *materia organizada*;

d) *as sciencias moraes*, que estudam o *homem*.

As sciencias moraes subdividem-se em: *sciencias psychologicas* e *sciencias sociaes*. Entre estas ultimas fica a *historia* (1).

processos dos differentes methodos, deve conhecer os ensaios dos logicos e dos sabios através dos seculos. — A historia das idéas moraes permite extrahir o que de fixo existe nos princípios superiores da *Moral*. — O estudo das diversas legislações esclarece as noções fundamentaes do *Direito*. — A *Sciencia social* tem alicerces no conhecimento dos factos sociaes para lhes descobrir as leis. — A *Politica* que desprezasse as lições da experiencia passada resultaria em chimera”.

(1) SYLVIO ROMERO, estudando os differentes grupos em que se podem classificar, segundo seu modo de ver, as sciencias, pensa que podem ser todas tratadas *philosophicamente*, sob aspecto geral e synthetico da unidade do saber, ou *historicamente*, em seu progresso e successão; considera pois: a *philosophia*, synthese de tudo no espaço, e a *historia* — synthese de tudo no tempo. (*Questões Economicas Nacionais*, por ARTHUR GUIMARÃES, *Introdução*).

Divisão da historia. A historia pode naturalmente dividir-se em duas grandes partes: *historia antiga*, comprehendendo os factos succedidos desde o apparecimento do homem até ao nascimento de Christo; e *historia moderna*, abrangendo os factos occorridos do nascimento de Christo até aos nossos dias. “O Calvario é o ponto culminante da historia” (2): o Christianismo foi a maior transformação social de todos os tempos.

Essa não é, porém, a divisão geralmente adoptada. Costuma-se dividir a historia em quatro grandes partes: *antiga, medieval, moderna e contemporanea*. A historia antiga estuda a civilização dos povos mais antigos (EGYPCIOS, ASSYRIOS e BABYLÓNIOS, HEBREUS, PHENICIOS, MEDO-PERSAS, etc.) e a dos GREGOS e ROMANOS. Vae até á morte de THEODÓSIO e partilha do imperio romano em imperio do Oriente e imperio do Occidente (395 depois de Christo), ou, segundo outros, até á quéda do Imperio do Occidente, em 476. — A historia da idade média occupa-se do periodo medieval, indo até á tomada de Constantinopla pelos Turcos, commandados por Mahomet II (1453). Estuda as grandes invasões, a quéda do imperio romano, o islamismo e as transformações sociaes e politicas no regimen feudal. — A historia moderna começa com o estabelecimento dos Turcos na Europa, invenção da imprensa e descobrimento da América. E’ o periodo do Renascimento e da Reforma protestante. Acaba com a REVOLUÇÃO FRANCEZA de 1789. — Com a Revolução começa a historia contemporanea. Alguns auctores, comtudo, levam a historia moderna até 1815, data da grande batalha de Waterloo e do Congresso de Vienna.

Fontes historicas. Fonte historica é tudo quanto possa auxiliar o conhecimento de um facto historico. Ha fontes historicas *directas* e *indirectas*. As primeiras são destinadas directamente a servir á his-

(2) CHANTREL.

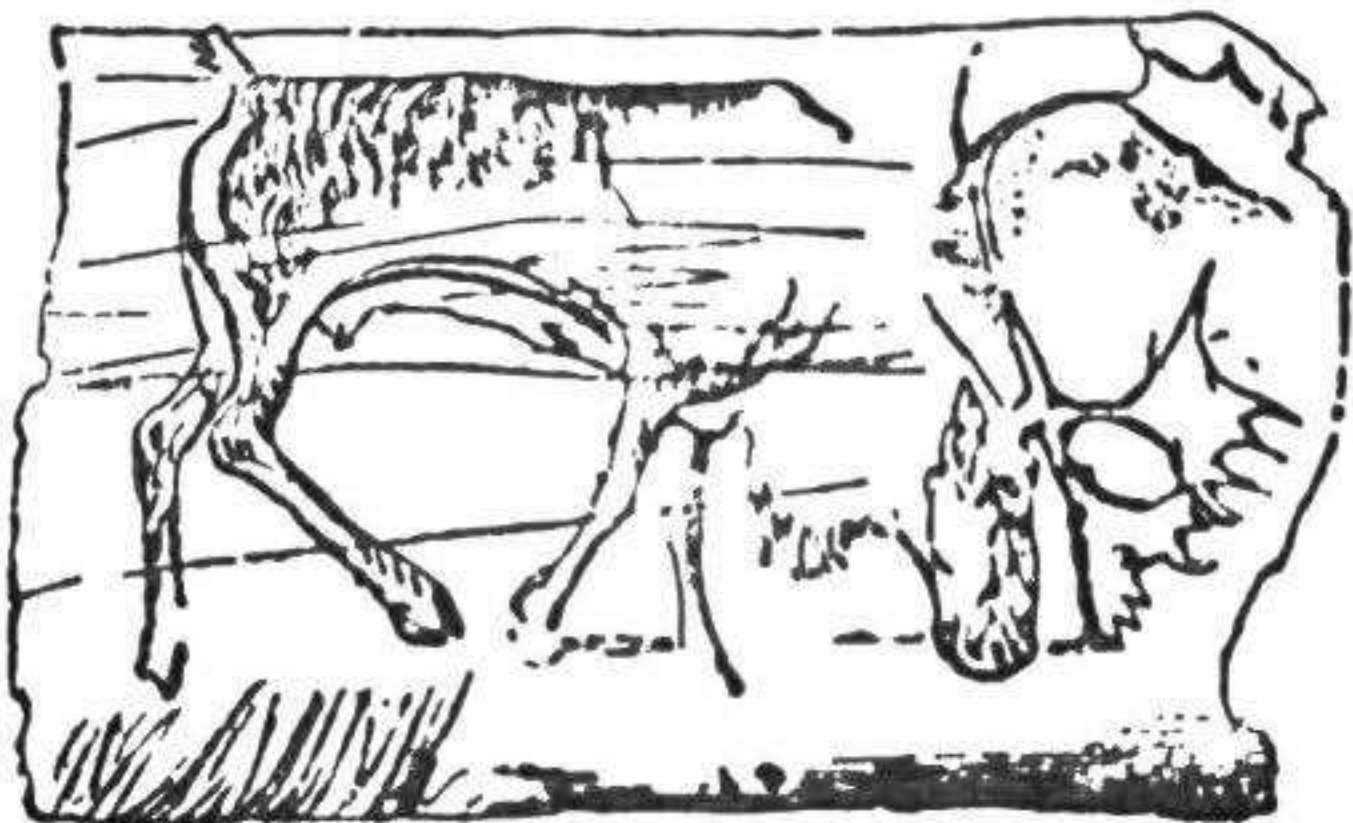
toria; as outras servem-lhe accidentalmente. São fontes historicas directas: a *tradição oral*, os *documentos escriptos* e os *monumentos*. São fontes historicas indirectas, por exemplo, as obras de arte, as armas, etc.

Methodos historicos. Tres são os methodos principaes empregados no estudo da historia: o *ethnographico*, relação dos acontecimentos de um povo sem attender ao que na mesma época se passava noutros paizes; o *synchronico*, exposição simultanea dos factos de varios povos na ordem chronologica; e o *mixto*, combinação dos dois primeiros e preferivel áquelles.

II

Tempos prehistoricos. — Antiguidade do homem — Primeiras formas sociaes. — Raças humanas. — Marcha geral da civilização.

Tempos prehistoricos. E' impossivel determinar exactamente a epoca em que o homem appareceu na terra. Os descobrimentos de instr-

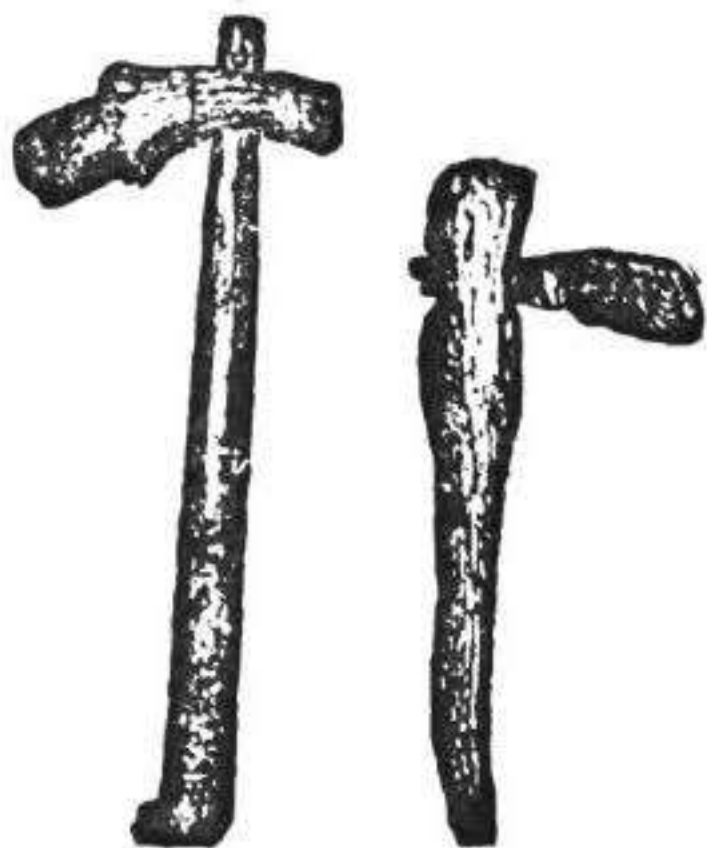


A arte prehistorica: renna gravada em um osso

mentos de pedra, de armas e de utensilios domesticos, por meio de excavações feitas em terrenos de formação geologica anterior ao periodo actual, levaram os homens de sciencia a admittir que muito antes das epocas a que pode chegar a investigação historica já o homem existia, tendo apparecido provavelmente no *periodo quaternario*, pois conheceu o *mammouth* e o *urso das cavernas*. Tomando como elemento para classificação a materia com que o homem nesses periodos prehistoricos fabricava os instrumentos e utensilios, costuma-se distinguir:

- a idade da pedra lascada ou periodo paleolithico;*
- a idade da pedra polida ou periodo neolithico;*
- a idade do bronze;*
- a idade do ferro.*

Na idade da pedra o homem ainda não conhecia o uso dos metaes; fabricava os seus instrumentos, machados, facas, etc., com lascas de silex, primeiro grosseiramente, e mais tarde já com algum esmero (periodo neolithico). Esses homens primitivos viviam rudemente, vagavam pelas florestas, abrigavam-se em cavernas (*trogloodytas*), alimentavam-se da caça. Eram contudo esses homens muito superiores aos animaes monstruosos com que deviam lutar; tinham a intelligencia, sublime dom da Divindade, possuiam já o sentimento artistico e cultivavam grosseiramente o desenho; respeitavam os mortos, o que presuppõe a idéa da vida futura e a crença em Deus. No periodo neolithico habitaram em *palafittas*, ou povoações edificadas sobre estacas mergulhadas na agua, nas margens dos lagos. Já então os homens se davam á agricultura.



Machados de silex

Pertencem a essa epoca os chamados monumentos *megalithicos* (*tumuli*, *dolmens*, *menhirs*, *cromlechs*) que se encontram nas costas da França, Inglaterra, Dinamarca, etc. Tambem na América ha monumentos megalithicos.

Na idade do bronze os instrumentos e armas já não são feitos exclusivamente de pedra; passam a ser fabricados de bronze.

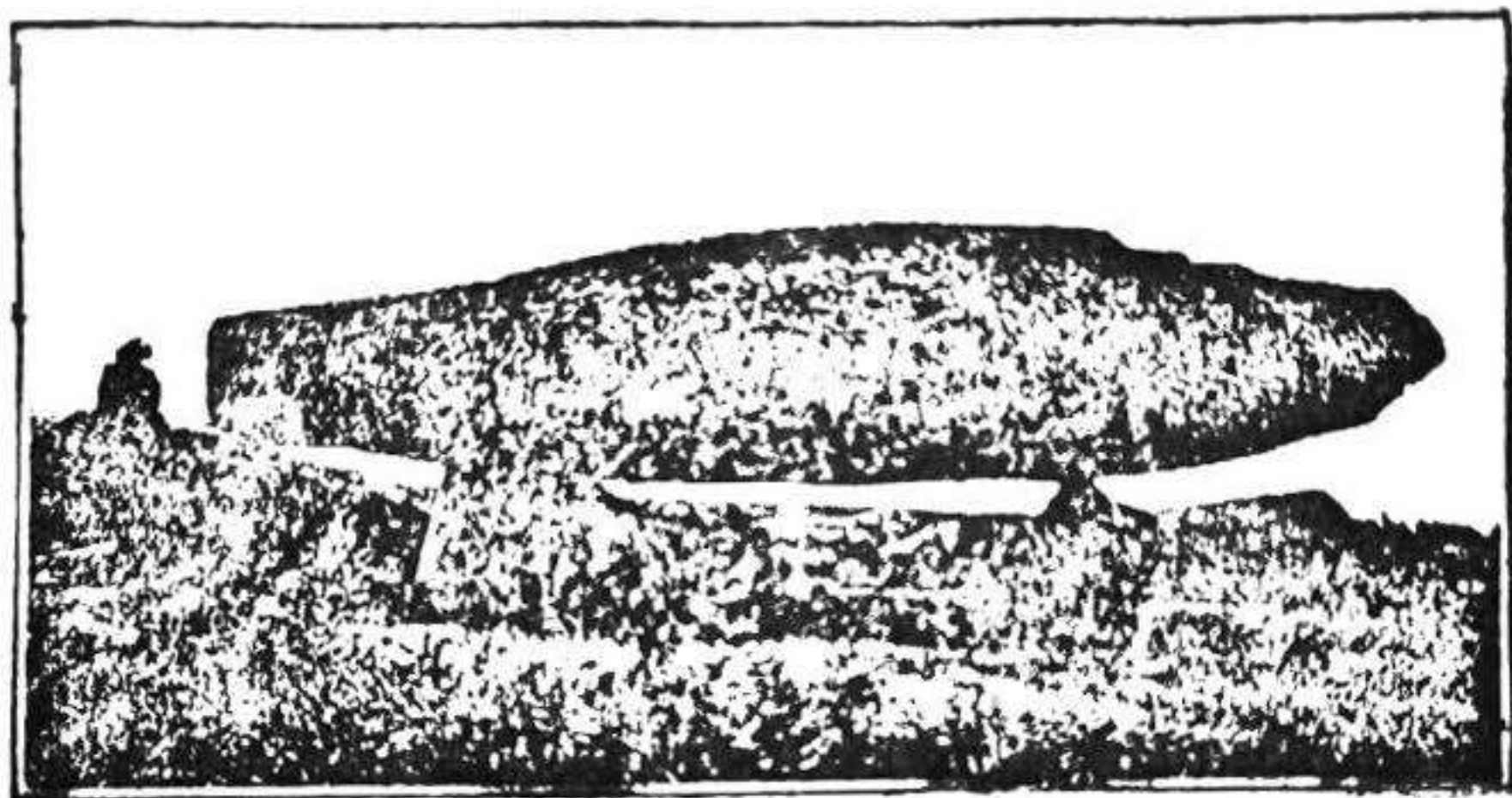
Com a idade do ferro começam os tempos historicos.

As edades chamadas prehistoricas não são periodos chronologicos propriamente ditos. São graus de civilização mais ou menos depressa alcançados pelos diversos povos. Assim os Egypcios já se serviam do ferro, enquanto os Gregos estavam ainda na idade do bronze e os barbaros da Dinamarca na idade da pedra. Os indigenas do Brasil,

por ocasião do descobrimento, estavam no periodo neolithico.

**Antiguidade
do homem.**

Alguns auctores têm exaggerado enormemente a duração dos tempos prehistoricos, procurando provar que o homem existe sobre a terra ha muitos milhares de annos. Taes avaliações não têm nenhum valor scientifico sério, fundando-se em



Dolmen em Locmariaquer (Morbihan)

calculos e conjecturas discutiveis (1). Muitos geologos e naturalistas pensam que uns oito mil annos bastam para explicar todos os factos desde o apparecimento do homem.

**Primeiras formas
sociaes.**

O primeiro grupo social foi a familia, composta de individuos descendentes do mesmo pae, todos unidos pelos laços do sangue e da affeição. Multiplicando-se as familias, surgiu um grupo maior: a *tribu*, que tem como chefe o *patriarcha*, ao mesmo tempo sacerdote do culto,

(1) Veja-se LAPPARENT — *Les silex taillés et l'ancienneté de l'homme*, Paris, 1907.

administrador dos bens communs, chefe guerreiro e juiz. As tribus, conforme a região em que habitam, são: *noma-*



Dolmen de Korconno (Morbihan)

des, vivendo sob tendas, sem logar fixo; ou então *sedentarias*, nas cidades.

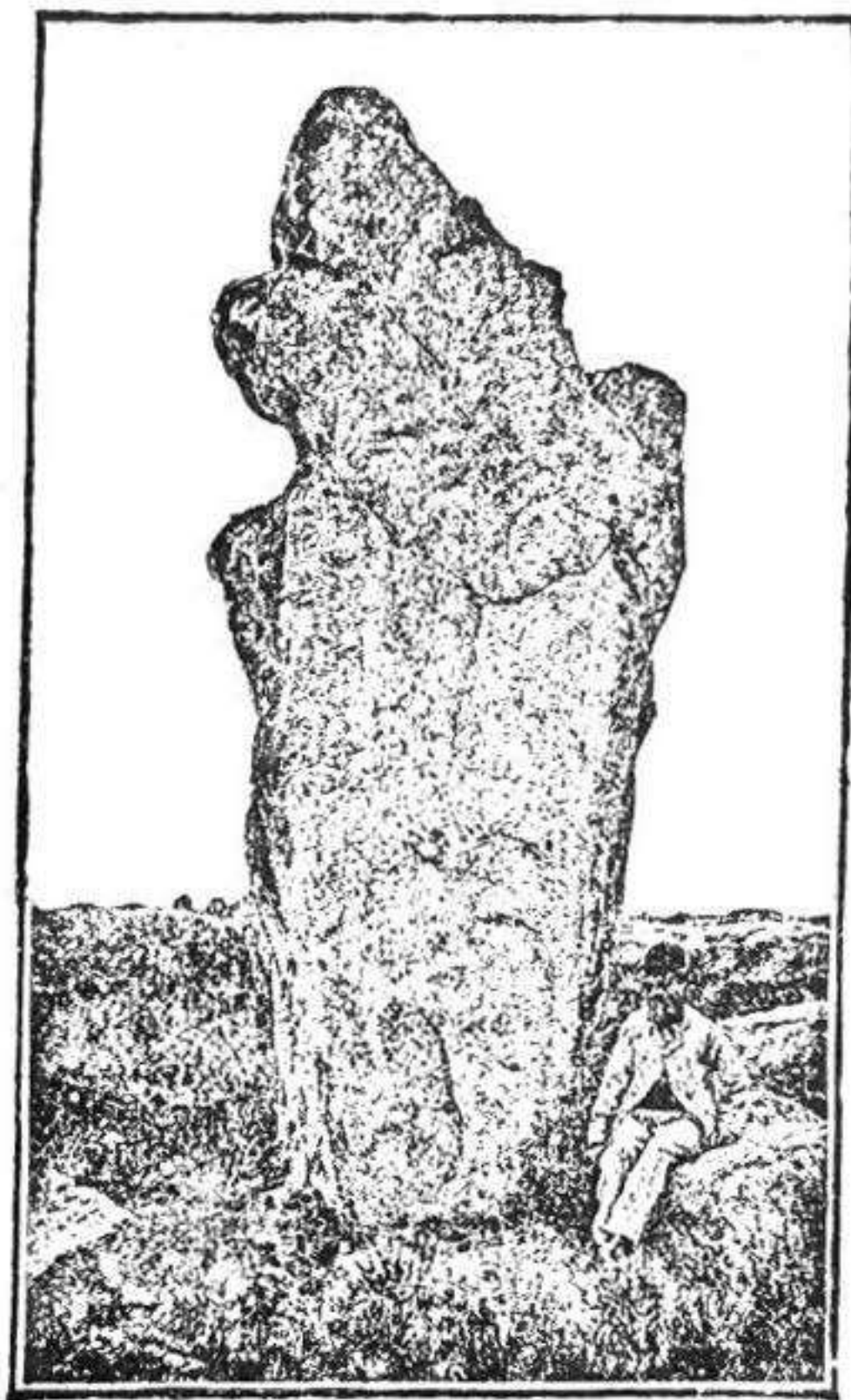
Da reunião de varias tribus vêm a sair os *povos*.

Raças humanas.

Todos os homens pertencem a uma só especie e descendem de um tronco primitivo unico. As differenças das raças explicam-se pela influencia do clima, dos costumes, da maneira de viver, etc.

Tres são as raças principaes: *branca*, *amarella* e *negra*. A raça branca é a mais importante no ponto de vista historico, pois é a que apresenta as civilizações mais adeantadas e duradouras. Tem tres ramos: *semitico*, *chamitico* e *japhetico* (nomes derivados de Sem, Cham e Japhet, filhos de Noé).

Os *semitas* estabeleceram-se na Asia Occidental e constituíram as populações da Assyria, parte da de Babylónia, a da Judéa, etc. São hoje representados pelos Arabes e Judeus.



Menhir

Os *chamitas* occuparam a Ásia occidental e a África oriental, povoaram o Egypto, a Ethiópiã, a Núbia e também entraram na população de Babylónia. Têm ainda hoje representantes nos *fellahs*.

Os descendentes de Japhet espalharam-se pela Ásia septentrional e Europa oriental. Pertencem a este grupo

os *aryanos*, ou *indo-europeus*, que se estenderam desde a Índia até á Europa occidental (indús, iranianos ou persas, celtas ou gaulêses, pelásgos, italiotas, germanos e eslavos).

Marcha geral da civilização. As primeiras civilizações desenvolveram-se junto aos grandes rios, como o Nilo, o Ganges, o Tigre e o Euphrates. Do Oriente, em que se distinguiram Egypcios, Assyrios e Babylónios, Hebreus, Phenícios e Medo-Persas, passa a civilização para a Grécia; da Grécia vai até Roma, de Roma ás regiões occidentaes da Europa; e finalmente chega ao Novo Mundo e á Oceânia, completando o grande cyclo historico. Seguindo o caminho aparente do sol, a civilização partiu do Oriente para o Occidente.

QUADROS SYNOPTICOS

Posição da Historia no quadro geral das sciencias

A sciencia subdivide-se em {
 mathematica,
 sciencias physicas,
 sciencias naturaes,
 sciencias moraes {
 {psychologicas,

 {historia
}

Divisões da historia.

Historia {
 {antiga — antes de Christo,
 {moderna — depois de Christo.

Divisão geralmente adoptada

Historia	antiga	{ { { { Da criação do homem até á morte de Theodósio (?... 395 d. C.)	{ { { { antiguidade oriental Phenícios.. Medo-Persas. Indús. Chinêses. Gregos. Romanos.
	medieval	{ { { { Da morte de Theodósio á tomada de Constantinopla (395-1453)	{

Tempos prehistoricos

Edades { da pedra } lascada — ou periodo paleolithico.
 { dos metaes } polida — ou periodo neolithico.
 { edade do bronze.
 { edade do ferro.

Methodos historicos

Methodo { Ethnographico } mixto.
 { Synchronico }

Fontes historicas { DIRECTAS } tradição oral.
 { INDIRECTAS } documentos escriptos. { Annaes.
 { monumentos. { Chronicas.
 { Obras de arte, vasos, armas, moedas, etc. { Memorias, etc.
 { Inscripções.
 { Estatuas.

Branca

RAÇAS

Amarella
 Negra

SEMITAS { Assyrios.
 { Judeus.
 { Arabes.
 CHAMITAS { Egypcios.
 { Ethiopes, etc.
 { Familia turanica.
 JAPHETITAS { Familia aryana { Indús.
 { ou { Iranianos ou Persas.
 { indo-européa { Celtas ou Gaulêses.
 { Pelásgios (Hellenos).
 { Italianos.
 { Germanos {
 { Eslavos. { Anglo-saxónios.
 { Escandinavos.

HISTORIA ANTIGA

I

ANTIGUIDADE ORIENTAL

I

Hebreus.

Os tempos primitivos segundo a Biblia (1).

De Adão e Eva, primeiro casal, creado por Deus, descendem todos os homens. Tendo Adão desobedecido ao Creador, comendo o fructo prohibido, foi expulso do *Eden*, ou *Paraíso terrestre*. Entre os muitos filhos de Adão e Eva, tres se destacam — Caim, Abel e Seth. Assassino de seu irmão Abel, foi Caim amaldiçoado por Deus; e sua descendencia, herdando-lhe a perversidade, produziu os chamados *filhos dos homens*, em opposição aos piedosos descendentes de Seth, dignos da denominação de *filhos de Deus*.

As duas raças, a principio separadas, vieram afinal a unir-se. A corrupção foi então geral. Arrependeu-se o Senhor de ter creado o homem e, para anniquilar tantos

(1) A Biblia (isto é, o *Livro* por excellencia), comprehende o Antigo e o Novo Testamento. Os cinco primeiros livros da Biblia, isto é, o *Pentateuco* (*Génese*, *Exodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronomio*) pertencem a Moisés. Notam-se ainda no *Antigo Testamento* varios livros historicos (*Josué*, *Juizes*, *Reis*, etc.), livros propheticos (*Isaias*, *Jeremias*, *Ezechiél*, *Daniel*, etc.), poemas sacros (*Psalmos*), livros moraes (*Proverbios*, *Ecclesiastes*, etc.). O Novo Testamento abrange os *Evangelhos*, os *Actos dos Apostolos*, as *Epistolas* e o *Apocalypse*.

crimes, decretou o diluvio. Noé, porém, que era varão piedoso, foi poupado por Deus, e dentro da arca, na qual se refugiara com sua familia e com varios casaes de animaes de toda especie, escapou á chuva destruidora que por quarenta dias e quarenta noites inundou a terra, perecendo todos os homens.

Acabado o diluvio, Noé e seus filhos saíram da arca, offerecendo um sacrificio ao Senhor, que os abençoou e lhes prometeu não mais enviar outro diluvio, ficando o arco-iris como signal de alliança.

Estabeleceram-se os fllhos de Noé, na Mesopotâmia (entre os rios Tigre e Euphrates) na planicie de Sennaar. Cheios de orgulho, imaginaram erguer uma torre que, de tão alta, chegasse até ao céu. Castigou-os o Senhor, confundindo-lhes as linguas; de modo que, não podendo mais entender-se, tiveram que separar-se, indo povoar varios paizes. *Babel*, quer dizer confusão, ficou chamado aquelle logar; e data de então a dispersão das tres grandes raças historicas — chamitas, semitas e japhetitas.

O povo de Deus. Após a dispersão das raças foi-se pouco a pouco apagando da memoria dos homens a verdadeira tradição primitiva, nem tardou muito para que caissem em grosseira idolatria. No meio de tantos erros e vicios teria ficado perdida a antiga crença e o deposito sagrado da humanidade, se Deus não houvesse resolvido escolher um povo que guardasse o culto e a tradição. Esse povo predestinado foi o *povo hebreu*, o *unico povo monotheista* (1) do Oriente.

ABRAHÃO, natural de Ur, na Chaldéa, foi chamado pelo Senhor para ser o pae do povo escolhido. Foi-lhe promettida numerosa posteridade, sendo a Terra de Chanaan

(1) *Monotheista*: que adora um só Deus *Polytheista*: que admitte varios deuses.

— a Terra da Promissão — reservada para os seus descendentes.

A fome obrigou Abrahão a buscar trigo no Egypto;



Moisés (segundo Miguel Angelo)

quando voltava separou-se de Loth, seu sobrinho. Este, havendo-se estabelecido no vale de Sodoma e Gommorra, presenciou a chuva ignea que destruiu taes cidades.

ISAAC, filho de Abrahão, foi pae de Esaú e JACOB. Entre os filhos de Jacob distinguu-se José, que foi vendido por seus irmãos a mercadores egypcios. José, porém, chegou a

ser vice-rei do Egypto, para onde mais tarde chamou toda a sua familia.

Sendo os Hebreus posteriormente muito oprimidos pelos Egypcios, liberta-os MOISÉS, que atravessa com elles o Mar Vermelho, e recebe no Sinai as taboas da Lei — (Decálogo).

Quarenta annos vagaram os Hebreus pelo deserto. Moisés morreu, depois de haver contemplado, do cimo do monte Nebo, a Terra da Promissão.

**Divisão das tribus.
Monarchia.**

JOSUÉ, que succedera a Moisés, atravessando o Jordão, apoderou-se da cidade de Jerichó. Foi depois repartido o paiz entre as doze tribus. Por morte de Josué estabeleceu-se o governo dos *Anciãos*, sob a presidencia do summo sacerdote. Dentro em breve, porém, foi tal organização substituida pela dos *Juizes*, entre os quaes se destacam: Othoniel, Gedeão, Jephté, Samsão e Samuel. Samuel sagrou o primeiro rei, que foi SAUL.

DAVID fixou residencia em Jerusalém, e compôs admiraveis *Psalmos* que o immortalizaram. Amargurou-lhe os ultimos dias a revolta do seu proprio filho Absalão.

SALOMÃO, filho e successor de David, ergueu o celebre templo de Jerusalém, e reinou cercado de toda a magnificencia e gloria. Nos ultimos annos commetteu varios erros, começando assim a decadencia. O povo, oprimido, revoltou-se.

**Schisma
das dez tribus.**

Morto Salomão, dez tribus, chefiadas por JEROBOÃO, insurgiram-se e fundaram o reino de ISRAEL, capital Sichêm e mais tarde Samaria; e as duas tribus fieis (Judá e Benjamin) formaram o reino de JUDÁ, capital Jerusalém.

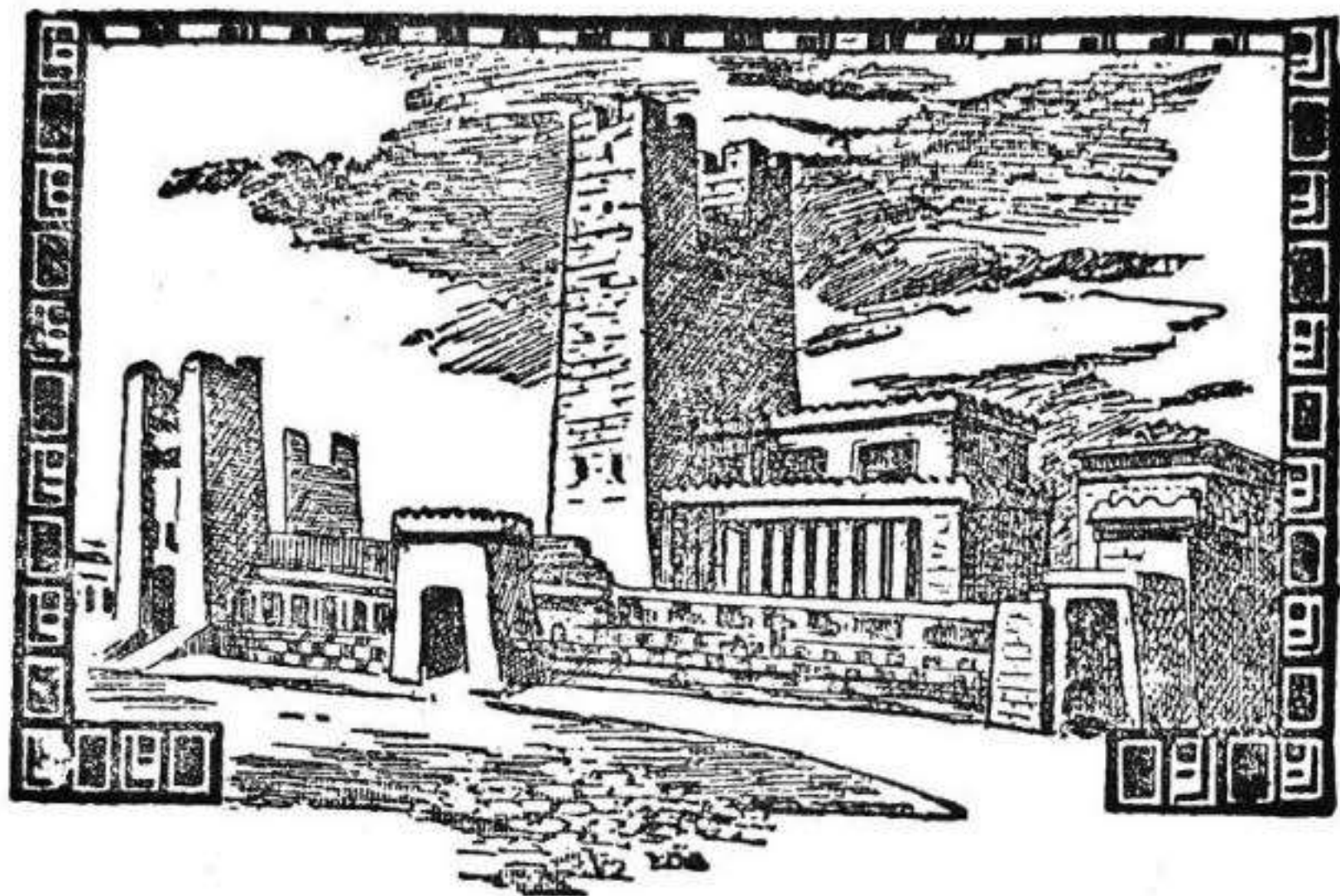
O reino de Israel durou dois seculos e foi destruido por SARGÃO II, soberano da Assyria.

O reino de Judá durou quasi tres seculos e meio. Tomada por NABUCHODONOSOR, rei de Babilónia, foi Jerusalém incendiada, destruido o Templo, e o povo reduzido a escravidão. Setenta annos soffreram os Judeus o *Grande Captiveiro*, até que CYRO, rei dos Persas, havendo conquistado o reino de Babilónia, permittiu que o povo de Deus voltasse para Jerusalém e reerguesse o Templo.

Domínio extrangelro.

Depois da morte de Alexandre Magno, que tinha destruido o império, passaram os Judeus para o protectorado dos Lágidas ou Ptolemeus do Egypto, e foram tratados brandamente.

Illudidos por Antíoco, o Grande, entregaram-se depois aos soberanos da Syria, sob cujo poder soffreram horriavelmente. Passam mais tarde ao dominio dos Romanos e,



O Templo (reconstituição, segundo Chipiez)

em consequencia de varias insurreições, o templo é destruido por Tito, e a dispersão total do povo realiza-se no reinado de Adriano.

Civilização dos Hebreus.

Emquanto os outros povos do Oriente viviam em grosseira idolatria, os Hebreus tiveram a honra de dar ao mundo occidental a noção do Deus unico, universal, creador de todas cousas; isto é, a forma mais elevada da religião: o monotheismo.

Originarios da Chaldéa, de raça semitica, viveram a principio em tribus, sob a direcção dos patriarchas. Mais tarde essas tribus, primitivamente nomades, fixaram-se. Afinal uniram-se acclamando um rei.

A terra em que se estabeleceram — a Palestina ou Terra

da Promissão — é fragmento de um planalto comprehendido entre o mar e o Jordão, limitando-se ao N. com a Syria e ao S. com o Egypto. Tem cerca de 25.000 km.²

Sendo muito ferteis as terras e produzindo o necessario para uma vida commoda e barata, os Hebreus não se dedicaram tanto ao commercio como outros povos. Alimentavam, porém, em territorio reduzido avultada população e tiveram monarchas extremamente ricos.

Patriotas e intrepidos, luctaram muitas vezes com os povos vizinhos. Comtudo sempre se distinguiram pela brandura para com os prisioneiros.

**Religião. Governo.
Legislação.**

Os Hebreus adoravam Jehovah, ou melhor IAHVÉ, o Eterno; acreditavam na immortalidade da alma, sem admittir a metempsychose; criam na existencia de anjos bons e maus, nos milagres, no merito das boas obras e na efficacia da oração. Esperavam o Messias ou Redemptor da humanidade e celebravam annualmente tres grandes festas: Paschoa, Pentecostes, Festa dos Tabernaculos.

O governo era theocratico, a principio sob a fórmula de republica federativa (epoca dos Juizes) e posteriormente sob a de monarchia (periodo dos reis).

O grande legislador do povo hebreu foi Moisés. Foi elle tambem o seu libertador e primeiro historiador. A grande obra de Moisés foi o Pentateuco, isto é, os cinco livros: Génesis, historia da Creação; Êxodo, historia da saída do Egypto; Números, recenseamento do povo; Levítico, ou legislação do culto; Deuteronómio, ou segunda lei.

Resumo das leis religiosas é o Decálogo (ou Dez Mandamentos da Lei de Deus), admiravel codigo em dez artigos, que condensa todos os preceitos moraes e todos os deveres do homem para com Deus e para com o proximo.

Attendendo ás circumstancias de tempo e de logar, a legislação mosaica é um verdadeiro milagre. Exalta quanto

o mundo antigo rebaixava; estabelece o dogma fundamental da unidade de Deus; determina as ceremonias do culto; protege o estrangeiro, pelos outros povos tido como inimigo; ampara o pobre; dignifica a mulher, noutras nações reduzida a simples escrava; e enfim prescreve a caridade, pune o homicidio, castiga o furto, modera a escravidão.

**Sciencias, letras
e artes.**

A literatura hebraica está contida na Biblia, o mais admiravel de todos os livros que se conhecem, tanto no ponto de vista religioso e moral como no literario e artistico. E' ao mesmo tempo codigo, historia, poema e cantico religioso.

A poesia hebraica inspira-se em assumptos nacionaes e é verdadeiramente original. Segundo Cesar Cantu, ella excede a de todos os outros povos. As passagens biblicas e as personagens que ahi se nos deparam têm proporcionado ás artes e ás letras infinidade de assumptos.

David compôs muitos psalmos e dedicou-se á musica. Os Hebreus conheciam a harpa e a lyra. Salomão, o mais sabio dos homens, foi o que chamariamos um grande naturalista. Proferiu sentenças celebres e escreveu diversas obras (*Cantico dos Canticos, Proverbios, Ecclesiastes* (1)).

Entre os livros propheticos da Biblia destaca-se pela belleza poetica o de Isaías.

As sciencias propriamente ditas não foram muito cultivadas. As artes visavam o que era util á vida e ao culto divino.

(1) A autoria do *Ecclesiastes* é ponto controverso. Veja-se o *Manuel Biblique* de VIGOUROUX.

QUADRO CHRONOLOGICO

dos principaes acontecimentos da Historia
dos Hebreus.

Antes
de
Christo

Os Patriarchas: Abrahão	<i>approximadamente.</i>	2000
Promulgação do Decálogo	}	1600
Entrada na Terra da Promissão		

MONARCHIA

SAUL	1050
DAVID	1010
SALOMÃO (O grande Templo)	970

SCHISMA DAS DEZ TRIBUS

Reino de Israel	930-722
Reino de Judá	930-587
Nabuchodonosor occupa Jerusalém	606
Destruição do Templo	587
Grande captiveiro de Babilónia	606-536

DOMINIO DOS PERSAS

Protectorado dos Lagidas

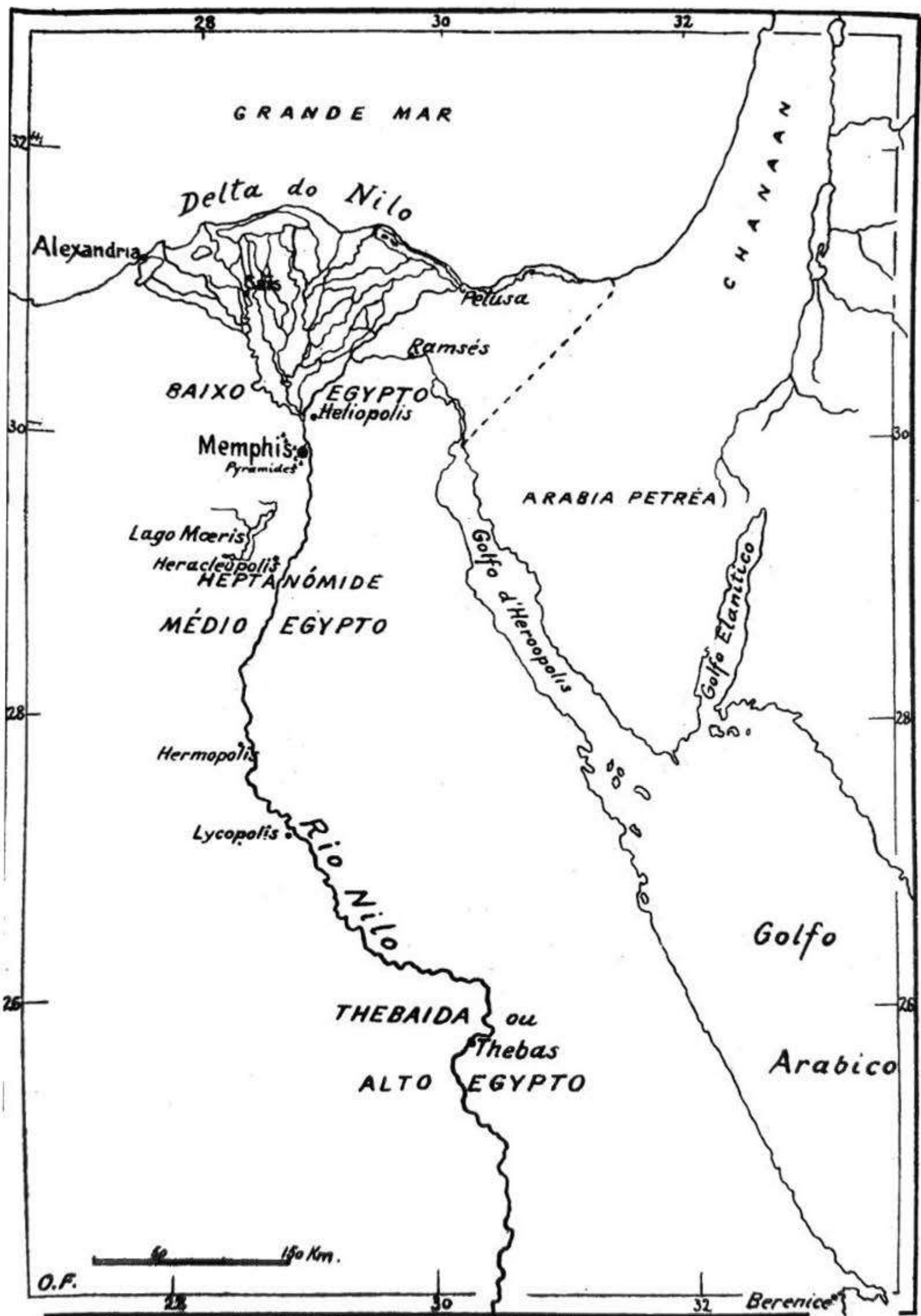
Protectorado da Syria.

Herodes, o Grande	7
-------------------------	---

NASCIMENTO DE JESUS CHRISTO

Depois
de
Christo

Destruição de Jerusalém por Tito	70
Dispersão total dos Judeus, no reinado de Adriano.	136



Egypto Antigo

II

*Egypcios.***A região. O povo.**

Na África, muito perto da Ásia, um grande rio percorre extensa região, que, sem elle, fôra apenas arenoso deserto. Esse rio é o Nilo; tal paiz, o Egypto.

Annualmente o Nilo tem cheias regulares de julho a outubro, decrescendo de novembro a fevereiro. São as inundações consideradas noutros paizes e com justiça um flagello; no Egypto são, por assim dizer, a fonte da vida. Ao vasar o rio, quando já se retiram as aguas, fica depositado nos campos abundante lodo, que fertiliza a região. Já Heródoto, historiador grego, dizia: "O Egypto é uma dádiva do Nilo".

Eram os Egypcios povo de raça chamitica, provindo da Ásia. Em geral de estatura elevada, hombros largos, quadris estreitos, membros finos e compridos, o egypcio era paciente, applicado ao trabalho e dado ás superstições.

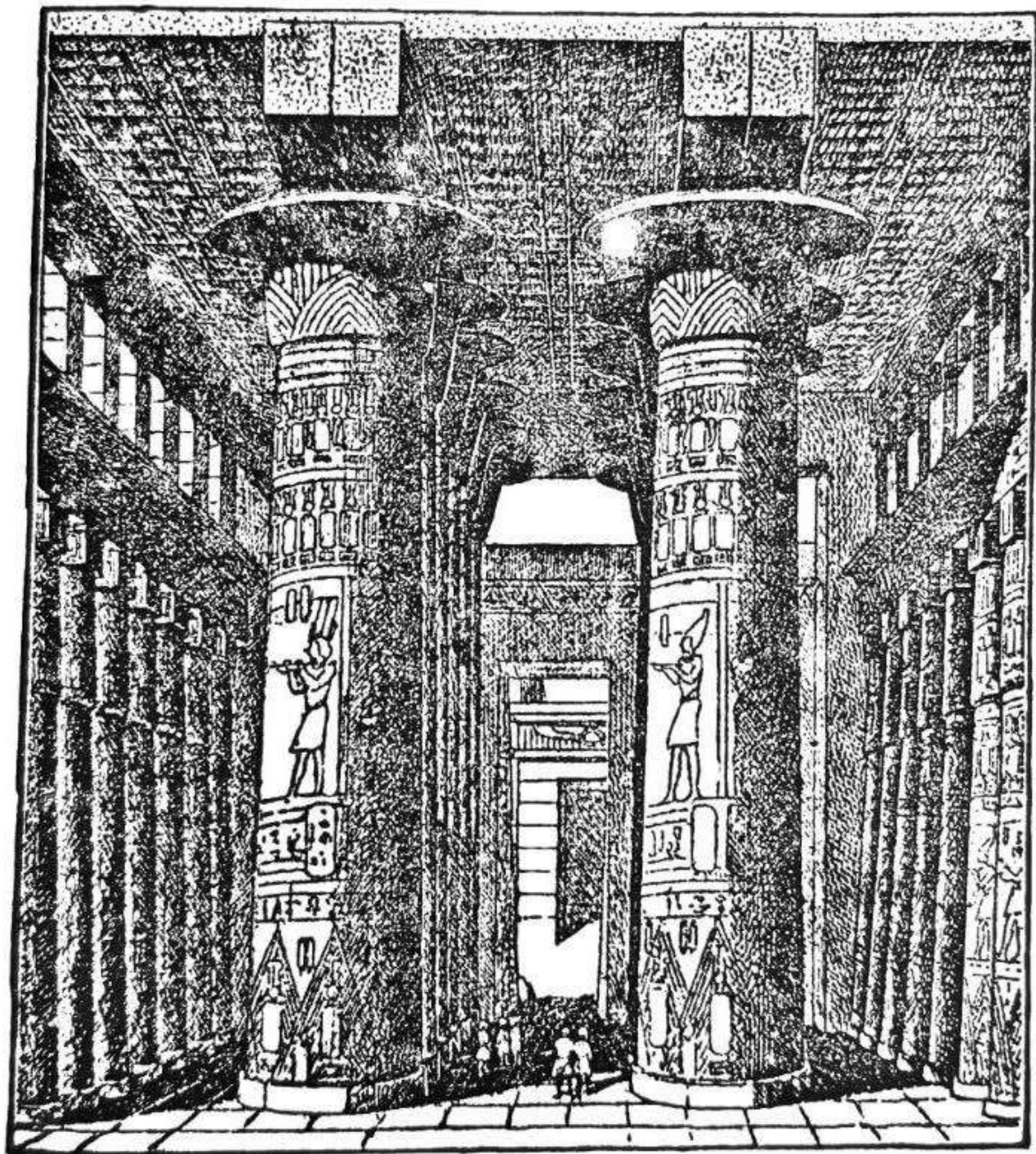
Obrigados pelas enchentes periodicas do Nilo, tiveram os Egypcios que reunir seus esforços, cultivar a terra e viver em sociedade. Assim se formaram pequenos estados ou *nomos*.

**Historia summaria
do Egypto.**

A historia egypcia é em parte fabulosa. Parece comtudo que, uns cinco mil annos antes de Christo, MENÉS (ou Mini) fundou Memphis, depois capital do Egypto. A Menés succederam vinte e seis dynastias.

E' costume dividir a historia do Egypto antigo em: *antigo imperio, imperio medio e novo imperio*.

No *antigo imperio* (da I a X dynastia) distinguu-se a quarta dynastia, cujos pharaós principaes foram: Khéops, Khephren, e Mykerinos, que ergueram as famosas pyra-



Interior da sala hypostyla do templo de Luqsor (reconstituição)

mides ainda hoje admiradas. Foi um periodo de notavel paz interna.

No *imperio medio* (da XI a XVII dynastia) convém

citar AMENEMHAT III, da XII dynastia, em cujo reinado se effectuaram grandes trabalhos, como o labyrintho, enorme palacio e templo com mais de 3.000 salas, e o lago MÉRIS. destinado a receber o excesso das aguas do Nilo, para regularizar as inundações (2000 a. C., mais ou menos).

Foi durante o periodo do medio imperio que se deu a invasão dos Hyksos, povo de origem árabe-chananéa, que penetrou no Egypto pelo norte e fixou sua capital em MEMPHIS. Os Hyksos dominaram no Egypto durante quatro seculos. Foi por essa epoca, provavelmente, que os Hebreus estiveram sujeitos aos Egypcios. Afinal os Hyksos foram expulsos por AHMÉS I, fundador da XVIII dynastia.

No *novo imperio* (da XVIII á XXVI dynastia) THEBAS foi capital de todo o Egypto e occuparam o throno grandes monarchas conquistadores: THUTMÉS III, que conquistou a Syria; SETI I, da XIX dynastia, e RAMSÉS II, chamado pelos Gregos SESOSTRIS, e em cujo reinado Thébas teve grande esplendor. Depois veio a decadencia e o Egypto ficou sob o dominio da ETHIÓPIA (XX-XXV dynastia). Com a XXVI dynastia a capital passou a ser SAIS, e occuparam o throno: PSAMMÉTICO I, que reergueu o imperio; NÉCHAO ou Neko, em cujo reinado se realizaram grandes trabalhos (entre os quaes o canal do mar Vermelho) e grandes expedições (circumnavegação da África pelos Phenícios); AMASIS, sob cujo governo os Gregos se estabeleceram no Egypto, fundando Naucrátide; e PSAMMÉTICO III, que foi derrotado na batalha de Pelusa, por Cambyses, rei dos Persas, em 525 a. C.

Civilização egypcia.

Religião.

Como os outros povos primitivos, os Egypcios divinizaram as forças da Natureza e adoraram a terra, o céu, o sol e o Nilo. Os deuses são invocados com diversos nomes, conforme as circumstancias: OSÍRIS, Râ, Ammon, Phtah (o sol); ÍSIS, Athor (a lua); HÓRUS (o céu), etc. Adoravam varios animaes, sendo celebre o culto pres-



Cabeça da mumia de Ramsés II

tado ao boi Ápis. Até as plantas receberam honras divinas. Tudo era deus, excepto Deus, como escreveu Bossuet. Admittiam a immortalidade da alma e a metempsychose ou migração das almas. Tinham grande veneração pelos mortos, que eram cuidadosamente embalsamados (*mumias*) e postos em sumptuosos sepulcros, dentro dos sarcophagos (ou caixões funerarios). Antes de ser sepultado, o morto

guerreiros constituíam duas classes privilegiadas. Os escribas eram os letrados, os que tinham estudado, e sabiam ler, escrever e contar. Gozavam de grande importancia, como os mandarins na China.

**Sciencias,
letras e artes.**

Os Egypcios tiveram conhecimentos de geometria, astronomia, e geographia. A arithmetica era entre elles sciencia vulgar. Cultivaram as letras e organizaram bibliothecas, que foram chamadas *thesouros da alma*.

Os Egypcios escreviam por meio de caracteres symbolicos — hieroglyphos, — que só foram decifrados no seculo passado graças a um sabio francez, Champollion.

A arte principal no Egypto foi a architectura. Ainda hoje provocam a admiração de todos as grandes pyramides de Khéops, Khephren e Mykerinos (a primeira com mais de 140 metros de altura), a grande esphinge, as ruinas dos tempos de Luqsor e Karnak, os colossos de Ipsambul, etc. Mas o povo egypcio não conheceu a forma superior da verdadeira arte: a tendencia para o ideal.

Quadro synoptico da historia do Egypto

ANTIGO IMPERIO (I-X dynastia).	I dynastia.....	MENÉS.....	Fundação do imperio egypcio	A.J.-C. — 5000
	IV dynastia.....	{ KHÉOPS..... KHEPHREN..... MYKERINOS.....	{ Construção das grandes pyramides	3500
IMPERIO MEDIO (XI-XVII dynastia).	XII dynastia....	AMENEMHAT III.	{ O lago Méris	2000
	XIV-XVII dynastias.....		{ O Labyrintho..... Os colossos de Mémnon..	
NOVO IMPERIO (XVIII-XXVI dynastia)	XVIII dynastia.	{ AHMÉS I..... THUTMÉS III....	{ Invasão dos Hyksos..... Os Israelitas no Egypto..	1800
	XIX dynastia...	{ SETI I..... RAMSÉS II..... RAMSÉS III.....	{ Expulsão dos Hyksos. Conquista da Syria.	
	XX dynastia.....		Esplendor de Thebas. 1500-1300	
	XXI-XXV dynastias.....		Decadencia de Thebas.	
	XXVI dynastia.	{ PSAMMÉTICO I... NECHAO.....	{ Anarchia no Egypto. Supremacia da Ethiópia. Reergue o imperio. Os Phenícios circumnavegam a África.	
		{ AMASIS..... PSAMMÉTICO III..	{ Fundação de Naucrátide.. Batalha de Pelusa.....	525

III

Assyrios e Babylónios.

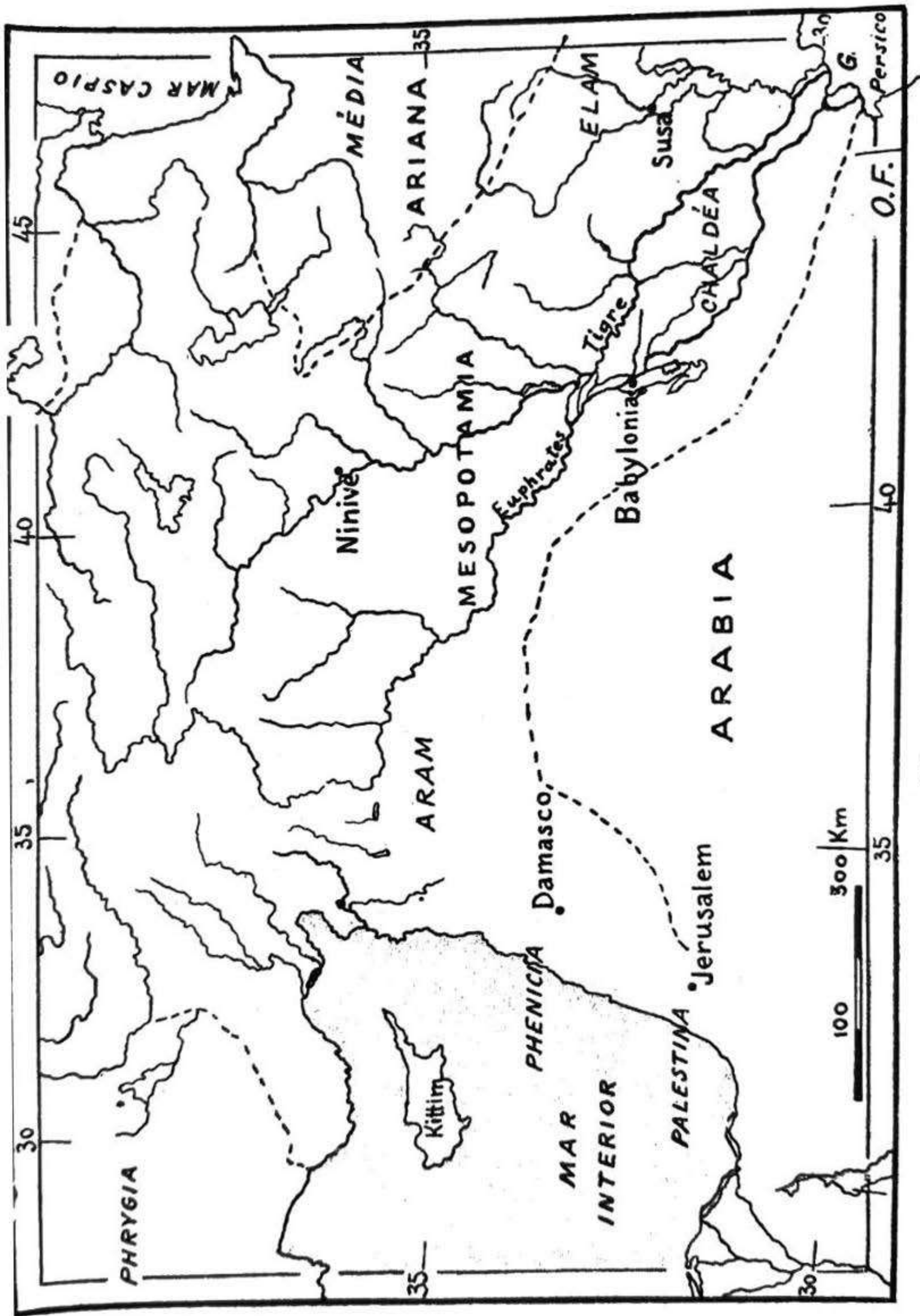
A região. Denomina-se Mesopotâmia a região compreendida entre o Tigre e o Euphrates e especialmente a parte superior. Chama-se Chaldéa e Babylónia a região situada ás margens do baixo Euphrates até ao golfo Persico. A Assyria occupa as duas ribas do alto Tigre e é montanhosa, sendo a Mesopotâmia, a Chaldéa e Babylónia geralmente planas.

Cada um dos dois rios teve sua cidade: o Euphrates, Babylónia; o Tigre, Nínive. Foram ambas na antiguidade prosperas e famosas.

Historia summaria. Assaz obscura é a historia dos primeiros tempos destes povos. Parece, entretanto que a supremacia coube a principio á Babylónia e que foi só mais tarde que Nínive conseguiu sobrepujar a sua rival.

Segundo a Biblia, logo após a confusão das linguas, Nemrod, neto de Cham, lançou os alicerces de uma cidade a que chamou BABYLONIA. Mais tarde um filho de Sem, Assur (1), fundou NÍNIVE, e a região circunvizinha teve a denominação de Assyria.

(1) Ha quem pense que se deve entender, no cap. X. do Génesis, ter sido tambem o proprio Nemrod o fundador de Nínive, sendo Assur um nome de região, e não de homem. (Veja-se ABRE' CRAMPON — *La Sainte Bible*, traduction d'après les textes originaux — Paris, Rome, Tournai, 1905) — nota ao vers. 11 do cap. X do Génesis.)

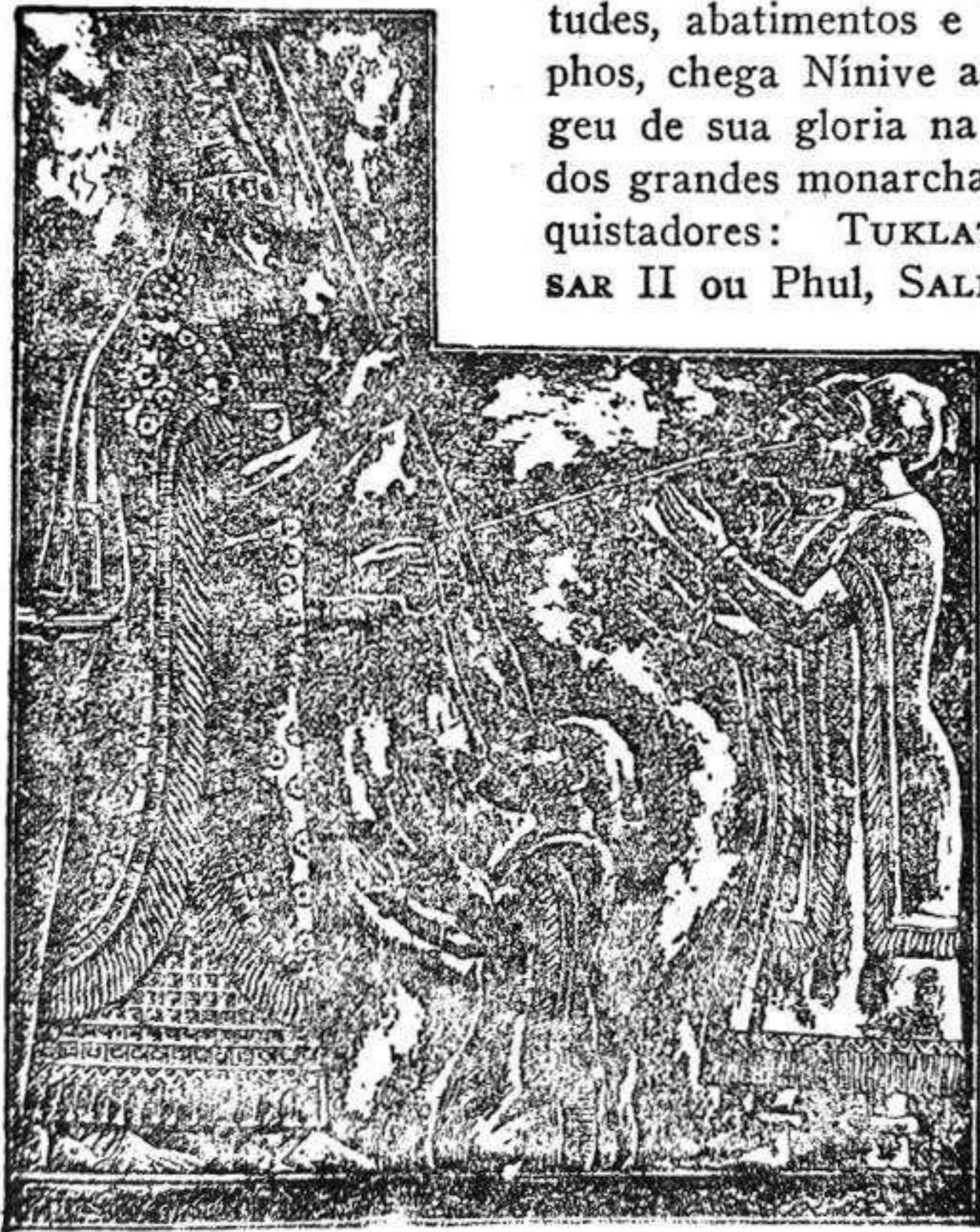


Mesopotamia

Entre os monarchas que reinaram durante o periodo da supremacia de Babilónia, no antigo imperio chaldaico, podem-se citar: SARGÃO I, principe glorioso e conquistador, e HAMMURABI, que mandou fazer grandes construcções.

Pelo seculo XIII começou a erguer-se o imperio assyrio, notando-se entre seus soberanos TUKLATPALASAR (ou TEGLAT-PHALASAR I), que effectuou varias conquistas.

Depois de muitas vicissitudes, abatimentos e triumphos, chega Nínive ao apogeu de sua gloria na epoca dos grandes monarchas conquistadores: TUKLATPALASAR II ou Phul, SALMANA-



Soberano assyrio a vasar os olhos de prisioneiros de guerra

ZAR V, SARGÃO II (que conquistou Samaria, destruindo o reino de Israel em 722), SENNACHERIB, ASSARHADDON e ASSURBANIPAL. Em 625, CYÁXARES e NABOPOLASSAR toma-

ram e destruíram Nínive, e formaram os dois grandes imperios da Média e de Babylónia.

Imperio Babylonico.

NABUCHODONOSOR II, o mais poderoso dos soberanos de Babylónia, completou a ruina do povo judeu, saqueando Jerusalém. Conquistou a Syria, e tomou Tyro, subjugando a Phenícia. Babylónia attingiu então a plenitude de sua gloria e foi a primeira cidade da Asia: templos riquissimos, enormes palacios, os celebres *jardins suspensos* (dispostos n'uma serie de terraços, em varios andares, chegando até 78 metros de altura), — tudo contribuia para fazer d'ella a *rainha da Asia*, que tantos elogios mereceu dos Gregos. Os jardins suspensos de Babylónia eram uma das *sete maravilhas do mundo* (1).

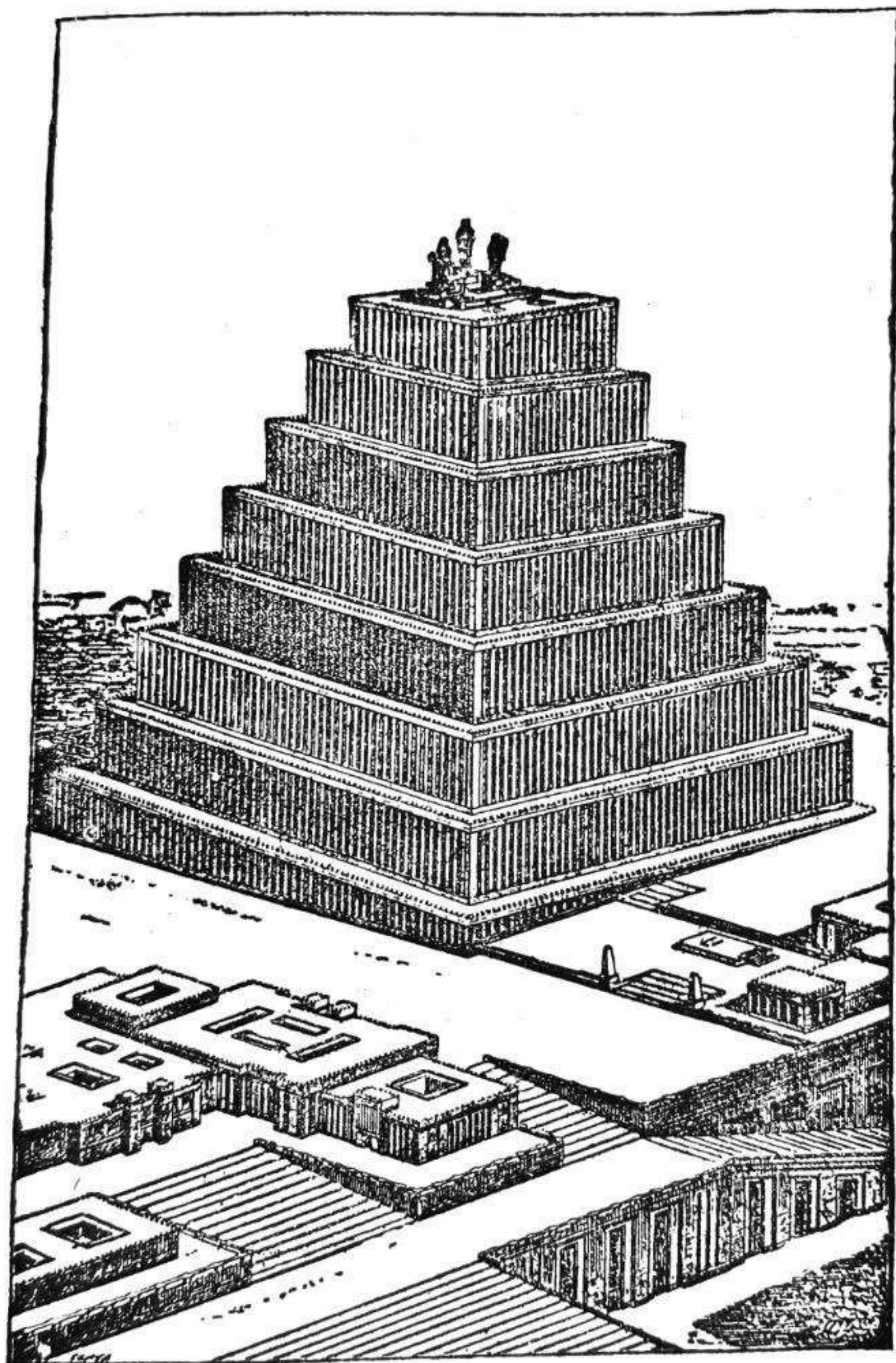
Não souberam os successores de Nabuchodonosor manter a grandeza do imperio. Em 538, CYRO, rei dos Persas, atacou e tomou Babylónia.

Civilização assyria.

Religião.

Os principaes deuses eram: AS-SUR, em Nínive; e em Babylónia, ILU. Depois vinham: BEL, NEBO, Merodach, Sin (a lua), Samas (o sol), etc. Os sacerdotes, ou magos, procuravam adivinhar o futuro e explicar os sonhos. Entregaram-se ao estudo dos astros, mas da astronomia decaíram na *astrologia*. Acreditavam que a sorte de cada individuo dependia da posição dos astros no momento do seu nascimento, podendo-se nascer com boa ou má estrella. D'ahi as predicções sobre o futuro das pessoas (horoscopos).

1) As sete maravilhas do mundo, nome que foi applicado pelos antigos ás obras mais notaveis da architectura e da esculptura, eram: 1ª, os jardins suspensos e os muros de Babylónia; 2ª, as pyramides do Egypto; 3ª, o pharol de Alexandria; 4ª, o colosso de Rhodes; 5ª, o Júpiter Olympico do Phídias; 6ª, o templo de Diana em Epheso; 7ª, o tumulo de Mausolo.



Templo chaldeu

Governo. A forma de governo era a monarchia absoluta, ou antes despotismo ainda mais cruel que o egypcio. O povo era supersticioso e sujeitava-se á tyrannia. As inscrições e os baixos relevos mostram-nos a longa serie de conquistas e atrocidades praticadas pelos Assyrios. Os prisioneiros eram tratados cruelmente; vasa-vam-lhes os olhos, cortavam-lhes o nariz, os labios, as orelhas; arrancavam-lhes as unhas; esfolavam-nos vivos... Os reis viviam só em guerras, ou em caçadas, ou nos seus palacios em festins escandalosos.

Os Assyrios e Babylónios nunca souberam organizar bem as suas conquistas. Os povos vencidos revoltavam-se frequentemente, provocando guerras constantes.

Sciencias, artes e letras. Foram cultivadas a mathematica e a astronomia. Attribuem a esse povo a invenção do Zodiaco, a divisão da circumferencia em graus, etc.

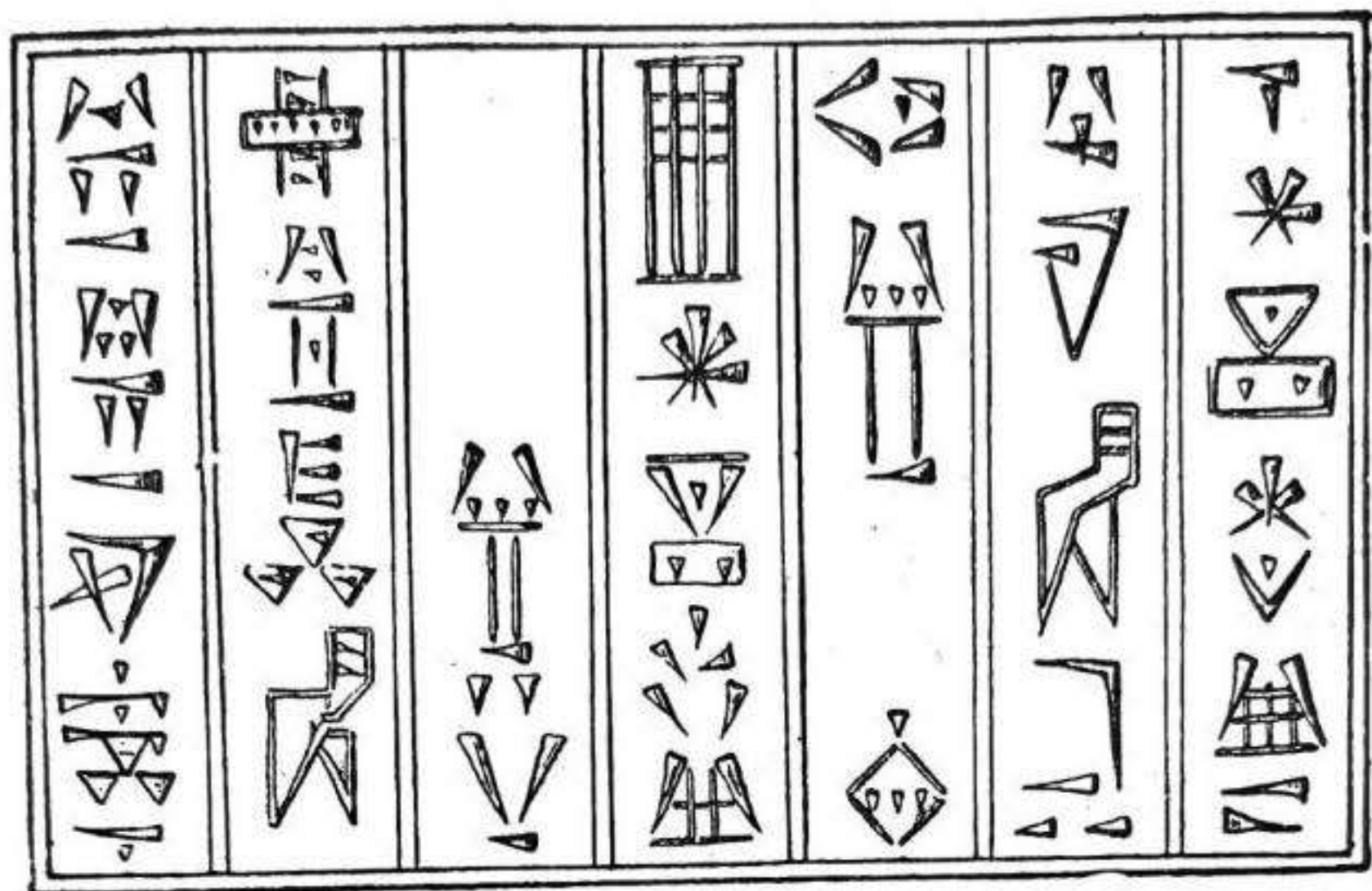
A industria era consideravel; os vasos e os moveis elegantes. O cobre era um metal muito empregado. Babylónia chegou a ser o primeiro emporio commercial do Oriente. Os vestidos de luxo e as joias eram conhecidos, tendo a civilização material attingido notavel progresso.

A agricultura não foi esquecida, e fizeram-se grandes trabalhos para irrigação do solo.

As esculpturas, os baixos relevos e os varios monumentos, descobertos nas excavações feitas em Nínive e Babylónia nestes ultimos tempos, provam quanto estavam adeantados os Assyrios nas artes, principalmente na esculptura e architectura. O palacio mais conhecido é o de Khorsabad, em Nínive, estudado pelo francez Botta. Os monumentos babylonicos não resistiram á acção do tempo, pois eram feitos de argilla.

Os Assyrios escreviam em pedras ou tijolos, representando o pensamento por meio de signaes formados de

traços em varias posições, e que ora indicam uma syllaba, ora uma palavra. E' a escripta cuneiforme, mais difficil



Escrepta cunéiforme

que os hieroglyphos e que só foi decifrada graças aos trabalhos do inglês Rawlinson.

Quadro synoptico da historia dos Assyrios e Babylónios.

	SARGÃO I.....	(?)
Primeiros tempos...	HAMMURABI	1600
	TUKAT-PALASAR I.....	1100
	SARGÃO II.....	722
Reis Ninivitas	SENNACHERIB.....	700
	ASSARHADDON.....	680
	ASSURBANIPAL.....	667
	NABOPOLASSAR	626
	NABUCHODONOSOR.....	604
Reis de Babylónia...	NABONID (e BALTHAZAR)	561
		538

(?)

1600

1100

722

700

680

667

626

604

561

538

IV

Phenicios.

A região e o povo. Mescla de semitas e chamitas, o povo phenício habitava, ao N. da Palestina e a O. da Syria, uma estreita faixa de terra comprehendida entre as montanhas do Líbano e o mar Mediterraneo. Se de um lado a montanha lhes dificultava a penetração no continente, do outro lado o mar parecia chamá-los, pelos muitos golfos da costa. Os Phenícios attenderam ao chamamento do mar e foram na antiguidade a primeira potencia maritima.

As principaes cidades estavam situadas no litoral: Sidon, primeira capital; Tyro, que foi depois a cidade mais importante, a *rainha da Phenícia*; Arado, Byblos, Berito, (hoje Beyrouth). As varias cidades estavam ligadas em confederação para defesa dos interesses communs.

Colonias phenicias Por toda a parte se manifestou a actividade colonizadora dos Phenícios. Nas ilhas do Mediterraneo, Chypre, Creta, Espóradas, Cycladas, etc., houve colonias, que mais tarde foram continuadas pelos Gregos.

Nas costas septentrionaes da Africa ergueram-se Útica, e Carthago, a mais celebre das colonias phenicias.

Por meio da navegação os Phenícios visitaram as costas do Mediterraneo e do Atlantico, tendo feito uma viagem em torno da Africa no tempo do pharaó Nechao.

Tyro. A mais poderosa das cidades phenicias era Tyro, edificada n'uma ilha. Enriquecera-a o commercio, o commercio a corrompeu. Por varias vezes resis-

tiram os Phenícios aos grandes monarchas asiaticos, mas afinal NABUCHODONOSOR tomou Tyro, depois de um cerco de 13 annos. Sujeita depois aos Persas, Tyro resistiu a Alexandre, que, depois de sitiá-la a arrasou. A fundação de Alexandria, no Egypto, completou a ruina de Tyro.

Carthago. Pelo seculo IX a. C., segundo antigas lendas, Elisa, ou DIDO, procurando escapar á tyrannia de seu proprio irmão, o rei de Tyro, Pygmalião, fugira para a costa septentrional da Africa e lá fundara Carthago.

Provavelmente Carthago nasceu, como muitas outras colonias, de alguma revolução que obrigou parte dos habitantes de Tyro a transportarem para outro paiz os seus lares. Tornou-se mais tarde uma cidade poderosa, rival de Roma, com a qual luctou, sendo afinal vencida (*guerras púnicas*).

Religião. Era o polytheismo, sob fôrma grosseira e cruel, admittindo sacrificios humanos, de creanças queimadas vivas em honra a Baal-Moloch. Adoravam BAAL, ASTARTÉA (Vénus), etc. O culto era não só cruel, mas licencioso.

**Industria. Commercio.
Invenções phenicias.**

Na actividade commercial nenhum povo do Oriente conseguiu egualar os Phenícios. Era não só o commercio maritimo que elles exploravam, através do Mediterraneo, e mesmo visitando as costas do Atlantico e do Indico, mas ainda o commercio por meio de caravanas, em terra, fazendo communicações entre o Cáspio, o golfo Persico e o mar Mediterraneo. Trabalharam os metaes, tendo sido o estanho uma das suas mercadorias mais raras e apreciadas; conheceram a industria dos tecidos, a fabricação da purpura e do vidro transparente; exportaram grandes quantidades de vasos, joias, estatuetas, etc.

Naquella epoca era difficil a navegação, pois não se conhecia a bussola. Os Phenícios navegavam guiando-se á noite pela estrella polar; mas quasi não se afastavam das costas, para nunca perderem de vista a terra. Foi desse modo explorado todo o Mediterraneo, e até, no tempo de Nechao, foi realizada uma viagem em torno da Africa.



Moedas phenicias

Preoccupados sómente com o commercio, os Phenícios não cultivaram com amor as artes nem as letras. Inventaram, para facilitar as trocas de productos, uma moeda metallica e uma moeda fiduciaria, correspondente á nossa moeda-papel.

**O alfabeto.
Papel dos Phenícios
na civilização.**

Povo pratico, comprehenderam logo os Phenícios que o alfabeto egypcio era defeituoso e muito complicado, pois havia signaes que ora representavam uma letra, ora uma syllaba, e até por vezes uma palavra. Escolhendo 22 letras, e attribuindo a cada uma um som especial, os Phenícios crearam, ou melhor, simplificaram o alfabeto.

Esse alphabeto foi adoptado pelos Gregos e depois pelos outros povos (1).

Trocando productos e tambem espalhando por toda parte idéas, foram os Phenícios incontestavelmente um povo activo, que contribuiu para propagar no mundo antigo as primeiras conquistas da civilização.

V

Medo-Persas.

O Iran. Medo e Persas.

Entre o Cáspio e o golfo Persico, do valle do Tigre ao do Indo, estende-se o grande planalto do Iran. O clima ahi apresenta as temperaturas extremas; ora um frio da Sibéria, ora um calor senegalesco. O Iran é em grande parte arido e deserto; mas nos valles das montanhas proximas, onde as chuvas são abundantes, o solo é fertil, produzindo muitos cereaes, arvores fructiferas e roseiraez famosos. Foi nesse planalto que se estabeleceu um dos povos da familia aryana ou indo-européa, — os Iranianos.

Ao N. e N. O. da Pérsia actual fixou-se uma primeira tribu, os *Medos*, cujo nome lembra Madai, um dos filhos de Japhet. A parte meridional foi occupada pelos *Persas*, que só mais tarde saíram da vida nomade. A capital da Média era ECBÁTANA; a Pérsia tinha por capital PER-SÉPOLIS. A preponderancia coube a principio aos Medos.

Reino dos Medos. Segundo Heródoto, o primeiro monarcha da Média foi Déjoces. Hoje, porém, já não se admite essa opinião do historiador grego, e considera-se CYÁXARES como o verdadeiro funda-

(1) Veja-se a respeito GOW e REINACH — *Minerva*, na parte relativa ao alphabeto grego.



Persia

dor dos Medos. Foi elle quem reuniu as varias tribus e, depois de alguns reveses, conseguiu com o auxilio de Nabopolassar, rei de Babilónia, tomar e destruir Nínive.

O successor de Cyáxares foi Astyages, principe fraco, que não soube resistir a Cyro, seu neto, que o derrotou e assim fundou o imperio persa.

Cyro. Supremacia da Persia.

Depois de haver destruido o imperio dos Medos, CYRO conquistou a Lydia, um dos reinos mais importantes da Ásia Menor. Na batalha de Thymbréa, o rei CRESO foi derrotado e Cyro tomou a cidade de Sardes, capital da Lydia, que foi annexada ao imperio persa.

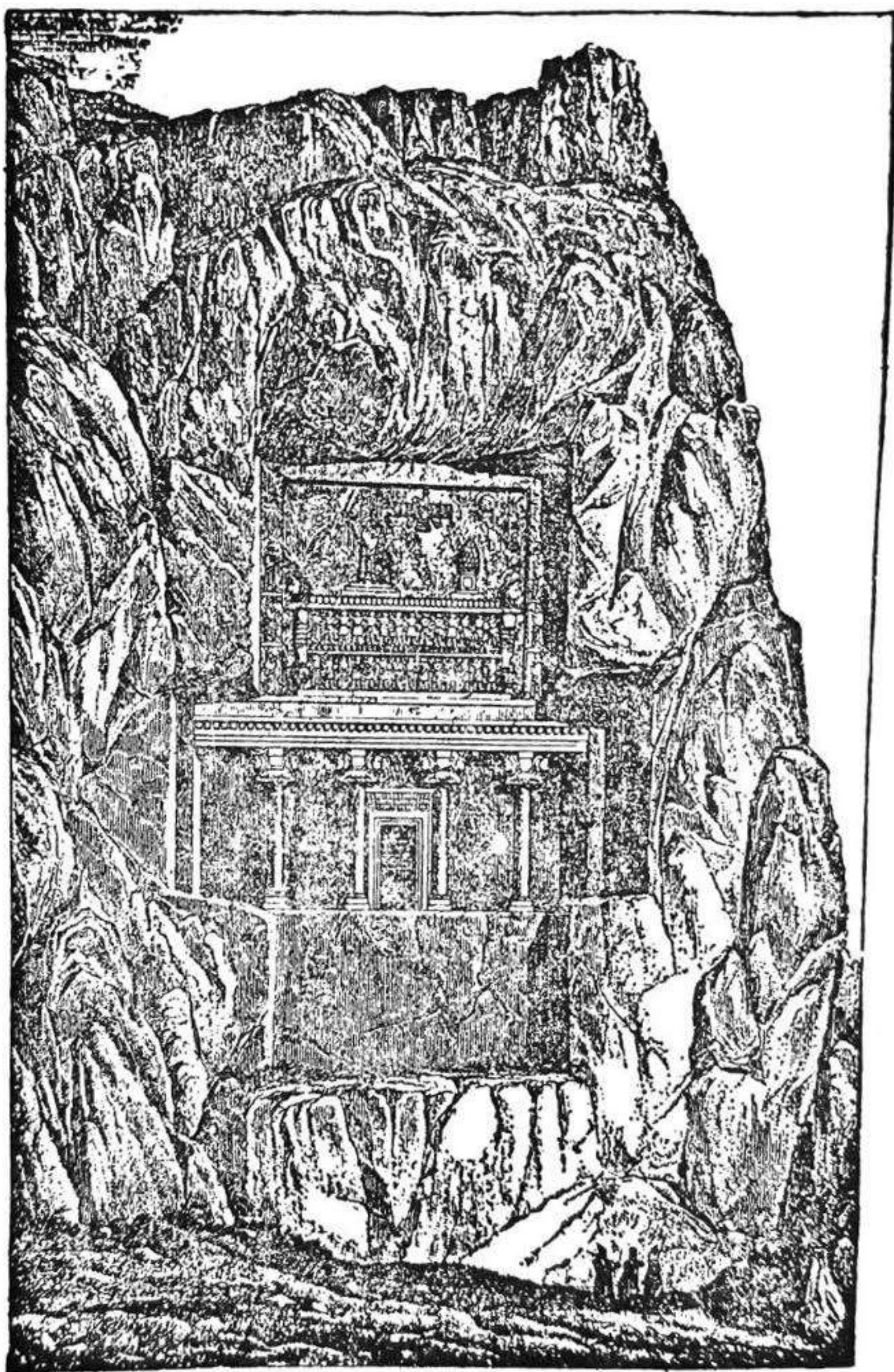
Já nessa epoca o grande imperio babilonico estava decadente. Cyro resolveu conquistá-lo. Cercou Babilónia, tomou-a, vencendo o fraco Balthazar, e dois annos depois permittiu que os judeus captivos regressassem a Jerusalém (536).

CAMBYSES, filho e successor de Cyro, ganhou a batalha de Pelusa (525) e conquistou o Egypto, onde deixou terrivel recordação das maiores violencias.

DARIO, o GRANDE (521), reorganizador do imperio, continuou os bellicosos projectos dos monarchas anteriores. Submetteu varios paizes revoltados, realizou expedições á Scythia e á Índia e ficou senhor da Asia e da África. Tentou então conquistar a Grecia (*guerras médicas*), mas foi derrotado em MARATHONA (490). No tempo de Dario o imperio persa comprehendia toda a Asia occidental, parte da Asia central, o Egypto e a Thracia (hoje Turquia Européa).

XERXES e ARTAXERXES LONGIMANO continuaram as guerras contra a Grécia, sendo a Pérsia afinal vencida.

DARIO CODOMANO foi derrotado por ALEXANDRE MAGNO nas batalhas do GRANICO, ISSO e ARBÉLAS, e morreu assassinado. A Pérsia foi incorporada no imperio macedonico (330 a. C.).



Tumulo de Dario, perto de Persepolis

Religião dos Persas. O legislador religioso dos Persas foi ZOROASTRO ou Zarathustra. O livro sagrado é o ZEND-AVESTA. A doutrina conservada pelos magos ou sacerdotes é um dualismo, segundo o qual o mundo é o campo de batalha em que luctam dois formidaveis principios oppostos: o bem, divinizado em ORMUZD, e o mal, personificado em AHRIMAN. Todo o homem deve luctar por Ormuzd contra Ahriman, deus das trevas. No fim dos tempos a victoria final será de Ormuzd.

Os magos desenvolveram o sabeismo, adoração dos astros e do fogo.

Esta religião é praticada ainda hoje na India, pelos *guebros e parsis*.

Governo. Dario dividiu o imperio em grandes circumscripções ou *satrapias*, administradas por um *satrapa*, ou vice-rei. O poder dos satrapas era consideravel, mas o rei tinha um serviço de fiscalização bem organizado e um optimo serviço de correio que, transmitindo rapidamente as ordens, punha as varias provincias em communicação com o poder central.

Todos os Persas deviam servir no exercito. A guarda do rei formava um corpo especial, o dos *Immortaes*.

Sciencias, artes e letras. A arte dos Persas foi uma imitação da arte assyria, com a introdução de elementos egypcios e até gregos. As ruinas de Persépolis offerecem alguns restos curiosos de antigos monumentos persas.

A astronomia foi estudada, e mais ainda a astrologia. Da literatura restam alguns fragmentos do Zend-Avesta, e uma curiosa inscripção no rochedo de BEHISTUN, na estrada que vae de Babylónia para Ecbátana.

Quadro synchronico da historia do Oriente

EGYPTIOS	ASSYRIOS BABYLÓNIOS	HEBREUS	PHENICIOS	MEDO-PERSAS
—	—	—	—	—
Menés. Fundação de Mémphis, 5.000 a. C.				
Khéops. { As pyramides Khephren. { Mykerinos. { (3.500 a. C.).		<i>Os Patriarchas:</i> Abrahão. (app. 2000 a. C.) <i>Moisés</i> Entrada na Terra da Promissão.	Primeiras colonias.	
XII Dynastia. Lago Meris, Labyrintho. <i>Os Hyksos.</i>	Hammurabi.			
XIX Dynastia: 1500-1300. Ramsés II. Esplendor de Thebas.			Hegemonia de Sidon.	

<i>Reino de Nínive</i> Conquistas assyrias.	A realeza Saul. David. Salomão. Schisma das 10 tribus:(930). Destruição do reino de Israel: (722).	Hirão, rei de Tyro. Carthago (sec. IX)	
Sargão II. Os Medos tomam Nínive.			Cyáxares funda o imperio dos Medos (625).
Imperio babilónico.	Tomada de Jerusalém por Nabuchodonosor.	Tyro. cercada.	Cyro funda o imperio Persa (560).
<hr/>			
Os Hebreus sujeitos aos Pabylonios Grande Captiveiro (606-536).			
Tomada de Babilónia por Cyro, rei dos Persas, que põe fim ao Grande Captiveiro (538-536).			
<hr/>			
Assyria, Palestina e Phenícia, sujeitas ao dominio dos Persas			
<hr/>			
PSAMMETICO III é derrotado na batalha de Pelusa (525) por CAMBYSES, rei dos Persas.			
Seabores da Asia e da Africa, os Persas tentam submeter a Grécia: guerras medicas. } Dario, o Grande (521-485).			

VI

Indús.

A região. Península meridional asiatica, a India estende-se do Himalaya ao Comorin, banhada a leste pelo golfo de Bengala e a oeste pelo mar de Oman. A India propriamente dita abrange as bacias do Indo e do Ganges; a parte sul, peninsular, dos montes Vindhya ao Comorin, é o Decan. Altas montanhas, grandes rios, solo fertilissimo, abundantes riquezas naturaes.

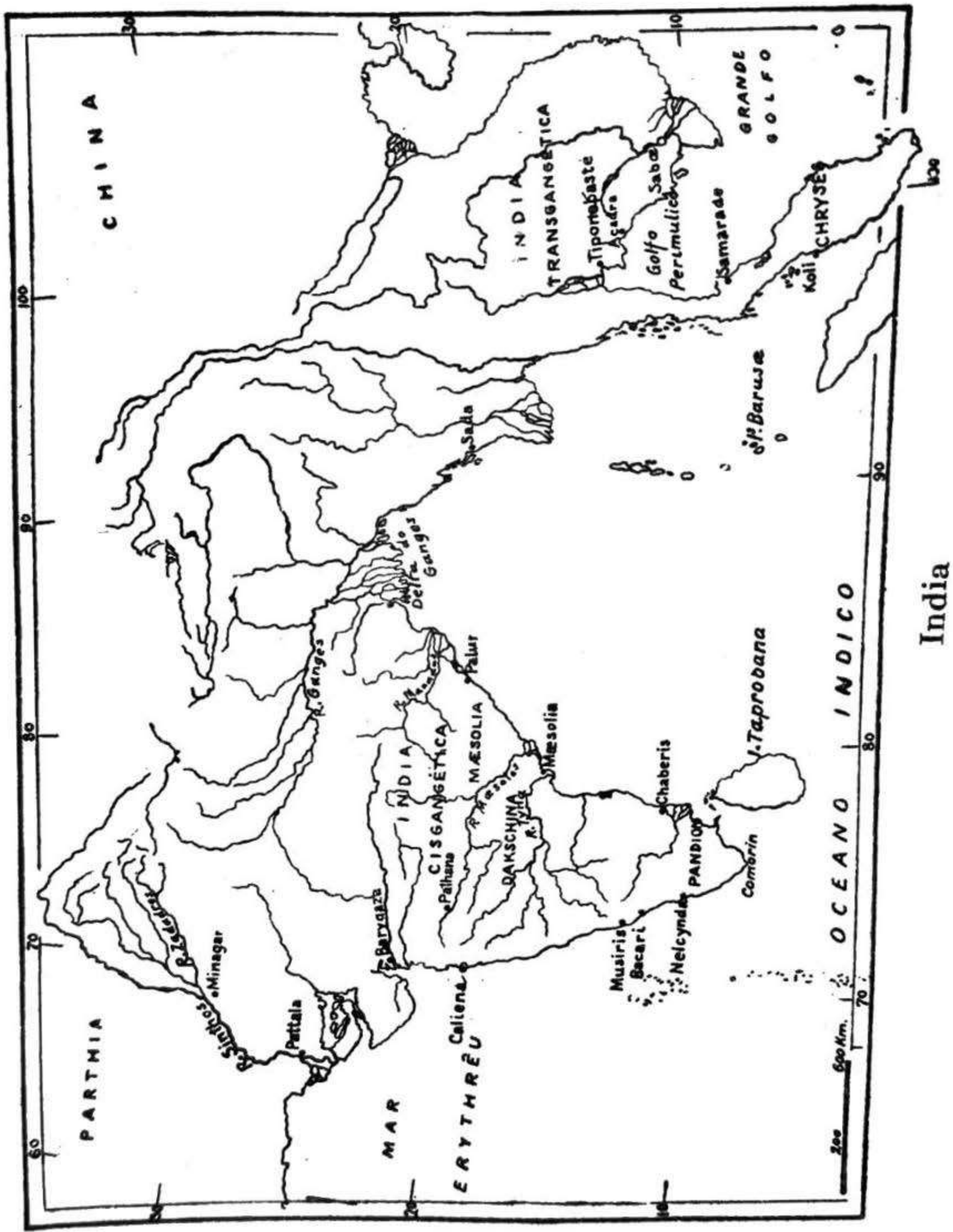
Desde muito cedo foi a India povoada e civilizada, e tornou-se famosa pela industria, sciencia, literatura, philosophia e religião.

O povo. Manso, paciente, avesso a fazer mal aos proprios animaes, o povo indú foi sempre amante da contemplação e das especulações metaphysicas. De physico pouco vigoroso, esteve desde cedo exposto ao dominio estrangeiro.

As populações primitivas da India foram *Negritos*, semelhantes aos da Indo-China, provavelmente originarios da Nova-Guiné. Vieram mais tarde invasões dos Drávidas, e por fim no sec. XX antes de Christo os Aryas se estabeleceram no Pendjab, e submeteram as outras populações. Divididos em tribus, cada qual tinha seu chefe ou *rajá*. Criavam gado, amanhavam o solo.

Historia summaria. Pouco da India conheceu a antiguidade. O proprio Alexandre não ultrapassou o Hydaspes (o Djelam).

A chronologia indú é fantastica: o anno de um deus vale 360 dos nossos, e cada deus viveria 12.000 annos divinos



India

(4.320.000 annos humanos), e isto para Brahma era apenas um dia... A historia verdadeira da India só começa um millenio após Christo.

Estudando os monumentos, analysando as fabulas dos



Um templo indú ou pagode. Escripta dos indús

grandes poemas, os historiadores distinguem tres periodos na historia antiga da India: o vedico, o brahmanico e o buddhico. No periodo vedico os Aryas conquistam a região do Ganges (sec. XVI a. C.), seguindo-se grandes lutas entre os *Kurús* e os *Pandavas*; vencem estes ultimos,

que ficam senhores do Ganges. Essas lutas são assumpto do poema *Mahabharata*.

Os Pandavas conquistaram tambem, alem do Decan, a ilha de Ceylão, conquista referida no *Ramayana*, outra notavel epopéa. Operou-se então uma transformação social; a religião ficou sendo o brahmanismo e fez-se a distincção das castas ou classes da sociedade. Uns seis ou sete seculos antes de Christo, o brahmanismo soffreu grande abalo com a doutrina revolucionaria de Buddha, que prégou a igualdade e a abolição da castas.

Houve luctas e terrivel reacção dos partidarios do brahmanismo.

O brahmanismo. A principio os Indús adoravam as forças da natureza: Indra, Varuna, Agni eram os principaes deuses, subordinados todos a Brahma. Havia tambem um culto domestico. Depois que se estabeleceram no Ganges, foi que os Indús organizaram o brahmanismo, cujo dogma fundamental é a *trimurti*, isto é, a trindade de Brahma, creador, Vichnú, conservador, e Siva, destruidor e regenerador. Admittida a metempsychose, devem as almas ter outra vida, feliz ou desgraçada, conforme o seu proceder neste mundo. O culto é imponente; ha jejuns, macerações e purificações. A recompensa é a intima união com Brahma.

A doutrina religiosa está nos *Vedas*, hymnos escriptos em sânscrito e recolhidos por Vyasa, uns 1.500 annos antes de Christo.

A moral brahmanica é elevada e ordena o amor a todos os seres: admite, porém, as castas. Estas são quatro: os *Brahmanes*, ou sacerdotes, nascidos da cabeça de Brahma; os *Xatrias* ou guerreiros, provindos do braço do deus; os *Vaisyas*, ou artífices, oriundos da perna; e os *Sudras*, ou escravos, formados do pé de Brahma. Abaixo, ainda ha os impuros ou *parias*, que se não podem banhar no Ganges (rio sagrado nem ler os *Vedas*).

O buddhismo. Çakya-Muni, ou Buddha, filho de um rajá da Índia gangetica, aos 29 annos deixou a côrte e entrou a prégar por toda a Índia. A nova doutrina declarava a igualdade dos homens, sem distincção de castas, admittidos até os estrangeiros. Introduzida na China, em época incerta, invadiu a Coréa, o Japão e o Thibet. Hoje conta na Asia uns 500 milhões de adeptos; mas, tendo nascido na Índia, de lá desappareceu, excepto de Ceylão.

Buddha aconselhava seis perfeições: a sciencia, a energia, a pureza, a paciencia, a caridade, a esmola. O bem supremo é o *nirvâna*, ou o repouso absoluto.

Legislação. O código dos Indús é o de Manú, o primeiro homem, filho de Brahma. São 12 livros, que tratam da criação do universo, dos sacramentos e noviciado, do casamento e deveres do chefe da familia, dos meios de subsistencia e preceitos para os brahmanes, das regras de penitencia e de purificação das mulheres, dos deveres do anachoreta e do asceta, das maximas relativas ao proceder dos reis e dos guerreiros, dos juizes e das leis civis e penaes, do casamento e successão, etc., etc.

Encerra pensamentos elevados e judiciosas observações. Manú exalta a justiça, “o unico amigo que acompanha o homem depois da morte”.

Solenolias. Conheceram mathematica, astronomia, philosophia e linguistica. Inventaram, provavelmente, o jogo de xadrez, o papel de algodão, a algebra e os algarismos. Os philosophos indianos causaram admiração ao proprio Alexandre.

Letras. Eram os Indús um povo de ardente imaginação e poderoso engenho; por isto deixaram rica literatura, especialmente obras poeticas. Os *Vedas* contêm bellissimos trechos. Os *Puranas*, tambem reunidos

por Vyasa, são uma collecção de lendas, com mais de um milhão de versos. As epopéas principaes são o *Mahabharata*, obra ainda de Vyasa, e o *Ramayana*, composto por Valmiki.

Arte. Os monumentos da India são de proporções collosaes. Os templos de Ellora, no Decan, têm tres galerias superpostas na extensão de oito kilometros. Ha tambem monumentos na ilha de Elephanta, perto de Bombaim.

A arte indú é assombrosa nas dimensões, mas não possue a graça nem a harmonia da arte grega.

Industria. Parece que os Indús conheceram desde cedo a arte de estampar tecidos. Foram, talvez, os primeiros que praticaram a industria do ferro.

VII

Chinêses.

A região. Designada pelos antigos com as denominações de Sina ou Serica — paiz da seda, — conhecida na Edade Media pela de Cathai, a China foi chamada pelos naturaes *Imperio do Meio*, *Celeste Imperio*, *Flor do Meio*. E' um dos mais vastos estados do globo e dos mais populosos. Occupa o centro e o oriente da Asia, constituindo as regiões do sueste a China propriamente dita. Cercam-na o *Tibet*, centro principal do buddhismo, ao sul; a Mongolia, no planalto central, de onde no seculo XIII abalaram assoladoras hordas guerreiras; a Mandchuria, a nordeste, patria dos Mandchús, que conquistaram no seculo XVII o thróno chinês.

De estirpe mongolica, o chinês é em geral de estatura baixa, pelle amarellada, cabeça conica, olhos pequenos, sobancelhas quasi em linha recta, barba escassa, trança com-

prida. Pacifico, desconfiado e astuto, revelou-se desde cedo habil em trabalhos delicados, exigentes de longa paciência.

Historia summaria. Os chinêses attribuem-se pasmosa antiguidade. A dar-lhes credito, seus annaes, remontariam a cerca de cem mil annos. Porventura se poderia situar no seculo XXX a. C. a existencia assás duvidosa do seu primeiro legislador Fo-hi, e a de Yen-ti ou Chin-nong, que inaugurou o regimen agricola. Por volta de 2650 a. C., já no reinado de Hoang-ti, operaram-se importantes reformas: a divisão do paiz em provincias, a criação de um conselho de ministros, o estabelecimento de moedas, pesos e medidas, a distribuição dos subditos em varias classes caracterizadas por côres proprias no respectivo trajo, a invenção da escripta, a fiação da seda e muitissimas outras coisas. Um dos successores deste semilegendario Hoang-ti foi Yao, que deu principio ao Chu-King, tratado de politica e moral em exemplos, mais tarde revisto e completado por Confucio. O genro de Yao, e seu successor, Chun, foi tambem um grande amigo de reformas e entre outras effectuou a do calendario, admitindo o anno de 365 dias e seis horas.

Com Yu, escolhido por Chun para successor, começa a primeira dynastia imperial, a dos Hia, uns 2200 a. C.

Do XI ao III seculos a. C., sob o governo dos Tcheu-Kue, — reis combatentes, — foi a China retalhada em innumerados principados independentes, verdadeiros feudos, resultantes das doações feitas por Wu-Wang aos magnates. Seguiram-se lutas constantes entre esses pequenos estados.

E' ainda a esta dynastia que pertence Thing-Kung, contemporaneo de Lao-Tseu e Confucio, famosos pensadores chinêses.

Da dynastia dos Thsin merece menção Thsin-Chi-Hoang-Ti, que unificou todos os principados, tomou a região meridional até a ilha de Hai-nan e deteve os terriveis Hiong-Nou (Hunos). Ergueu a famosa *Grande Muro*.

ha, destinada a impedir a invasão dos Tartaros (ou melhor Tártaros) do norte, e construiu fortalezas, portos, estradas e canaes. Seu reinado (260-210) é periodo de grande brilho, mas infelizmente em luta contra os nobres e letrados mandou destruir pelo fogo todos os velhos textos invocados contra suas idéas, medida tyrannica de que resultou ficar um grande periodo da historia da China ainda mais obscuro.

Os Han (de 200 a. C. até 220 depois de C. approximadamente) dilataram as fronteiras ao Sul e a Oeste, favoreceram o desenvolvimento artistico e literario e mandaram colligir as obras de Confucio. O principal soberano dos Han foi Ming-ti, de cujo reinado data o advento do buddhismo na China. Tornam-se então cada vez mais frequentes as relações da China com o mundo occidental, e os productos chinêses, principalmente a seda, apparecem na Europa.

Religião. Tres cultos diversos coexistem na China. O de Yu, restaurado por Confucio, é o culto nacional por excellencia, adequado á mentalidade do chim, religião official e da aristocracia, em que se admite a noção mais ou menos vaga de um Ser supremo. Antes moral pratica do que propriamente systema religioso, re-commenda a piedade filial, respeito aos velhos, veneração aos mortos, a humanidade e a justiça.

A religião de Tao-ssé ou *taoismo*, fundada por Lao-Tseu em 600 a. C. approximadamente, é uma doutrina metaphysica, mas que degenerou em uma especie de polytheismo.

O buddhismo, ou religião de Fó, é a terceira forma cultual. Fó é personagem legendaria, que teria introduzido o buddhismo na China em epoca incerta, porventura o proprio Buddha, no sentir de alguns.

**Governo e
organização social.**

O governo era monarchico e absoluto, sendo o imperador considerado *filho do ceo*. Os letrados e os officiaes formavam a nobreza do estado, tendo que

prestar severo exame para occupar os cargos publicos e merecer o titulo de *mandarins*.

A familia em parte alguma do globo é mais respeitada, nem mais forte o vinculo da paternidade. Isso explica em parte porque por tantos seculos lograram os Chineses manter quasi inalterada a tradição; mas tambem os conservou como insulados e extranhos ao resto do mundo.

**Agricultura, industria
e commercio.**

O cultivo do solo foi sempre na China mui apreciado e protegido pelo governo imperial. A região é de notavel fertilidade, abundante em plantas tropicaes, produzindo especialmente chá, arroz, bambú, algodão, canna, pimenta, fumo.

A seda foi introduzida na China desde epoca assás remota. Já em 3000 a. C. certos tributos deviam ser pagos em seda pelas provincias ao governo central, conforme um texto do Yu-King.

Porcellanas, vernizes, tintas, obras de laca, marfim e bambú, instrumentos e flores artificiaes revelam o engenho chinês.

Sciencias. O chim é positivo. Sempre lhe faltou a tendencia idealista, creadora da arte.
Artes. Letras. Dahi a sua architectura original e leve, o traçado elegante dos jardins, a finura das linhas do desenho, a viva opposição das côres, a ausencia da perspectiva. Cultivou desde os primeiros tempos a mathematica, a astronomia e a medicina.

O alphabeto, imperfeito e complicadissimo, representa palavras e não simples sons. São mais de dez mil letras, que raros logram conhecer todas. Historia, romance, theatro, obras philosophicas, formam sua literatura, que é variada e rica. Os Kings são em geral os livros compostos pelos philosophos, mas especialmente famosos são o Chu-King, o Tao-te-king, o Y-king, o Chi-king e o Li-king,

quasi todos os revistos ou compostos por Confucio (Koun-fu-tseu), (551-479 a. C.) o Socrates chinês, pela sua preocupação constante de moral e de politica.



Escripta chinêsa

Tendo conhecido desde epoca mui remota a bussola, a polvora, o papel e uma especie de imprensa, a China ficou por assim dizer petrificada, ancylosada em sua civilização. Nos ultimos annos, porém, começou a soffrer a influencia do progresso japonês e as idéas européas entraram a ganhar terreno. A recente revolução republicana parece haver inaugurado nova era na historia da China.

II

ANTIGUIDADE CLASSICA

GRÉCIA

I

A região e o povo. — Tempos primitivos e tempos heroicos. — A religião. — Esparta e Athenas.

A região. A Grécia occupa a parte meridional da península dos Balkans, a mais oriental das tres grandes penínsulas mediterraneas da Europa. Banhada a L., pelo mar Egeu, a O. pelo Jónico, com uma superficie de 57.000 km.², projecta ao S. outra península, a MORÉA ou PELOPONESO, ligada pelo isthmo de Corintho. As costas são extremamente recortadas; o mar insinua-se pela terra em grande numero de golfos, formando portos naturaes. Além disso a Grécia é cercada de muitas ilhas, algumas a pequena distancia apenas da terra firme, como EUBÉA, outras mais afastadas, facilitando a travessia para a Ásia, como as CYCLADAS e as ESPORADAS. O mar attrahia os Gregos, que iam ser os continuadores da actividade marítima dos Phenícios.

Por outro lado o solo da Grécia era tambem proprio para a formação de pequenos estados independentes, porque

as montanhas dividiam a região em valles estreitos, nos quaes se foram organizando nucleos de populações isoladas e rivaes. Varias d'essas montanhas eram celebres: o OLYMPO, residencia dos deuses; o HYMETTO, de afamado mel; o PENTÉLICO, notavel por seus marmores; o HÉLICON, onde habitavam as Musas; o PARNASO, o OSSA, o PÉLION, etc.

O relevo do solo, a suavidade do clima, a belleza do céu e dos aspectos naturaes, tudo contribuiu para fazer dos Gregos um povo amante da liberdade e da harmonia das formas.

O povo. Julgavam-se os Gregos autochtonos, isto é, originarios do proprio paiz; comtudo é certo que tinham vindo da Asia, pertencendo á grande familia aryana, que da Índia se estendeu ás regiões occidentaes da Europa.

Rosto oval, fronte regular, olhos grandes, labios delicados, nariz impecavel, admiravelmente proporcionado em todos os membros, o grego era um verdadeiro typo de belleza.

Os primeiros habitantes do paiz foram os *Pelásgios*, que cultivaram o solo e ergueram as cidades mais antigas. Vieram depois os *Hellenos*, provavelmente uma tribu pelasgica. Quatro familias importantes se notam entre os Hellenos: ACHEUS, EÓLIOS, DÓRIOS e JÓNIOS. As duas ultimas tiveram na historia grega um grande papel. Os Dórios, typo dos habitantes da montanha, invadiram e conquistaram o Peloponeso; os Jónios, typo dos habitantes da cidade, estabeleceram-se nas costas do mar Egeu. Distinguiram-se aquelles na arte militar e tiveram o governo de Esparta; os ultimos dedicaram-se ao commercio maritimo, á industria e ás artes, e deram dias de gloria a Athenas.

Das populações primitivas quasi nada se conhece. Apenas temos dellas ruinas grandiosas de colossaes construcções de pedras sobrepostas, que os povos que vieram depois erradamente attribuiram a uma raça de gigantes, os

CYCLOPES. Chamam-se monumentos cyclopicos; a porta dos leões, em MYCENAS, na Argólida, é o mais celebre.

Os Gregos, ignorando sua verdadeira origem, inventaram muitas lendas, como a de Prometheu, a de Deucalião, etc.

Algumas lendas conservam vestigios de relações gregas com os povos do Oriente. Citam-se, por exemplo, os nomes de colonos orientaes que se estabeleceram na Grécia; CÉCROPS, egypcio, fundou a acrópole (ou cidadella), de Athenas; DANAOS, tambem egypcio, ergueu Argos: PÉLOPS, phrygio, deu o nome ao Peloponeso (*ilha de Pélops*); e o phenício CADMO foi o fundador de Thebas, na Beócia, e o introductor do alphabeto na Grécia.

Tempos heroicos. Acreditavam os Gregos que depois da morte os homens continuavam a viver em seus tumulos, e que era preciso offercer-lhes alimentos em certas occasiões. Essas almas dos antepassados recebiam culto dos membros de sua familia, e por sua vez tornavam-se deuses protectores das familias e das tribus. Cada casa tinha um altar para as ceremonias desse culto. Cada cidade possuia suas divindades protectoras. Ahi se encontra a origem das honras attribuidas aos heroes. (1)

Os principaes heroes foram: THESEU, que libertou Athenas do tributo que pagava ao monstro Minotauro; PERSEU, heroe de Argos, que cortou a cabeça da Medusa; ORPHEU, cantor da Thrácia, aos sons de cuja lyra os homens se civilizaram; e HÉRCULES, o principe dos heroes, autor de doze grandes trabalhos celebres na mythologia (2).

(1) Para comprehender bem este ponto é preciso ler o bello livro de FUSTEL DE COULANGES, *La Cité Antique*.

(2) Estes trabalhos foram: 1º, matou o leão de Neméa, com cuja pelle se vestiu; 2º, matou a hydra de Lerna, cujas cabeças, em numero de nove, renasciam, não sendo todas cortadas de uma só vez; 3º, prendeu o javali do Erymantho; 4º, matou as aves do lago Stympphalo; 5º, apanhou os veados que tinham os pés de bronze; 6º, limpou as estrebarias de Augias, rei da Elida, com as aguas do Alpheu; 7º, domou

Além das façanhas mythologicas de Hercules — que symbolizam os esforços d'aquella epoca na luta pela civilização — pertencem aos tempos heroicos os seguintes factos e tradições.

Expedição dos Argonautas. Eram 50 heroes gregos, marinheiros da nau *Argos*, que, sob o commando de Jasão, principe da Thessália, pretendiam conquistar na CÓLCHIDA, (região da Asia Menor) um vello de ouro. Provavelmente o fim real da expedição era explorar as minas auríferas.

Guerra de Troia (sec. XIII ou XII?). PÁRIS, filho de Príamo, rei de Troia, cidade da Asia Menor, tendo roubado HELENA, mulher de Menelau, rei de Esparta, todos os gregos indignados se uniram, sob as ordens de AGAMÉMNON, rei de Argos, e foram atacar Troia. Na guerra, que durou dez annos, distinguiram-se, ACHILLES, filho de Peleu, rei da Phthiótida na Grécia; ULYSSES e AJAX, todos gregos; e entre os troianos Príamo e Heitor. A victoria coube afinal aos Gregos. As peripecias da guerra deram assumpto aos dous celebres poemas de HOMERO: *Ilíada* e *Odysséa*.

Guerras de Thebas. Foram motivadas pelas rivalidades de Etéocles e Polinice, filhos de Édipo.

Invasão dos Dórios. Descendo das montanhas do norte da Grécia, os Dórios invadiram e conquistaram o Peloponneso. Os Jónios fugiram então para Áttica. Essas inva-

o touro de Creta; 8º, venceu Diomedes rei da Thracia, que alimentava seus cavallos com carne humana, e lançou-o aos animaes para que o devorassem; 9º, derrotou as Amazonas; 10º, matou Geryão, gigante tri-cephalo, e abriu communicações entre o Mediterraneo e o Atlantico pelas Columnas de Hércules (estreito de Gibraltar); 11º, roubou os pomos de ouro das Hespérides e ajudou o gigante Atlas a carregar o mundo; suffocou Anteu, filho da Terra; 12º, enfim livrou Theseu dos infernos, accorrentando Cérbero, cão de tres cabeças e guarda do inferno.

sões foram causa de um dos grandes movimentos de colonização grega, no XII seculo.

A religião. Além do culto dos antepassados e dos heroes, proprio ao principio de cada familia,
Os deuses. tiveram os Gregos um culto publico, em

que eram tributadas honras aos grandes deuses. A imaginação hellenica divinizou as varias forças da natureza, em suas multiplas manifestações; e no céo, na terra, no oceano, nos campos, nas florestas, por toda parte, habitavam deuses e deusas, uns bondosos, outros terriveis, todos poderosos. Foram os Gregos portanto *polytheistas*; não porém do mesmo modo que os povos do Oriente. As divindades que as populações da Hêllada adoravam, tinham sentimentos, paixões e vi-



Sacrificios

cios como os homens; como os homens eram sujeitas á alegria, á colera, á inveja; habitavam em palacio esplendido, no Olympo; nutriam-se com ambrosia e bebiam o nectar; gozavam de perpetua juventude, e eram immortaes. Eis o *polytheismo anthropomorphico*, em que os deuses são representados sob fórma humana.

E' preciso notar que cada cidade tinha seus deuses proprios locaes. A Minerva de Athenas não era a mesma de Esparta. O Júpiter de uma cidade não se confundia com o de outra (1).

(1) Veja-se FUSTEL DE COULANGES — *La Cité Antique*, pag. 168, 171, etc.

Doze deuses principaes personificavam os elementos da natureza e as diversas idéas moraes:

NOMES GREGOS	NOMES LATINOS	IDÉAS CORRELATIVAS
ZEUS (PATER)...	JUPITER.....	Rei dos deuses, senhor dos céos.
POSEIDON.....	NEPTUNO.....	Deus do mar.
PHÉBO.....	APOLLO.....	Deus do sol, protector das artes e das letras.
ARES.....	MARTE.....	Deus da guerra.
HERMES.....	MERCURIO.....	Mensageiro dos deuses, deus do commercio.
HEPHAISTOS.....	VULCANO.....	Deus do fogo e da industria.
HERA.....	JUNO.....	Esposa de Jupiter.
ATHÈNE (Pallas)	MINERVA.....	Deusa da guerra e da intelligencia.
ARTÉMIDE.....	DIANA.....	Deusa da castidade. Era representada pela lua.
APHRODITE.....	VENUS.....	Deusa da belleza e do amor.
DEMETER.....	CERES.....	Deusa da fecundidade da terra.
HESTIA.....	VESTA.....	Deusa da familia, do lar domestico.

Admittiam divindades secundarias, como as nove *Musas*, (1) as *Parcas*, as *Nymphas*, as *Dryadas*, *Pan*, etc. Acreditavam que os deuses, sendo consultados, respondiam por meio de *oraculos* transmittidos pelas sacerdotisas ou *pytho-nisas*, em certos logares celebres. Os oraculos eram sempre feitos de modo que se prestassem a diversas interpretações. O mais citado é o de Apollos em DELPHOS.

Mostram as lendas que os Gregos acreditavam em outra vida, depois da morte; o *Tártaro* era o logar de supplicios para os condemnados, e os *Campos Elysios* uma especie de paraíso para os bons.

(1) Eram: *Clio*, musa da historia; *Melpómene*, da tragedia; *Thalia*, da comedia; *Euterpe*, da musica; *Terpsichore*, da dança; *Erato*, da poesia lyrica; *Calliope*, da epopéa; *Urania*, da astronomia; *Polymnia*, da eloquencia.

Acima dos deuses, superior ao proprio Júpiter, collocavam o *Destino* (*Moirá*), necessidade ineluctavel, força mysteriosa a que ninguem podia escapar.



Minerva

Esparta e Athenas.**Lycurgo e Sólon.**

A historia grega é, em grande parte, a historia das duas grandes cidades rivaes, ambas celebres: Esparta e Athenas. Os Espartanos ficaram sendo o modelo do patriotismo e da coragem militar, graças á organização social e politica, attribuida a Lycurgo, que visava, antes de tudo, fazer de cada espartano um perfeito soldado. Os Athenienses entregaram-se ao commercio e á industria, que os Espartanos desprezavam; lutaram pelo ideal democratico e foram em verdade um povo de artistas, amantes do bello.

Lycurgo é personagem sobre cuja existencia pairam muitas duvidas. Viveu, dizem, no seculo IX. E' talvez, um symbolo de uma epoca de trabalhos legislativos. A reforma que lhe attribuem foi ao mesmo tempo social e politica.

Habitavam em Esparta tres classes diversas, quasi tres povos distinctos; os *Espartanos* ou *Dórios*, (uns 9.000),



A Pythonisa na tripode

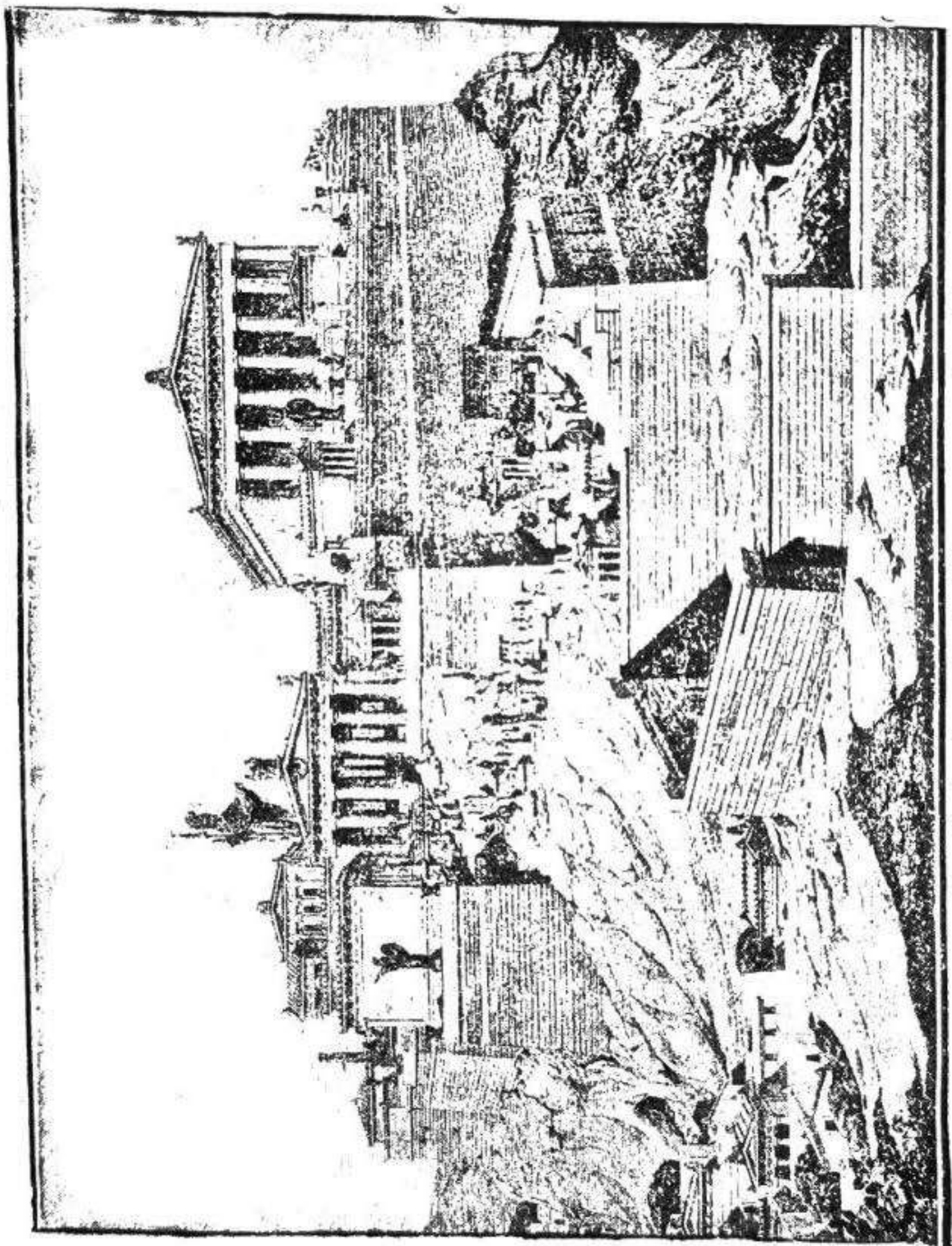
que tinham invadido e subjugado a região, e gozavam de todos os direitos civis e politicos; os *Lacónios* ou *Periecos*, população que fôra vencida pelos Dórios e só tinham direitos civis (eram ao todo uns 30.000); e os *Hilotas* (200.000), miserros escravos, barbaramente opprimidos.

Lycurgo dividiu todas as terras em 39.000 lotes eguaes repartidos entre os *Espartanos* e os *Lacónios*;

prohibiu o commercio e o luxo; decretou uma moeda muito pesada, a uniformidade dos vestidos, as refeições publicas em commum e a educação das creanças pelo Estado, com o fim de preparar guerreiros valentes. Na organização politica Lycurgo admittiui que Esparta fosse governada por dois reis, que commandavam o exercito e presidiam o senado. Este compunha-se de 28 membros de 60 annos de idade no minimo. Havia 5 *éphoros*, encarregados de velar pela observancia da constituição. O povo reunia-se para votar em *assembléas geraes*, que se realizavam todos os meses, pela lua cheia. Não havia discussões; votava-se por acclamação.

As creanças pertenciam mais ao Estado que á propria familia. Eram habituadas a respeitar os velhos, a suportar as fadigas e as dores, a falar pouco (*laconismo*).

Aquelles que nascessem defeituosos podiam ser lançados no desfiladeiro do Taygeto. As mulheres espartanas deram



Entrada da Acropole de Athenas (reconstituição)

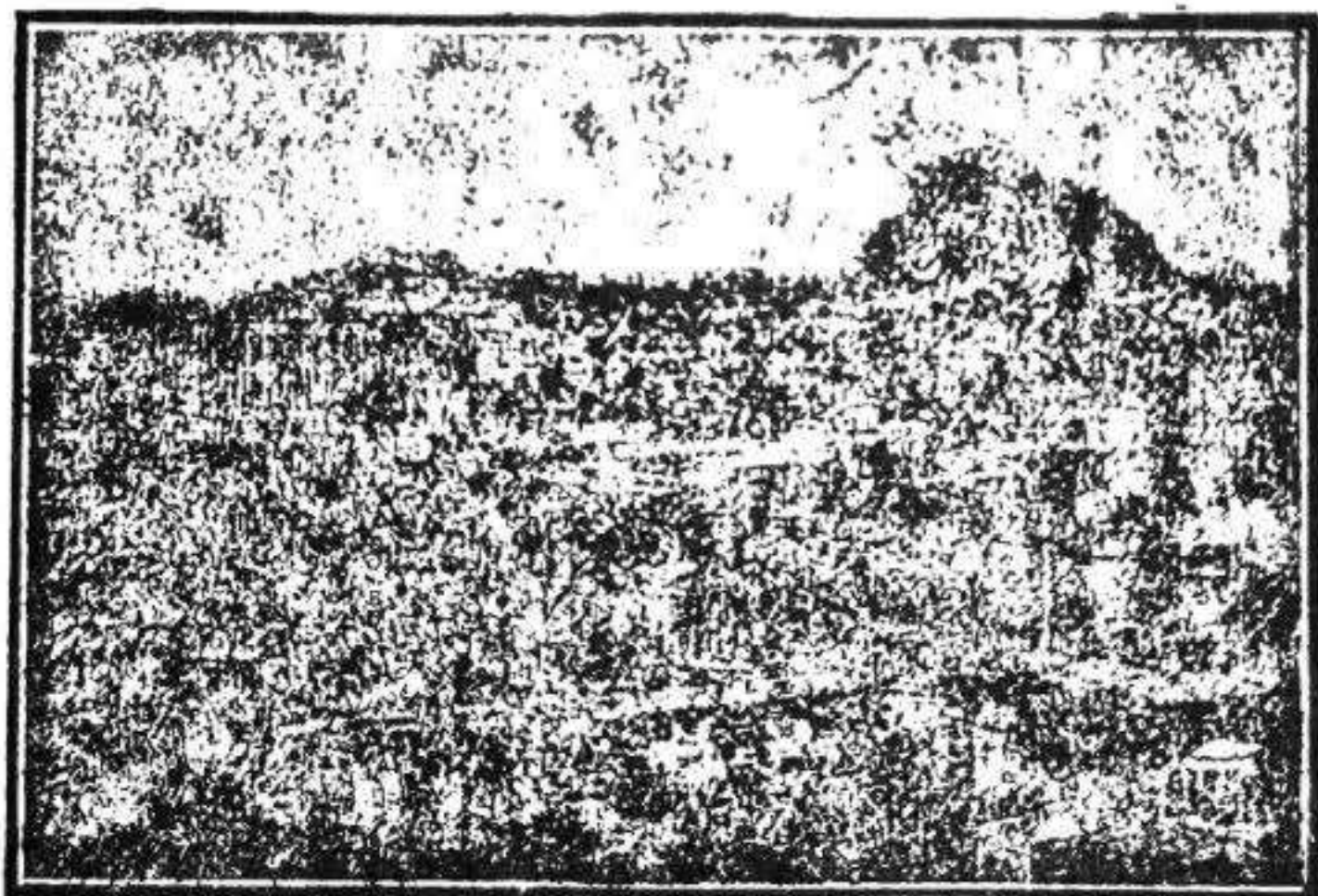
provas de um patriotismo heroico, e dellas se contam muitos rasgos surprehendedentes de energia e abnegação. Dir-

se-ia que nellas o amor da patria sobrepujava o amor materno.

As leis de Lycurgo não eram proprias para favorecer o progresso. Não só descuravam o lado intellectual da educação, preocupando-se unicamente com o physico, mas ainda abalavam a organização da familia, permittiam em certos casos o roubo, etc.

Os Espartanos foram um grande povo de soldados; nada mais.

Athenas, pelo contrario, offerece-nos o espectaculo de um povo amante da liberdade, activo, apaixonado pelas



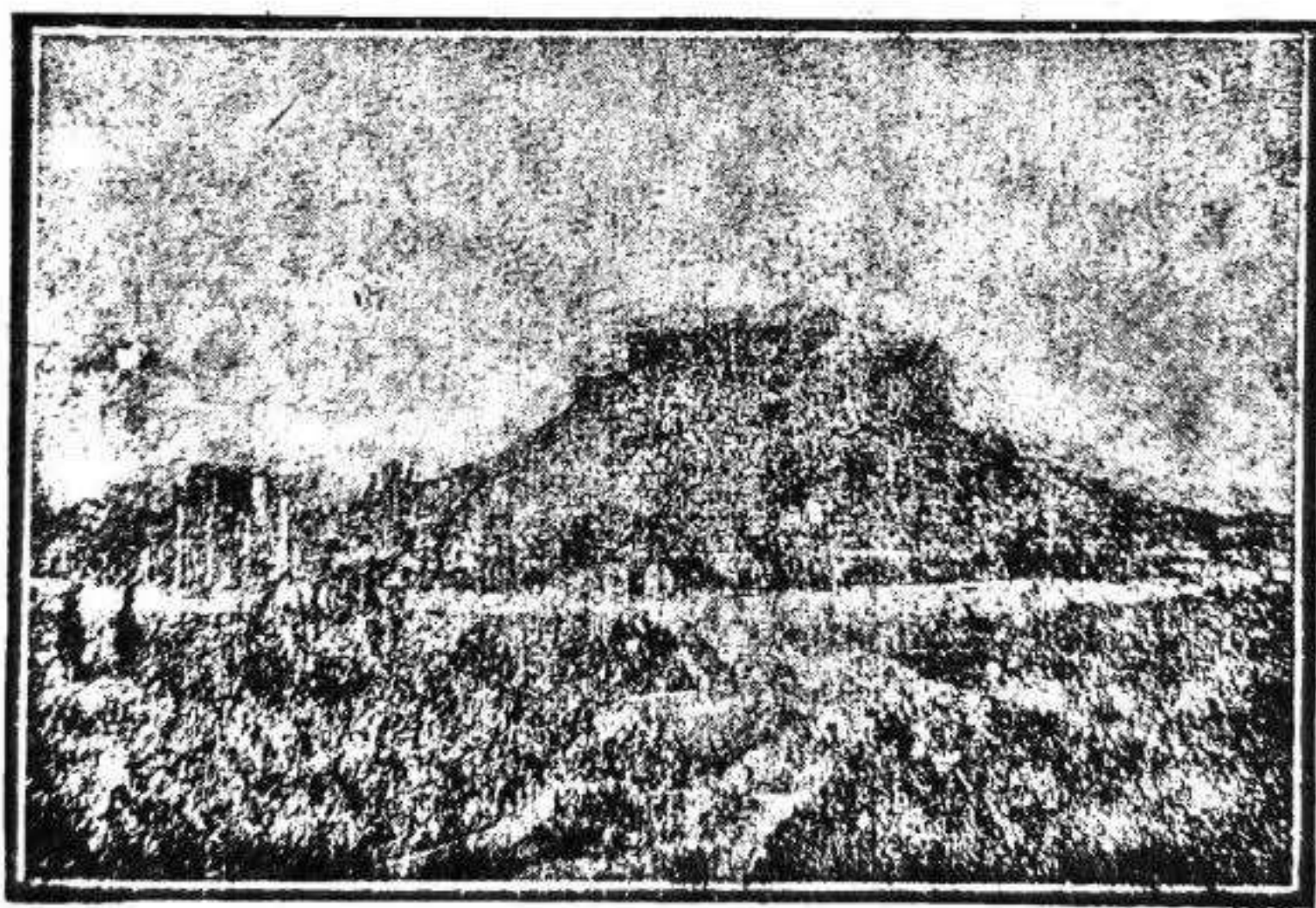
Athenas antiga (reconstituição)

artes, avido de prazeres. Foi uma cidade de literatos, de artistas e de philosophos, uma potencia maritima de primeira ordem, uma republica verdadeiramente democratica.

O grande legislador atheniense foi Sólon, poeta e philosopho, cuja existencia não é, como a de Lycurgo, sujeita a duvidas. As suas reformas foram todas no sentido de melhorar a condição das classes opprimidas. D'elle disse Aristoteles: "pôs fim á escravidão do povo". Sólon dividiu os Athenienses em quatro classes, conforme as fortunas;

alterou o valor da moeda, facilitando o pagamento das dividas; e procurou estabelecer harmonia entre as diversas classes sociaes. O estrangeiro não era mal recebido, como em Esparta; havia menos rigor para com os escravos; o trabalho não era desprezado, tendo até Sólon feito esforços para desenvolver a agricultura, o commercio e as industrias. As letras e as artes tambem foram protegidas e prosperaram.

Politicamente, era Athenas dirigida por nove *archontes*. O archontado foi a principio vitalicio, depois decennal, enfim annual. O senado contava 400 membros, numero depois elevado a 500 por Clístenes. A Assembléa do povo decidia quanto á paz e á guerra, e nomeava os magistrados. Havia um tribunal supremo, o Areopago.



Athenas e a Acropole — Estado actual

Clístenes tambem introduziu o *ostracismo* (1), arma terrivel pela qual a Assembléa do povo podia banir os que lhe parecessem suspeitos ou capazes de perturbar a paz social.

(1) Pena de banimento por 10 annos. Assim chamada porque era votada na assembléa, sendo o boletim de voto uma concha (em grego: *ostrakon*). Sofreram-na muitos Gregos illustres.

QUADRO COMPARATIVO

das legislações de Esparta e de Athenas.

(V DUCOUDRAY, *Histoire et Civilisation de l'Orient et de la Grece.* — 2.^a ed., p. 327.—Modificamos ligeiramente o quadro.)

ESPARTA

(LYCURGO: SECULO IX?...)

Organização politica.

2 reis, chefes militares e religiosos.

Senado composto de 28 membros.

5 Éphoros.

Assembléa geral dos espartanos.

Organização social.

Tres classes superpostas:

Espartanos ou Dórios, (9.000), dominando:

Lacónios (30.000), sujeitos;

Hilotas (200.000), escravos.

Divisão das terras.

Omnipotencia do Estado, que se encarrega da educação das creanças.

Desprezo pelo trabalho agricola, commercial e industrial.

Os estrangeiros são maltratados.

A educação só considera o lado physico, descure o intellectual e prepara guerreiros valentes.

ATHENAS

(SÓLON: SECULO VI)

Organização politica.

9 archontes, renovados annualmente.

Senado de 400 (depois 500) membros.

(Areopago, supremo tribunal).

Assembléa geral do povo.

Organização social.

Um só povo, repartido em 4 classes, conforme as fortunas, sendo os direitos de cada classe proporcionaes ás suas obrigações.

Propriedade livre

Liberdade da familia.

Trabalho obrigatorio.

Prosperam commercio e industria.

Os estrangeiros são bem recebidos.

As artes, as letras e as sciencias são cultivadas.

EM RESUMO:

ESPARTA foi uma republica aristocratica exclusivamente militar.

ATHENAS foi uma republica democratica, cidade commerciante, e patria de grandes artistas.

II

Arte militar dos Gregos. — As colonias. — Guerras com os Persas. — Guerra do Peloponeso.

Arte militar dos Gregos.

Diz Fustel de Coulanges que, si considerarmos o exercito nos primeiros tempos, o encontramos dividido em tribus, curias e familias, de sorte que tinha o guerreiro

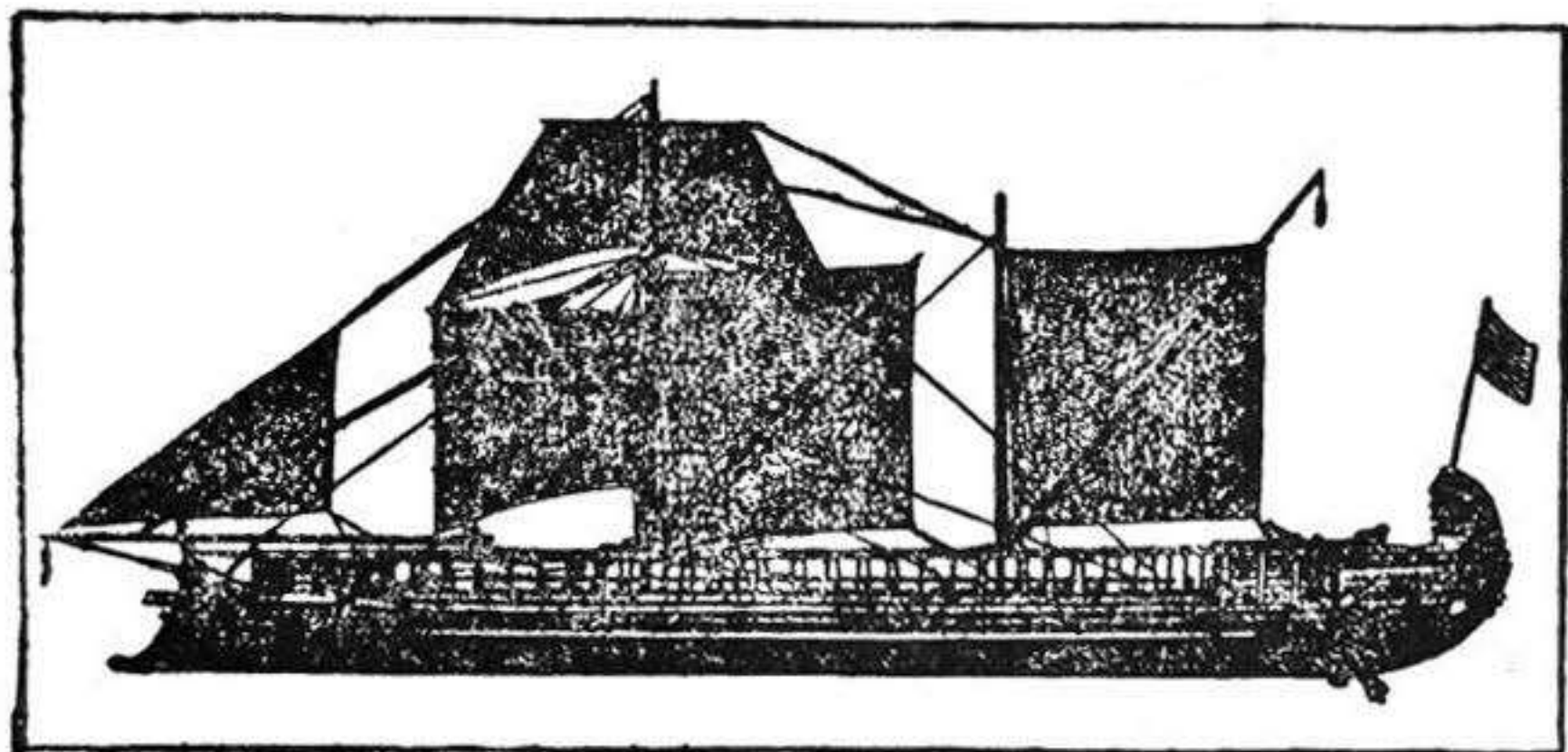


Ephebo armado

como companheiro nos combates aquelle mesmo com quem estava acostumado, no tempo de paz, a fazer as libações e offerecer os sacrificios no mesmo altar. Assim, no exercito como em tudo mais, era grande a influencia da religião.

Em Athenas o archonte fazia as libações em nome da cidade.

A natureza do exercito foi-se porém, transformando pouco a pouco. A principio o corpo principal e privilegiado era a cavallaria, sendo os infantes desprezados. Os nobres reservavam para si o corpo de cavalleiros. Mas



Trireme atheniense

paulatinamente a infantaria foi adquirindo importancia e os *hoplitas* (infantes) constituiram a força maior dos exercitos.

Os chefes do exercito em Athenas chamavam-se *estrategos* (*strategoi*) e eram em numero de dez. Os cidadãos de 18 annos completos, inscriptos no registo, eram obrigados ao serviço militar até aos 60 annos.

O armamento dos *hoplitas* (*panoplia*, armadura completa) era: capacete, escudo, perneiras, couraça, espada e lança.

A marinha atheniense compunha-se de 400 *triremes*, ou embarcações de tres ordens lateraes de remos. Os Espartanos nunca tiveram predilecção pela guerra maritima, sendo os seus navios tripulados pelos Lacónios e Hilotas. No exercito, porém, foram os primeiros da Grécia.

Os *hoplitas*, com os escudos juxtapostos, em ordem de

batalha, formavam á frente do exercito verdadeira muralha. Assim preparados, caminhavam para o combate ao som do *pean* (1).

Colonias gregas. “A pressão de inimigos externos, o excesso da população, as discordias intestinas, o espirito aventureiro e outras causas influentes inspiraram desde cedo aos Gregos a idéa de fundar colonias em paizes longinquos. Taes colonias, conforme observou Cícero, foram quasi sempre estabelecidas á beira-mar. Recrutavam-se os colonos por varias formas: ora era uma facção inteira que emigrava; ora o Estado appellava para os que desejavam emigrar; algumas vezes tirava-se á sorte qual o membro de cada familia que devia expatriar-se; outras, emfim,... varias cidades associavam seus emigrantes” (2).

Ao deixar a mãe patria, os colonos levavam comsigo o fogo sagrado que deveria arder no altar da colonia; conservavam o culto das divindades da metropole; as duas cidades ficavam ligadas por estreitos laços. Nas horas de perigo e de grandes necessidades, a metropole contava com o auxilio das colonias.

As *kleroukias* athenienses differiam das demais colonias propriamente ditas. Sua autonomia não era completa; continuavam os emigrados a ser cidadãos athenienses, e certas questões judicarias eram reservadas aos tribunaes da metropole.

Houve dois grandes movimentos de colônização na Grecia: um no seculo XII, devido á invasão do Peloponeso; outro nos seculos VIII e VII, em consequencia de revoluções e luctas civis.

Na Asia Menor as principaes colonias ficavam na região chamada Jónia, e eram: *Epheso*, onde havia o celebre

(1) Hymno de guerra.

(2) GOW e RAINACH — *Minerva*, pag. 137-138.

templo de Diana; *Mileto*, patria do grande philosopho e mathematico Thales; *Phocéa*, e mais tarde *Smyrna* (tomada aos Eólios). Os Phócios fundaram (600 a. C.) na Gália, *Massilia*, hoje Marselha.

Na Itália houve muitas colonias, principalmente de origem dorica. Na *Magna Grécia* (Itália meridional) notavam-se: *Sybaris*, famosa pelo luxo effeminado de seus habitantes; *Crotona*, patria do athleta Mylon; *Tarento*, que luctou contra os Romanos. Na Sicília: *Naxos*, *Catânia*, *Syracusa* e *Agrigento*.

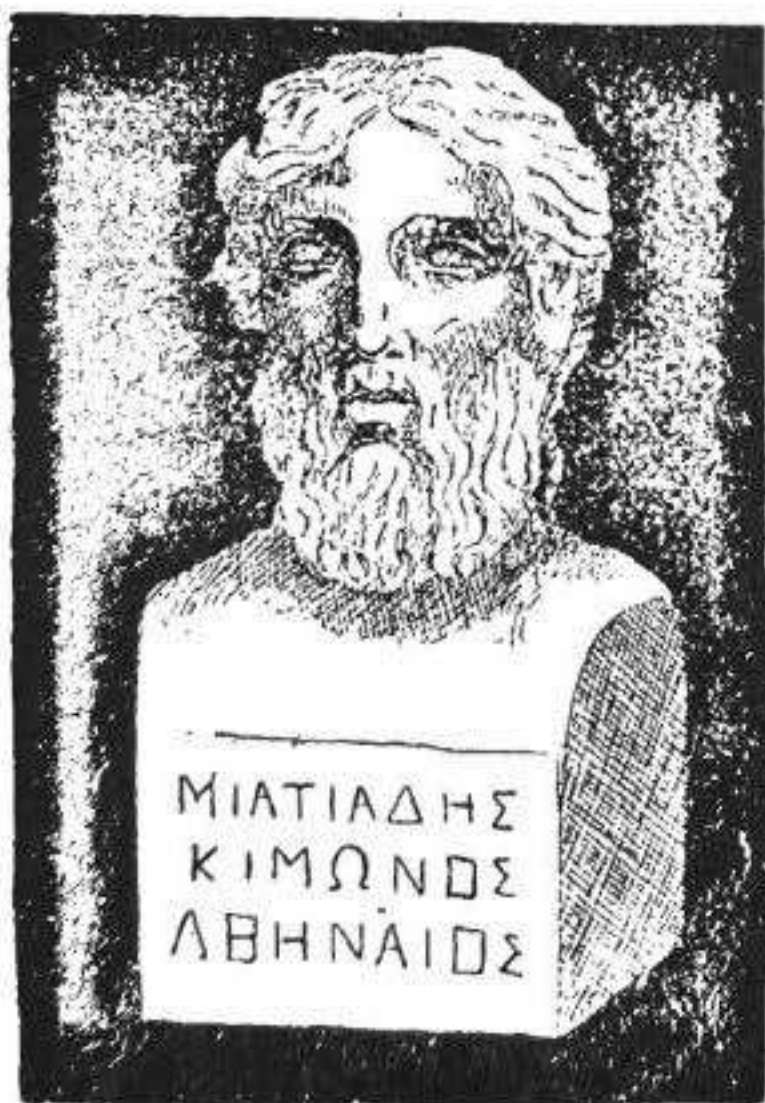
No norte d'África *Cyrene*, *Barca* (ou *Barcéa*), *Apolónia*, *Teuchira* e *Hespéríde*, formavam a *Pentápole* ou *Cyrenaica*. No Egypto ficava *Naucrátide*.

Guerras contra os Persas.

As colonias gregas da Asia Menor difficultavam a expansão dos Persas, que, senhores do Oriente, ambicio-

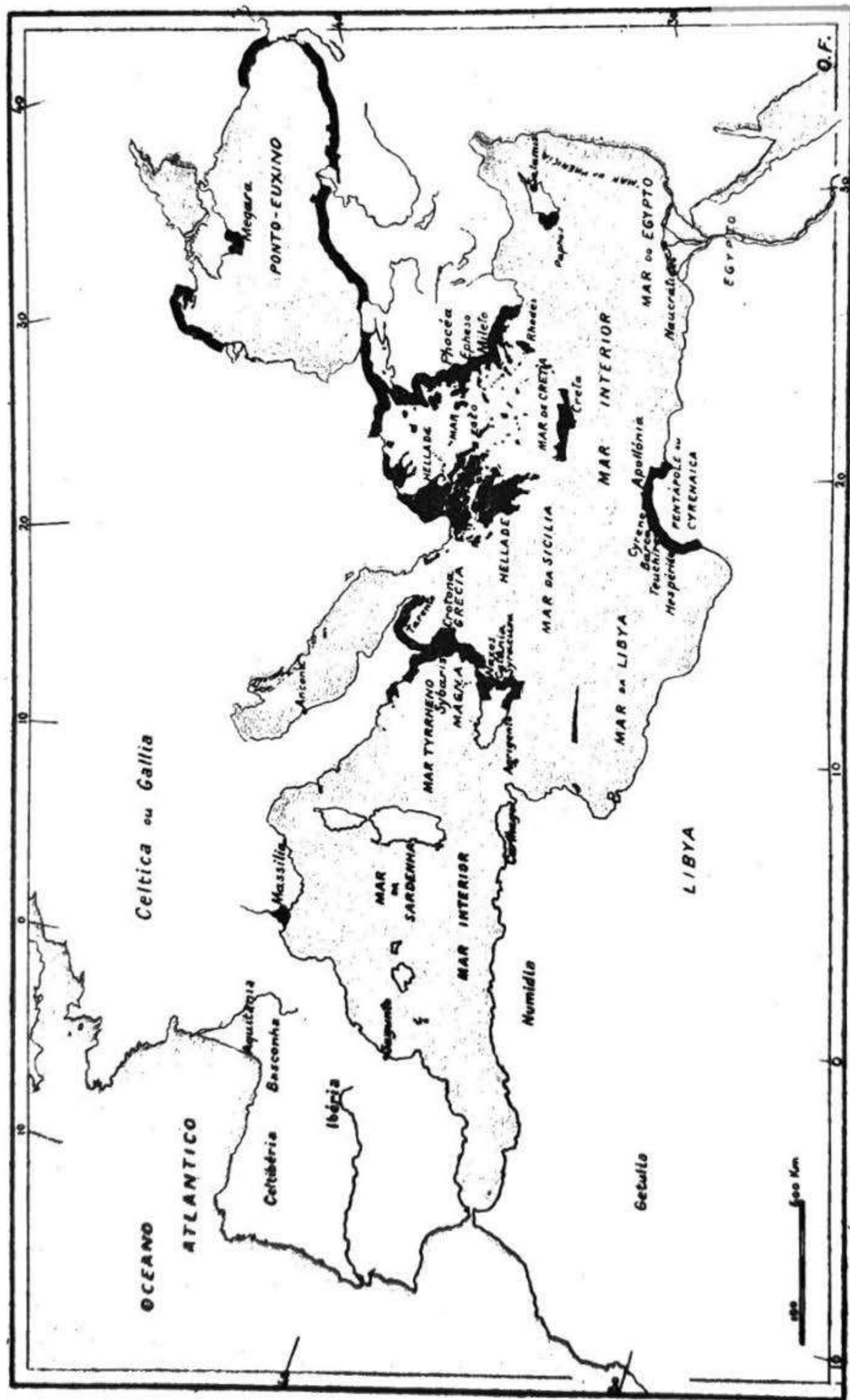
navam submeter a Europa. Os Athenienses prestaram auxilio a uma das colonias, MILETO, quando ella se revoltou contra os Persas. Dahi as tres grandes *guerras medicas* que na primeira metade do seculo V, antes de Christo, sustentaram os Gregos contra os Persas.

Na primeira guerra (*periodo de Darío*) os Persas tomaram a offensiva, depois de haver Darío I dominado a rebelião de Mileto. Foi



Milcíades

mandada uma expedição contra os Gregos, commandada por MARDÓNIO; mas uma tempestade dispersou a esquadra



Colonias Gregas

persa, perto do monte ATHOS: Outra expedição, sob as ordens de DÁTIS e ARTAPHERNES, foi derrotada pelos Athenienses, chefiados por MILCIADES, na celebre batalha de MARATHONA (490).

A primeira guerra terminava com a victoria de Athenas

Na segunda guerra (*periodo de Xerxes*) os Persas procuraram tirar uma desforra, e Xerxes, filho e successor de Darío, invadiu a Grécia pelo norte com um formidavel exercito de quasi um milhão de homens, e uma esquadra de 1.200 navios. LEÓNIDAS, espartano, á frente dos Gregos, foi collocar-se no desfiladeiro das THERMÓPYLAS, para resistir á invasão. Um traidor indicou a Xerxes, uma passagem, e Leónidas, conservando só 300 espartanos, deu um admiravel exemplo de patriotismo heroico. Morreram todos os espartanos, e Xerxes penetrou na Grécia. Mas na batalha naval de Salamina, THEMISTOCLES destruiu a frota persa. MARDÓNIO, que Xerxes deixara na Grécia commandando as forças persas, foi derrotado e morto em PLATÉA. Os restos da



Themistocles

esquadra persa foram incendiados em MYCALA. A segunda guerra, como a primeira, acabava com a victoria dos Gregos.

Na terceira guerra (*periodo da confederação de Delos*) os Gregos tomaram a offensiva. ARISTÍDES organizou a confederação de Delos, e CIMON derrotou os Persas no EURYMEDONTE. O tratado de Cimon, feito com Artaxer-

xes I, pôs fim ás guerras, ficando o mar Egeu fechado aos navios persas, assegurada a independencia das colonias gregas na Asia Menor e firmada a hegemonia de Athenas na Grécia.

Graças a essas guerras, ficaram os Gregos livres do perigo da expansão persa na Europa. A batalha de Marathona salvou a Grécia, e a paz de Címon assegurou a victoria da liberdade contra o despotismo.

Guerra do Peloponeso.

Em consequencia das guerras contra os Persas ficara Athenas com a supremacia da Grecia. A rivalidade entre Athenas e Esparta provocou uma guerra, em que as duas rivaes procuraram resolver a questão de saber a qual dellas ficaria definitivamente a hegemonia. Serviu de pretexto



Pericles

o auxilio prestado pelos Athenienses aos CORCYRIOS, que se tinham revoltado contra Corintho, defendida pelos Espartanos.

E' costume distinguir tres periodos na guerra do Peloponeso. Durante o primeiro periodo, chamado *periodo de Pericles*, houve devastações reciprocas: os Espartanos devastaram a Attica, e os Athenienses as costas do Peloponeso. Mas a peste desenvolveu-se em Athenas, causando muitas victimas, entre as quaes o proprio Pericles. Os Es-

partanos tomaram AMPHÍPOLIS; mas, tendo morrido BRÁSIDAS, chefe espartano, e CLÉON, generalissimo athenienses, foi assignada a paz de NICIAS, que devia durar 50 annos.

Mas um sobrinho de Pericles, Alcibíades, aconselhou os Athenienses a fazerem uma expedição á Sicília. Começou o segundo periodo da guerra, *periodo de Alcibíades*. A expedição não deu resultado. Alcibíades foi accusado de crime de sacrilegio, por haver mutilado as estatuas sagradas em Athenas (*Hermes*) e profanado os mysterios de Elêusis, e fugiu para Esparta. Aconselhados por elle, os Espartanos mandaram reforços á Sicília, e os Athenienses foram derrotados por GYLIPPO.

Por uma nova reviravolta, Alcibíades deixa os Espartanos, une-se á frota atheniense, ganha as batalhas de ABYDOS e CYSICO e retoma BYZANCIO. E' recebido triumphalmente em Athenas. Pouco depois foi novamente exilado, por ter soffrido uma pequena derrota; substituíram-no por dez generaes que alcançaram victoria na batalha das ARGINUSAS. Mas os Espartanos tinham agora um chefe illustre, LYSANDRO, e graças a elle venceram os Athenienses em EGOS-PÓTAMOS, no Hellesponto. Athenas teve que se entregar, obrigada pela fome (404), e Lysandro impôs-lhe o governo chamado dos Trinta Tyrannos.

Estava terminada a guerra do Peloponeso, que durara quasi 30 annos (431-404), é só servira para enfraquecer os Estados Gregos, facilitando o caminho para a conquista macedonia. A hegemonia voltava a Esparta.

COLONIAS GREGAS

CAUSAS DA FUNDAÇÃO DAS COLONIAS.	Sec. XII e XI — as invasões do Peloponeso. Sec. VIII e VII — as luctas civis.	
	ASIA MENOR.	ASIA MAIOR.
PRINCIPAES COLONIAS.	Na Jónia.....	Épheso. Mileto. Phocéa { que funda na Gália, Massália (Massília, Marselha). Smyrna (tomada aos Eólios)
	Na Magna Grécia	Sybaris. Crotona. Tarento.
	Na Sicilia.....	Naxos. Catania. Syracusa. Agrigento.
	Pentápole ou Cyrenaica....	Cyrene. Barca ou Barcéa. Apollónia. Teuchira. Hespéríde.
CIVILIZAÇÃO NAS COLO- NIAS.	No Egypto — Naucrátide.	
	Attingiu grande desenvolvimento. (Homero, de Chios. citando-se grandes nomes de literatos e philosophos. (Thales, de Mileto.	

Quadro synoptico

Causa: Questão das colonias gregas da Asia Menor.

GUERRAS MEDICAS

(500-449).

PERIODO DE DARIO.....

Revolta de Mileto, afinal subjugada por Darío I.

Expedição mallograda contra os Gregos.

Segunda expedição. Datis e Artaphernes. Marathona (490) Milciades.

Victoria de Athenas.

PERIODO DE XERXES.....

Xerxes invade a Grécia com um enorme exercito.

Leónidas morre heroicamente nas Thermópylas (480).

Themistocles derrota os Persas na batalha naval de Salamina.

Mardónio é vencido e morre em Platéia.

A esquadra persa é incendiada em Mycala por Xanthippo.

PERIODO
DA CONFEDERAÇÃO
DE DELOS

Aristides organiza a Confederação.

Címon derrota os Persas no Eury-medonte.

Tratado de Címon (449).

CONSEQUENCIAS.....

O mar Egeu é fechado aos Persas.

Independencia das colonias gregas da Asia Menor.

Hegemonia de Athenas na Grécia.

Quadro synoptico

GUERRA DO PELOPONESO

(431-404).

CAUSA.	{	Real: a rivalidade entre Esparta e Athenas.
		Pretexto: o auxilio prestado pelos Athenienses aos Corcyrios, revoltados contra Corintho, defendida pelos Espartanos.
PERIODO DE PERICLE: (431-421)	{	Devastações na Attica e no Peloponneso.
		Peste em Athenas. Morte de Pericles.
		Os Espartanos tomam Amphípolis.
		Morte de Brásidas e de Cléon.
		Paz de Nícias.
PERIODO DE ALCIBIADES (415-413).	{	Expedição á Sicília.
		Alcibiades foge para Esparta.
		Gylippo derrota os Athenienses.
PERIODO DE LYSANDRO (413-404).	{	Alcibiades sai do Peloponneso e une-se aos Athenienses, ganhando as batalhas de Abydos e de Cyzico. Depois entra em triumpho em Athenas.
		Tendo Alcibiades sido exilado, os Athenienses ganham a batalha das Arginusas.
		Lysandro triumpho em Egos-Pótamos e toma Athenas.
CONSEQUENCIAS	{	Segunda hegemonia de Esparta.
		Enfraquecimento da Grécia, devido ás luctas intestinas.

III

Retirada dos Dez Mil. — Hegemonia ephemera de Thebas. — Philippe da Macedonia. — Alexandre e seu imperio.

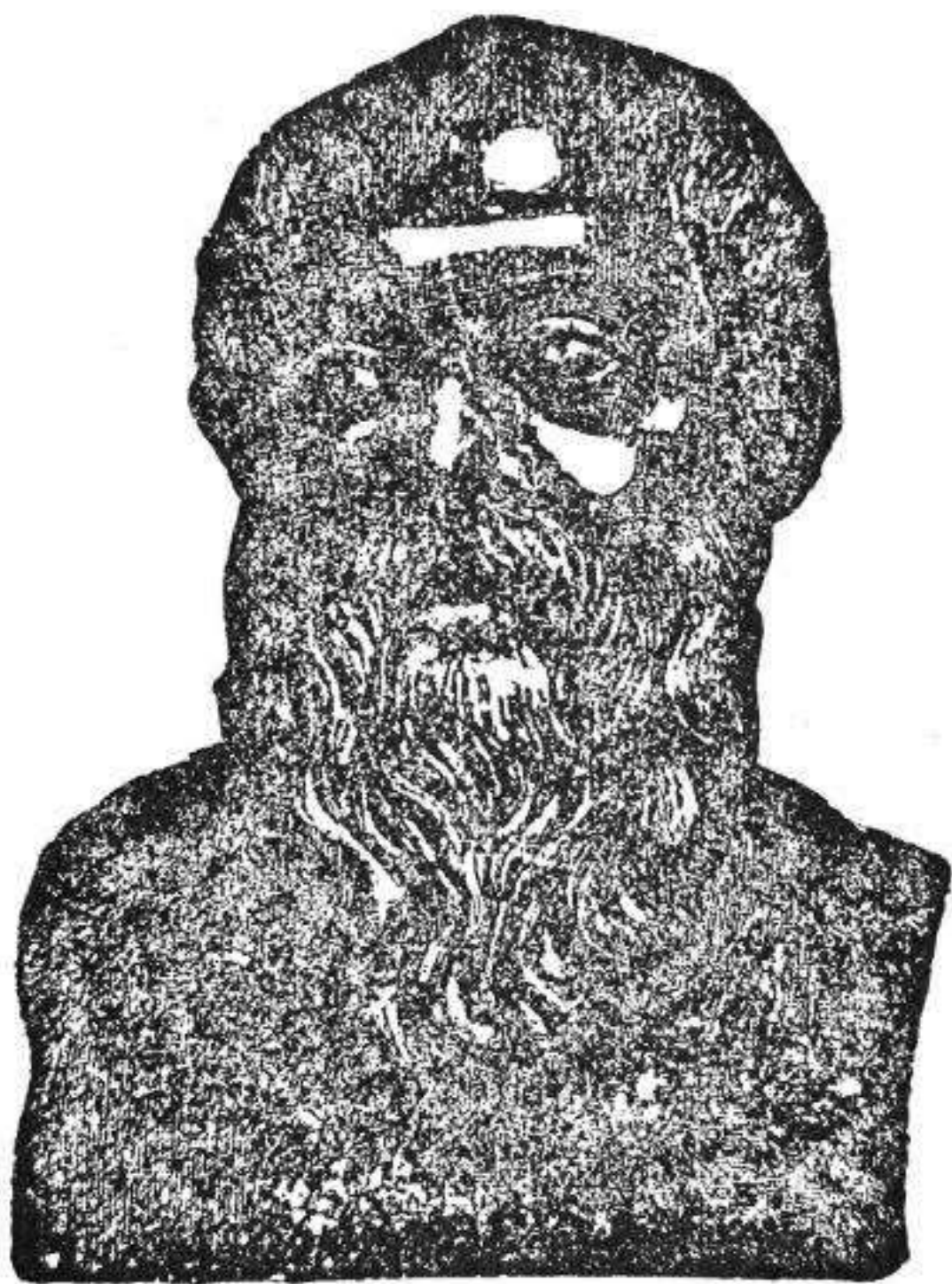
**Retirada dos
Dez Mil.**

Depois da guerra do Peloponeso Athenas ficara numa triste situação. O governo dos TRINTA TYRANNOS, instituido por LYSANDRO, praticou os maiores vexames contra os athenienses, até que THRASYBULO conseguiu entrar em Athenas, sendo os Trinta Tyrannos obrigados a fugir. Thrasybulo restabeleceu a constituição de Sólon, mas os bellos dias de gloria não mais voltaram a Athenas.

Pouco tempo depois (399) morria o illustre SÓCRATES, o vulto mais notavel dos grandes pensadores gregos, accusado de corromper a mocidade com a sua doutrina. Condemnado a beber cicuta, a sua morte foi uma das mais bellas que se conhecem.

Com a segunda hegemonia de Esparta, continuaram as expedições dos Gregos contra a Pérsia. CYRO, o Moço, governador da Asia Menor pedira auxilio aos Espartanos contra seu irmão ARTAXERXES II, MNÉMON, a quem disputava o throno. Cerca de 13.000 mercenarios gregos, sob o commando de CLEARCHO, combateram ao lado de CYRO; mas, tendo este sido morto na batalha de CUNAXA (401) e não querendo os gregos render-se aos persas, foi preciso effectuar uma retirada, que ficou celebre na historia. Xenophonte descreveu na *Anábase*, sua obra prima, essa retirada dos Dez Mil, que no meio dos maiores perigos, lutando contra todos os obstaculos, conseguiram atravessar 1.500 leguas de uma região inimiga, até voltarem para a Grécia.

A decadencia persa tambem começava irremediavelmente. AGESILAU, rei de Esparta, com 20.000 homens, preparava-se para a conquista da Pérsia, quando foi obrigado a retroceder, visto Argos, Thebas e Corintho se terem



Socrates

ligado contra Esparta. Na batalha de CORONÉA, (394) saiu Esparta victoriosa, mas foi preciso assignar com os Persas o vergonhoso tratado de Antálcidas, que lhes cedia as colonias gregas da Ásia Menor.

Todas as vantagens obtidas pelas guerras medicas estavam perdidas.. A desunião das cidades hellenicas, as rivalidades continuas, produziam os tristes fructos da decadencia.

Hegemonia ephemera de Thebas.

A corrupção quasi geral attingira Esparta, já esquecida das grandes lições de Lycurgo. Em 382, em plena paz, os Espartanos tomaram a Cadméa, fortaleza de Thebas. Era uma revoltante violação dos direitos das gentes. Gemeram os Thebanos opprimidos, até que dois heróes, PELÓPIDAS e EPAMINONDAS, resolveram libertar a patria. Organizando um corpo de tropas escolhidas — o *batalhão sagrado* — luctaram com denodo; Pelópidas venceu os Espartanos em TEGYRA, e Epaminondas ganhou a victoria de LEUCTRAS, ou Leuctra (371).

Thebas tentou dilatar a sua influencia, intervindo na Thessália. Curta, porém, foi a hegemonia thebana. Pelópidas morreu em CYNOSCÉPHALAS, em 364, e Epaminondas não tardou muito que succumbisse, em pleno triumpho, em MANTINÉA (362). Com elles desapareceu a grandeza de Thebas.

Outra supremacia, a da Macedónia, se ia estender sobre toda a Grécia.

Philippe e Alexandre.

Ainda joven, Philippe da Macedónia fôra levado por Pelópidas como refem a Thebas. Ahi educado á maneira grega, aprendeu a arte militar e pôde observar de perto as rivalidades e discordias que iam pouco a pouco enfraquecendo as cidades da Grécia. No seu espirito uma idéa tomou vulto: tornar a Macedónia um paiz forte, civilizá-la, reorganizar-lhe o exercito, dilatar-lhe as fronteiras e submeter a Grécia, agora incapaz de resistir. Tendo fugido de Thebas e conseguido subir ao throno da Macedónia, Philippe empregou na realização de seu plano a força, a astucia e o dinheiro. Creou a *phalange*, que se compunha de 16.000 homens armados de compridas lanças; subjugou a Thrácia e Illyria, mas em Athenas encontrou formidavel opposição por parte de DEMÓSTHENES, o maior dos oradores gregos. Thebas e Athenas foram logo derrotadas em CHERONÉA (338). Uma *assembléa dos Gregos*, reunida em Corintho,

deu a Philippe o commando de uma grande expedição contra os Persas, mas pouco depois foi elle assassinado em Pella.

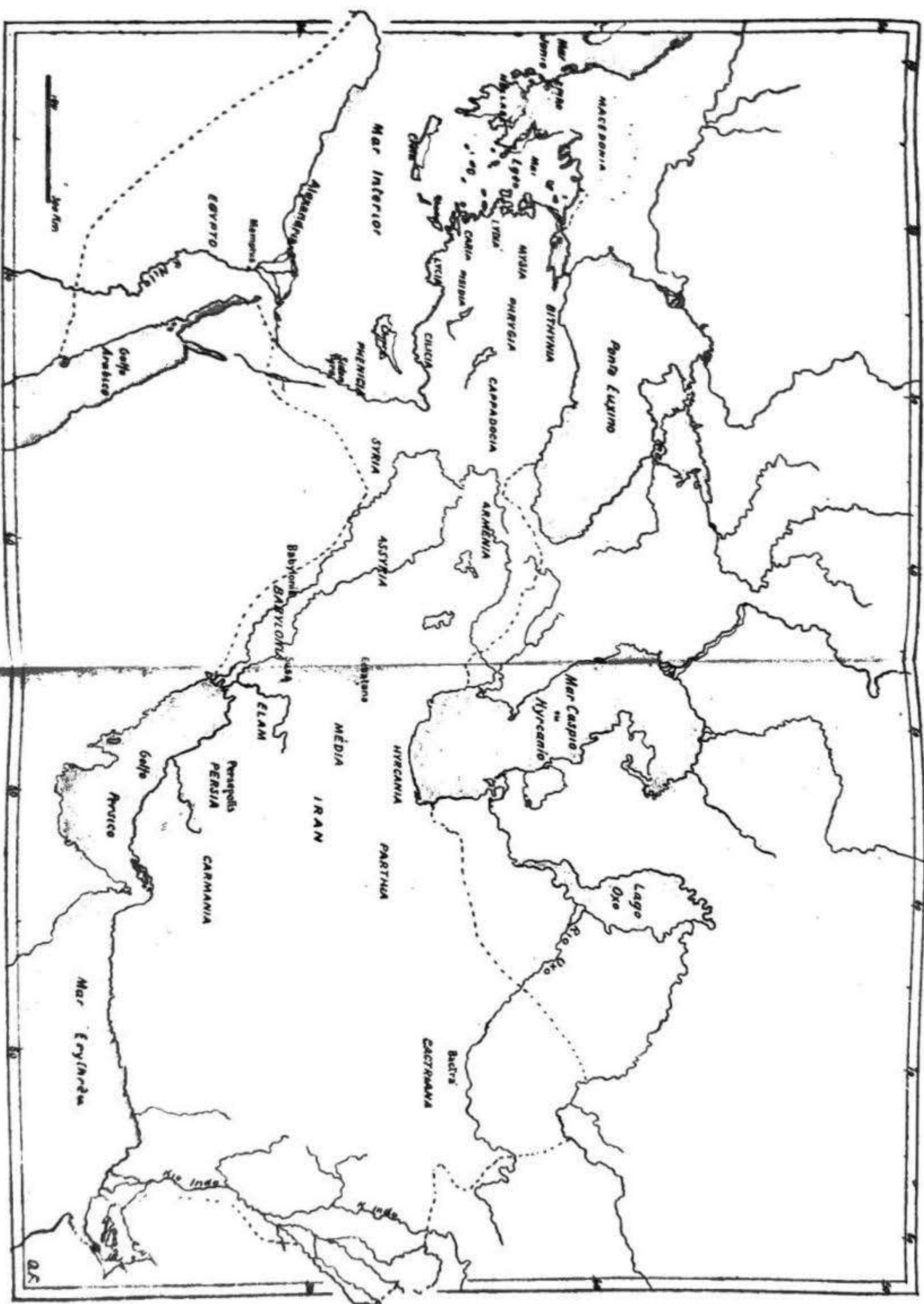
O filho e successor de Philippe II, isto é, Alexandre III, foi um dos mais illustres conquistadores da antiguidade. Educado por ARISTÓTELES, subiu ao throno com vinte annos de idade. Pacificou a Thessália, arrasou Thebas, e foi nomeado generalissimo da expedição contra os Persas. Venceu-os nas batalhas de GRANICO, ISSO e ARBELAS. DARIO III, rei da Pérsia, fugiu e morreu assassinado. Alexandre visitou Jerusalém, tomou Tyro, conquistou o Egypto e fundou ALEXANDRIA. Foi até á Índia, onde derrotou a Poro. Voltou em triumpho para BABYLÓNIA e morreu tendo apenas 33 annos.

O imperio de Alexandre era enorme. Abrangia na Europa: a Grécia e a Macedónia; na Africa: o Egypto e a Líbia; na Ásia: a Palestina, Ásia Menor, Syria, Persia, Assyria, Pendjab (Índia).

A grande extensão do imperio e a falta de um successor capaz de continuar a obra de Alexandre, trouxeram o desmembramento. Seguiram-se luctas e depois da batalha de IPSO (301) os generaes dividiram entre si o imperio; CASSANDRO ficou com a Macedónia e Grécia, SELEUCO com a Syria, e PTOLEMEU com o Egypto.

A Syria, a Macedónia e o Egypto vieram mais tarde a cair em poder dos Romanos.

Imperio de Alexandre



QUADROS SYNOPTICOS

<p>HEGEMONIA DE SPARTA</p>	<p>Libertação de ATHENAS.</p>	<p>THRASYBULO restabelece a constituição de Sólon, vencendo os Trinta Tyrannos. Morte de SóCRATES (399).</p>
	<p>Expedições dos Gregos na Ásia</p>	<p>Cyro, o Moço, pede auxilio á Esparta, contra seu irmão Artaxerxes II, Mnémon. Batalha de Cunaxa (401). Xenophonte e a retirada dos Dez Mil. Agesilau, rei de Esparta, ataca os Persas. Thebas, Argos e Corintho ligam-se contra Esparta e são vencidas em Coronéa (394). Tratado de Antálcidas (387).</p>

<p>HEGEMONIA DE THEBAS</p>	<p>Os Espartanos tomam a Cadméa em plena paz (382). Pelópidas e Epaminondas libertam Thebas. Pelópidas com o <i>batalhão sagrado</i> vence os Espartanos em Tegyra. Epaminondas ganha a batalha de Leuctras (371) e a de Mantinéa (362), em que morre. Pelópidas morre em Cynoscéphas (364).</p>
-----------------------------------	--

HEGEMONIA DA MACEDONIA

PHILIPPE II

Reorganiza o exercito macedonico e cria a *phalange*.
 Submette a Thrácia e Illyria.
 Encontra grande opposição da parte de Demósthene.
 Derrota Athenas e Thebas em Cheronéa, 338.
 Reune em Corintho uma assembléa.
 E' proclamado generalissimo da expedição contra os Persas.
 Morre assassinado em Pella, por Pausânias, 336.

ALEXANDRE MAGNO

Nasce em Pella. E' educado por Aristoteles.
 Submette a Thessália. Arrasa Thebas.
 E' nomeado generalissimo da expedição contra os Persas.
 Vence os Persas em { Granico, 334.
 { Isso, 333.
 { Arbela, 331.
 Toma Tyro. Visita Jerusalém
 Conquista o Egypto e funda Alexandria.
 Vae até á Índia e vence Poro.
 Volta para Babylónia. Morre com 33 annos, 323.

IMPERIO de ALEXANDRE

Comprehendia { Europa..... { GRÉCIA
 { MACEDÓNIA
 { Africa..... { EGYPTO
 { LÍBY..
 { Ásia..... { ASIA MENOR
 { PALESTINA.
 { SYRIA
 { ASSYRIA
 { PÉRSIA
 { PENDJAB
 Batalha de Ipsos, 301. — Desmembramento..... { Macedonia.
 { Syria.
 { Egypto.

IV

Vida privada em Athenas. — A habitação, a vida familiar, a educação, as refeições, o vestuário.

A habitação. O grego não vivia propriamente para a família, e sim para a cidade, para o estado. Orgulhava-se da magnificencia dos monumentos publicos; relativamente pouco se preocupava com o luxo domestico. Em geral as casas athenienses compunham-se de um andar terreo subdividido em dous aposentos de modestas dimensões e de um pavimento superior, ligado ao rés do chão por escada interna. As paredes eram de madeira, tijolo ou taipa, internamente caiadas. As casas ricas apresentavam quasi sempre um como vestibulo, sob a guarda de um porteiro, os aposentos dos homens — quartos e salas em torno de um pateo com portico —, e o *gyneceu*, parte reservada ás mulheres, dando para um jardim. Os moveis mais usados eram cadeiras, poltronas, tamboretas, tripodes e leitos, não raro ricamente ornados, de bronze fundido ou esculpidos em marmore ou incrustados de prata ou marfim. Os pés arqueavam-se em garra leonina. Os cadeirões tinham assentos com almofadas ou coxins. Usavam tambem cadeiras de braços. Os candelabros, de barro ou bronze, eram muito graciosos e conhecia-se o uso dos tapetes.

A vida familiar. A mulher atheniense quasi não apparecia em publico e tinha papel muito pouco importante na vida social. Encerrada no *gyneceu*, entre suas escravas, distribuia-lhes a lan por fiar, tecia ella propria as roupas, e não se mesclava ás reuniões dos homens, saindo apenas para as festas reli-

giasas. Ninguém ousaria jantar com uma mulher casada. Uma atheniense que frequentasse reuniões não seria considerada honesta. A joven recebe instrucção rudimentar: cozinha, cose, borda e canta. Casa-se conforme a vontade paterna.

A instrucção é obrigatoria para os rapazes, que dos 7 annos em diante são levados á escola por escravos especialmente a isto prepostos: os *pedagogos*. A instrucção comprehende: a) *musica*, isto é, tudo que está sob a protecção das Musas, — saber tocar cithara, lyra ou flauta, ler, escrever, contar e decorar os poetas, especialmente Homero —; b) *gymnastica*, isto é, exercicios physicos nos gymnasios, correr, saltar, atirar o disco, lutar. Aos 18 annos começava a *ephebia*, periodo de dois annos, para estudos na *Academia* e no *Lyceu* e exercicios militares nas fronteiras.

As refeições. Os Athenienses comiam em geral tres vezes por dia: o *ariston* ou almoço, ligeira collação, pão com vinho puro, pela manhã cedo; o *dipnon* ou jantar, pelo meio dia, refeição solida, geralmente carnes, legumes, fructas; e o *dorpnon* ou ceia, um pouco antes do pôr do sol. Os que exerciam profissão liberal geralmente supprimiam o jantar, sendo a ceia a refeição principal para toda gente.

Comiam os Gregos recostados em leitos dispostos em redor da mesa, apoiados no braço esquerdo e servindo-se dos dedos. Só os homens tomavam parte nos banquetes; após os primeiros pratos entravam os musicos e acrobatas; fíndas as danças e exercicios, discutiam-se questões politicas, literatura ou philosophia.

Nascimento, casamento e morte. Nomes.

A religião preside á constituição da familia antiga. Nascimento, matrimonio, honras funebres, tudo é objecto de ceremonias religiosas. Nascida a creança, apresentam-na ao pae, que lhe decide da vida ou morte, tomando-a ou não nos braços. O matrimonio com-

põe-se em geral de tres actos. O primeiro ante o altar do pae, em presença do pretendente e da familia paterna reunida para o sacrificio. O segundo acto é a ida da joven para a casa do esposo, de carro em geral, coberta de um véo e com uma coroa na cabeça. As vestes são brancas, côr usada nas ceremonias religiosas. Emfim ante o altar do marido oram e os esposos participam do bolo sagrado.

Os funeraes, muito simples em Esparta, eram em Athenas mais sollemnes. As mulheres vestiam o defunto e choravam-no. O cortejo funebre era acompanhado pelos parentes de luto e por tocadores de



Chiton dorio
do V seculo

flauta. O tumulo era cavado na montanha. Em honra aos mortos offereciam-se sacrificios e libações.

Os Gregos, pelo menos os de familia antiga e nobre, tinham tres nomes: o seu proprio, o do pae e o do *genos* ou familia (mais tarde substituido pelo do *demos* ou communa). Assim dizia-se Milciades, filho de Cimon, Lakiade. Os Lakiades formavam um *genos*.

Vestuario. O trajo primitivo dorio era o *himation*, especie de capa ou manto. Os Jonios e os Dorios dos primeiros tempos usavam tambem o



Trajo feminino
do IV seculo

chiton, tunica apertada ao corpo. Parece ter havido modificações na indumentaria por ocasião das guerras medicas. O *chiton* das mulheres era mais comprido que o dos homens e para não arrastar, arregaçava-se, prendendo-o á cinta. Para sair a mulher envolvia-se no *himation*; este, no verão, era de panno fino e leve.

O luxo feminino eram as joias: collares, brincos, braceletes. Os pés eram protegidos por sandalias.

METROLOGIA GREGA

Medidas lineares:

Dedo (dactylos)	0metro.0185
Pé	0metro,30
Covado	0metro,46
Plethro	30metro,80
Estadio	185metros,

Medidas de capacidade para solidos:

Medimno	52litro,53
Chenice	1litro,09

Medidas de capacidade para liquidos:

Metrete	39lit. appr.
Cotylo	0litro,27

Pesos:

Obolo	0grammas,72
Drachma	4grammas,36
Mina	436grammas
Talento	2196grammas

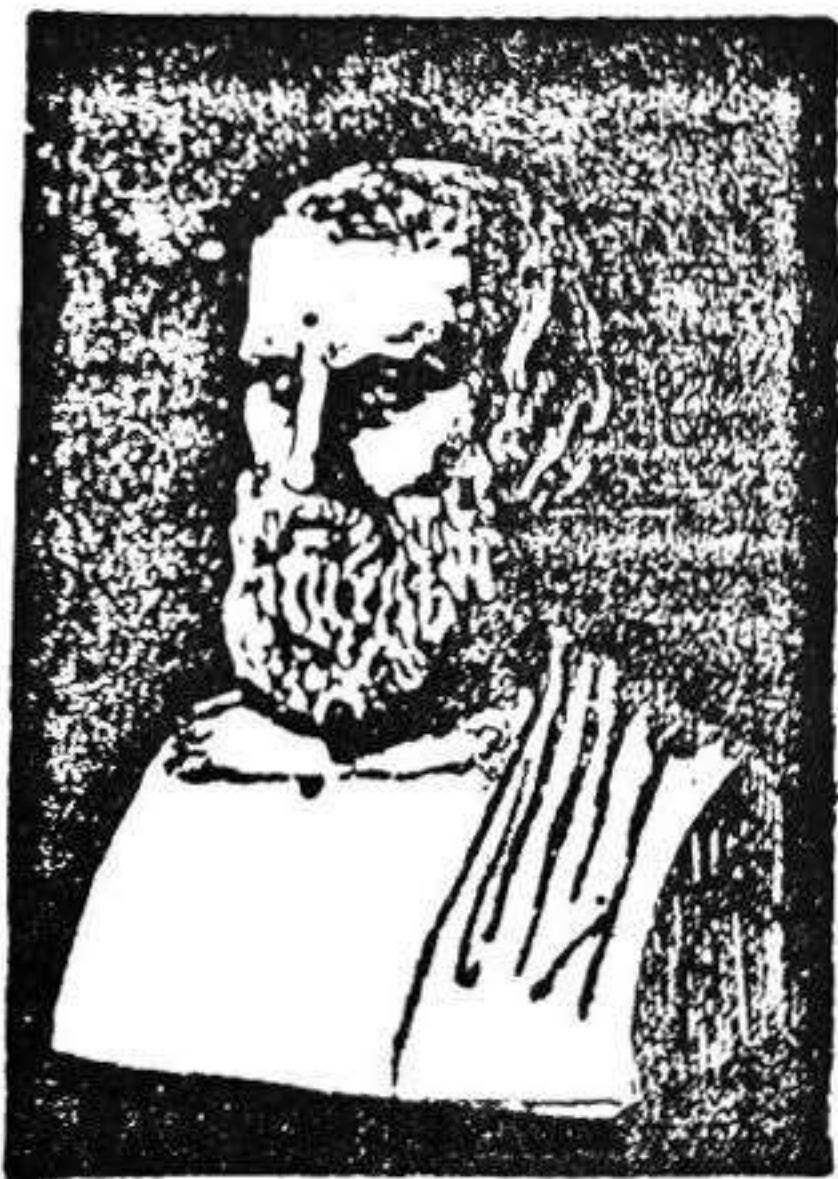
Moedas:

0francos,16
0francos,97
97francos
5890francos

V

Sciencias, letras e artes na Grécia.
O seculo de Pericles.

Solenolas. Cabe ao povo grego a gloria de haver creado a *philosophia*, que foi considerada a principio como uma *sciencia geral*, explicação dos grandes problemas da origem do mundo e do homem, da noção do bem e do mal, etc. Tres periodos se distinguem na historia da *philosophia* grega: — o periodo *ante-socratico*, isto é, anterior a SÓCRATES, e que nos depara como escolas principais, — a *escola jonica*, materialista, cujo principal vulto foi THALES de Mileto; a *escola italica*, idealista, na qual brilhou o illustre PYTHÁGORAS; a *escola eleatica*, de doutrinas idealistas exageradas e subtis, com XENOPHANES e ZENÃO de Eléa; a *escola atomistica*, materialista, com LEUCIPPO e DEMÓCRITO; e a *escola sophistica*, ou sceptica, de PROTÁGORAS. Veiu depois o grande SÓCRATES, que lançou as bases da verdadeira orientação philosophica, e teve como discipulos e continuadores PLATÃO, cognominado o *Divino*, fundador da



Eschylo

Academia; e ARISTÓTELES, o maior genio de toda a Grécia, chefe da *escola peripatetica*. No periodo *post-socratico* distinguem-se: a *escola epicurista*, de EPICURO, cujas doutrinas deram no mais grosseiro sensualismo; a *escola estoica*, de ZENÃO, com principios elevados; e a *escola sceptica* de PYRRHO.

A mathematica foi estudada, e encontram-se na Grécia nomes immortaes: taes os de THALES, já citado como philosopho, e que foi astronomo e geometra; EUCLIDES, que se consagrou á geometria; ARCHIMEDES, etc.

A medicina desenvolveu-se, graças a HIPPOCRATES, o pae da sciencia medica, celebre tambem pelos muitos serviços que prestou por occasião da peste de Athenas, no primeiro periodo da guerra do Peloponeso.

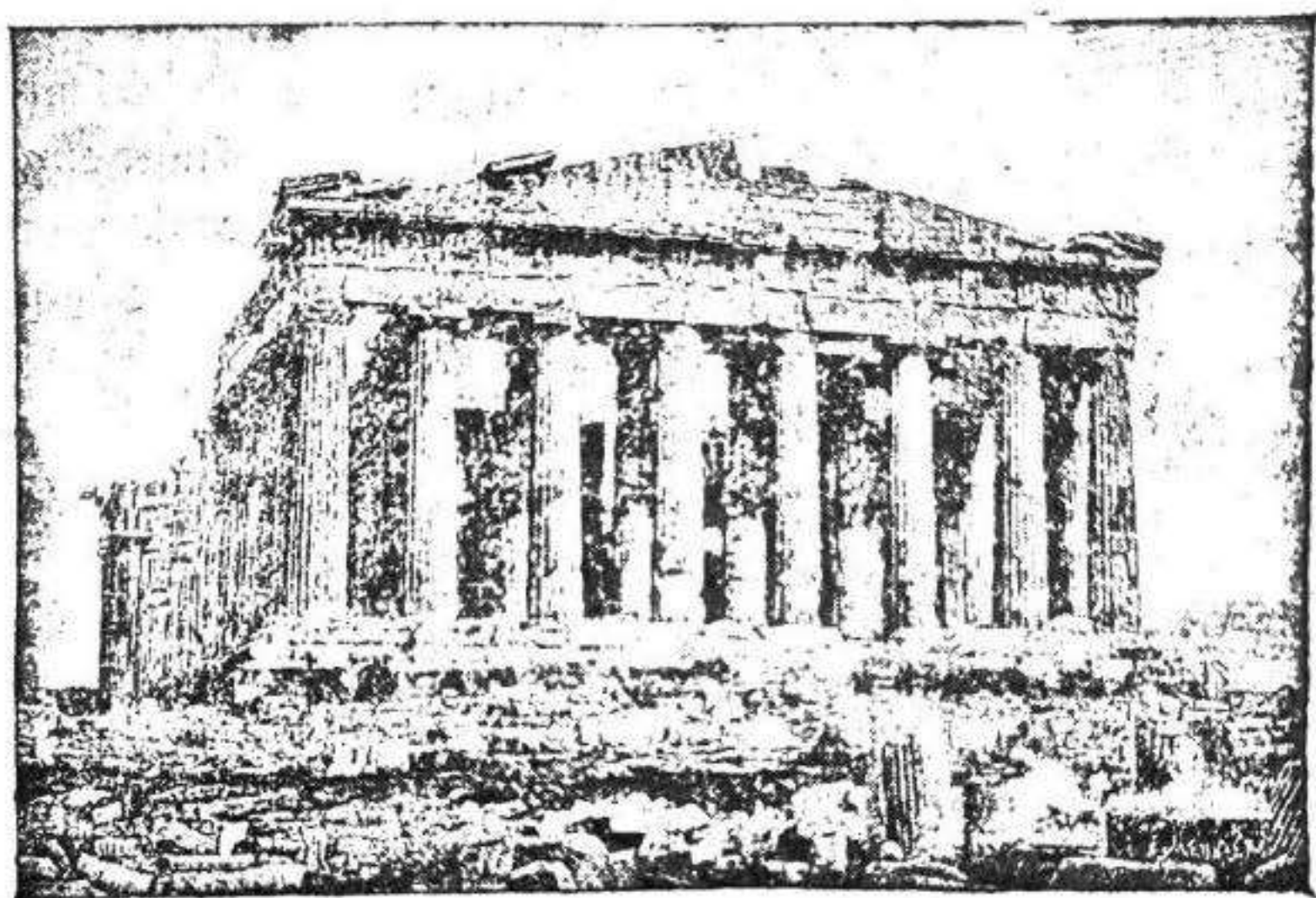
Letras. A epopéa, a poesia lyrica, a tragedia e a comedia produziram na Grécia obras primas, que ainda hoje provocam a admiração. Na epopéa distinguu-se HOMERO, cujos poemas (*Ilíada* e *Odysséa*) são modelos inexcediveis. SAPHO, poetisa, ANACREONTE e PÍNDARO consagraram-se á poesia lyrica. Na tragedia brilharam ÊSCHYLO, SÓPHOCLES e EURÍPIDES. Na comedia ARISTÓPHANES.

Na eloquencia DEMÓSTHENES excedeu a todos os grandes oradores. Na historia immortalizaram-se HERÓDOTO, THUCYDIDES e XENOPHONTE.

Artes. Nas artes sobrelevou a Grécia a todos os outros povos. Rapido e extraordinario foi o progresso artistico dos Hellenos; e, si não se pode negar que as colonias gregas da Ásia, e de modo especial as jônicas, herdeiras das civilizações egypcia e assyria, influiram na arte da Grécia propriamente dita, certo é que os Gregos foram muito mais do que meros imitadores da arte oriental, pois a todos os povos do Oriente sobrepujaram na pintura, na escultura e na architectura.

As obras primas da pintura antiga pereceram quasi todas. Pouquissimo nos resta e, como observa um historiador

competente, POLYGNOTO, ZÊUXIS, PARRHÁSIO, APELLES, os grandes mestres da pintura grega, são para nós apenas nomes immortaes, porque de seus quadros quasi nada possuímos nem sabemos ao certo. Os frescos, aliás numerosos, descobertos em Pompeia, em Herculano, em Roma e no Egypto, são, em geral, obras de pequeno valor artistico, todas posteriores á epoca do esplendor do genio grego. Essa epoca foi o quinto seculo, o chamado *seculo de Pericles*.



Parthenon

Chefe do partido democrata, verdadeiro senhor de Athenas, filho do heroe de Mycala, — Xanthippo —, consagrou PERICLES elevadas sommas a obras de embelezamento da cidade, promoveu maravilhoso surto das artes e legou-nos, entre outros monumentos admiraveis, o celebre templo de Minerva, o PARTHENON. Existira na Acrópole, ou cidadella de Athenas, um templo consagrado á deusa protectora da cidade: mas fôra destruido pelos Persas, durante as guerras medicas. Pericles o reconstruiu, auxiliado por PHÍDIAS, o maximo dos esculptores athenienses, auctor da estatua de Júpiter Olympico.

A architectura grega empregou tres *ordens* ou tres *estylas*: o *dorico*, o *jonico*, o *corinthio*, caracterizados pela forma das columnas e ornamentações dos capiteis. A ordem dorica é a mais simples e a mais antiga; a ella pertence o Parthenon. A jonica tem o capitel ornado por duas *volutas*. A corinthia, posterior ás outras, é mais rica, tendo o capitel mais enfeitado, representando um ramo de folhas de acantho.

O seculo de Pericles viu os mais illustres representantes da intelligencia grega: Êschylo, Sóphocles, Eurípides, Aristóphanes, Heródoto, Thucydides, Xenophonte, Phídias, Polygnoto, Sócrates... Pelo que fizeram, pela influencia exercida nos espiritos, pelos discipulos e continuadores que deixaram, ainda hoje nos provocam admiração e entusiasmo.

Chronologia grega.

E' provavel que os Gregos, como os povos primitivos, só distinguissem a principio o dia e a noite. Em HOMERO já se encontram referencias ás tres divisões principaes do dia propriamente dito. Na epoca dos successores de Alexandre é que se começa a considerar o nascer do sol como inicio do dia; até então era o pôr do sol, o cair da noite, que o indicava.

A divisão do dia natural e da noite em doze horas a contar do nascer do sol é de origem oriental. Segundo HERODOTO os Gregos receberam dos Babylonios os relogios solares. No tempo de Demosthenes (350 a. C. approx.) usavam-se as *clepsydras*, apparelhos que mediam o tempo pelo volume de agua que se escoava de um reservatorio.

O mês grego era lunar, e tinha alternadamente ora 29 ora 30 dias. Dava isto ao anno 354 dias. De 8 em 8 annos intercalavam-se 3 mezes plenos de 30 dias para estabelecer o accordo com o anno solar.

Para designar os annos, dava-se-lhes em Athenas o nome do archonte *eponymo*; em Esparta o do principal ephoro. Do III sec. a. C. em diante os escriptores alexandrinos adoptaram a era das *Olympiadas*. A data inicial é 776 antes de Christo; como os jogos olympicos eram celebrados de 4 em 4 annos, o anno

776 é o 1º de 1ª olympiada (OL. I, 1); e como a celebração delles era em julho, a regra para o calculo da correspondencia dos annos das olympiadas em annos anteriores á era christian vem a ser: — multiplicar por 4 as olympiadas *decorridas*, sommar os annos *decorridos* complementares, e subtrahir o total de 776, si o facto occorreu no outomno ou no inverno, e de 775, si na primavera ou no verão.

Ex.: batalha de Salamina, OL. 75, 1,
Logo: $74 \times 4 = 296$; $776 - 296 = 480$ a.
C. Não se somma o anno 1º da 75ª
Olympiada porque ainda não decorrera
todo; e multiplica-se 4 por 74, porque
74 são as olympiadas decorridas. Sub-
trai-se de 776 porque o facto occorreu
no outomno.

**Apreciação final
sobre
a civilização grega.**

Grande e bello foi o papel dos Gregos na historia da humanidade.

O rude mas heroico patriotismo dos Espartanos, encarnado em Leónidas, o heroe das Thermópylas; o esforço dos Athenienses, luctando pela victoria da democracia; as altas lições moraes de Sócrates, de Platão e de Aristoteles; os poemas de Homero, modelos literarios inexcediveis ainda hoje; os primores artisticos, e os ousados vãos philosophicos do genio grego, tudo mostra bem claro o que foi esse povo, e quanto lhe deve a civilização.

A sua historia é uma lição eloquente. Porque os Gregos caíram victimas dos excessos de uma liberdade que não souberam conter em justos limites, enfraquecidos pelas rivalidades e luctas civis. E todo o esplendor intellectual do seculo de Pericles, ao lado de enorme decadencia moral, mostra que, nas sociedades humanas, cultura e moralidade



Estatueta
da época homérica

não são necessariamente synchronicas, e que, para forjar caracteres, se ha mister de uma força superior ás sciencias, ás letras, e ás artes. Essa força não a tiveram os Gregos: veio mais tarde, e quem a trouxe foi o Christianismo.

Apesar dessa lacuna, quanto ao lado moral da civilização, os Gregos occupam, no passado da humanidade, elevado logar, como mestres que foram de grandes verdades. Vencidos, conquistados, continuaram a dominar o mundo por suas idéas, que os Romanos assimilaram e transmittiram aos outros povos. Ainda uma vez, no exemplo da Grécia se vê que, mais forte do que a força, o que domina o mundo é o pensamento.

GRECIA - - Sciencias, Artes e Letras

PHILOSOPHIA	{	Periodo ante-socratico.	Escola Jonica (materialismo).	} Thales.
			Escola Italica (idealismo).	
			Escola Eleatica (id.exagerado).	} Pythágoras.
			Esc. Atomistica (materialismo).	
			Esc. Sophistica (scepticismo).	} Xenophanes Zenão de Eléa
SCIENCIAS ...	{	Periodo socratico.....	Sócrates.	} Protágoras.
			Platão (Academia).	
			Aristóteles (peripateticos).	
		Periodo post-socratico.	Escola epicurista. Epicuro.	} Leucippo. Demócrito.
			Escola estoica. Zenão.	
			Escola sceptica. Pyrrho.	
LETRAS.....	{	Mathematica..	Thales.	} Iliada Odysséa
			Euclides.	
			Archimedes.	
		Medicina....	Hippócrates.	} Sapho. Anacreonte. Píndaro.
ARTES.....	{	Poesia.....	Epica. Homero.	} Tragedia. { Éschylo. Sófocles. Eurípides.
			Lyrica. {	
		Theatro.	Comedia Aristóphanes.	} Demósthenees. Eschines. Heródoto. Thucydides. Xenophonte.
ARTEES.....	{	Architectura..	Estylo dorico.	} Phídias. Scopas. Polygnoto.
			— jonico.	
			— corinthio.	
		Esculptura....	Parrhásio.	} Zêuxis. Apelles.

Quadro synoptico da historia grega

Tempos primitivos	Os Pelásgios: XX-XV seculos a. C.	
	Hellenos	<ul style="list-style-type: none"> Eólios. Acheus. Jónios. Dórios.
	Colonos orientaes	<ul style="list-style-type: none"> Cécrops (egypcio) em Athenas. Dânao " " Argos. Cadmo (phenicio) " Thebas. Pélops (phrygio) no Peloponeso.
Tempos heroicos	<ul style="list-style-type: none"> Os heroes: HERCULES. Expedição dos Argonautas: JASÃO. Guerras de Thebas. Guerra de Troia: HEITOR e ACHILLES. Invasão dos Dórios no Peloponeso. 	

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS

Sparta.	Athenas.
Legislação de Lycurgo.	Legislação de Sólon.
IX seculo.	VI seculo.
Republica aristocratica.	Republica democratica.
Cidade militar.	Potencia maritima.

PERIODO AUREO: O SECULO DE PERICLES

Guerras Medicas . . .	<ul style="list-style-type: none"> Marathona (Milcíades), 490. Thermópilas (Leónidas), 480. Salamina (Themístocles), 480. Platéas (Pausânias), 479. Tratado de Címon, 449.
-----------------------	---

ESPLENDOR DAS LETRAS E DAS ARTES

Guerra do Peloponeso	<ul style="list-style-type: none"> Peste em Athenas: morte de PERICLES, 429. Paz de Nícias, 421. Expedição á Sicília: ALCIBIADES, 415. LYSANDRO: Tomada de Athenas, 404.
----------------------	--

Segunda hegemonia de Sparta..	<ul style="list-style-type: none"> Os Trinta Tyrannos. Morte de Sócrates, 400. Batalha de Coronéa, 394. Retirada dos Dez Mil. Tratado de Antálcidas, 387. Periodo de decadencia.
-------------------------------	--

Hegemonia ephemerade Thebas	<ul style="list-style-type: none"> EPAMINONDAS e PELÓPIDAS. Batalha de Leuctras, 371. " de Mantinéa, 362.
-----------------------------	--

IMPERIO GRECO-MACEDONIO

PHILIPPE submette os Gregos.—Batalha de Cheronéa, 338.
 ALEXANDRE MAGNO (336-323) e suas conquistas.
 Batalha de Ipsu, 301.—Divisão do imperio de ALEXANDRE.

ROMA

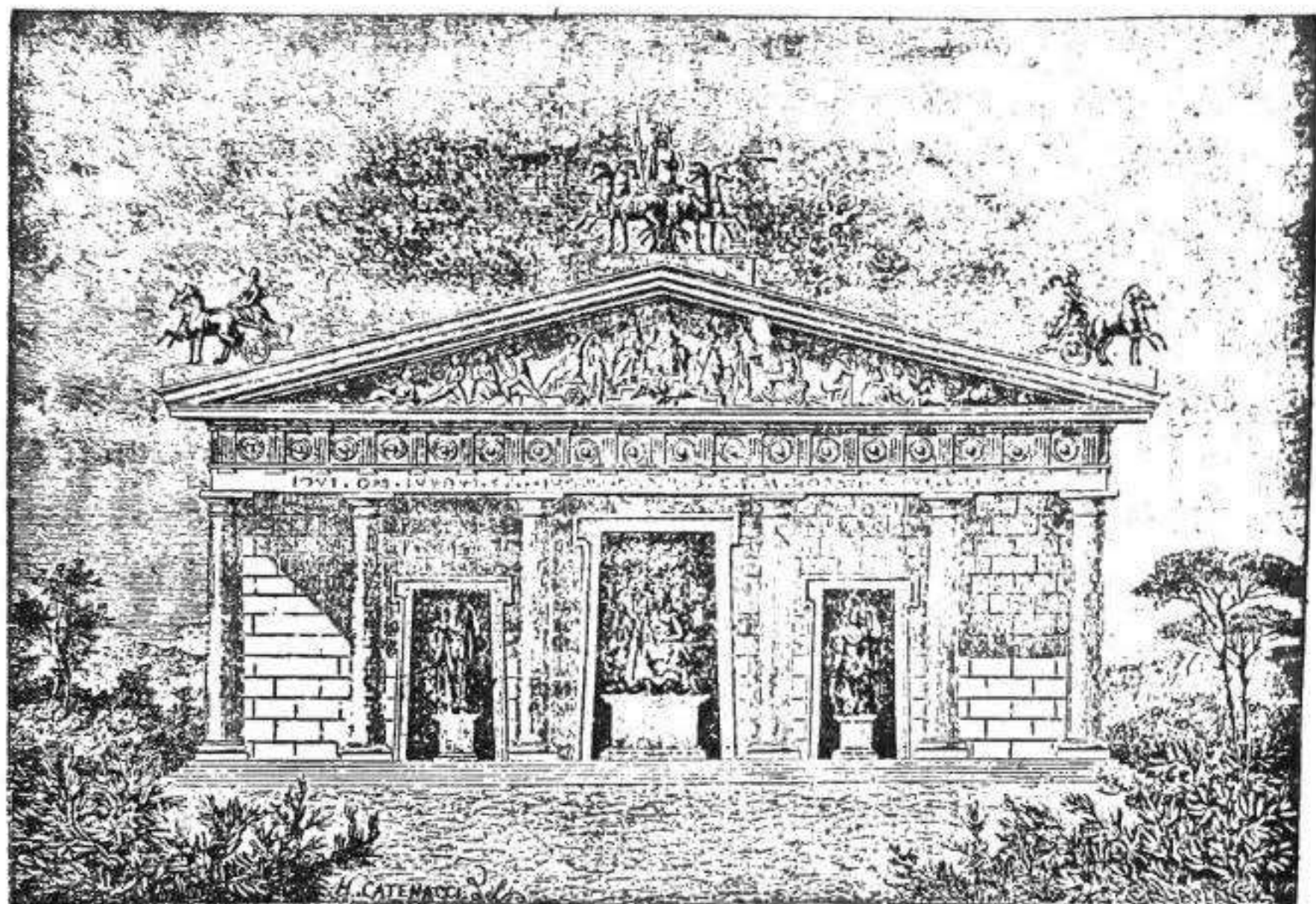
I

A Itália primitiva. — Fundação de Roma. — Successores de Rômulo. — A religião romana, os deuses, o culto.

A Itália primitiva. Limitada a L. pelo Adriático e a O. pelo Tyrrhênio, é a Itália uma das grandes peninsulas meridionaes da Europa. Percorre-a longitudinalmente a cadeia dos Apenninos; separam-na, ao N., do resto do continente, os Alpes. Além da Itália peninsular, convem notar as muitas ilhas, Sicília, Sardenha, Córsega e outras menores. A parte septentrional da Itália peninsular recebeu o nome de Gália Cisalpina; o sul, onde se estabeleceram muitas colonias gregas, foi chamado Magna Grécia. Importantes foram também na Itália antiga a Umbria, a Etrúria, o Lácio, o Sâmnio, a Campania.

Nos tempos historicos habitavam a península GAULESES, ETRUSCOS, GREGOS e ITALIOTAS. Desses povos o mais civilizado era o povo etrusco. Pouco se sabe delle ao certo. Viveu a principio no valle do Pó, donde o expulsaram mais tarde os Gauleses. Os Etruscos cultivaram as regiões da Toscana, trabalharam os metaes e possuiram importante marinha. Supersticiosos, offereciam sacrificios ás almas dos mortos para as tornar propicias, e procuravam adivinhar a vontade dos deuses pelo vôo das aves, pelo aspecto do ceo, etc. Muitas de taes superstições passaram para os Romanos.

Das colônias gregas da Itália meridional, convem notar: Sybaris, Crotona e Tarento; e na Sicília, Syracuse. Nessas cidades a civilização grega prosperou, influenciando sobre a civilização romana.



O primeiro templo de Jupiter Capitolino (reconstituição)

Na parte central da Itália viviam os Italiotas, agricultores e pastores, espalhados em varios grupos: Sabinos, Úmbrios, Samnitas e Latinos.

Fundação de Roma. A historia dos primeiros tempos de Roma acha-se envolta em tantas lendas, que difficil se torna separar a verdade nellas contida. Nem tudo porém é só imaginação nas narrativas que possuímos sobre tal epoca.

Dizem que Enéas, depois da guerra de Troia, andou longo tempo vagando em busca de um lugar onde se estabelecesse, até que enfim se fixou no Lácio. RÔMULO e REMO, filhos da vestal Rhéa Sylvia, eram descendentes de

Ascânio, filho de Enéas. Rhéa Sylvia fôra obrigada a ser vestal por Amúlio, irmão de Numitor, rei de Alba; porque Amúlio ambicionava o throno, e para o conseguir, além de expulsar o irmão, ainda tentou privá-lo de ter descendentes. Rhéa Sylvia attribuiu ao deus Marte a paternidade de Rómulo e Remo, que, segundo as lendas, havendo sido lançados ao rio Tibre, conseguiram escapar, graças a uma loba que os amamentou. Creados em casa de um dos pastores do rei, souberam mais tarde sua propria historia e reintegraram no throno de Alba a Numitor, seu avô.

Rómulo fundou a cidade de Roma no local em que elle e o irmão tinham sido salvos, junto ao monte Palatino. Declarou-a refugio de quantos a procurassem e viu a população crescer rapidamente. Como, porém, não havia na cidade mulheres, pois os povos vizinhos se recusavam a entrar em relações com os Romanos, estes deram grandes festas, para as quaes foram convidados os Sabinos. Durante o espectáculo deu-se o rapto das Sabinas. Seguiu-se uma guerra, que acabou com a união dos dois povos.

Rómulo foi reconhecido como rei, organizou a realleza e creou o senado. Um dia, durante uma tempestade, desapareceu mysteriosamente. Disceram que elle subira ao ceo e adoraram-no com o nome de *Quirinus*.

Tal é a narração, evidentemente fabulosa, a respeito das origens de Roma. Difficil é estabelecer a verdade. Parece que Roma foi uma colonia de Alba e que sua população se formou pela reunião de tres tribus latinas: *Ramnenses*, *Titienses* e *Luceres*.

Successores de Rómulo. O primeiro dos successores de Rómulo foi um sabino, NUMA POMPÍLIO. Durante seu governo foram organizadas as ceremonias do culto, reformou-se o calendario e foi construido o templo de Jano, destinado a estar aberto sómente em tempo de guerra. Numa dizia-se inspirado pela nymphá Egéria. Apresentam-no como soberano pacifico, mas, si realmente

existiu, não é de crer que fosse menos bellicoso que os outros chefes da rude população da Roma primitiva.

Depois reinou TULLIO HOSTÍLIO, em cujo reinado os Romanos atacaram e destruíram Alba. Deu-se então, segundo as tradições, o celebre episodio dos Horácios e Curiácios, que em uma de suas admiraveis tragedias o grande Corneille immortalizou.

Piedoso como Numa foi o successor de Tullo Hostílio, o sabino ANCO MÁRCIO, que dilatou até ao mar o territorio romano, fundando o porto de Ostia, construiu a prisão Mamertina, e lançou sobre o rio a primeira ponte (*Pons Sublicius*).

TARQUÍNIO PRISCO era etrusco e da Etrúria trouxe para Roma varios costumes novos: as insignias da realeza, purpura, coroa, sceptro e throno; a sciencia dos augures, que pretendiam adivinhar o futuro; a architectura etrusca, etc. Tarquínio embellezou a cidade, construiu um systema de esgotos celebre (a *Cloaca Maxima*), ergueu o Capitólio, templo de Júpiter, o Grande Circo, o mercado ou *forum* e outros monumentos. Morreu assassinado.

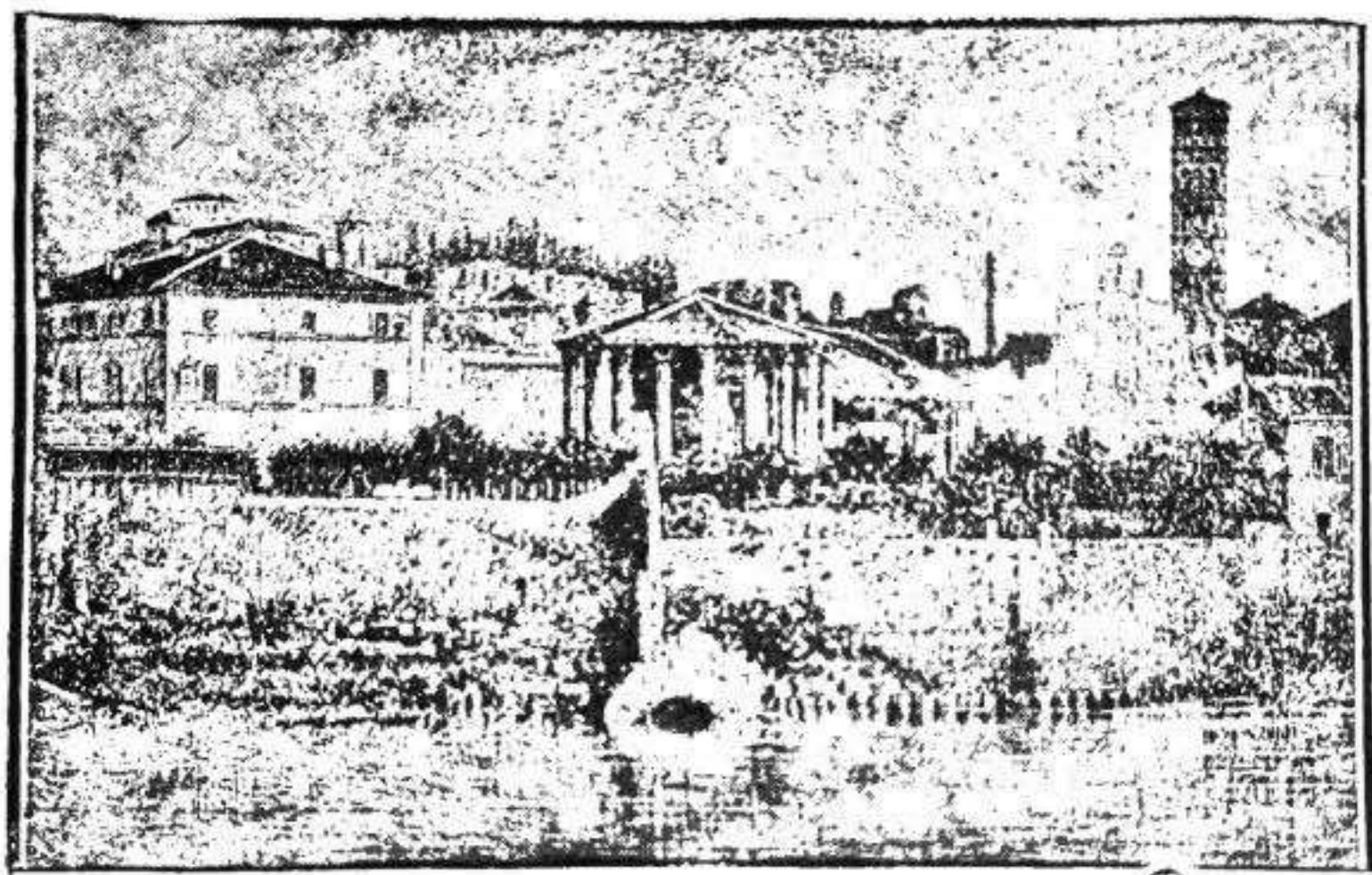
SÉRVIO TÚLLIO, successor de Tarquínio Prisco, era, segundo uns, genro delle; conforme outros, um chefe de bandidos etruscos chamado Mastarna. Foi um grande reformador. Toda a população de Roma foi dividida em classes e centurias, de accordo com as fortunas de cada um. A reforma tinha principalmente um fim militar. Havia seis classes e 193 centurias.

Classes	Censo em asses	Centurias
1	100.000	98 (das quaes 18 de
2	75.000	22 cavalleiros ou
3	50.000	20 equites).
4	25.000	22
5	11.000	30
6	<i>Proletarii</i>	1

As reformas de Sérvio Túllio discontentaram a classe dos patricios, porque tinham caracter democratico. Sérvio

morreu assassinado, victima de uma de suas filhas e de seu genro Tarquínio.

Tendo subido ao throno por um crime, TARQUÍNIO o SOBERANO exerceu a tyrannia, opprimindo o povo. Combateu os Volscos e continuou os trabalhos começados por Tarquínio Prisco. Um crime commettido por seu filho Sexto provocou a revolução que, chefiada por Bruto e



O Tibre e a cloaca Maxima

Tarquínio Collatino, expulsou os reis e proclamou a república (509 a. C.).

A religião romana, os deuses, o culto. Em Roma, como na Grécia, encontramos, além do culto de divindades proprias de cada lar, de cada familia, de cada *gens*, consideravel numero de deuses e deusas superiores, cujo culto estava a cargo de confrarias religiosas (*Fratres aruales*, *Salii*, etc.) e do collegio dos Pontifices, cuja fundação é attribuida a Numa Pompílio. No periodo da realeza eram os reis que presidiam o collegio dos Pontifices; mais tarde coube tal funcção ao *pontifex maximus*, *vitalicio*, verda-

deiro chefe da religião. Os *Augures*, os *Auspices*, os *Aruspices* prediziam o futuro, já pelo canto, já pelo vôo das aves, ou então pelo exame das entranhas das victimas offercidas em sacrificio. Os



Vestal

Feciaes eram encarregados de declarar a guerra e celebrar a paz. As *Vestaes* velavam pela conservação do fogo sagrado, que ardia em honra a *Vesta*, protectora do Estado de Roma; eram obrigadas a conservar a virgindade e gozavam de muita consideração. Os grandes deuses eram: Jano, Júpiter, Juno, Minerva, Ceres, Vénus, Marte, Mercúrio, Neptuno, Vulcano, Apollo, Vesta, Saturno. Diferentes virtudes e forças moraes foram divinizadas: a Piedade, a Boa Fé, a Paz, a Fortuna.

Os Romanos nunca se elevaram a altas cogitações theologicas. A parte mais importante da religião era o culto: entre deuses e fieis como que havia um contracto, offerecendo os homens sacrificios ás divindades e estas em troca protegendo os homens. Immolavam-se animaes nas cerimoniaes do culto, ou então, com mais frequencia, offereciam-se libações de vinho, offer-tas de fructos, bolos, etc. Havia alguns dias especialmente consagrados ao culto e feriados.

A religião primitiva dos Romanos soffreu muitas alterações com a importação de divindades estrangeiras. Por fim o Pantheon, grande templo de Roma, chegou a conter uns 30.000 deuses.

ROMA — Tempos primitivos. A realeza.

ITALIA ANTIGA..... { **GALLIA CISALPINA:** Ligúria, Gália Transpadana e Cispadana, Venécia.
ITÁLIA CENTRAL: Etrúria, Úmbria, Sabínia, Lácio, Sâmaio, Campânia.
MAGNA GRÉCIA: Apúlia, Lucânia, etc. — Colonias gregas. Tarento.

POPULAÇÕES PRIMITIVAS.....

{	Etruscos.
{	Celtas ou Gauleses.
{	Italiotas (Latinos, Úmbrios, Sabinos, Samnitas, etc.).
{	Gregos.

▲ REALEZA.....

{ Fundação de Roma: Rómulo — 753 a. C.

{ Successores de Rómulo.....

{ Numa Pompílio.
Tullo Hostílio.
Anco Márcio.
Tarquínio Prisco.
Sérvio Túllio.
Tarquínio Soberbo.

Proclamação da Republica e expulsão dos Tarquínios: 509 a. C.

II

Progresso da democracia e luta das classes. — As magistraturas. — Organização da família.

Progresso da democracia em Roma.

Duas classes principaes nos apresenta o povo romano: o patriciado, compreendendo varias *gentes*, e a plebe, que não gozava, nos primeiros tempos, de direitos politicos e era muito opprimida. O senado, que assistia o rei, no periodo da realeza, e era composto de 300 membros, só constava de patricios. Para eleger os magistrados e votar as leis os patricios reuniam-se em assembléas chamadas *comitia curiata*, conforme a antiga divisão da classe nobre em *curias*. A reforma de Sérvio Túllio modificou a primitiva organização. Todo o povo foi dividido em centurias, attendendo-se ás fortunas, e os homens validos, tanto patricios como plebeus, eram obrigados a servir no exercito na classe correspondente ás suas posses. Surgiram assim os *comitia centuriata*, que no tempo dos reis votavam a paz e a guerra e no periodo republicano elegiam os consules. As centurias eram ao todo 193, mas só as centurias das classes mais ricas tinham 98 suffragigos (18 das centurias dos cavalleiros e 80 dos infantes da primeira categoria) de sorte que os ricos ficavam com a direcção do Estado.

Expulsos os Tarquínios e proclamada a Republica, foram escolhidos dous magistrados patricios, *consules*, para governar o povo. Exerciam o poder durante um anno e cabiam-lhes as funcções judicarias e militares que outrora pertenciam ao rei. O senado, porém, resolveu que nas occasiões de grave perigo para a republica se escolheria um

dictador com poderes amplísimos. Começou então uma luta tremenda entre patricios e plebeus.

Luta das classes. Esmagados pelo peso das dividas, oprimidos pelos patricios, afinal os plebeus revoltaram-se. Tinham agora os nobres uma arma terrível contra a plebe: a dictadura. Durante seis meses o dictador substituiu os consules, com direito de vida e de morte sobre todos os cidadãos.

Era impossivel resistir, e a plebe tomou uma resolução extrema. Em massa, os plebeus retiraram-se de Roma, indo para o Monte Sagrado. Não tardaram os patricios em enviar á plebe Menénio Agrippa, que, depois de contar aos plebeus o celebre apologo dos membros e do estomago, obteve um accordo entre as duas classes. Consentiram os plebeus em voltar para Roma, exigiram, porém, uma condição: seriam creados os tribunos da plebe, *tribuni plebis*, inviolaveis, e encarregados de defender os interesses dos plebeus, graças principalmente ao direito de *veto*, pelo qual se oppunham ás decisões injustas dos patricios. Em breve os tribunos entraram a convocar a plebe para reuniões em que só ella votava, e dessa forma nasceram os *comitia tributa*, depois reconhecidos pelos patricios e autorizados tambem a fazer leis (*plebiscita*).

Foi por insistencia da plebe que se crearam, em 451, os *decemviros*, incumbidos de elaborar a primeira lei escripta dos Romanos, a famosa lei das Doze Taboas. “Apesar dos poucos vestigios que nos restam, reunindo as indicações indirectas que nos proporcionam os escriptores e os jurisconsultos da antiguidade, temos ainda bastantes dados para nessas taboas reconhecer o germen de grande numero de instituições desenvolvidas no direito posterior; podemos considerar que foram ellas sempre o fundamento de todo o direito romano... Até que ponto a egualdade juridica, ambicionada pelos plebeus, foi obtida na lei decemviral? Não conhecemos todos os matizes que, no direito anterior,

separavam uma casta da outra, nem, portanto, todas as diferenças que a lei das Doze Taboas pode ter suprimido; o que, porém, vemos é que nem na ordem publica, nem na privada, houve egualdade completa entre patricios e plebeus. Só os *patricios* continuam a ter admissão ás altas



Lictores

magistraturas... e a prohibição do *connubium* (casamento) entre as duas classes mostra que ellas ainda formavam duas raças bem distinctas”(1).

Cerca de cinco annos depois da lei das Doze Taboas os plebeus alcançaram uma grande victoria: a *lei Canuleia* permittia o casamento entre patricios e plebeus. Vendo os patricios que a plebe ia obtendo muitas medidas em seu favor, foram creando novas dignidades, para lhe resistir de modo sorrateiro; e assim foi que vieram os tribunos militares, os censores, os pre-

tores e os questores. Mas os plebeus pouco a pouco alcançaram todos os cargos, até que no anno de 302, pela *lex Ogulnia*, obtiveram as funções sacerdotaes. Era, afinal, a egualdade politica e religiosa.

As Magistraturas. Já vimos como surgiram as principais magistraturas. Os magistrados eram ordinarios e extraordinarios. A magistratura extraordinaria era a dictadura, que já conhecemos. As magistraturas ordinarias eram: o consulado, a censura, a pretura,

(1) ORTOLAN — *Histoire de la Législation romaine*, p. 124.

a edilidade e a questura. O tribuno, não era, em rigor, magistrado.

Os consules, escolhidos annualmente, presidiam o senado e commandavam o exercito. Tinham a auctoridade suprema no governo e andavam precedidos de doze lictores.

Os censores, eleitos em numero de dous, de cinco em cinco annos, organizavam o recenseamento da população, administravam a riqueza publica e velavam pelos bons costumes. Podiam desclassificar os que procedessem mal e fazer censuras áquelles que o merecessem, por meio da *nota censoria*.

Os pretores regulavam o processo e interpretavam a lei. O *praetor urbanus* resolvia os litigios entre cidadãos romanos; o *praetor peregrinus* era encarregado das questões com estrangeiros. Os pretores publicavam, entrando em exercicio, um *edicto*. Os edictos dos pretores tiveram papel importantissimo na formação do direito romano.

Aos edis cabia a policia da cidade, a organização dos jogos publicos e a conservação dos monumentos.

Encarregavam-se os questores de administrar o thesouro publico e de cobrar impostos.

Organização da familia.

A familia romana não é uma familia natural, é antes uma criação do direito quiritario. Os Romanos não ligavam a mesma importancia que nós ligamos ao parentesco natural, o do sangue (*cognatio*). "O parentesco de direito civil, o que produz effeitos civis, conferindo direitos de familia, é a agnação (*agnatio*), laço que une os cognatos da mesma familia; e a causa efficiente desse laço... é o patrio poder ou a autoridade do marido que os une, ou os uniria todos debaixo de um chefe commum, si o chefe mais antigo da familia ainda vivesse... Morra o chefe e a grande familia decompõe-se em muitas pequenas familias, dirigidas por cada um dos filhos agora independentes; o laço da agnação, porém, não se quebra, e continúa a existir entre essas varias

famílias, e a unir mesmo os novos membros que nascem" (1).

Essa autoridade paterna ou marital, diz Fustel de Coulanges, não foi propriamente a causa primeira da organização da família; também resultou, por sua vez, da religião. "O que une os membros da família antiga é algo de mais forte que o nascimento, o sentimento, a força physica: é a religião do lar e dos antepassados" (2). "Graças á religião domestica, a família era um pequeno corpo organizado, pequena sociedade que tinham chefe e governo... O pae não é apenas o homem forte que protege e tem também o poder de ser obedecido: é o sacerdote, o herdeiro do lar, o continuador dos antepassados, o tronco dos descendentes, o depositario dos ritos mysteriosos do culto e das formulas sacretas da oração" (3).

Além da família os historiadores tratam da *gens*, suppondo alguns que ella fosse uma reunião de varias famílias, extranhas a principio umas ás outras e unidas mais tarde numa só associação politica. Mas isso não é exacto. A *gens* era o conjuncto de todos os individuos que descendiam de um antepassado commum, isto é, a *gens* era a propria família desenvolvida através dos seculos e attingindo toda a amplitude que o direito lhe permittia. Prova-o, entre outros factos, o de terem os cidadãos romanos tres nomes: um *praenomen*, um *nomen gentilicium*, que designava a *gens*, e um *cognomen*; por exemplo: *Publius Cornelius Scipio*. O verdadeiro nome, *nomen*, era o da *gens*. Mais tarde accrescentou-se a esses tres nomes um *cognomen*, ou varios *cognomina* hereditarios.

(1) ORTOLAN — *Op. cit.*, p. 128.

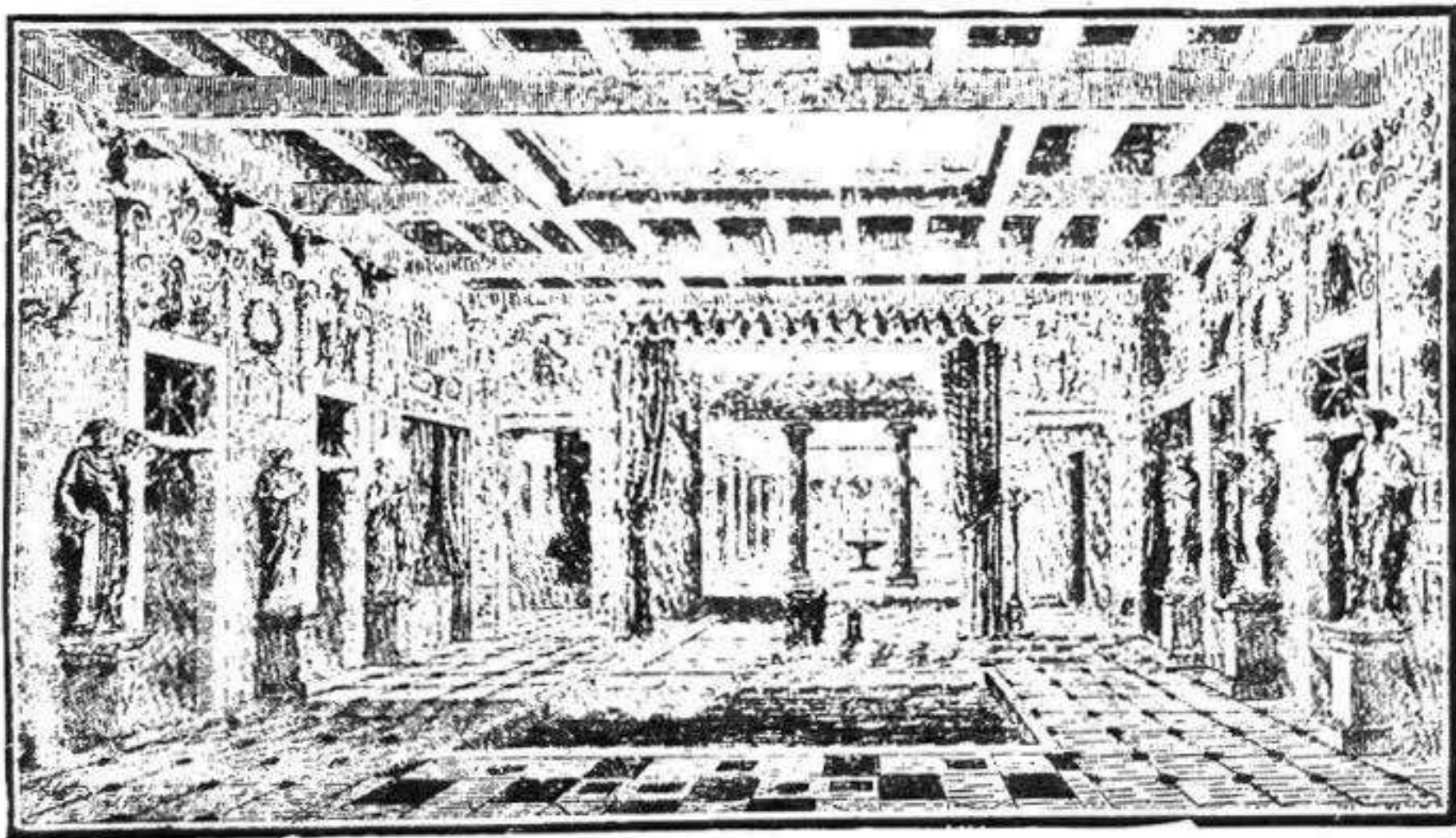
(2) FUSTEL DE COULANGES — *La Cité Antique*, p. 40.

(3) *Ib.*, p. 97 (Vejam-se p. 58-62, 110-124, etc.)

III

Vida privada dos Romanos. — A habitação. — As refeições. — O vestuário. — A educação.

A habitação. Roma foi a principio uma simples reunião de cabanas. Com os Tarquínios começou a ter ares de cidade. Após a invasão dos Gaulêses teve melhor aspecto em sua reconstrucção. Mais tarde, com as con-

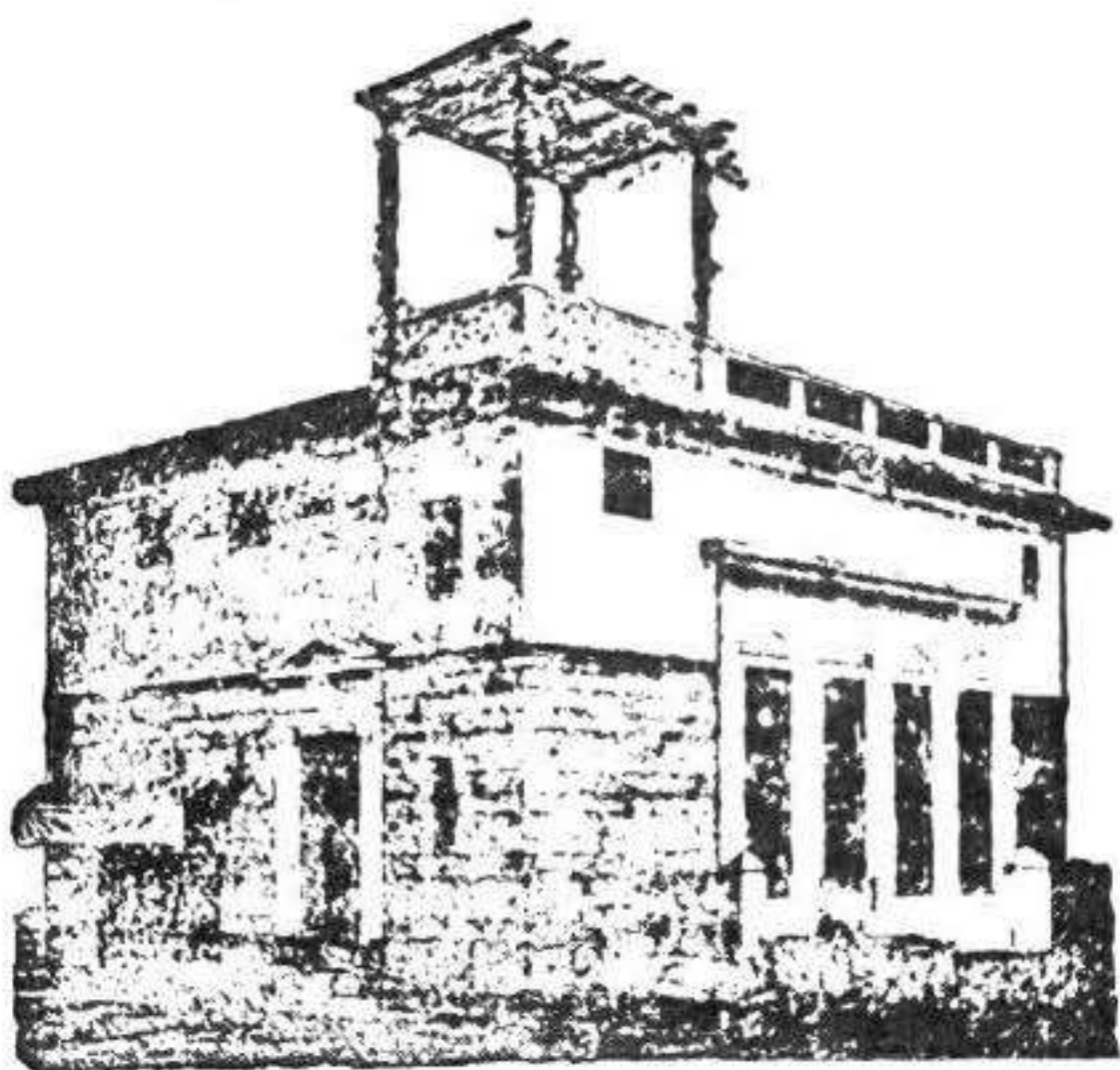


Aspecto interior de uma habitação romana

quistas, e graças principalmente a Augusto, chegou a ter aspecto monumental.

A casa romana compunha-se de um pateo ou *atrium*, precedido de um vestibulo. Em torno do atrium, um portico semelhante ao claustro dos nossos antigos mosteiros. Após o *atrium*, o *tablinum*, sala em que se recebem os cli-

entes e gabinete de trabalho do chefe da família. Nas grandes casas ha tambem, além dos quartos de dormir (*cubicula*), o *sacrarium* ou oratorio dos lares, uma pinacotheca, e *triclinia*, ou salas de jantar. Ao fundo, cozinhas e banheiros. As casas tinham de 3 a 6 pavimentos e eram muito solidas. Tinham poucas janellas para fóra, devido aos Romanos não conhecerem o uso das vidraças, a não ser na epoca de Theodosio (IV sec. depois de C.). Os apo-



Aspecto exterior de uma habitação romana

sentos não eram muito amplos e continham poucos moveis. Os Romanos ricos possuiam em geral esplendidas casas de campo ou *villae*.

Refeições. Como os Athenienses, costumavam os Romanos comer tres vezes ao dia: a primeira refeição — *jentaculum* — de manhã ao levantar, o almoço ou *prandium* pelas onze horas e o jantar ou *cena* pelas tres horas, refeição principal. A principio sobrios, contentando-se com o *pulmentum*, especie de papas, tornaram-se depois grandes apreciadores de boas iguarias, com luxo



A toga

mulheres usavam sobre a pelle, a *tunica* propriamente dita, commum aos dois sexos, com ou sem mangas, e a *toga*. Todas estas peças eram de lan, obrigando a banhos frequentes, nos primeiros tempos no Tibre e mais tarde em magnificas *thermas* publicas. A toga era uma grande ellipse de panno, de 4 metros e meio de comprimento e 3 de largura. Privativo dos cidadãos, interdicto a estrangeiros e escravos, é o trajo pelo qual se distingue a elegancia do patricio.

oriental. Reclinados em leitos macios em torno ás mesas, no *triclinium*, apoiavam-se no braço esquerdo e comiam com a mão, usando ás vezes de colheres.

Mais tarde ainda accrescentaram uma refeição nocturna, a *comissatio*, quasi sempre banquete desregado, á luz de candelabros ou lampadas de azeite.

Vestuario. Tres eram as peças principais da indumentaria romana: o *indusium*, especie de tunica de lan, que as



Matrona de stola e palla

As damas, em vez da toga, usavam a *stola*, vestido comprido de varias cores, com mangas e apertado na cintura. Ao sair envolviam-se na *palla*, especie de



correspondente ao chale ou manto *himation* grego. As Romanas usavam e abusavam de joias e pinturas.

Os adolescentes patricios usavam a toga *pretexta*, raiada de purpura, até aos 17 anos. Tomavam então a toga viril e isto era uma festa de familia

Trajos de mulheres romanas

A educação romana.

Em Roma a mulher já tem um papel mais importante que na Grécia. Está mais associada á vida do marido, cercam-na de respeito, é a *matrona*. Não está confinada no gineceu, toma parte nas refeições e nas festas. Geralmente lhe cabe educação dos filhos até que comecem a frequentar a escola.

Ahi os meninos aprendem a ler, escrever e contar sob a direcção de mestres rigorosos. A punição é frequente e severa. Os ricos têm professores em casa.

Como o Romano se prepara principalmente para ser orador e tomar parte na administração do estado, deve estudar bem a Lei das Doze Taboas, os poetas gregos e os bons autores latinos.

ROMA.—A Republica. Evolução democratica

Sociedade romana { patricios. — Tendo todos os direitos civis e politicos. (Clientes: sob a protecção dos patricios.)
 { plebeus. — Sem direitos, incapazes de occupar as magistraturas. — Não podiam legalmente constituir familia.

Luta das classes: 496-302

MAGISTRATURAS	CREAÇÃO	ACCESSIVEIS A PLEBE
Consulado	509	366
Dictadura	496	356
Censura	443	351
Pretura	366	337
Edilidade curul	365	364
Questura	509	421
O Tribunato		493
Lei das Doze Taboas		450
Lei Canuleia (casamento)		445

Os plebeus obtêm as funcções sacerdotaes (lex Ogulnia, 302)

Magistrados	{ ordinarios { consul. censor. pretor. edil. questor. extraordinario dictador.
Consules	{ Em numero de dous. — Eleitos annualmente. Commandavam o exercito e presidiam o senado. Andavam precedidos de doze <i>lictors</i> .
Censores	{ Em numero de dous. — Eleitos de 5 em 5 annos. Organizavam o recenseamento do povo. Administravam as finanças do Estado. Velavam pelos bons costumes (nota censoria).
Prefores	{ Regulavam o processo e interpretavam a lei. O <i>prætor urbanus</i> — resolvia os litigios entre cidadãos romanos. O <i>prætor peregrinus</i> — resolvia os litigios com os estrangeiros. Publicavam, ao entrarem em exercicio, um edicto
Edis	{ Exerciam a policia da cidade. Organizavam os jogos, cuidavam dos monumentos publicos.
Questores	{ Encarregavam-se de administrar o thesouro publico, cobrar impostos, etc.
Dictador	{ Geralmente nomeado por um dos consules. Exercia as suas funcções só por 6 m-seas. Tinha direito de vida e de morte sobre os cidadãos.
Tribunos	{ Não eram propriamente magistrados. Eram inviolaveis. — Tinham o direito de veto. Eram a principio 2 ou 5; depois 10.

IV

**Arte militar dos Romanos das guerras punicas em de-
ante. — A conquista e sua organização. — As pro-
vincias. Os vencidos e os escravos.**

As primeiras guerras. Roma conseguiu dominar pelas
armas todo o mundo conhecido.
Cumpre-nos, pois, dizer do exercito romano e da sua orga-
nização.

Pouco sabemos da arte militar dos Romanos nos pri-
meiros tempos. Só a conhecemos bem do II sec. em deante,
Já contra os Sabinos, já contra os Etruscos, ora com
os Equos, ora com os Volscos, teve Roma de lutar desde
os primeiros seculos. A principio, porém, os homens reu-
niam-se segundo as *gentes*, armando-se á propria custa;
e só os ricos combatiam a cavallo. Por occasião do cerco
de Veios estabeleceu-se o soldo (*stipendium*) (405). Já a
reforma militar de Sérvio Túllio tinha modificado o pri-
mitivo systema, repartindo o povo conforme as fortunas.

No sec. II reina a egualdade entre os cidadãos. Aos
guerreiros fornece o Estado armas e paga soldo; comtudo
os proletarios são excluidos do exercito.

A legião. Compunha-se o exercito romano de *legiões*, cor-
pos de 4.000 a 6.000 homens, subdivididas em
cohortes, e estas em tres *manipulos*, de duas *centurias* cada
um. Trezentos cavalleiros escolhidos acompanhavam cada
legião. As legiões eram commandadas por *tribunos militares*
(cada centuria por um *centurião*). O general ou *dux* com-
mandava o exercito.

Entrando para a legião, o guerreiro dava juramento de obedecer ao general e de nunca abandonar a sua bandeira. A falta de observancia das regras da disciplina era rigorosamente punida e, graças a isso, Roma causou admiração aos proprios inimigos.

O legionario, soldado regular, tinha por armas defensivas: o capacete, a couraça, o escudo: e como armas offensivas: a espada e o dardo (*pi-lum*). Os *velites* eram soldados de infantaria armados á ligeira.

Cada legião comprehendia tres linhas de soldados: *hastati*, *principes*, *triarii*; estes ultimos levavam lanças (*hastae*).

O campo.

Quando o exercito em marcha precisava fazer alto para repousar, os soldados erguiam uma como fortaleza provisoria. Consultados os auspices (nisso, como no mais, grandemente influiu a religião), desenhava-se um grande rectangulo, protegido por entrincheiramentos formados por um fosso e uma palissada. As tendas dos soldados eram dispostas em ruas parallelas. A' frente, a do general (*praetorium*).

A artilharia constava de machinas para lançar pedras ou dardos: balistas, catapultas, etc.



Soldado romano

**As primeiras guerras.
Conquista da Itália.**

Logo após a expulsão dos Tarquínios tiveram os Romanos de sustentar uma guerra contra os ETRUSCOS. Foi nessa luta contra Porsenna, rei de Clusium, que se assignalaram Horácio Cocles, Múcio Scévola e a jovem Clélia.

Na guerra contra os EQUOS, Cincinnato, dictador, deu bellissima prova de patriotismo e desinteresse (458).

Em 395, após um cerco de dez annos, Camillo tomou a cidade de VEIOS. Mereceu tambem o titulo de segundo fundador de Roma, pelos serviços prestados durante a invasão dos GAULESES (390).

Pouco depois teve a republica romana necessidade de sustentar a prolongada guerra contra os SAMNITAS (343-290). Embora unidos aos Etruscos, Úmbrios e Gauleses, foram os Samnitas vencidos e Roma conquistou toda a Itália central. Durante a 2.^a guerra samnita deu-se o episodio das Forcas Caudinas (321).

As colonias gregas da GRANDE GRÉCIA haviam acceitado a supremacia de Roma. Tarento comtudo resistiu e chamou em seu auxilio Pyrrho, rei do Epiro. Este, graças a seus elephantes, obtem algumas victorias; mas em breve se vê forçado a deixar a Itália, e Tarento é obrigada a submeter-se (280-272).

Estava conquistada a peninsula.

**As guerras
púnicas.**

Dominada a Itália, Roma empreendeu a conquista do mundo.

CARTHAGO, colonia phenicia, tornara-se uma grande potencia no Mediterraneo, graças ao desenvolvimento do commercio e da navegação. Era uma republica aristocratica, de costumes corrompidos e egoisticos. Rival de Roma, entrou em luta com ella: d'ahi as "guerras púnicas", que se estenderam de 264 a 146.

Primeira guerra (264-241). — O verdadeiro motivo da luta foi a rivalidade entre Roma e Carthago; mas serviu

de pretexto o auxilio que os Romanos prestaram aos Mamerminos contra Hierão de Syracuse, aliado dos Carthaginienses. O consul ÁPPIO CLÁUDIO libertou Messina e, vencido Hierão, impôs-lhe aliança com Roma. Derrotaram pouco depois aos Carthaginienses os Romanos, graças ao estratagema de DUILLIO, na batalha naval de MYLAS (260). O consul RÉGULO, levando a guerra á Africa, foi desbaratado por Xanthippo, espartano ao serviço de Carthago (255). Continuava a luta na Sicília; mas a victoria das ilhas EGATES (242), obrigou os Carthaginienses a acceitar a paz dictada pelos Romanos, que assim adquiriam a preponderancia no Mediterraneo.



Anníbal

Segunda guerra (218-201). — ANNÍBAL, general carthaginês, filho de Hamílcar Barca, nutria odio mortal contra os Romanos. Provocou a guerra, cercando e tomando SAGUNTO, na Hespanha. Transpondo os Alpes em pleno inverno (219), apparece na Itália e obtem as victorias do TICINO, TRÉBIA (218) e TRASIMENO (217). Fábio Cunctator, o “Escudo de Roma” oppôs-lhe resistencia, evitando sempre batalhas campaes. Não obstante isso, Anníbal ganhou ainda a celebre batalha de CANNAS (216), derrotando completamente os consules Varrão e Paulo Emílio. Roma, por um prodigio de constancia e patriotismo, reorganiza o exercito; e finalmente (em 202) nas planicies de ZAMA, na Africa, PÚBLIO CORNÉLIO SCIPIÃO, o Africano, desbarata Anníbal.

Terceira guerra (149-146) — A prosperidade de Carthago inquietava aos Romanos, que resolveram anniquilar

tão poderosa rival. E' de todos conhecido o *Delerda est Carthago*, com que no Senado finalizava CATÃO todos os seus discursos. Sem haver verdadeiramente motivo, declarou-se a guerra. Desesperadamente resistiram os Carthaginezes por espaço de tres annos. As mulheres sacrificaram seus cabellos para se fazerem cordas. Finalmente PÚBLIO CORNÉLIO SCIPIÃO EMILIANO penetrou na cidade, que foi incendiada; e o territorio carthaginês, sob a denominação de Africa, passou a ser provincia romana.

Conquista do Oriente.

O reino da MACEDÓNIA foi submettido (de 197 a 142), depois das victorias do consul Flaminio contra Philippe V, em CYNOSCÉPHALAS, e de Paulo Emílio contra Perseu, em PYDNA.

Em 146, incendiada Corintho, foi a GRÉCIA reduzida a provincia romana.



Escravo gaulês cavando a terra

As provincias.

Vencidos e escravos.

Eram agora os Romanos verdadeiramente senhores do mundo.

As regiões conquistadas foram divididas em provincias, governadas por magistrados romanos, encarregados da percepção dos impostos. Durante a republica era costume confiar a um *proconsul* as provincias que cumpria reprimir pela força, caso se revoltassem (o *proconsul* commandava um exercito). Os *propretores* governavam as inteiramente pacificadas. Além do governador, era

nomeado um questor, encarregado do thesouro da provincia.

Algumas cidades gozavam de privilegios especiaes (*jus Latii*).

O inimigo aprisionado pelos Romanos tornava-se escravo (*servus*). Também algumas vezes a escravidão era applicada como castigo pela lei civil. O escravo não era considerado pessoa (*servi pro nullis habentur*, liv. 50, 17, 32, Dig.). O escravo que obtinha a liberdade denominava-se *liberto*; quem o libertava, *patrono*. O liberto tomava em geral o nome de seu patrono, a quem devia durante toda a vida certos serviços e obrigações.

CONQUISTAS ROMANAS

Divisão geral	{	Conquista da península italiana.	{	Guerras púnicas.
		Conquista da bacia do Mediterraneo.		Guerras no Occidente.
				Guerras no Oriente.
Conquista da Península Itálica...	{	Guerras na Etrúria (Horácio Cocles, Múcio Scévola, Clélia).		
		Guerras no Lácio (Coriolano e os Volscos, Cincinnato e os Equos, Camillo e os Veientes).		
		Invasão dos Gauleses (Brenno. — <i>Vae victis</i>).		
		Guerra do Sânnio (343-290). As <i>Forcas Caudinas</i> .		
		Guerra contra Tarento (Pyrrho, os elephantes e a batalha de Heracléa, 280).		

CONQUISTA DA BACIA DO MEDITERRANEO

GUERRAS PÚNICAS	(264-146).	CAUSAS.....	{ Rivalidade de Roma e Carthago. O interesse para os Romanos de se apode- rarem da Sicília.	
			{ Os Romanos auxiliam os Mamertinos con- tra Hierão, rei de Syracuse, aliado dos Carthagineses.	
			{ Appio Cláudio vae á Sicília, impõe a Hie- rão a alliança romana.	
		1.ª GUERRA (264-241).	{ Duílio ganha a bat. naval de Mylas (260). Régulo é batido na África por Xanthippo (255).	
			{ Victoria nav. dos Romanos nas ilhas Ega- tes (242).	
			{ A Sicília torna-se provincia romana.	
			{ Anníbal ataca Sagunto, aliada de Roma. Transpõe os Alpes em pleno inverno (50.000 inf. e 10.000 cav.).	
		2.ª GUERRA (219-201).	{ Victorias do Ticino, Trébia (218), Trasi- meno (217).	
			{ Fábio Máximo Cunctator detem Anníbal. Cannas (216). Der. de Varrão e P. Emílio. Bat. de Zama (202). P. Cornélio Scipião Vence Anníbal.	
			3.ª GUERRA (149-146).	{ Catão, o censor. — <i>Delenda Carthago</i> . P. Cornélio Scipião Africano II toma e destroe Carthago (146).
		GUERRAS NO OCCIDENTE		{ Conq. da Sicília: Marcello (a Espada de Roma) cerca Syracusa (214). Archimedes.
{ Guerras da Espanha: sublevação de Viriato, pastor dos montes Hermínios (s. da Estrella).				
{ Numância (no Alto Douro). — Scipião Emiliano (133).				
{ Primeiras conquistas na Gália Transalpina.				
{ O consul Flaminio bate Philippe III (ou V) em Cynoscéphas (197).				
GUERRAS NO ORIENTE	{ <i>A legião vence a phalange.</i>			
	{ Perseu é batido em Pydna por Paulo Emílio (168). }			
	{ Conquista da Macedonia			
	{ Tomada de Corintho: a Grécia provincia romana (146) Achaia).			
{ Antiocho III batido por Scipião Africano e Lúcio Sci- pião, o Asiático, em Magnésia (190). (Conq. da Syria)				

V

As dictaduras populares. — Sylla. — César. — A revolução e as guerras civis. — Queda da republica.

Consequencias das conquistas. As conquistas romanas originaram o luxo e a corrupção na sociedade. A aristocracia vivia na opulencia, em quanto a plebe gemia opprimida e miseravel. A classe media desaparecera e os agricultores e pequenos proprietarios, arruinados, já não podiam supportar o peso dos impostos. Dois irmãos, os Gracchos, buscaram remediar o mal e defender os interesses da plebe.

Os Gracchos. Tibério e Caio Graccho eram filhos de Cornélia, e netos de Scipião o Africano, Deu-lhes Cornélia esmerada educação, de que se souberam servir para o bem da patria. Tibério, mais velho, calmo e reflectido, foi em 134 elevado ao tribunato, e propôs logo a *lei agraria*, para que se distribuíssem ao povo as terras do dominio publico, usurpadas e exploradas pelos nobres. No Senado houve grande opposição, e por occasião da segunda eleição de Tibério para o tribunato, Scipião Nasica, seu primo, penetrou no comicio, havendo um tumulto de que resultou a morte de Tibério (133).

Caio Graccho, dez annos depois, renovou os projectos do irmão. Era mais ardente e propôs a fundação de colonias em Carthago, Corintho e Tarento, assim como distribuição de trigo aos pobres. Eleito segunda vez (122), propôs leis tendentes á egualdade; o senado, porém, por meio de Lívio Druso, tambem tribuno, para tirar a popularidade a Caio, apresentou medidas ainda mais favoraveis

á plebe. Caio não conseguiu ser reeleito para terceiro tribunato: e, accusado, retirou-se para o Aventino, onde se suicidou ou foi morto (121).

Mário. Mortos os Gracchos, os nobres continuaram a opprimir a plebe. A ambição dominava, e a corrupção já não conhecia limites.

Mário, de origem plebéa e obscura, começou a distinguir-se na guerra contra JUGURTHA, que usurpara o throno da Numídia. Entrando para o partido democrata obteve o consulado e derrotou Jugurtha. Este, prisioneiro, morreu no carcere (104). Pouco depois barbaros da Germânia, os CIMBROS e os TEUTÕES, invadiram as Gállias. Seis exercitos romanos foram derrotados, até que Mário, sendo chamado, anniquilou os Teutões em Aix, e os Cimbros em Vercelli (101). Foi então nomeado consul pela 6.^a vez e teve o titulo de 3.^o fundador de Roma.

Comtudo, a *guerra social* contribuiu para augmentar o prestigio de um rival de Mário, Sylla, chefe do partido aristocrata (90-88)

Sylla. Lúcio Sylla, da familia patricia dos Cornélios (*gens Cornelia*), servira sob as ordens de Mário na guerra contra Jugurtha. Em breve se tornaram rivaes. Durante a guerra social, Sylla, patricio, eclipsou a Mário, plebeu, e foi pouco depois encarregado de dirigir a guerra contra MITHRIDATES, rei do Ponto, na Asia. Mário, que ambitionava a direcção da guerra, faz annullar por um plebiscito o senatus-consulto que nomeara Sylla. Este busca as suas legiões da Campânia, entra victorioso em Roma e obriga os partidarios de Mário a fugir, pondo-lhe a cabeça a premio. Mário, para escapar ás perseguições, vaga pelos pantanos de Minturnas, é apanhado, foge e consegue chegar á Africa. Na ausencia de Sylla, que fôra combater a Mithridates, volta a Roma, vingando-se cruelmente dos inimigos, obtem pela setima vez o consulado e morre pouco depois repentinamente, devido a excessos (86). Sylla, vencido o

rei do Ponto, volta a Roma, sendo recebido triumphalmente (83). Começa então o periodo das "proscrições" (82). Milhares de familias foram arruinadas pelas confiscações. Roma viu correr rios de sangue. Só numa lista figuravam 700 cidadãos condemnados. Reinava o terror.

Após dois annos de dictadura, Sylla abdicou voluntariamente (79), morrendo no anno seguinte victima de seus excessos.

Pompeu.

Conjuração de Catilina.

SERTÓRIO, partidario de Mário, revoltara-se na Espanha contra Sylla. Pompeu venceu-o, destruindo os ultimos restos do partido de Mário. De volta



Cicero

da Espanha, anniquilou os exercitos de gladiadores que se haviam revoltado com ESPÁRTACO ; acabou com os piratas que infestavam o Mediterraneo e concluiu felizmente a guerra contra Mithridates (63).

Durante a ausencia de Pompeu, uma conspiração, urdida por um aristocrata ambicioso, CATILINA, pôs em grave perigo a segurança de Roma. Graças á CICERO, então consul, foram des-

cobertos os planos dos conjurados, que receberam o merecido castigo (63).

César.**O primeiro triumvirato.**

Sobrinho de Mário, Caio Julio César, da illustre *gens Julia*, nascera em Roma, diz-se, no proprio dia da victoria de Vercelli (12 de Julho de 101). Affavel, eloquente, liberal, mas ambicioso e de costumes desregados, desde cedo se tornara popular.

POMPEU, ao regressar da Ásia victorioso, julgava-se senhor absoluto; em breve, porém, se desgostara com a opposição que lhe fazia o senado. Descontente tambem se achava CRASSO, farto de sua posição secundaria, não obstante ser immensamente rico.

César soube geitosamente approximá-los, e com elles formou o chamado "primeiro triumvirato" (60).

César foi nomeado consul e recebeu o governo das Gállias por cinco annos (59). Pompeu foi escolhido para commandar o exercito de Espanha. Crasso teve o Oriente, incumbido de combater os Parthos.

César nas Gállias.

Crasso, perseguindo um inimigo que combatia fugindo, foi vencido e morto (53). César, entretanto, era muito mais feliz nas Gállias. De 58 a 50, aproveitando as discordias e rivalidades dos Gaulêses, levou a cabo a conquista que emprehendera. Só encontrou resistencia seria por parte de VERCIN-

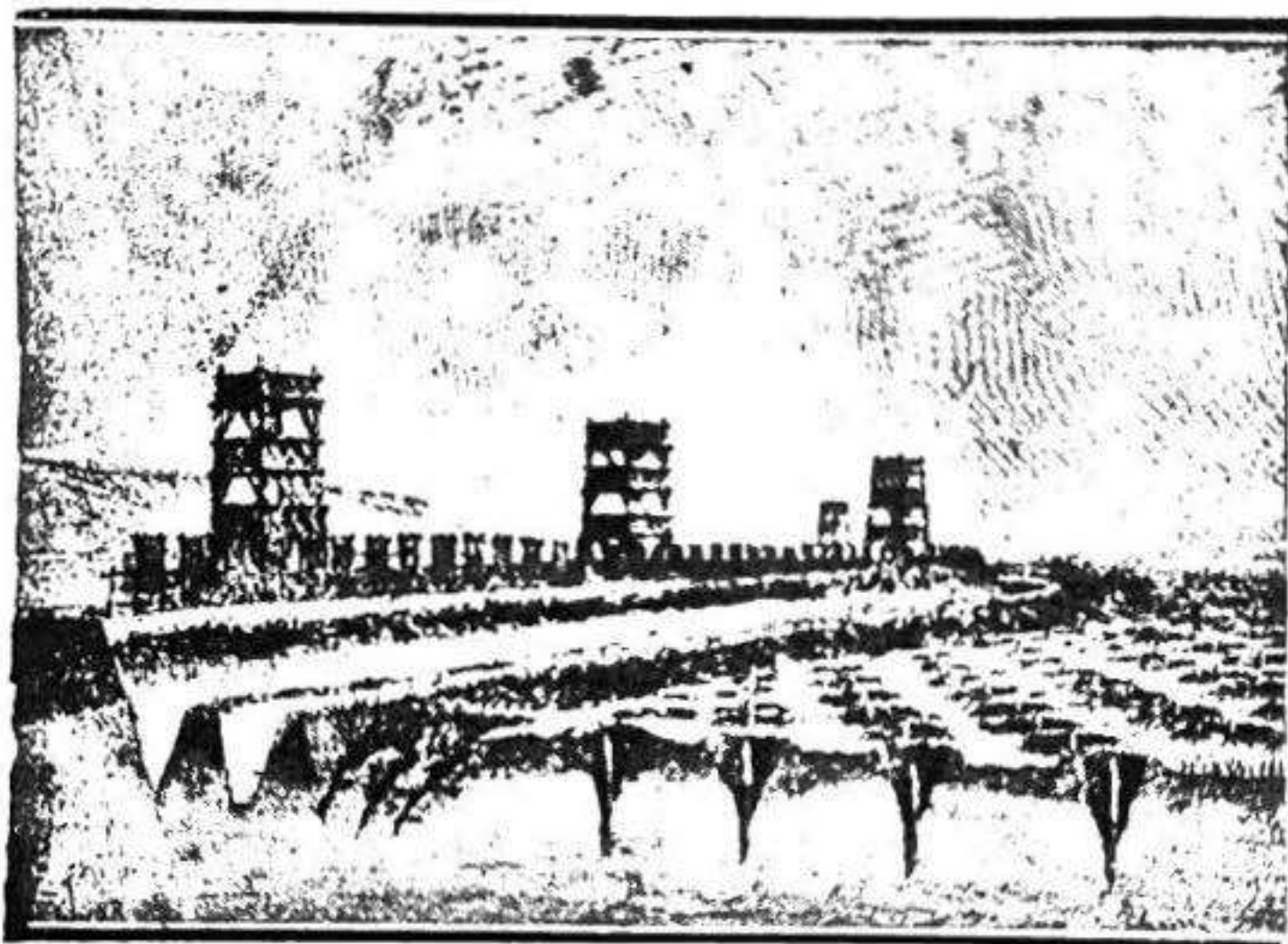


César

GETÓRIX. Tomada no entanto a cidade de Alésia, foi Ver-
cingetorix feito prisioneiro e a Gália submettida.

**Rivalidade
de César e Pompeu.**

Invejoso dos triumphos de César,
oppôs-se Pompeu a continuar elle
no governo e obteve um decreto



Obras de César no cerco de Alésia

obligando-o a licenciar o exercito. César comprehendeu o plano. "*Alea jacta est*", disse e, atravessando o RUBICÃO, marchou contra Roma (49).

Pompeu fugiu para a Grécia, mas César, restabelecida a ordem em Roma, foi-lhe no encalço, derrotando-o em PHARSÁLIA (48). Pompeu, refugiando-se no Egypto, morreu assassinado.

César, chegando ao Egypto, pune os assassinos do seu rival. Passa á Asia, vence a PHARNACES, filho de Mithridates (47) e pode escrever ao senado "*Veni, vidi, vici*". Derrota ainda o exercito dos partidarios de Pompeu em THAPSO, na Africa (46). Já senhor da Asia e da Africa, torna-se senhor do mundo pela victoria obtida na Espanha, em 45, contra o filho de Pompeu.

**Dictadura
e morte de César.**

Senhor absoluto do poder, César, nomeado dictador, empregou seus esforços em restabelecer a paz, tomando medidas favoraveis ao commercio, á industria e á agricultura. Foi reformado o calendario (*Calendario Juliano*), fundaram-se colonias, executaram-se grandes trabalhos. Mas os nobres tramaram uma conspiração, tendo por chefes CÁSSIO e BRUTO. César foi assassinado em pleno senado (44).

**Segundo triumvirato.
Queda da Republica.**

Enorme foi em Roma a consternação do povo pela morte de César. MARCO ANTÔNIO, consul, aproveitando o momento, obteve o favor da plebe, e os assassinos de César tiveram que fugir. Mas a chegada de OCTÁVIO, filho adoptivo de César, destruiu os planos de António. Ganhando popularidade e attrahindo o grande Cícero para a sua causa, Octávio atacou a António; como, porém, não obtivesse o consulado, reconciliou-se com este, e juntamente com LÉPIDO formaram o "segundo triumvirato".

Começaram então as vinganças, renovando-se as horri-veis scenas dos tempos de Sylla. A victima mais illustre foi CÍCERO, sacrificado por Octávio ás iras de António (43).

Fartos de sangue, marcharam os triumviros em perseguição dos assassinos de César, derrotando a Bruto e Cássio na batalha de PHILIPPOS, na Macedónia (42). Dividiram depois entre si o mundo, ficando o Oriente para António, e para Octávio o Occidente. Lépidio, sempre em papel secundario, teve apenas a Africa.

António, seduzido por CLEOPATRA, deixou-se ficar no Egypto, em festins e prazeres, ao passo que Octávio administrava com prudencia a Itália. Não tardaram os dois alliados a encontrar-se como inimigos: cumpria decidir quem seria o senhor do mundo. Uma batalha naval resolveu o problema. Ao norte da Grécia, perto do promontorio de ACTIUM, encontraram-se as esquadras dos dois rivaes (31).

António, vencido, suicidou-se, sendo pouco depois imitado por Cleopatra, que em vão tentara negociar com o vencedor.

O Egypto foi reduzido a provincia romana.

Obedecia todo o mundo conhecido a um só homem, do Euphrates ao Atlantico, dos adustos desertos da Africa ás margens do Danúbio e do Rheno. Fôra destruida a república e em seu logar ia-se erguer o Imperio Romano.



NOTA

O calendario romano e a reforma juliana

Entre os Romanos o anno era dividido, como entre nós, em doze meses, chamados: *Januarius, Februarius, Mars, Aprilis, Majus, Junius, Quinctilis; Sextilis, September, October, November, December*. No anno 44 a. C. Quinctilis tomou o nome de *Julius* em honra a Julio César; e em 8 a. C. Sextilis passou a ser *Augustus*, por homenagem ao imperador Augusto.

O primeiro dia de cada mês chamava-se *Kalendae* (de *calare* chamar, annunciar, porque era o dia em que o pontifice annunciava as *nonas*). A 13 ou 15 ficavam os *Idus* (*idus*, mesma raiz de *dividere*). O 5º ou 7º dia eram as *Nonae*. Só em Março, Maio, Julho e Outubro é que as *nonas* cahiam a 7 e os *idos* a 15; nos outros meses as *nonas* eram a 5 e os *idos* a 13.

Os Romanos contavam os dias recuando a partir das *calendas*, *nonas* e *idos*, e computavam no calculo o dia inicial e o termo final. Por exemplo:

O 1º de Março era *Kalendæ Martiæ*. 2 de Março era a. d. VI *Nonas Martias*, isto é *ante diem sextum Nonas Martias* = *sextum diem ante Nonas Martias*.

3	de	Março	era	a. d. V	<i>Nonas Martias</i>
4	"	"	"	"	IV "
5	"	"	"	"	III "
6	"	"	"		<i>pridie Non. Mart.</i>
7	"	"	"		<i>Nonæ Martiæ</i>
8	"	"	"	a. d. VIII	<i>Idus Martias</i>
15	"	"	"		<i>Idus Martias</i>
16	"	"	"	a. d. XVII	<i>Kalendas Aprilis</i>
31	"	"	"		<i>pridie Kal. April.</i>

Na época da república o anno normal tinha 355 dias.

De dois em dois annos accrescentava-se um mês intercalar de 22 e 23 dias alternativamente.

Em 45 a. C. Julio César reformou o calendario, admittindo o anno de 365 dias e 6 horas. Estas seis horas ($\frac{1}{4}$ de dia) formavam de 4 em 4 annos um dia a mais, que se intercalava antes do dia VI a. Kal. Martias no mês de Fevereiro, chamando-se-lhe por isso *bis sextum ante kalendas Martias*, donde a denominação usual de anno *bissexto*. Na reforma juliana havia ainda um erro de 11 minutos e 12 segundos, que em 1582 da era vulgar já produzira uma differença de 10 dias para menos. Gregorio XIII ordenou que o 5 de Outubro desse anno fosse considerado 15. Só seriam bissextos os annos seculares divisiveis por 400. Assim 1700, 1800 e 1900 não o foram, e hoje a differença entre o calendario juliano e gregoriano é de 13 dias.

CONSEQUENCIAS DA CONQUISTA DO MUNDO

Ultimos tempos da Republica

- Lutas civis** { Transformação dos costumes romanos:
Luxo, Depravação (*Catão*).
Os Gracchos (133-123).
Guerra social (90-88) (Pompéio Silo; cap.
Corfínio).
Mário e Sylla (90-86).
Conjuração de Catilina (62).
- Os Gracchos** { Tibério e Caio, filhos de Cornélia. Tibério
tribuno (133) (*Lei agraria*).
Tibério é morto por Scipião Nasica, no
Capitólio.
Caio tribuno (123) (*Lex frumentaria; lex
de civitate sociis danda*). Opposição de
Lívio Druso. Opímio consul. — Caio
morre (123).
- Mário e Sylla** { Mário vence Jugurtha (númida) (106).
Mário vence os Teutões (*Aix*) (102), e os
Cimbros (*Vercelli*) (101).
Mário 6 vezes consul.
Sylla na Guerra Social.
Guerra do Ponto (88). Lutas entre Mário
e Sylla: aquelle foge.
Mário consul (86). Morre.
Dictadura de Sylla. — As proscricções. —
Sylla abdica (79).

Pompeu extermina os gladiadores de Espártaco (70).

Cícero descobre os planos de Catilina, que é batido em Pistoia (62) por Marco António.

CONSEQUENCIAS DA CONQUISTA DO MUNDO

Ultimos tempos da Republica

(Continuação)

1º Triumvirato
(60-44)

César. — Pompeu. — Crasso.
 César nas Gallias (58-50) bate os *helvécios*, repelle os *suevos* (Ariovisto), submete os *belgas*, toma Alésia (Vercingetórix).
 Crasso morre combatendo os Parthos (53).
 César transpõe o Rubicão (49) e toma Roma. — Pompeu foge.
 César derrota Afrânio e Petreu na Espanha, e Pompeu em *Pharsália* (48).
 Pompeu é assassinado no Egypto.
 César derrota Pharnaces, filho de Mithridates, rei do Ponto (47) (*veni, vidi, vici*). Zeleia.
 Vence os pompeianos em Thapso (46) (Scipião e Catão).
 Derrota os filhos de Pompeu em Munda (45).
 César dictador. — Grandes reformas.
 Assassinio de César (44) (Bruto e Cássio)

2º Triumvirato
(43-31)

Octávio. — António. — Lépido.
 Perseguições. — Morte de Cicero.
 Bat. de Philippos (42). — Morte de Bruto e Cássio.
 António com o Oriente; Octávio com o Occidente.
 António no Egypto (Cleopatra).
 Batalha de Actium (31). — Victoria de Octávio.
 Morte de António e Cleopatra. — O Egypto provincia romana (30). — Fim da republica.

VI

Os doze Césares. — Instituições imperiaes.

Os doze Césares. O nome de César, tomado por Octávio, como filho adoptivo de Júlio César, tornou-se depois mero titulo dos imperadores e principes romanos. De Diocleciano em diante foi empregado para designar os herdeiros presumptivos do imperio, tomando os imperadores o titulo de “Augusto”, escolhendo como “César” um principe que lhes devia succeder.

Dá-se em geral a denominação de “doze Césares” a Caio Júlio César e aos onze imperadores que após elle occuparam o throno: Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Othon, Vitéllio, Vespasiano, Tito e Domiciano. Os seis ultimos foram de todo extranhos á familia de César.

**Augusto.
Estabelecimento
do Imperio.**

Na apparencia nada mudou após a batalha de Actium; de facto era Octávio quem dirigia tudo. Tendo tomado o titulo de Augusto, exercia os poderes de *imperator* (general), *princeps* (presidente do senado), censor, *summo pontifice*, tribuno, etc.; mas exteriormente subsistiam as antigas formas da republica.

No governo de Augusto gozou Roma de tranquillidade, fechando-se o templo de Jano; realizaram-se grandes trabalhos, ergueram-se magnificos monumentos, brilharam as letras e as artes. A protecção dispensada por Mecenas, confidente de Augusto, aos artistas e literatos, os nomes de VERGÍLIO, HORÁCIO e TITO LÍVIO justificam a denominação dada a esse periodo da historia de “seculo de Augusto”.



Augusto

Nesse reinado foi que se realizou o mais importante de todos os acontecimentos da historia: o *nascimento de Christo*, no anno trinta do governo de Augusto.

Quatorze annos depois do nascimento de Jesus, morreu Augusto, tendo-lhe sido os ultimos dias enlutados pelo desastre de VARO, que á frente de 3 legiões foi vencido por ARMÍNIO (Hermann), chefe dos Cheruscos, na Germania (9 d. C.).

Tibério. Calígula.
Cláudio. Nero.

Filho adoptivo de Augusto, era TIBÉRIO habil, dissimulado e cruel. Perseguiu a aristocracia, causando innumeraveis victimas, entre as quaes o famoso SEJANO, que ambicionava o imperio. No reinado de Tibério foi vingada por GERMANICO a morte de Varo, sendo Armínio derrotado (16); e deu-se a *morte de Jesus Christo*, quando governava a Judéa Pôncio Pilatos.

CALÍGULA (37-41), louco furioso, nomeou o cavallo consul, e disse desejar que o povo romano tivesse uma só cabeça para de um golpe cortá-la.

CLÁUDIO, irmão de Germânico e tio de Calígula, foi acclamado imperador pelos soldados, a quem concedeu uma gratificação (*donativum*). Foi governado pelos seus libertos Pallas e Narciso e por sua impudica mulher MESSALINA, depois condemnada.

Casando-se com AGRIPPINA, filha de Germânico, esta o envenenou para dar o throno a Nero que tivera de seu primeiro casamento (54).

NERO, educado por SÉNECA e Burrho, governou a principio bem. Não tardou, porém, a serie de crimes hediondos, que lhe tornaram o nome tão tristemente celebre. Britânico, filho de Cláudio; Agrippina, Sêneca e Burrho não escaparam á sanha de Nero, que repudiou Octávia, sua esposa, entregando-se a todos os vicios. Decretou a 1ª perseguição contra os Christãos, accusando-os do incendio de Roma, cujo autor, diz-se, fôra elle proprio. As victimas mais illustres foram os Apostolos Pedro e Paulo. Revoltaram-se



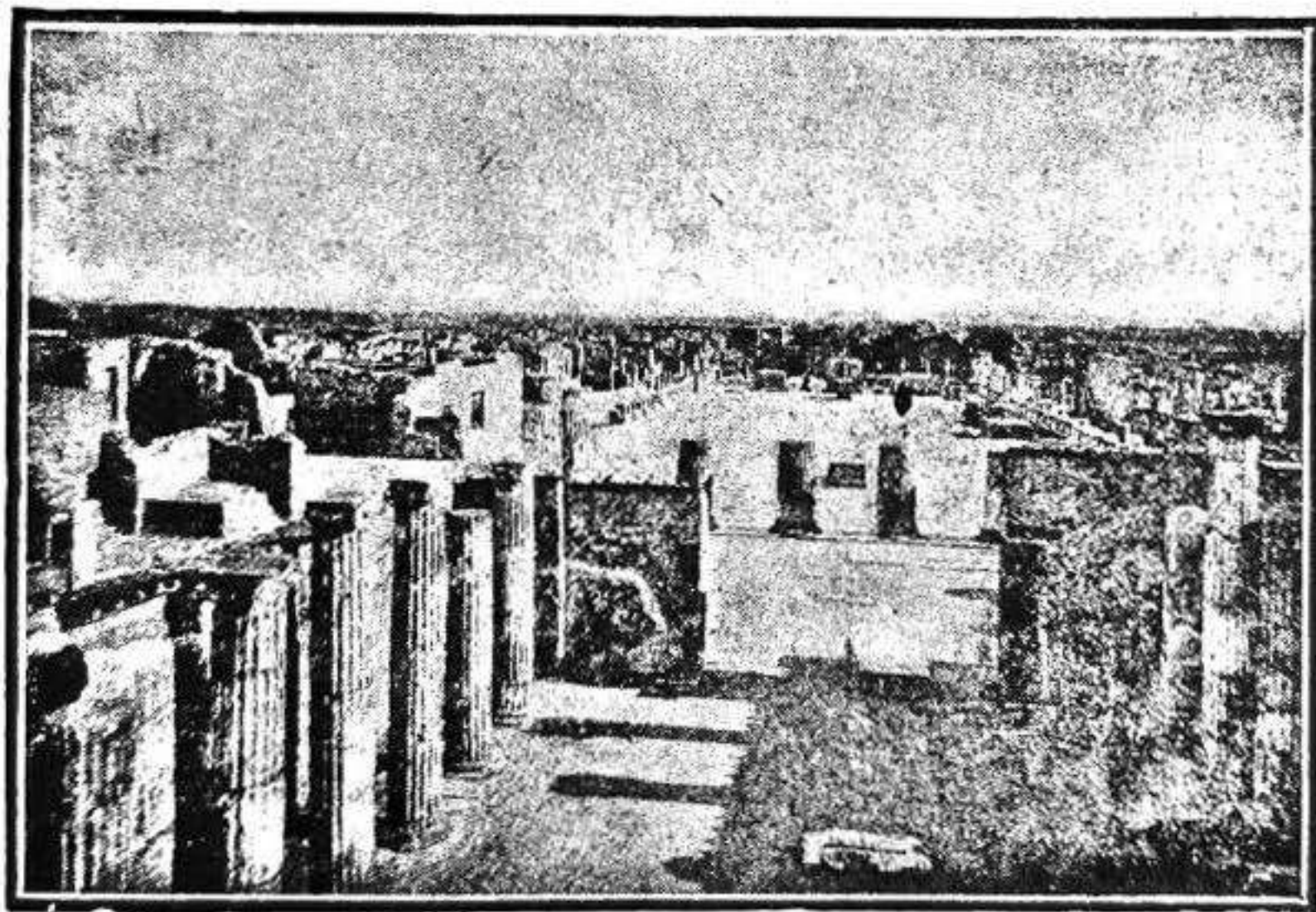
Arco triumphal de Tito

afinal os soldados das fronteiras; Galba á frente de seu exercito marchou contra Roma, e Nero, tendo fugido, suicidou-se, exclamando: "Que artista vai o mundo perder!" (68).

Successores de Nero. Os Flávios.

GALBA, acclamado pelos pretorianos (1), foi em breve assassinado por lhe recusar dinheiro.

OTHON, que lhe succedeu, pouco depois, vencido na guerra civil. VITÉLLIO, que se occupava unicamente de iguarias raras e deliciosas, inaugurou um reinado de cozinheiros.



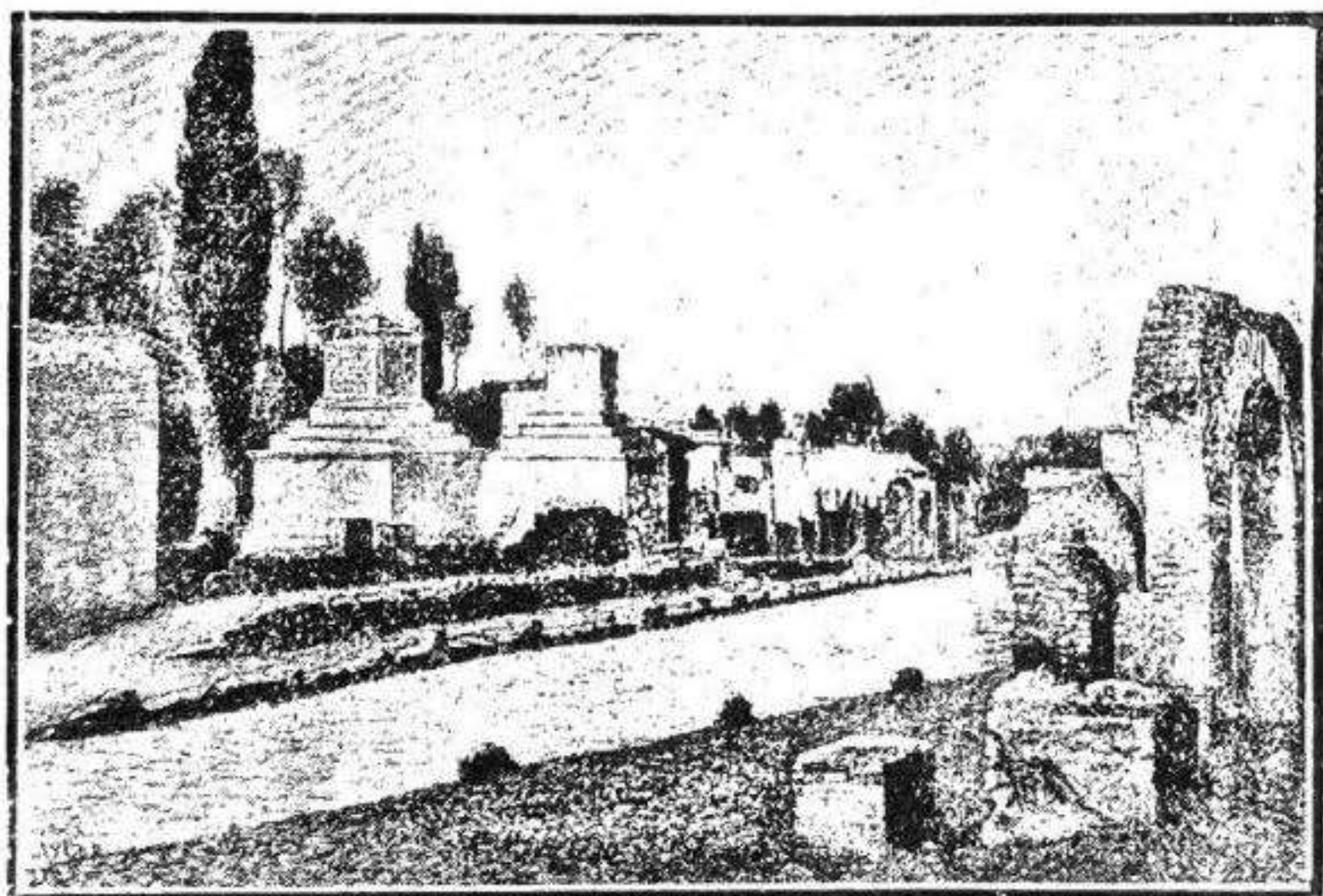
U Forum de Pompeia

Então VESPASIANO, que fôra enviado para cercar Jerusalém e reprimir uma revolta dos Judeus, foi acclamado imperador pelas legiões do Oriente. Voltou á Itália e derrotou Vitéllio, que foi morto. Recebido em triumpho, Ves-

(1) Pretorianos (de *praetorium*, tenda do general), soldados da guarda especial dos imperadores. Augusto elevara-lhes o numero e pusera-lhes á frente um prefeito, cuja auctoridade veio a ser consideravel.

pasiano restabeleceu a ordem, reparou os desastres anteriores e mostrou-se digno do governo. Encarregou a seu filho Tito de continuar o cerco de Jerusalém, que afinal foi tomada e destruída, começando a dispersão dos Judeus (70). Ergueu o Coliseu e o arco de Tito e mostrou-se inimigo do luxo, economico, talvez mesmo avarento.

TITO, "delicias do genero humano", em seu curto reinado (79-81) viu sepultadas pela grande erupção do Vesúvio as cidades de Stabia, Herculanium e Pompeia.



A Via Tumular em Pompeia

DOMICIANO, irmão de Tito, decretou a 2ª perseguição contra os Christãos, recomeçando as loucuras de Nero e Calígula. Convocou o senado para deliberar sobre um molho para peixe. Morreu assassinado (96).

Com Domiciano extinguiu-se a dynastia dos Flávios, que havia começado com Vespasiano.

Os Antoninos. Serie de imperadores adoptivos, os Antoninos governaram bem, excepto o ultimo.

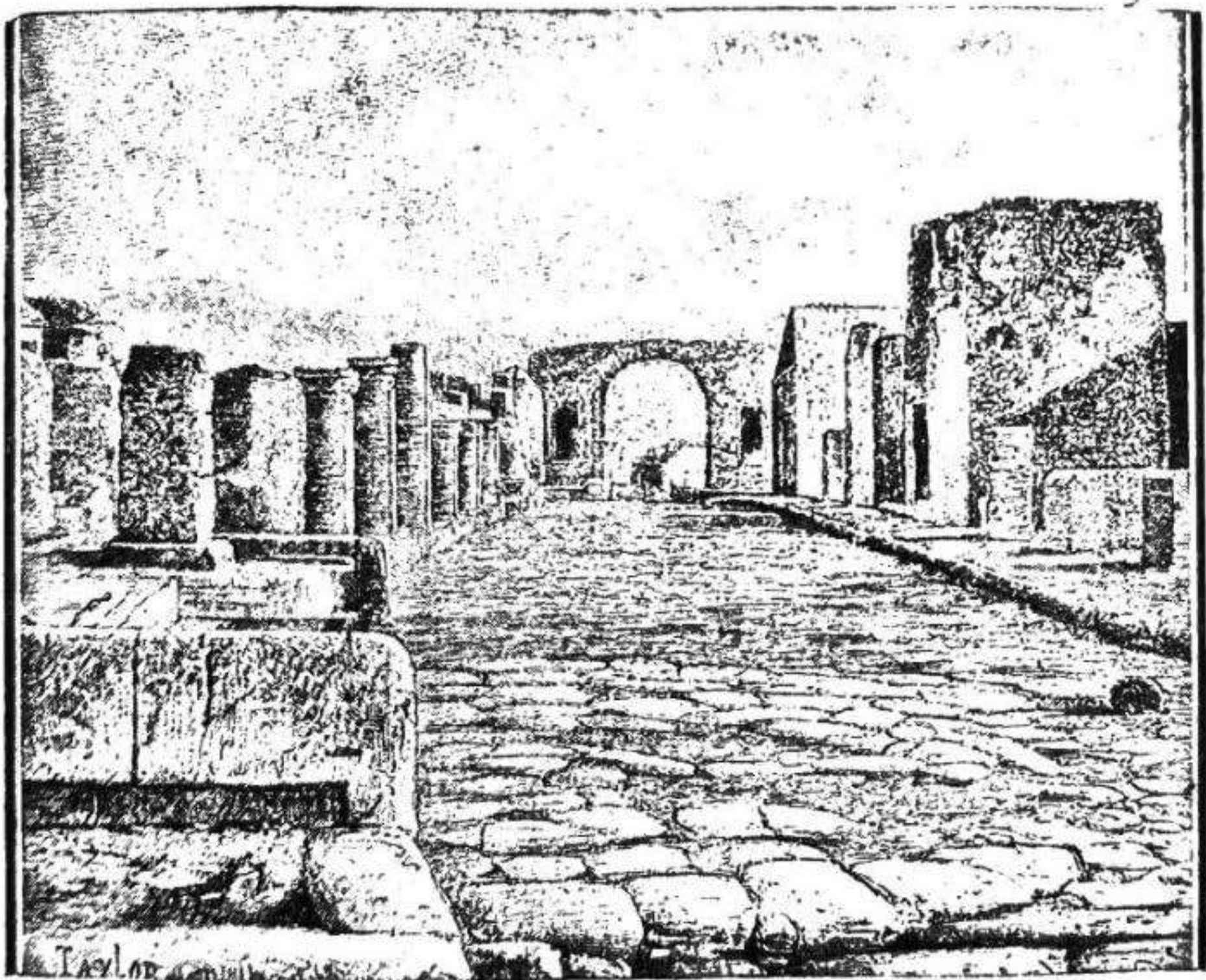
NERVA, senador e já bastante edoso, não podendo conter os pretorianos, designou para successor a TRAJANO (98).

Este governou com justiça e severidade, reduzindo a provincias romanas a DÁCIA, a ARMÉNIA, a MESOPÔTAMIA e a ASSYRIA. Realizou grandes trabalhos e ergueu a columna Trajana. Ordenou entretanto a 3ª perseguição.

ADRIANO (117) foi um imperador pacifico, amante das letras e bom administrador. Mandou reunir no *Edicto Perpetuo* as principaes disposições da legislação romana.

ANTONINO o Pio (138) uniu a habilidade á virtude, e foi cognominado "Pae do genero humano".

MARCO AURÉLIO (161-180), philosopho estoico, de cos-



Uma rua de Pompeia

tumes austeros, repelliu os barbaros, reprimiu insurreições, e legou-nos um livro celebre: *Os Pensamentos*.

Deixou o throno ao filho, CÔMMODO, louco sanguinario, que morreu assassinado (192).

Imperio Romano. O Imperio Romano é o typo por excellencia da sociedade pagan, representada em proporções até então desconhecidas. Herdeira de todas as civilizações do Oriente como da Grécia, a sociedade romana offerece-nos ao estudo um espectáculo grandioso e unico.

A passagem da republica para o imperio, graças a Augusto, fez-se sem grandes modificações apparentes. Mas, concentrando em suas mãos todo o poder, os imperadores pouco a pouco se tornaram verdadeiros deuses. Após a morte fazia-se-lhe a apotheose. Graças á ficção da *lei regia*, para a qual o Senado servia de órgão, todos os direitos divinos e humanos lhes eram conferidos.

Augusto no poder empregara seus esforços em realizar grandes melhoramentos: a paz emfim pusera termo ás lutas civis da republica e, gozando dos beneficios dessa paz romana, o povo não teve saudades de uma liberdade que lhe custara tão cara.

A omnipotencia do Imperador, o servilismo do Senado, a submissão do povo ao culto da pessoa imperial, de um lado a ambição sem limites, de outro a sujeição comprada a troco de liberdades censuraveis, e emfim uma corrupção geral de costumes, uma degradação universal de caracteres e intelligencias, trouxeram comtudo, como consequencia, profunda transformação social.

A plebe, que se agglomerava em Roma pedia apenas *panem et circenses* (pão e jogos do circo), multidão ociosa, cuja unica preocupação era o prazer. Para satisfazer essa população ociosa, como para realizar as grandes festas em que toda a sociedade voluptuosa se comprazia, eram as provincias aggravadas com pesados impostos, o que acabaria por esgotá-las.

Para assegurar o dominio do mundo, os imperadores ergueram fortificações e construíram estradas, ligando varios pontos. Na capital do Imperio surgiram grandiosos monumentos: arcos de triumpho, columnas, "thermas" ou estabelecimentos de banhos, porticos, theatros, circos, etc.

Os sangrentos espectáculos do amphitheatro, os combates de gladiadores, ainda mais concorriam para desenvolver na plebe a corrupção e a immoralidade. Na aristocracia o luxo exaggerado e o amor dos prazeres também davam lugar a extravagancias e excessos. O trabalho livre era desprezado, e só em Roma, no principio do imperio, havia cerca de 250.000 individuos desoccupados, que viviam á custa do Estado.

A mais elevada das doutrinas philosophicas, o estoicismo, não podia remediar este estado de corrupção. De facto os estoicos formavam, por assim dizer, uma aristocracia intellectual; a sua doutrina severa levava ao orgulho e ao egoismo, que não satisfazia a aspiração da alma humana, principalmente entre o povo.

A religião, o culto dos deuses, menos que a philosophia poderia curar as chagas da sociedade romana. Era preciso um principio novo, que vivificasse os sentimentos nobres do coração humano.

Essa palavra de vida veio da Judéa, e a unidade imperial do mundo romano ia facilitar a propagação do Evangelho.

O IMPERIO

AUGUSTO
(30 a. C.-14 d. C.)

Organiza o imperio. — Concentra todos os poderes em suas mãos.
Regulariza as finanças.
Melhora exercito e armada.
Abre estradas; protege commercio e industria.
Embeleza Roma. — Anima letras e artes: *Seculo de Augusto*. Mecenaz.
Mantem a ordem. — A paz romana.
Nascimento de N. S. Jesus Christo.
Derrota de Varo por Armínio (Hermann).

TIBÉRIO
(14-37)

Hypocrita e cruel.
Germânico, filho de Druso e sobrinho de Tibério, vinga Varo.
Germânico morre prematuramente.
Tibério em Cáprea. — Élio Sejano.
Tibério morre assassinado.

CALÍGULA
(37-41)

Louco furioso (filho de Germânico).
Eleva o cavallo *Incitatus* ao consulado.
Faz grandes loucuras e morre assassinado por Chéreas.

CLAUDIO (51-54)

Imbecil. — Dominado pelos seus libertos.
Casou-se com Messalina e depois com Agrippina, que o envenenou.

NERO (54-68)

A principio governou bem.
Tornou-se depois um hediondo monstro.
Matou Britânico, seu irmão; Octávia, sua esposa; Agrippina, sua mãe; Séneca, seu mestre.
Ordenou a 1ª perseg. contra os christãos (S. Pedro e S. Paulo).

O IMPERIO *(Continuação)*

Anarchia (69)

- Galba — já velho, é em breve assassinado.
- Othon — suicida-se.
- Vitéllio — é após curto reinado, vencido e morto.

Os FLAVIOS (69-96)

VESPASIANO (69-79)

- Acclamado pelas legiões do Oriente.
- Restabelece a ordem.
- Reedifica o Capitólio e o Coliseu.
- Tito toma Jerusalém (70) (Arco de Tito).

TITO (79-81).....

- Filho de Vespasiano. *Delicias do genero humano.*
- Erupção do Vesúvio: destruição de Pompeia (Plínio Ant.).

DOMICIANO (81-96)

- Irmão de Tito. — Repetiu as loucuras de Nero.
- Victorias de Agrícola: conq. da Bretanha (85). — 2ª perseguição aos christãos.
- Morreu assassinado por sua mulher Domícia.

O IMPERIO (Continuação)

OS ANTONINOS

ANTONINOS (96-192)	<ul style="list-style-type: none"> Nerva (96-98). Traiano (98-117). Adriano (117-138). Antonino Pio (138-161). Marco Aurélio (161-180). Cómodo (180-192).
NERVA	<ul style="list-style-type: none"> Já velho, não pode conter os pretorianos. Adopta o Espanhol Traiano.
TRAJANO	<ul style="list-style-type: none"> Habil administrador e guerreiro valente. Vence os Dâcios, conq. a Arménia, Mesopotâmia, Assyria. Persegue os christãos (3ª pers.).
ADRIANO	<ul style="list-style-type: none"> Arrasa Jerusalém, erguendo Élia Capitolina. Promulga o <i>Edicto Perpetuo</i> (Sálvio Juliano).
ANTONINO PIO	<ul style="list-style-type: none"> Visita todas as provincias do imperio. <i>Pae do genero humano.</i> Não persegue os christãos. Periodo de grande paz.
MARCO AURÉLIO	<ul style="list-style-type: none"> Philosopho estoico. Decreta a 4ª perseguição. Combate os Marcomanos (<i>legião fulminante</i>).
CÓMODO	<ul style="list-style-type: none"> Cruel e estúpido, émulo de Nero e Domiciano. Compra a paz aos godos e marcomanos. Morre assassinado.

VII

O Christianismo. — Origens e propagação. — Os monges de III seculo.

**O Christianismo
e o
Imperio romano.**

Estudando as origens e a propagação do Christianismo, o que mais nos provoca a admiração é a apparente desproporção entre as causas e os efeitos.

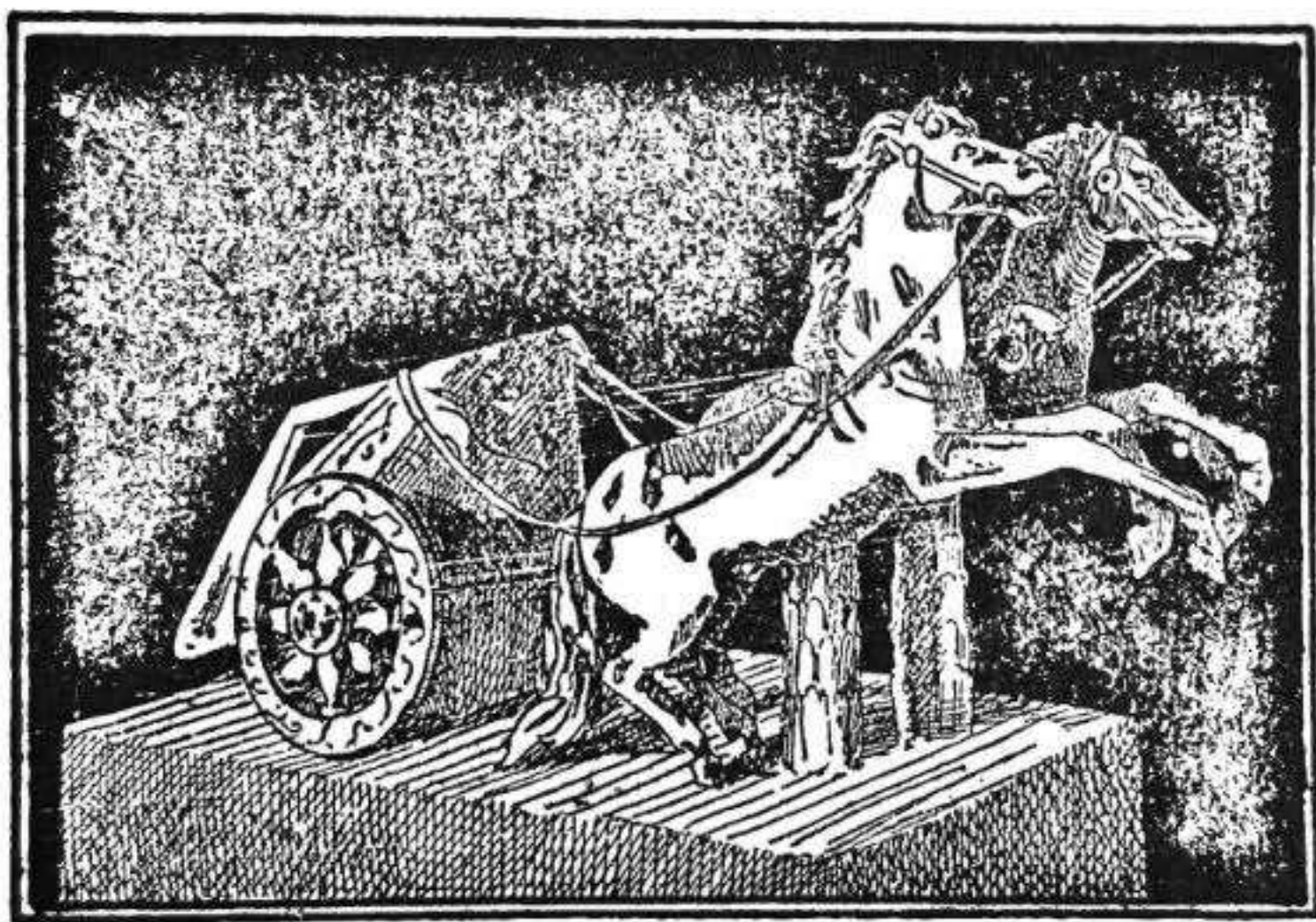
Exactamente quando, senhora do mundo, Roma attingia a culminancia de suas glorias e o Imperio Romano se afigurava eterno aos orgulhosos patricios, deslumbrados por oito seculos de triumphos e pelo grandioso espectáculo de uma autoridade cujos limites se confundiam com os do mundo conhecido, — um pugillo de homens ignorantes, grosseiros pescadores, á voz do filho de um carpinteiro da Judéa, dispunha-se a effectuar a maior transformação social de que se occupa a historia.



Caricatura de Caracalla

Duas circumstancias, no entretanto, favoreciam a rapida diffusão da nova doutrina. De um lado a unidade imperial, a centralização, a paz romana, a extensão do “direito da cidade” conferido por CARACALLA (211-217) a todos os habitantes do imperio, facilitava aos prégadores da

Boa Nova a sua missão, collocando-se sob as mesmas instituições. Por outro lado o estado moral da sociedade, a insufficiencia das escolas philosophicas para resolver as grandes questões que atormentavam o espirito humano, o ideal de uma justiça mais perfeita para os pobres, os fracos, os opprimidos, lançavam no seio da nova egreja todas as victimas da justiça humana.



Carro de corridas (esculptura romana)

**O Christianismo
nos tres
primeiros seculos**

No anno XV do reinado de Tiberio, na Judéa, começara Jesus a sua prégação. A doçura de sua doutrina, toda de amor e de perdão, em breve conquistava os corações. A misericordia, a humanidade, a esperança, a resignação no soffrimento, o amor de Deus e do proximo, taes os principaes ensinamentos de Christo. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”, dizia, e em torno d’Elle se grupavam todos os desherdados da vida.

Condemnado pelo conselho dos Judeus, foi o Homem-Deus crucificado. Mas a doutrina que ensinara ia transfor-

mar o mundo. Os apóstolos escolhidos pelo Divino Mestre, que lhes dissera: "Ide, ensinae a todas as nações", espalharam-se pelas diversas cidades, sellando com o proprio sangue a verdade da Boa Nova. São Pedro, chefe do collegio apostolico, fixou residencia em Roma, que se tornou a capital da Egreja. São Paulo, o convertido de Damasco, de eloquencia arrebatadora, e gozando do privilegio de cidadão romano, evangelizou a Ásia Menor, a Grécia, Chypre e talvez mesmo as Gállias, a Espanha e a Gran-Bretanha.



Pintura das catacumbas

Quando o ultimo dos Apóstolos morreu no anno 100 da era vulgar, estava constituida a Egreja. A propagação do Christianismo de-ra-se com extraordinaria rapidez. A nova religião era de facto a religião de toda a humanidade: ensinara o principio da liberdade, da egualdade e da fraternidade. "Não ha mais entre vós distincção entre judeu e gentio, entre o livre e o escravo, entre o homem e a mulher; sois todos um só em Jesus Christo" (1).

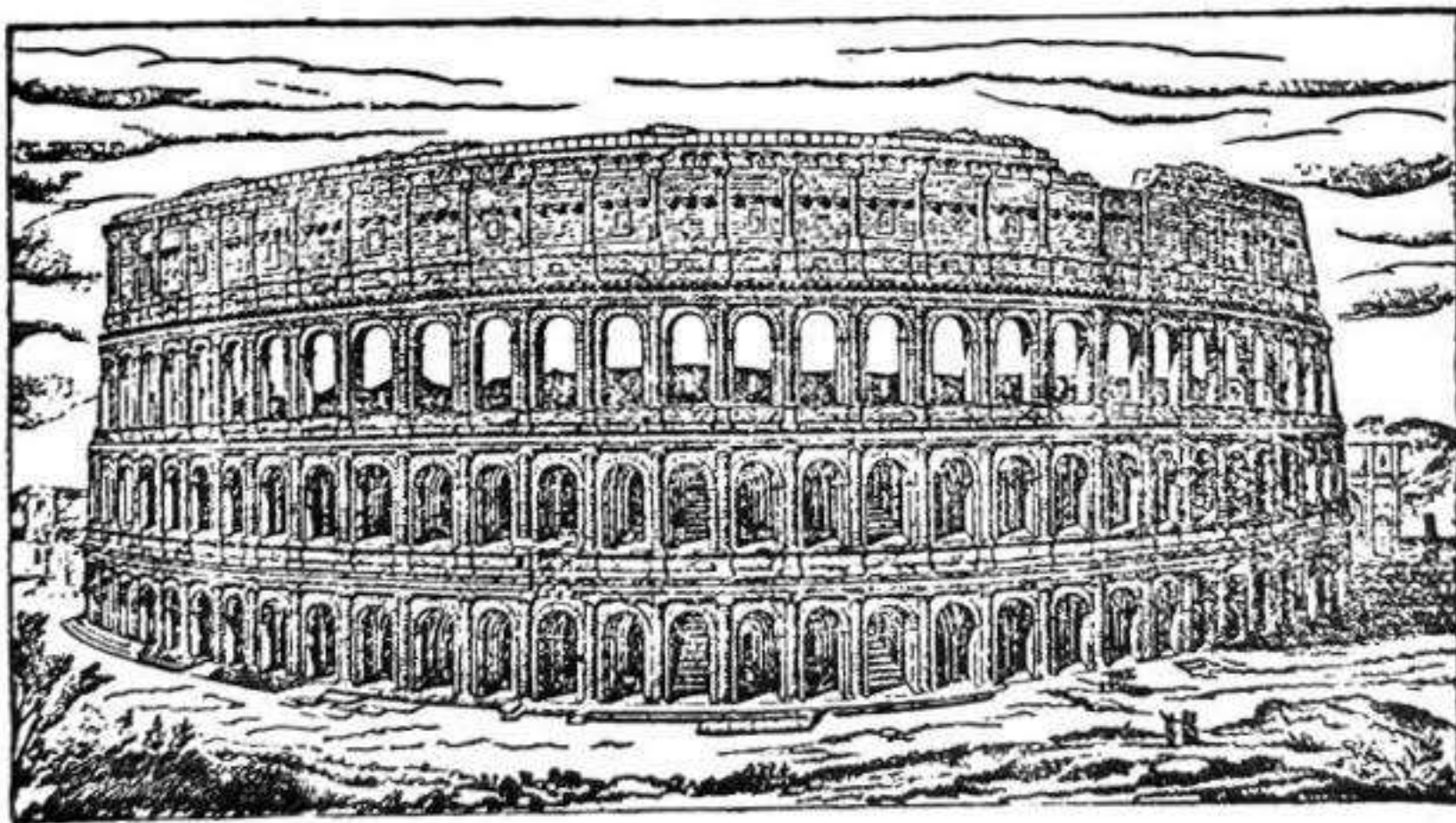
No meio da corrupção da sociedade, os Christãos davam o mais bello exemplo de pureza de vida, refazendo-se na oração, nos sacramentos, na mortificação e nas obras de caridade, e evitando os espectaculos do circo, as thermas e os templos dos falsos deuses.

A legislação romana, porém, prohibia qualquer especie de associação independente do Estado; só havia excepção

(1) S. PAULO, ad Galat, III, 28.

para as associações cooperativas funerarias. Aproveitando-se da excepção, reuniam-se os Christãos nas catacumbas, galerias subterraneas (*columbaria*) destinadas a encerrar as urnas funerarias.

Mas os Christãos multiplicavam-se cada vez mais e a multidão começou a desconfiar daquelles homens que fugiam dos prazeres e dos sacrificios aos deuses. Accusados de toda especie de crimes hediondos, reus principalmente do crime de lesa-majestade, pois, observando o preceito de Jesus "Dae a César o que é de César e a Deus o que é de Deus", se recusavam a render culto aos Impe-



O Coliseu de Roma

radores, os Christãos tiveram de soffrer as terriveis consequencias do odio e do desprezo.

Começaram as perseguições. A coragem heroica, a resignificação mais que estoica dos Christãos em face dos supplicios ainda mais irritava os algozes. Os açoites, o cavallete, a cruz, as unhas de ferro, o fogo lento, os animaes ferozes, tudo se experimentou para vencer a constancia christan. Em vão. Em vez de diminuir, o numero dos crentes augmentava. De Nero até Diocleciano as perse-

guições tornaram-se cada vez mais crueis; mas o effeito que produziam era multiplicar as conversões, e Tertulliano podia em verdade affirmar que o sangue dos martyres era uma semente de christãos (1).

**Influencia
do Christianismo.
Os apologistas.**

Desde o segundo seculo tiveram os Christãos não só de soffrer violentas perseguições, mas ainda de fazer frente aos ataques e calumnias dos philosophos inimigos da nova doutrina. Surgem então os grandes vultos de S. Justino, Tertulliano, Clemente de Alexandria e Origenes, defensores da Egreja e da philosophia christan. A Apologia do Christianismo, de Tertulliano, é um modelo desse genero.

Já a influencia dos principios evangelicos se revelava na legislação, na sciencia, na literatura, nos costumes emfim. Os escravos eram considerados até então como coisas: o Christianismo os declarava homens; não podendo de prompto abolir a escravidão, pois fôra isso uma revolução de effeitos perigosos, atacava a instituição pela raiz, prohibindo o luxo e facilitando os meios de libertar os captivos. O casamento, elevado á dignidade de sacramento, era declarado indissolúvel; a mulher, rehabilitada finalmente, e não mais considerada inferior ao homem, encontrava em Maria, a Mãe Purissima do Salvador, o typo mais perfeito da esposa e da virgem. A familia, tão desmoralizada nos tempos do imperio, regenerava-se, e a autoridade despotica dos paes (*patria potestas*) encontrava limites.

**O monachismo
no 3.º seculo.**

“A vida monastica foi, desde a origem, a expressão dos esforços mais sinceros para realizar os conselhos evangelicos... O Oriente, que fôra o berço da fé christan, tambem o foi

(1) A primeira perseguição realizou-se no tempo de Nero (66): a segunda, sob Domiciano; a terceira, sob Trajano; a quarta, sob Marco Aurélio; a quinta, sob Septímio Severo; a sexta, sob Maximino; a sétima, sob Décio; a oitava, sob Valeriano; a nona, sob Aureliano; e a decima sob Diocleciano (303).

do instituto monastico. Seguindo os passos dos primeiros iniciadores, houve em suas provincias longo e continuo exodo, que parecia esvasiar as cidades para povoar os desertos. As montanhas da Thebaida, os rochedos do Sinai, as areias da Syria e da Arábia, as ruinas desoladas das planicies mesopotamicas enchiam-se de anachoretas; só a montanha de Nítria contava trinta mil... O Occidente não deveria tardar a ver essa nova forma de vida perfeita florescer-lhe no seio. Nos ermos medonhos em que cumpria disputar a exis-



A ponte do Gard (construcção romana)

tencia aos animaes ferozes... homens surgiram que viviam em meio da natureza como anjos. Esses solitarios praticaram austeridades inauditas. A existencia de certos monges parecia um desafio á natureza... Alimentando-se apenas com um bocado de pão e de hervas cruas, apenas consentindo em tomar rapidos instantes de somno, pairavam acima do involtorio carnal... Era-lhes a prece tão longa quanto a noite, e a contemplação das coisas eternas o unico alimento das almas" (1).

(a) G. KURTH — *Les Origines de la Civilisation Moderne.*

S. Antão, o Eremita, foi o typo mais completo desses heroes da ascese. Aos 20 annos, vendidos os bens que possuia, retira-se para o deserto, e num castello em ruinas, a pão e agua, entrega-se ás mais duras mortificações. Mas em breve, attrahidos por essa vida contemplativa, vêm-se-lhe reunir discipulos. Erguem-se em torno cabanas, povoa-se o deserto de anachoretas. Por duas vezes deixa o monge a solidão e apparece em Alexandria para defender a fé. Torna, porém, ao deserto, cumprida sua missão. “O solitario, dizia, entre os homens é como o peixe em terra”. Jamais se ria, embora nunca parecesse triste; reflectia-se-lhe no rosto a paz interior. Emfim, aos 105 annos, venerado em todo o Egypto como um santo, expirou.

VIII

O Christianismo. — O baixo-imperio. — Triumpho da Egreja. — Organização da Egreja. Os concilios. Hereticos e pagãos.

Diocleciano e a Tetrarchia.

Após a morte de Cómodo o imperio atravessou um periodo de anarchia militar, durante o qual se viu a purpura posta em leilão para encontrar comprador. As legiões indisciplinadas faziam e desfaziam imperadores, chegando a haver simultaneamente vinte e nove pretendentes ao throno. As fronteiras, mal defendidas, eram transpostas pelos Barbaros; os Francos, os Alamanos e os Godos aproveitavam a confusão para penetrar no imperio, que se desorganizava.

Foi então que um simples soldado da Dalmácia, elevado ao throno imperial, empreheudeu a organização do governo. DIOCLECIANO, buscando reparar os estragos causados pela anarchia militar, associou-se a MAXIMIANO HÉRCULES, antigo companheiro de armas; tomando ambos o titulo de

“Augusto”, escolheram como “Césares”, CONSTANCIO CHLORO e GALÉRIO. Confiando a seu collega o Occidente, com a capital em MILÃO, encarregou-se Diocleciano do



Estatua de Septimio Severo

Oriente, residindo em NICOMÉDIA. A Constâncio Chloro ficava a Bretanha, a Espanha e as Gálias, cap. TRÉVERIS; e a Galério tocava a Thrácia e a Illyria, cap. SÍRMIO.

Assim se organizou a tetrarchia, ou governo de 4 soberanos, ficando o império com quatro capitaes (284-305).

Constantino. Fatigado do poder, depois de completar a reforma da administração imperial, Diocleciano retirou-se para SALONA (305), abdicando igualmente Maximiano. Os dois Césares, agora Augustos, escolheram para novos Césares a SEVERO e MAXIMINO DAIA. Os soldados,

porém, acclamaram Augusto a Constantino, filho de Constâncio Chloro. Maximiano retomou a purpura, assim como Maxêncio, seu filho, assumiu o titulo de Augusto. Houve ao mesmo tempo 6 imperadores.

A victoria da PONTE MÍLVIA, ganha por Constantino contra MAXÊNCIO (312) (1), pôs fim ás lutas civis.

(1) Foi durante essa luta contra Maxêncio que, segundo se refere, Constantino viu desenhar-se no ceo, á hora meridiana, uma cruz com as palavras: *In hoc signo vinces*.

Recebido em triumpho em Roma, pôde Constantino restabelecer a unidade monarchica (324).

O advento de Constantino assignalou-se pelo triumpho do Christianismo, que graças ao *Edicto de Milão* (313) pôde enfim ser livremente professado. Pouco tempo havia decorrido que, por occasião da X perseguição, se affirmara apagado o nome christão.

A heresia, porém, que desde os primeiros tempos da Igreja já se manifestara, surgiu agora mais violenta. Um padre de Alexandria, Aríó, negou a divindade de Christo. De accordo com o papa, Constantino convocou em NICÉA (325) um concilio ecumenico ou univer-

sal. Condemnados os erros dos Arianos, o symbolo de Nicéa, ou Credo, fixou o principio da fé catholica.

Constantinopla. Um dos acontecimentos de grande importancia do reinado de Constantino foi a fundação de uma nova capital no lugar



Gladiador

onde se erguera a antiga BYZANCIO. No extremo da Europa, ás portas da Ásia, com magnifico porto e em optima posição para defesa, Constantinopla ia-se tornar rapidamente uma das mais ricas e celebres cidades do mundo, ca-



Combate de gladiadores

paz de resistir por mais de dez seculos ás ondas invasoras dos Barbaros (329-1453). Roma ficava capital do mundo christão.

A organização administrativa do imperio, já iniciada por Diocleciano, Constantino a concluiu. Dividindo o imperio em quatro grandes *prefeituras* (ORIENTE, ILLYRIA, ITÁLIA, GÁLLIAS), subdivididas em *dioceses*, collocou-lhes á frente *prefeitos e vigarios*. Cada diocese comprehendia *varias provincias*, abrangendo estas diversas cidades. Foram separadas as funcções civis das militares. Acima de todos, dispondo de toda a autoridade, estava o imperador, assistido por um conselho intimo, denominado consistorio do principe. Vinha depois toda uma hierarchia de ministros, *prefeitos, vigarios, proconsules, funcionarios civis e militares, duques, condes, etc.* Todos os funcionarios tinham **titulos pomposos especiaes: os ministros e prefeitos**

eram “illustres”; os principes da familia imperial, “nobilissimos”; os condes e duques, “notaveis”, etc.

**Triumpho definitivo
do Christianismo.**

indignos de tal pae.

Morto Constantino (337), succederam-lhe seus 3 filhos, Constantino II, Constante e Constâncio,

O paganismo agonizante tentou com JULIANO o APOSTATA ultimo e desesperado esforço. Sobrinho de Constantino, fôra Juliano educado a principio na religião christan; mas apaixonando-se pelas letras e pela philosophia grega, imaginou restaurar o culto dos deuses. Compreendendo a inefficacia das perseguições, procurou ao envés da violencia, empregar a brandura simulada. Nada tendo obtido, prohibiu aos Christãos o estudo dos classicos. A tentativa de restauração do paganismo não deu, comtudo, resultado, e Juliano morreu em uma expedição contra os Persas, exclamando: “Venceste, Galileu!” (1) (361-363).

Coube a THEODÓSIO declarar o Christianismo religião oficialmente reconhecida pelo Estado, proscripto por completo o culto dos idolos. A idolatria, expulsa das cidades, refugiou-se nas aldeias (*pagi*), d’ahi se originando a denominação de pagãos (*pagani*) (381).

Organização da Egreja. Em cada uma das principaes cidades do imperio havia um *patriarcha*. As sedes patriarchaes de Roma, Antiochia e Alexandria, e mais tarde, de Jerusalém e Byzâncio, estavam á frente das outras cidades. Roma conservava a primazia, sendo o seu bispo o primeiro de todos os bispos, isto é o *Papa*.

Das instituições da Egreja uma das mais importantes foram os *cónCILIOS*, — especie de parlamentos ecclesiasticos,

(1) Era o nome com que por desprezo indicava o Christo.

convocados pela legitima autoridade para tratarem de assumptos religiosos, assembléas geraes da christandade, em que por vezes se via, como simples assistente, o proprio imperador. Cada concilio continuava a obra dos precedentes, firmando as leis da disciplina, fixando os principios da orthodoxia, condemnando as heresias. Taes foram os de NICÉA (325), de CONSTANTINOPLA (381), de ÉPHESO (431) e de CHALCEDÓNIA (451).

Divisão do imperio. A grande força moral do Christianismo manifestou-se na penitencia de Theodósio. Tendo este reprimido de modo cruel uma revolta dos Thessalonicensens (390), submetteu-se humildemente á voz de S. AMBROSIO, bispo de Milão. Era a primeira vez que se via um imperador publicamente fazer confissão de seus erros, buscando emendar-se.

Antes de morrer (395), Theodósio repartiu o imperio entre seus filhos: ao mais velho, ARCÁDIO, ficava o Oriente, sob a direcção de Rufino; a HONÓRIO, debaixo da tutela de Stilicão, cabia o Occidente.

Findara o Imperio Romano. Não demoraria muito a inundação dos Barbaros, e novo cyclo historico ia começar.

O DESPOTISMO MILITAR

DECADENCIA DO IMPERIO

PRINCIPES SYRIOS (193-235) {
 Septímio Severo (193-211). — Gover-
 nou com firmeza. Decretou a 5.^a
 perseguição.
 Caracalla (211-218). *Animal Feros*. —
 Concedeu direito de cidade a to-
 dos os homens livres do imperio.
 Heliogábalo (218-222). — Cruel, de-
 vasso, louco.
 Alexandre Severo (222-235). Gover-
 nou bem.

ANARCHIA MILITAR (235-268) {
 Maximino. 6.^a perseg.
 Décio. 7.^a perseg.
 Valeriano. 8.^a perseg.
 Os Trinta Tyrannos.

PRINCIPES ILLYRIOS (268-284) {
 Aureliano. 9.^a perseg.

TETRARCHIA (284-305) {
 Tetrarchas {
 Dois Augustos {
 Diocleciano (Oriente, cap.
 Nicomédia).
 Maximiano (Itália, cap. Mi-
 lão).
 Dois Césares {
 Galério (Thrácia e prov. do
 Danúbio, cap. Sirmio).
 Constâncio Chloro (Breta-
 nha, Gália, Espanha, cap.
 Tréveris).
 Os barbaros são repellidos.
 Reorganiza-se a administração.
 Era dos martyres (303) (10.^a perseguição).

Lutas civis. Seis imperadores {
 Galério.
 Maximino.
 Severo.
 Constantino.
 Maxêncio.
 Maximiano.

Batalha da Ponte Milvia (312)

Constantino unico senhor do Imperio (324)

O CHRISTIANISMO

Origens e Propagação

ORIGENS { Jesus Christo nasce no anno 750 de Roma, approximadamente.
Começa aos 30 annos sua prégão.
E' *crucificado* com 33 annos de idade.
Colloca *S. Pedro* á frente da Igreja.
Envia os Apostolos a prégarem o Evangelho em todo o mundo.

PROPAGAÇÃO DO CHRISTIANISMO	MEIOS FAVORAVEIS	{ A unidade do Império. O hellenismo. A excellencia da nova doutrina. A esperanza de um libertador.
	OBSTACULOS	{ A corrupção dos costumes. O orgulho dos philosophos. As perseguições.

PERSEGUIÇÕES { Nero (S. Pedro e S. Paulo).
Domício.
Trajano.
Marco Aurélio.
Septímio Severo.
Maxímio.
Décio.
Valeriano.
Aureliano.
Diocleciano (*era dos martyres*).

Triumpho do Christianismo

CONSTANTINO (306-337) *Edicto de Milão* (313).

JULIANO APOSTATA (361-363) Tenta restabelecer o culto dos deuses.

THEODÓSIO MAGNO (379-395) { Aceita a penitencia imposta por S. Ambrósio, bispo de Milão.
Prohibe o culto dos deuses. — (*Pagani, paganismo*).
Triumpho definitivo do Christianismo.

IX

Letras, artes, sciencias, entre os Romanos. — Em especial a poesia e a historia. — O direito e sua evolução até Justiniano.

Letras. A literatura romana foi a principio simples imitação dos modelos gregos. PLAUTO e TERÊNCIO, incontestavelmente os dois maiores poetas comicos de tal periodo, não foram escriptores originaes.

O periodo aureo para as letras foi o seculo de Augusto. VERGÍLIO escrevendo as “Georgicas” e a “Eneida” tornou-se rival de Hesíodo e de Homero. HORÁCIO compôs as suas “Odes”, “Epistolas” e “Satiras”. OVÍDIO cantou as “Metamorphoses” dos deuses. CATULLO, PROPÉRCIO e TIBULLO principalmente, dedicaram-se á elegia. LUCRÉCIO, um pouco antes, no poema “*De natura rerum*” expusera em verso as doutrinas materialistas de Epicuro.

Floresceram então prosadores notaveis e ao mesmo tempo distinctos historiadores. JÚLIO CÉSAR deixou-nos seus “Commentarios” sobre a conquista das Gállias. SALÚSTIO escreveu uma historia da conjuração de Catilina. TITO LÍVIO compôs uma grande historia romana, desde a



Vergilio

fundação de Roma. Nem se póde omittir, posto que seja do seculo seguinte, TÁCITO, autor dos "Annaes".

Na eloquencia destacou-se JÚLIO CÉSAR; e acima de todos ergueu-se CÍCERO, émulo de Demósthene e autor das "Catilinarias".

Artes. A arte romana por excellencia foi a architectura. Adoptando as columnas empregadas pelos Gregos, os Romanos empregaram



um novo processo de construcção: a *abobada*. Graças a isso, conseguiram erguer monumentos de proporções mais vastas e de maior solidez.

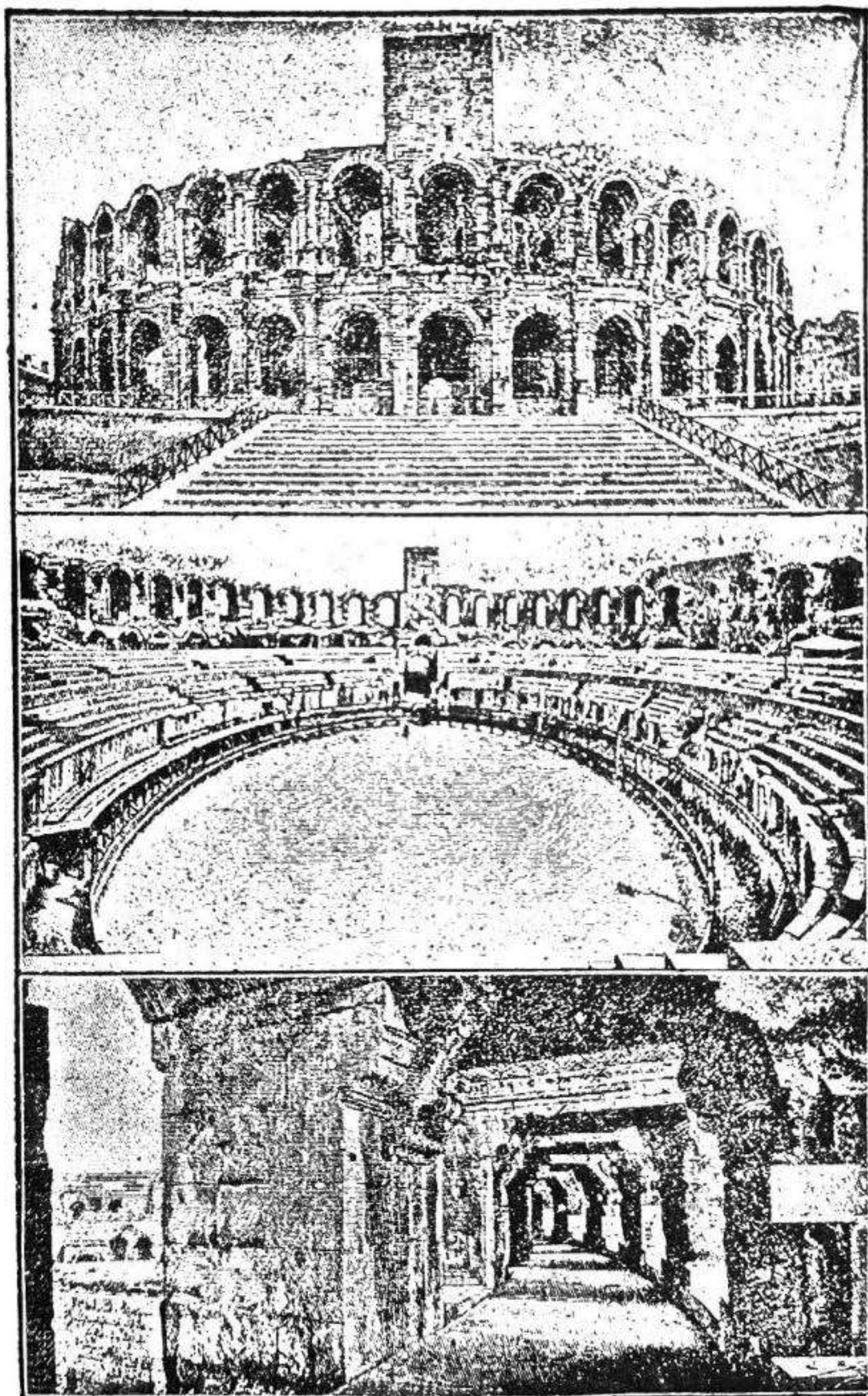
No reinado de Augusto foi que se realizaram grandes trabalhos de embelezamento em Roma. “Encontrei uma cidade de tijolo e deixo-vos uma cidade de marmore”. O theatro de Marcello e o Pantheon foram por elle construidos. Vespasiano mandou edificar o Coliseu, enorme amphitheatro que podia conter cerca de 100.000 espectadores. Ainda se ergueram o arco de Tito, a columna Trajana, as thermas de Caracalla, etc.

As obras de arte dos Romanos não tiveram, entretanto, a originalidade propria do genio grego: distinguiam-se principalmente pelas proporções enormes e por um caracter eminentemente pratico.

Sciencias. Nas sciencias, exceptuando-se a historia e o direito, os Romanos foram muito inferiores aos Gregos. Não tiveram uma escola philosophica original: Cícero approximou-se das idéas de Platão; Séneca sustentou os principios da escola estoica, da qual foi modelo o grego Epicteto, amigo de Adriano e de Marco Aurélio. Nas sciencias naturaes ha apenas a lembrar o nome de Plínio o Antigo.

O direito romano. Em Roma, como em geral entre todos os povos antigos, não havia a principio leis escriptas. Resolviam-se as questões segundo o costume dos antepassados (*mos majorum*). Pelo meado do seculo V, porém, os decemviros elaboraram a primeira lei escripta: a *Lei das Doze Taboas*, de que nos restam fragmentos.

Essa lei, no entanto, só estabelecia certos principios, não descendo ás diversas particularidades. Donde a necessidade de interpretá-la, tarefa que incumbia aos juriconsultos, quasi sempre nobres, a cujas respostas Augusto mais tarde deu força de lei.



Exterior das arenas de Arles
Interior das arenas de Arles
Um corredor das arenas de Nîmes

Dos diversos magistrados o pretor foi o que maior influencia teve sobre o direito romano. O *pretor urbano* julgava as questões entre os cidadãos romanos, aos quaes se applicava o direito civil (*jus civile*) isto é “da cidade”; o *pretor peregrino* julgava as questões entre os cidadãos e os estrangeiros, applicando-se a estes ultimos o *jus gentium*, isto é, o “direito das gentes”. No seu *edicto* indicava o pretor as regras que applicava. As decisões approvadas pelo uso e transmittidas de edicto em edicto formaram uma especie de direito introduzido pelos magistrados, que se chamou *jus honorarium*, direito honorario. No tempo de ADRIANO foi feita por um jurisconsulto illustre, SÁLVIO JULIANO, a coordenação methodica do direito pretoriano, com o titulo de *Edicto Perpetuo*.

Durante o Imperio a jurisprudencia, assim como as artes e letras, attingiu o seu maximo desenvolvimento. GAIO, PAPINIANO, PAULO, ULPIANO e muitos outros jurisconsultos celebres escreveram obras em que desenvolviam e explicavam as leis, apresentando-as como formando uma sciencia cujos principios se ligavam mutuamente. As decisões dos imperadores tinham força de lei (1).

A influencia do Christianismo tambem se fez sentir no direito. “Annunciada pela philosophia estoica, proseguida pelos nobres esforços dos jurisconsultos romanos, esboçada pelos artificios e subtilezas do Pretor, a obra de regeneração do direito só pôde vingar completamente graças á independencia que ao direito deixava a nova religião. Pôde-se ver, á medida que o Christianismo conquistava a sociedade, os codigos romanos admittirem as regras novas, não mais por subterfugios, mas abertamente e sem hesitação” (F. DE COULANGES, *La Cité Antique*, p. 464).

Emfim no reinado de JUSTINIANO (527-565) realizou-se o grande trabalho de coordenação de todas as leis romanas; e o *Corpus Juris Civilis*, então redigido, é ainda em nossos dias a base de todos os estudos juridicos.

(1) *Quod principi placuit legis habet vigorem.* — ULPIANO, Dig. IV, 1.

Sciencias, Artes e Letras entre os Romanos. O Direito até Justiniano

HISTORIA.	Periodo aureo.	<ul style="list-style-type: none"> JULIO CÉSAR (<i>Commentarii de Bello Gallico</i>). SALLUSTIO (<i>Guerra de Jugurtha, Conspiração de Catilina</i>). TITO LIVIO (<i>Historia Romana</i>). CORNÉLIO NEPOS. TROGO POMPEU.
	Periodo argenteo.	<ul style="list-style-type: none"> VELLEIO PATÉRCULO. QUINTO CURCIO. SUETONIO (<i>Doze Césares</i>). AULO GÉLLIO.
POESIA	Periodo aureo.	<ul style="list-style-type: none"> LUCRÉCIO (<i>De natura rerum</i>). VERGILIO (<i>Eneida</i>). HORÁCIO (<i>Odes, Sátiras, Epistolas</i>). PHEDRO (<i>Fabulas</i>). OVIDIO (<i>Metamorphoses, Fastos, Tristes</i>). CATULLO. TIBULLO. PROPÉRCIO.
	Periodo argenteo	<ul style="list-style-type: none"> LUCANO (<i>Pharsália</i>). JUVENAL (<i>Sátiras</i>). MARCIAL.

ELOQUENCIA. — CATÃO, CÉSAR, CICERO.

RHETORICA. — SÉNECA, QUINTILIANO, PLÍNIO, o Moço.

O DIREITO ROMANO

FONTES	Leis, (<i>Leis centuriatas, senatus-consultos, plebiscitos, etc.</i>).
	Edictos dos pretores.
	Respostas dos prudentes.
	Constituições imperiaes.
	Trabalhos dos jurisconsultos.

GRANDES JURISCONSULTOS . . } Modestino, Papiniano.
Gaio, Paulo, Ulpiano.

METROLOGIA ROMANA

Medidas lineares	
Digitus (dedo)...	0metro,018
Palmo	0metro,07
Covado	0metro,44
Passo	1metro,48
Milha (mil passos)	1480
metros approx.	

Medida de superficie	
Jugerum (Geira).	25ares,182

Medidas de capacidade para liquido	
Cyathus	0litro,04
Sextarius.....	0litro,54
Congius	3litro,28
Urna	13litro,13
Amphora	26litro,26

Para solido	
Modio	8litro,75

Pesos

Libra.....	327grammas,45
Onça	27grammas,28

Moedas

As (cobre).....	0franco,10	0franco,06	0franco,05
Sertercio (prata)	0franco,25		0franco,22
Denario (prata)	1franco,02		0franco,88
Nummus Aureus (ouro)..		26francos,57	

Quadro chronologico da Historia Romana

Fundação de Roma	753
Proclamação da Republica	509

Evolução democratica.

Magistraturas	Data da criação	Accessiveis á plebe
Consulado	509	366
Dictadura	496	356
Censura	443	351
Pretura	366	337
Edilidade curul	365	364
Questura	509	421
Tribunato	493	(reservada á plebe).
Edilidade plebéa	493	" " "

Decemvirato: promulgação da Lei das Doze Ta- boas	450
Lei Canuleia (casamento entre patricios e plebeus)	445
Lei Ogulnia (os plebeus admittidos ás funcções sacerdotaes)	302

Conquista da Itália.

Guerra contra os Equos: Cincinnato	458
Cerco de Veios: o "stipendium"	405-395
Invasão dos Gauleses: Camillo	390
Guerra contra os Samnitas	343-290
Guerra contra Pyrrho. Tarento submette-se. . .	280-272

Conquista da Bacia do Mediterraneo.

GUERRAS PUNICAS (264-146)	1. ^a guerra (264-241)	{	Batalha de Mylas: Duílio	260
			Régulo derrotado por Xanthippo	255
			Victoria das ilhas Egates	242
	2. ^a guerra (218-201)	{	Anníbal: Ticino, Trébia, Trasimeno	218-217
			Cannas	216
			Derrota de Anníbal em Zama	201
			3. ^a guerra (149-146)	{

CONQUISTA DO ORIENTE	{	Submissão da Macedónia . . .	197-142
		Conquista da Ásia Menor. . .	190
		A Grécia provincia romana (Achaia).	146
Os Gracchos: Tribunato de Tibério.			133
		Caio tribuno	123
		Morte de Caio	121
Mário e Sylla: Morte de Jugurtha.			104
		Aix. Victoria de Mário contra os Teutões. .	102
		Vercelli. Os Cimbros	101
		Mário terceiro fundador de Roma.	
		Guerra Social. Mário e Sylla rivaes	91-88
		Mário setima vez consul. Morre	86
		Sylla vencedor de Mithridates. Volta. . . .	83
		Proscripções de Sylla	82-79
		Pompeu vence a Mithridates	63
Conjuração de Catilina. Cícero			63
César. — O primeiro triumvirato (César, Pompeu, Crasso).			60
		César nas Gállias — Vercingetórix. Alésia. .	58-50
		César transpõe o Rubicão	49
		César derrota a Pompeu em Pharsália . . .	48
		Morre Pompeu no Egypto	48
		César vencedor de Pharnaces	47
		Derrota dos Pompeianos em Thapso	46
		César desbarata a Sexto Pompeu na Hespanha	45
		César dictador. Reforma o calendario. Toma uteis medidas. E' morto no senado. . .	44
Segundo triumvirato. Octávio, António e Lépido			43
		Batalha de Philippos	42
		Batalha de Actium.	31

O Egypto provincia romana. Quêda da Republica.

IMPERIO ROMANO

Augusto, vencido António, torna-se senhor do imperio. 31 a. C.

Nascimento de N. S. Jesus Christo. — Principio da era christan.

Varo derrotado por Armínio.	9 d. C.
Tibério, successor de Augusto	14-37
Armínio derrotado por Germanico	16

Morte de Christo

Calígula	37-41
Cláudio	41-54
Nero	54-68
Primeira perseguição: S. Pedro e S. Paulo . . .	66
Galba, Othon, Vitéllio	69
Os Flávios: Vespasiano	69-79
Tomada de Jerusalém por Tito	70
Tito: erupção do Vesúvio	79-81
Domiciano: segunda perseguição	81-96
Os Antoninos: Nerva	96-98
Traiano: conquistas (Dácia, Mesopotamia, etc.)	98-117
Adriano: "Edicto Perpetuo"	117-138
Antonino Pio	138-161
Marco Aurélio	161-180
Cómodo	180-192

Anarchia militar. — Purpura em leilão.

Tetrarchia: Diocleciano, Maximiano, Galério, Constancio Chloro	305
Galério, Maximino Daia, Constantino, Maxên- cio, Maximiano, Licínio	307
Constantino	306-337
Batalha da Ponte Mílvia	312
Edicto de Milão. Triumpho do Christianismo . . .	313
Concilio ecumenico de Nicéa	325
Fundação de Constantinopla	329
Juliano o Apostata	361-363
Theodósio o Grande	379-395
O Christianismo religião official	381
Penitencia de Theodósio	390
Morte de Theodósio. Divisão do Imperio . . .	395

HISTORIA DA EDADE MEDIA

I

Migrações e invasões barbaras. Os Germanos. Costumes primitivos e conversão ao Christianismo.

Os Barbaros. Para além das fronteiras septentrionaes do Imperio, do outro lado do Rheno e do Danúbio, estendia-se o mundo germanico. Povoavam-no tribus fortes e amantes da guerra, que, embora differindo mais ou meons na lingua e costumes, tinham origem common e instituições semelhantes.

Aos orgulhosos Romanos, que consideravam *barbaros* todos os povos situados fora do Imperio, afiguravam-se os Germanos seres grosseiros e selvagens.

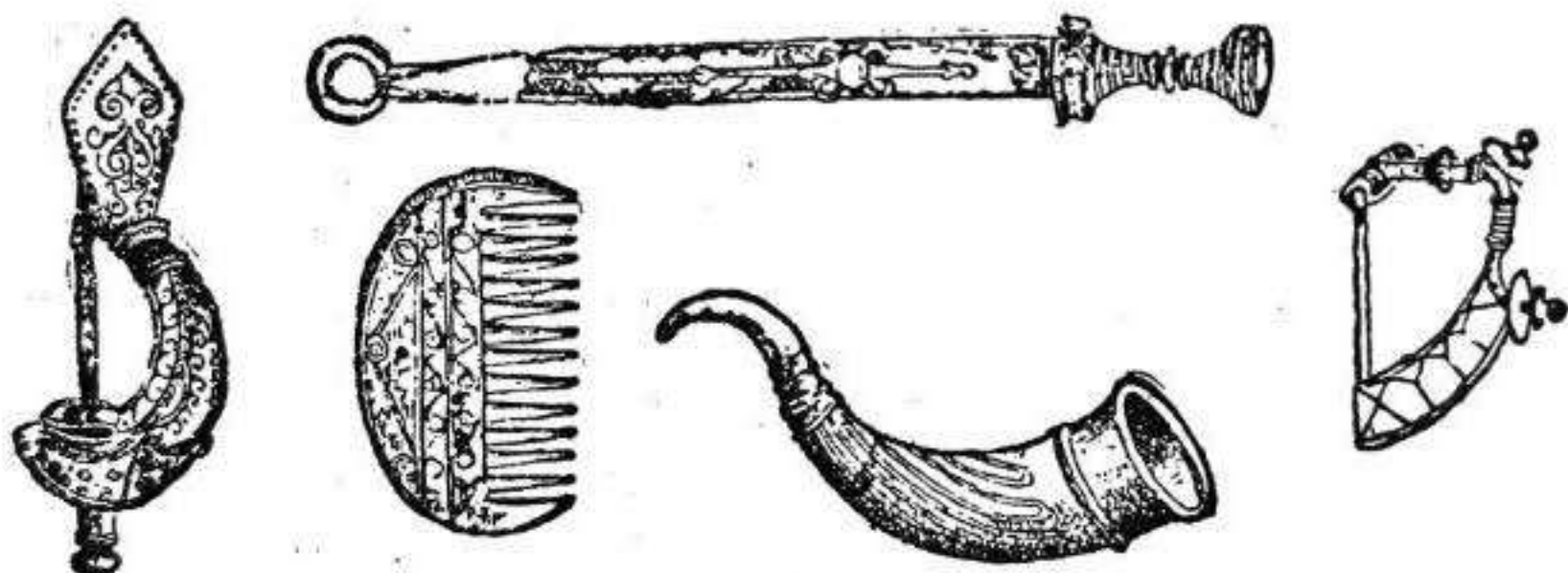
Já desde Mário, com as invasões dos Cimbro e Teutões, muitos povos da Germânia haviam tentado penetrar no Imperio; as medidas de defesa tomadas pelos Romanos conseguiram impedir as incursões. No fim do IV sec. d. C., porém, varios povos conseguiram transpor as fronteiras, percorrer as provincias do Imperio e devastá-las. Foi o inicio das invasões.

As principaes invasões. Em 378 os VISIGODOS, ou Godos do Occidente, fugindo á invasão dos Hunnos, transpõem o Danúbio, e estabelecem-se no Imperio do Oriente. Pouco depois, capitaneados por ALA-

RICO, devastam a Grécia penetram na Itália, sendo derrotados em 403 por STILICÃO. Retiraram-se para a Illyria; mas em 410 voltam á Itália, apoderam-se de Roma e entregam-na ao saque. Pouco depois morre Alarico. WÁLLIA, cunhado e successor de Ataulpho, que por sua vez fôra cunhado e successor de Alarico, funda o reino dos Visigodos, situado entre os Pyreneus, o Garonna e o mar e que em breve se estende a quasi toda a península Ibérica, sendo-lhe capital a principio Tolosa e ao depois Toledo.

Em 405, á frente de 200.000 guerreiros, RADAGÁSIO, que partira com os Suevos das costas do Báltico, marcha contra Roma. Mas STILICÃO derrota-o em Fiésole (406). Salva-se o Imperio, e Radagásio, vencido, é morto.

As ondas barbaras precipitam-se e espalham-se. Vândalos, Alanos, Borgúndios e Suevos, lançam-se contra as

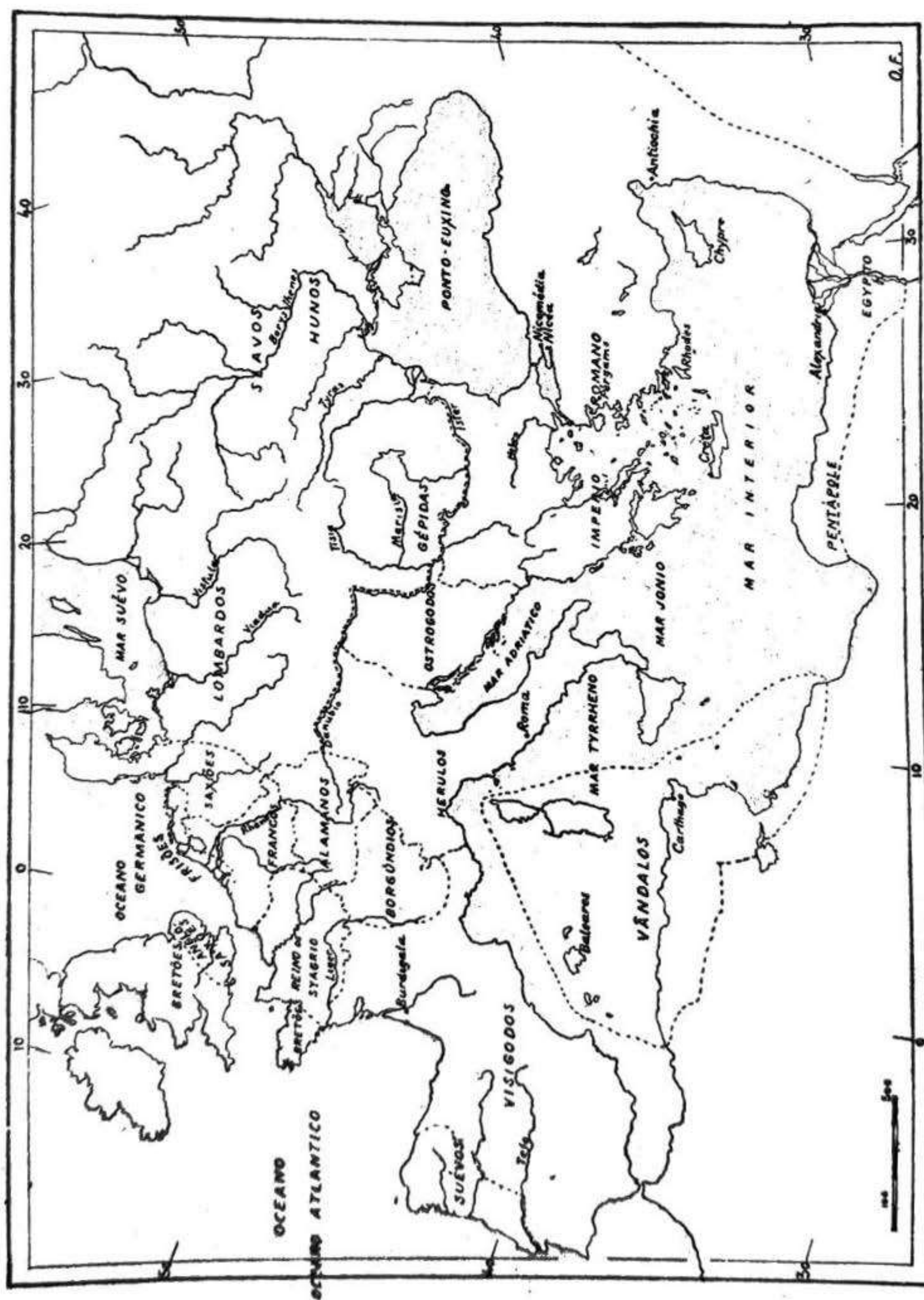


Pente, broches, espada, trompa de caça
(encontrados na Allemanha em sepulturas do seculo IV)

Gállias, estabelecendo-se enfim os SUEVOS na Galliza, os BORGÚNDIOS na bacia do Rhódano, os ALANOS na Lusitânia e os VANDALOS na Bética, posteriormente Vandaluzia ou Andaluzia. Estes ultimos passam depois ao N. d'Africa, tomam e destroem Carthago, e, sob o commando de GENSERICO, dão saque (1) a Roma (455).

Dirigidos por Attila, em 450, os HUNNOS penetram na Gállia, e deante delles fogem espavoridas as populações. São afinal vencidos em Châlons (451).

(1) A palavra vandalismo indica bem claramente o modo por que esses barbaros faziam a guerra.



Povos Barbaros

Clóvis com suas victorias funda a monarchia dos FRANCOs, que se tinham estabelecido na Gália (481-511).

Opprimidos pelos Pictos e Escotos, e privados do auxilio dos Romanos, os Bretões chamam em seu soccorro os SAXÓNIOS, que, como os ANGLOS, vindos posteriormente, habitavam ao sul da Jutlândia. Funda-se a HEPTARCHIA ANGLO-SAXÓNIA (1), trocando-se o nome de Bretanha pelo de Inglaterra e sendo expulsos os antigos habitantes (455-584).

Os Hérulos, obedecendo a Odoacro, apoderam-se da Itália e acabam em 476 com o Imperio do Occidente, cujo ultimo imperador foi Rómulo Augústulo. Mas o reino dos Hérulos é de duração ephemera, sendo em breve destruido por THEODORICO, rei dos OSTROGODOS, ou Godos de Leste (493). A fundação do reino ostrogodo na Itália, tendo como capital Ravenna, marca o fim das grandes invasões.

Attila e os Hunnos.

De raça amarella, hediondamente feios, objecto de terror universal, habitavam os Hunnos as regiões comprehendidas entre o Báltico e o Ponto Euxino (Mar Negro), indo além do Cáspio e até ao Cáucaso. Nomades, quasi sempre a cavallo, alimentavam-se de plantas agrestes e de carne quasi crua.

Os Hunnos puseram em movimento todo o mundo bar-
baro, provocando as invasões dos Germanos, que fugiam
deante d'elles. ÁTILA, reunido um exercito de 500.000 ho-
mens, subjugados os Tártaros d'Ásia e os Eslavos, lançou-se
contra a Gália. Saqueando cidades, espalhando por onde



Chefe franco

(1) Constituida pelos reinos de Kent, Wessex, Sussex, Essex, Northumberland, Eastanglia e Mércia.

passava o terror, o “flagello de Deus” chegou até Orléans, que foi salva graças ao bispo (S. Aniano). S. Genoveva em Paris e S. Lobo em Troyes conseguiram, por suas supplicas e sua coragem, evitar a destruição dessas duas cidades.

Finalmente Aécio, general romano, auxiliado por Meroveu, rei dos Francos, e por Theodorico, rei dos Visigodos derrotou ao terrível chefe hunno na sangrenta batalha de Châlons-sur-Marne ou dos CAMPOS CATALAUNICOS (451), em que 150.000 guerreiros succumbiram.

Tendo ainda no anno seguinte invadido e devastado a Alta Itália, Attila morreu em 453, por ocasião de um festim. Morto o chefe, o imperio hunno desapareceu.

Clóvis e os Francos.

Muito pouco se sabe dos Francos antes de Clóvis. Esse povo havia-se estabelecido no imperio desde o meado do quarto seculo. Em rigor não formavam um povo: estavam divididos em varias tribus: *salios*, *ripuarios*, *sicambros*, etc. Entre os primeiros chefes citam-se: PHARAMUNDO e CLÓDION, cuja existencia é duvidosa; e MEROVEU, que tomou parte na batalha de Châlons contra Attila, e legou seu nome á primeira dynastia franca.



Adolescente germânico (columna Antonina em Roma)

A unidade do povo franco foi obra de CLÓVIS. Differentes grupos occupavam então as Gállias: Romanos, no centro; Borgúndios, a leste; Visigodos, ao sul; Bretões ou Armoricanos, a oeste; Alamanos, ao nordeste. Clóvis (481-511) primeiramente, pela victoria de SOISSONS, abateu o rei SYÁGRIO, que governava os Romanos (486). Tendo desposado uma princeza catholica, Clotilde, sobrinha do rei dos Borgúndios, não tardou a tornar-se elle proprio christão. Em combate contra os Alamanos, prometteu o rei franco abraçar a religião de Clotilde, se obtivesse a victoria; vencedor em TOLBIAC (496) cumpriu

a promessa e recebeu o baptismo das mãos de S. Remfio, bispo de Reims (1). Victorioso tambem em Vouillé (507), na guerra contra Alarico II, rei dos Visigodos, Clóvis assegurou a supremacia dos Francos. Perfido, cruel e ambicioso, mereceu comtudo o titulo de Grande pela obra que realizou.

Os Germanos. Costumes primitivos.

Alto, musculoso, louros os cabellos, a pelle branca, os olhos azues, tal era o typo germanico.

Um manto curto, ou apenas a pelle de um animal, lhe cobria o corpo, desde cedo afeito ás intemperies. Por habitação tinha uma simples cabana; não possuia cidades.

Bellicosos, amantes de exercicios violentos, conservavam os Germanos vestigios da vida nomade. Os homens quasi não trabalhavam; as mulheres fiavam e teciam; os escravos cultivavam a terra. Sobrios no comer, a embriaguez era-lhes todavia vicio commum.

Em caso de guerra, todo o homem livre vâlido era soldado. A principal arma era a *framea*.



Moedas dos Barbaros
(encontradas no tumulo de Childerico em Tournay)

Quando cumpria tomar uma decisão, reuniam-se todos os guerreiros em assembléas, que eram poderosos elementos de organização social. Os Germanos, ao principiar o periodo das invasões, ainda não tinham de todo evolvido do regimen patriarchal para a forma politica (2). Uma forte cohesão

(1) "Curva a fronte, Sicambro, disse-lhe o bispo; adora o que queimaste e queima o que adoraste."

(2) G. KURTZ — *Les Origines de la Civilisation Moderne*.

ligava todos os membros da familia; a autoridade do pae era absoluta.

A' imaginação dos Germanos, o WALHALLA, palacio aerio, afigurava-se residencia dos deuses (WOTAN ou ODIN, DONAR); para lá seriam conduzidos pelas formosas WALKYRIAS os guerreiros mortos em combates e viveriam em continuos banquetes.

Conversão dos Germanos. A' medida que penetravam no Imperio Romano, os Germanos convertiam-se, e tornavam-se orthodoxos ou arianos. Os Borgúndios, a principio catholicos, assim como os Suevos de Espanha, adoptaram depois o arianismo, por influencia dos Visigodos. Vândalos, Ostrogodos e Lombardos eram tambem arianos.

A conversão de Clóvis, trazendo os Francos ao seio da Egreja catholica, teve consideravel influencia. Os Anglo-Saxónios converteram-se no sec. VI, graças aos esforços do monge benedictino S. Agostinho. Em 587 os Visigodos abraçaram o catholicismo (no reinado de RECÁREDO). Os povos da Allemanha foram evangelizados principalmente por S. Columbano e S. Bonifácio, o apostolo da Germânia (sec. VIII). Os maiores esforços para conversão dos Germanos foram devidos ao papa S. Gregorio Magno (590-604), auxiliado pelos missionarios benedictinos.

II

O imperio byzantino no tempo de Justiniano.

O imperio byzantino. Graças a uma admiravel posição estrategica e á habilidade diplomatica de seus soberanos, a cidade de Constantino ia perpetuar até o seculo XV os restos do que fôra o imperio romano. Morto THEODÓSIO, repartido entre seus dois filhos o mundo, coube a ARCÁDIO o Oriente, e o Occidente a HONÓRIO. Invadido pelos Barbaros, assaltado pelos Hérus-

los, caiu o imperio do Occidente em 476. O imperio do Oriente, ou *imperio byzantino*, resistiu mais de um millenio, e só succumbiu em 1453, aos ataques dos Turcos commandados por MAHOMET II.

Justiniano. Um dos mais celebres imperadores que occuparam o throno de Constantinopla foi Justiniano (527-565). Graças a seus generaes NARSÉS e BELISÁRIO, derrotou os OSTROGODOS e os VANDALOS; sustentou varias guerras com os PERSAS, sem obter afinal van-



Mosaico byzantino (egreja de Santa Appolinária na Itália)

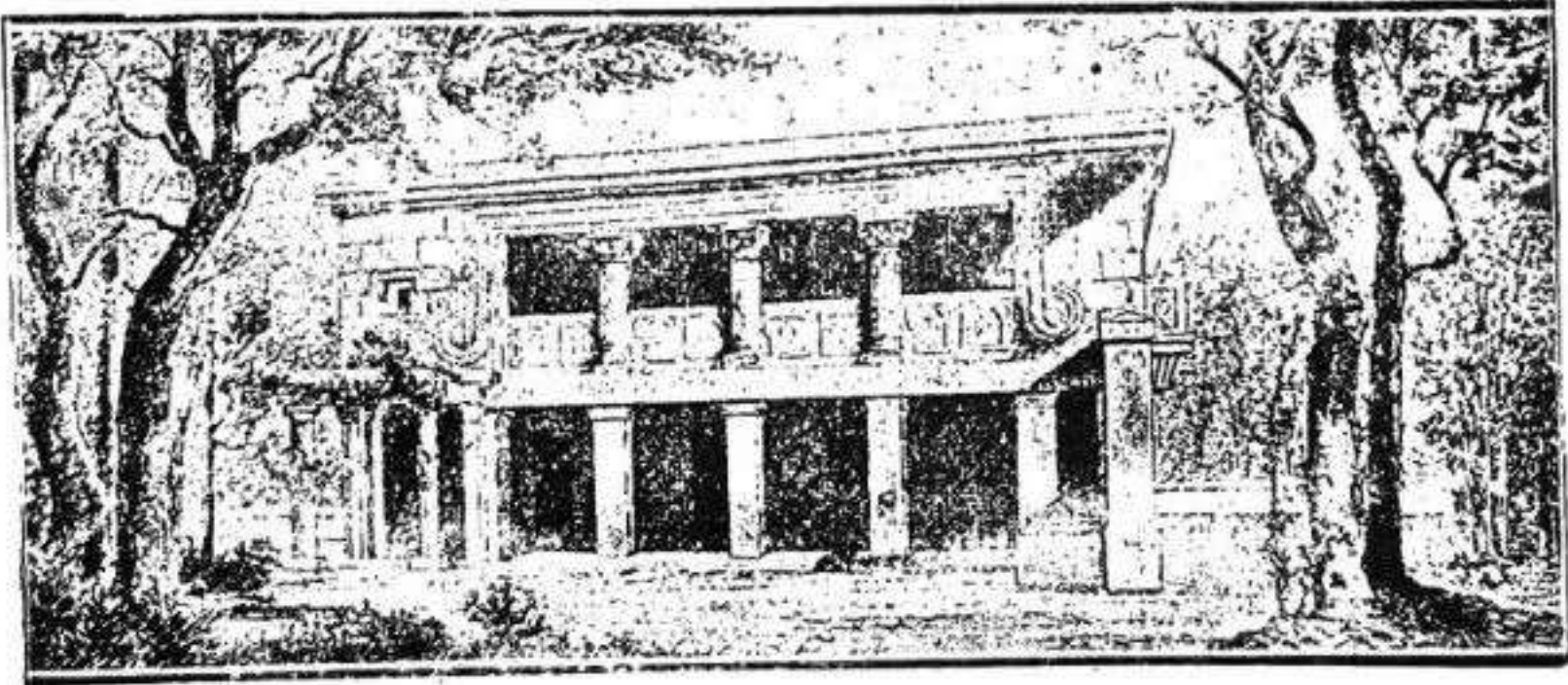
tagem alguma, protegeu o commercio e ergueu sumptuosos monumentos, como a celebre basilica de *Santa Sophia*. A maior gloria do reinado de Justiniano foi sem duvida o ingente esforço para codificação de todas as leis romanas. O imperio do Oriente conservara com effeito a legislação romana; nenhum trabalho, porém, propriamente novo se fizera. Na decadencia geral do direito como das outras sciencias, os jurisconsultos limitavam-se a repetir opiniões de outros que os tinham precedido, mormente de Papiniano, Paulo, Ulpiano, Gaio e Modestino. No tempo de Theodósio II (438) publicou-se o primeiro codigo official (*Codigo Theodosiano*), collecção de edictos e rescriptos dos imperadores. Justiniano, desejoso de ligar seu nome á grande empreza de coordenação do direito romano, encarregou de levar isso a effeito uma commissão dirigida por Triboniano, prefeito do pretorio; sendo então publicado o *Codigo Justi-*

niano, ao qual se seguiram: as *Institutas*, manual destinado aos estudantes; o *Digesto* ou *Pandectas*, composto de fragmentos das obras dos jurisconsultos mais notáveis; e finalmente as *Novellas* ou *Authenticas*, contendo constituições publicadas pelo imperador depois do Código. Código, Institutas, Digesto e Novellas formaram o que se chama *Corpus Juris Civilis*.

A sociedade byzantina.
O imperador,
a côrte, os costumes.

“Byzâncio era um imperio romano de nação grega e de costumes orientaes.”

Os imperadores de Constantinopla, tendo-se sempre em conta de successores dos Césares romanos, continuaram a considerar-se senhores abso-



Casa byzantina

lutos. Vivendo em um palacio, cercados de numerosa côrte de dignitarios, com todo o luxo e ceremonial de um soberano persa, possuindo até eunuchos, — para fallar-lhes, ou melhor para vê-los, era preciso prosternar-se e soffrer todas as ridiculas exigencias de absurda etiqueta.

Os dignitarios, semelhantes aos mandarins da China, não eram guerreiros nem bispos como nas côrtes occidentaes: homens sem nenhum valor, na quasi totalidade, preocupados apenas com seus pomposos titulos, e com os espe-

ctaculos do circo em que os “verdes” e os “azues” se disputavam o favor da plebe. O proprio Justiniano abraçou o partido dos azues contra os verdes.

Dos costumes originarios de Roma restavam apenas os vicios: o proprio latim, quasi inteiramente esquecido pelo vulgo, fôra substituido pela lingua grega. As lutas do circo, as disputas theologicas, agitavam os espiritos e provocavam divisões que por vezes terminaram de modo bem cruel.

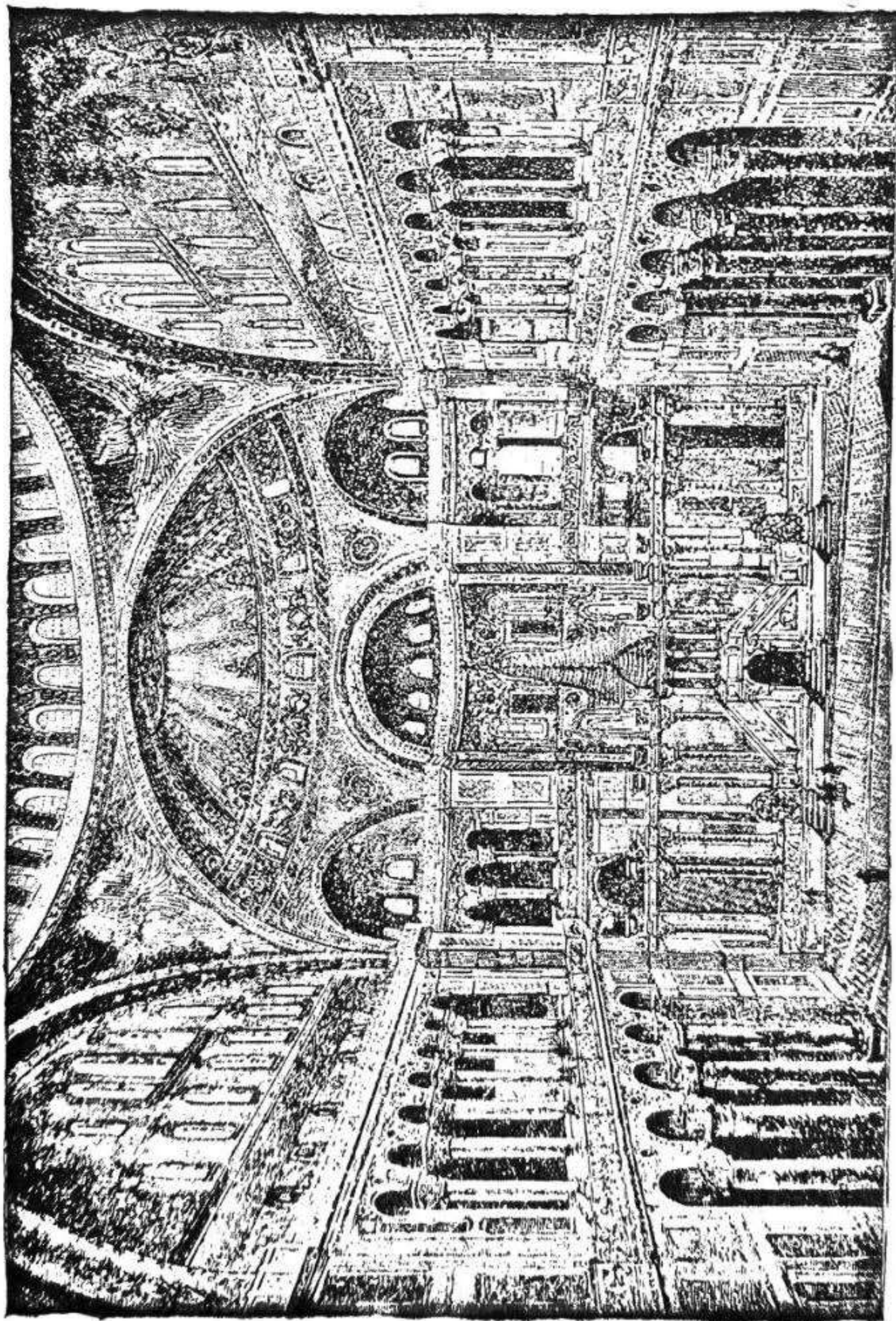
As heresias. NESTÓRIO, arcebispo de Constantinopla, affirmava haver em Christo duas pessoas, uma pessoa divina e outra humana, negando a maternidade divina da Virgem. Condemnado o heresiarcha pelo CONCILIO DE ÉPHESO, os seus discipulos refugiaram-se na Pérsia (431).

EUTYCHES, monge de Byzâncio, ensinava que só havia em Christo uma natureza unica. Era o *monophysismo*, reprovado pelo CONCILIO ECUMENICO DE CHALCEDÓNIA (451).

Nestorianos, monophysitas, arianos, catholicos, — hereticos e orthodoxos — sustentaram suas idéas. D’ahi complicações entre os imperadores e os papas. Justiniano mesmo, por influencia de sua mulher Theodora, favoreceu os euty-chianos e por sete annos conservou preso em Constantino-pla o papa Vigilio.

A arte byzantina. O reinado de Justiniano ainda se distinguiu pelas construcções. A obra mais notavel da architectura da epoca, a egreja de *Santa Sophia* em Constantinopla, ainda subsiste, embora transformada pelos Turcos em mesquita. Dedicada por Justiniano á suprema sabedoria (*sophia*), feita de marmore, extraordinariamente rica, é encimada por uma cupola de 60 m. de altura.

As egrejas byzantinas, exteriormente simples, têm quasi sempre o interior ricamente enfeitado, mosaicos de côres variadas, columnas de marmore precioso. Possuem em geral **cupolas douradas e brilhantes.**



Interior da egreja de Santa Sophia

Pelo numero e belleza de seus monumentos, Constantinopla mereceu o titulo de museu de arte antiga. A architectura byzantina serviu de modelo aos Venezianos e aos Russos.

Emfim, conservando-nos os thesouros literarios da antiguidade e o direito romano, os Byzantinos foram effectivamente bibliothecarios da humanidade.

III

O Islamismo e sua propagação.

A Arábia. Entre o mar Vermelho e o golfo Persico, a Arábia, a mais occidental das tres grandes peninsulas meridionaes da Ásia, foi pouco conhecida pelos antigos. Os desertos do norte haviam-na protegido contra os invasores; nem Cyro, nem Alexandre a percorreram, e o proprio imperio romano não ultrapassou os areaes ardentes da peninsula. Dividiam os antigos a Arabia em tres principaes regiões: a *Arábia Petréea* (peninsula do Sinai), *Arábia Deserta* (desertos do centro) e *Arábia Feliz* (toda a parte sul). A costa occidental, banhada pelo mar Vermelho, é a parte mais povoada: lá se acha o *Hedjaz*, com as cidades celebres, Medina e Meca; no extremo sudoeste da peninsula fica o *Yemen* (Arábia Feliz), cognominada "Jardim da Arábia", região muito fertil; o interior, quasi por completo deserto, contem alguns oasis, onde vivia uma população de pastores nomades, continuamente em guerra, como os Beduínos de nossos dias.

O povo. Pertencem os Arabes á raça branca, ramo semítico: segundo as tradições que conservam, de accordo com o testemunho da Biblia, descendem de ISMAEL, filho de Abrahão e Agar, e de JOCTAN, filho de Heber.

Estatura mediana, constituição robusta, rosto regular, fronte alta, olhos negros, tez morena, barba negra: tal o bello typo arabe. Usam um grande manto (*albornoz*) e na cabeça o turbante.

Estudando-lhes os costumes, mixto singular se nos depara de generosidade e de selvajaria, de respeito á hospitalidade e de avidez pelo saque, de amor pelas aventuras e de sensibilidade aos encantos da poesia. Dotados de imaginação ardente, disputavam publicamente premios em concursos poeticos realizados annualmente. Eram muito fortes os laços de familia, obedecendo quasi sempre cada tribu ao xeque ou emir, chefe de uma familia privilegiada, segundo o regimen patriarchal.

Os Arabes antes de Mahomet.



Oliphante enviado a Carlos Magno por Harum - al - Raschid (Thesouro de Aix-la-Chapelle).

Diversas eram as religiões das tribus árabes: seguiam algumas o sabeismo, outras adoravam o fogo; existiam até christãos nestorianos. A todas, porém, era santuario comum a CAABA, templo cubico situado em MECA, e fundado, dizia-se, pelo proprio Ismael. Na Caaba, que ainda hoje existe, venera-se a pedra preta trazida pelo archanjo Gabriel para que nella repouassêem Ismael e Agar.

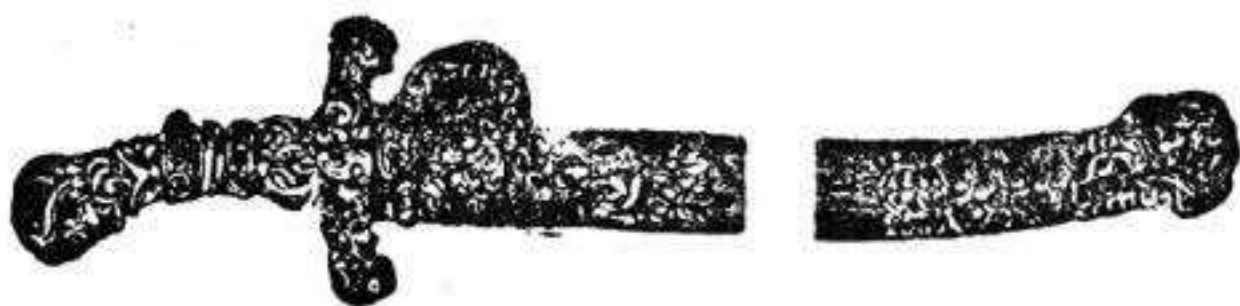
As differentes tribus árabes não formavam propriamente um Estado. Coube a Mahomet realizar-lhes a unidade, por meio de uma nova religião.

Mahomet.

Cerca do anno 570 nasceu Mahomet

(em árabe Mohammed), em MECA, da nobre tribu dos Coraichitas, encarregada da guarda da Caaba.

Desde cedo acostumado ás viagens pela Syria, Palestina e Pérsia, Mahomet, orphão e pobre, foi conductor de caravanas; e mais tarde tornou-se rico pelo seu casamento com a viuva KHADIDJA. Observador profundo, valente guerreiro, instruido pelas viagens, immensamente ambicioso, concebeu o audaz projecto de reunir todos os Arabes em uma só religião debaixo de seu dominio.



Espada enviada a Carlos Magno por Harum-al-Raschid
(Thesouro de Aix-la-Chapelle)

Começou retirando-se ás solidões do monte Herat, para se entregar á meditação. De lá saiu depois a prégar a crença no verdadeiro e unico Deus, segundo a ordem recebida numa visão que, dizia, em seu retiro tivera. Porém, atacando a idolatria, Mahomet attrahira as iras dos habitantes de Meca, sendo obrigado a fugir, para escapar á sanha dos Coraichitas (622, *hegira*) Data de então a era dos muçulmanos.

Os habitantes de MEDINA, rivaes pelo commercio dos de Meca, receberam o propheta, que então se pôs a prégar a guerra santa contra os infieis de Meca, muito embora a principio prégasse a resignação e o respeito ás crenças alheias. Crescido foi o numero de proselytos; passados oito annos Mahomet entrou victorioso em Meca e destruiu os idolos da Caaba.

Quando a morte o surpreendeu (632) estava submetida toda a Arábia.

A doutrina muçulmana. Os ensinamentos do propheta, esparsos em fragmentos, foram depois reunidos em um livro: o Koran ou ALCORÃO (o livro por excellencia).

O islamismo, mixto de judaismo e da doutrina christã, nada possui de original. Tem como verdades precipuas: a unidade de Deus e a missão divina de Mahomet, donde a



Copo de vidro arabe
(museu de Chartres em
França)

formula: "Deus é Deus e Mahomet é seu propheta". Allah, Deus, é creador e juiz supremo; nada lhe pode modificar a vontade, havendo predestinação absoluta de todos os homens (*fatalismo*). Deve-se combater os infieis com a espada: os que morrerem combatendo pela fé alcançarão o Paraíso, onde haverá gozos materiaes; são prescriptos o jejum, a oração e a esmola; deve-se fazer ao menos uma vez na vida peregrinação a Meca; prohibe-se a aguardente e a carne de porco, sendo per-

mittida a polygamia e a escravidão.

O Christianismo, exigindo dos homens o combate contra a propria sensualidade, eleva-os e dignifica-os; o islamismo, religião da espada, permitindo a satisfacção dos instinctos baixos e assegurado recompensas materiaes no céu, devia rapidamente diffundir-se entre povos barbaros.

O ISLAMISMO E SUA PROPAGACÃO

Mahomet

Mohammed

{ Nasce em Meca (570), descendente de familia pobre, mas nobre.
 Casa-se com Khadidja e torna-se rico.
 Começa sua prégacao em Meca.
 Encontra grande opposição e foge para Medina (*hegira*, 622)
 Começa a *guerra santa* contra os infieis, toma Meca e destroe os idolos da Caaba.
 Morre depois de haver submettido toda a Arábia (632).

O Islamismo

{ A doutrina está contida no Koran (Alcorão).
 "Deus é Deus e Mahomet é seu propheta."
 Unidade de Deus (*Allah*); immortalidade da alma.
 Paraíso sensual. Predestinação (fatalismo).
 Oração. Esmola. Jejum (*Ramadan*). Peregrinação (a Meca).
 Proibição da carne de porco e do vinho.
 Polygamia permittida.

Conquistas Arabes

{ Os Arabes conquistam successivamente: A Syria, a Palestina, a Pérsia, o Egypto,
 o N. d'Africa e a Espanha.
 Transpõem os Pyreneus, mas são repellidos em Poitiers (732) por CARLOS MARTEL.

IV

Governo dos reis barbaros. — Carlos Magno: a unidade imperial e christan no Occidente.

Os Merovíngios. Os reis da primeira dynastia franca, Merovíngios (de Meroveu, avô de Clóvis), tendo-se distinguido a principio por uma parte activa no governo, pouco a pouco foram perdendo a autoridade, merecendo a qualificação de “reis indolentes” (*rois fainéants*), que mais tarde se lhes deu.

Depois do reinado sabio e glorioso de DAGOBERTO (628-638), apogeu do poder merovíngio, começou a decadencia. Os que occupavam o throno eram reis apenas nominalmente: o verdadeiro senhor era o “prefeito do palacio” (*maire du palais*), a principio mero intendente da casa real e que progressivamente veio a ser uma especie de primeiro ministro omnipotente.

Os filhos dos reis merovíngios repartiam entre si o reino. Houve assim varios desmembramentos, formando-se alguns reinos: NÊUSTRIA, a oeste, onde se encontravam muitos proprietarios gallo-romanos; AUSTRÁSIA, a leste, onde predominavam os Francos; a BORGÚNDIA e a AQUITANIA. Da Austrásia saiu a segunda familia de principes, que deviam engrandecer a monarchia franca.

Os Carlovíngios. PEPINO DE HERISTAL, duque de Austrásia, tendo vencido os nêustrios em TESTRY (687) governou a Nêustria e a Austrásia como prefeito do palacio. Seu filho CARLOS MARTEL salvou a monarchia franca e a Europa, derrotando os Arabes em PORTIERS (732).

O advento da dynastia carlovíngia deu-se no tempo de PEPINO, o BREVE, filho de Carlos Martel. Ao papa S. Zacharias consultou Pepino, prefeito do palacio, "qual merecia o titulo de rei, quem só o era de nome ou quem dispunha de toda a autoridade". Obtida do pontifice resposta affirmativa favoravel, Pepino tomou o titulo de rei e Childerico III, o ultimo Merovíngio, foi encerrado em um convento (752).



Sello de Pepino-o-Breve (archivo de S. Maximino de Treves)

Pepino venceu os Lombardos, tirou-lhes o Exarchado de Ravenna e doou-o ao papa, d'ahi se originando o *patrimonio de S. Pedro* (756).

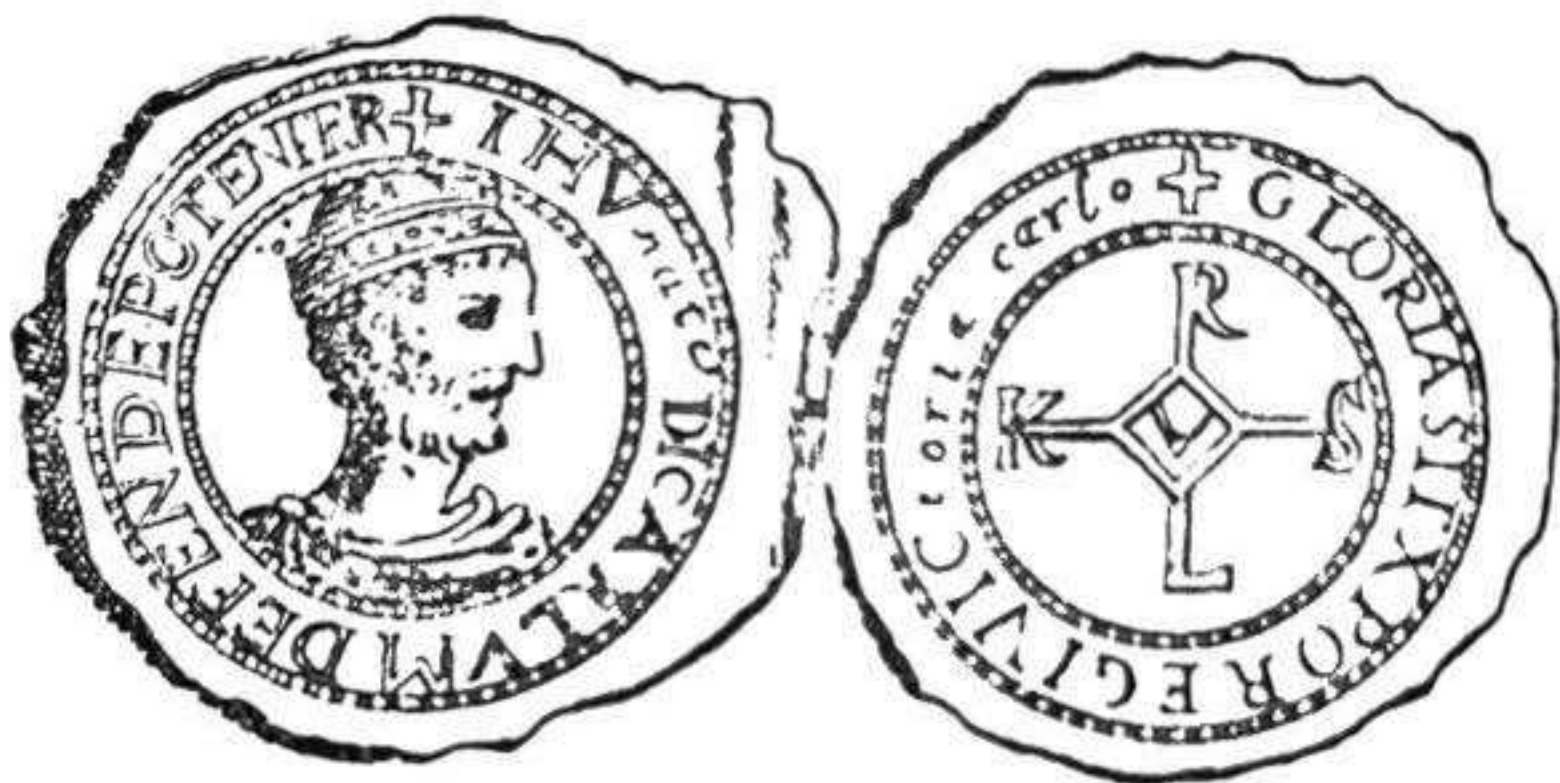
Carlos Magno. Pepino, ao morrer, deixara a seu filho CARLOS a Nêustria e a Aquitânia, e a CARLOMANO, mais moço, a Austrásia e a Borgúndia. Em breve, porém, por morte de Carlomano, Carlos, a quem chamaram Magno os posteros, tornou-se o unico senhor dos Francos (771).

Carlos Magno, o maior guerreiro e conquistador da Edade Media, foi tambem o maior de todos os soberanos christãos. "Sua surprehendente superioridade foi devida, não á enorme preponderancia de uma faculdade especial, como em muitos grandes homens, mas ao harmonioso equilibrio de todas, reunidas em grau supremo na mesma pessoa" (1).

Em um reinado de quarenta e seis annos empreendeu cincoenta e tres expedições militares. Submetteu todos os

(1) G. KURYU — *Les Origines de la Civilisation Moderne.*

povos vizinhos. Tendo atacado os LOMBARDOS, venceu a DESIDÉRIO, seu ultimo rei, que desthronado se recolheu a um convento. Carlos Magno cingiu a corôa de ferro dos reis

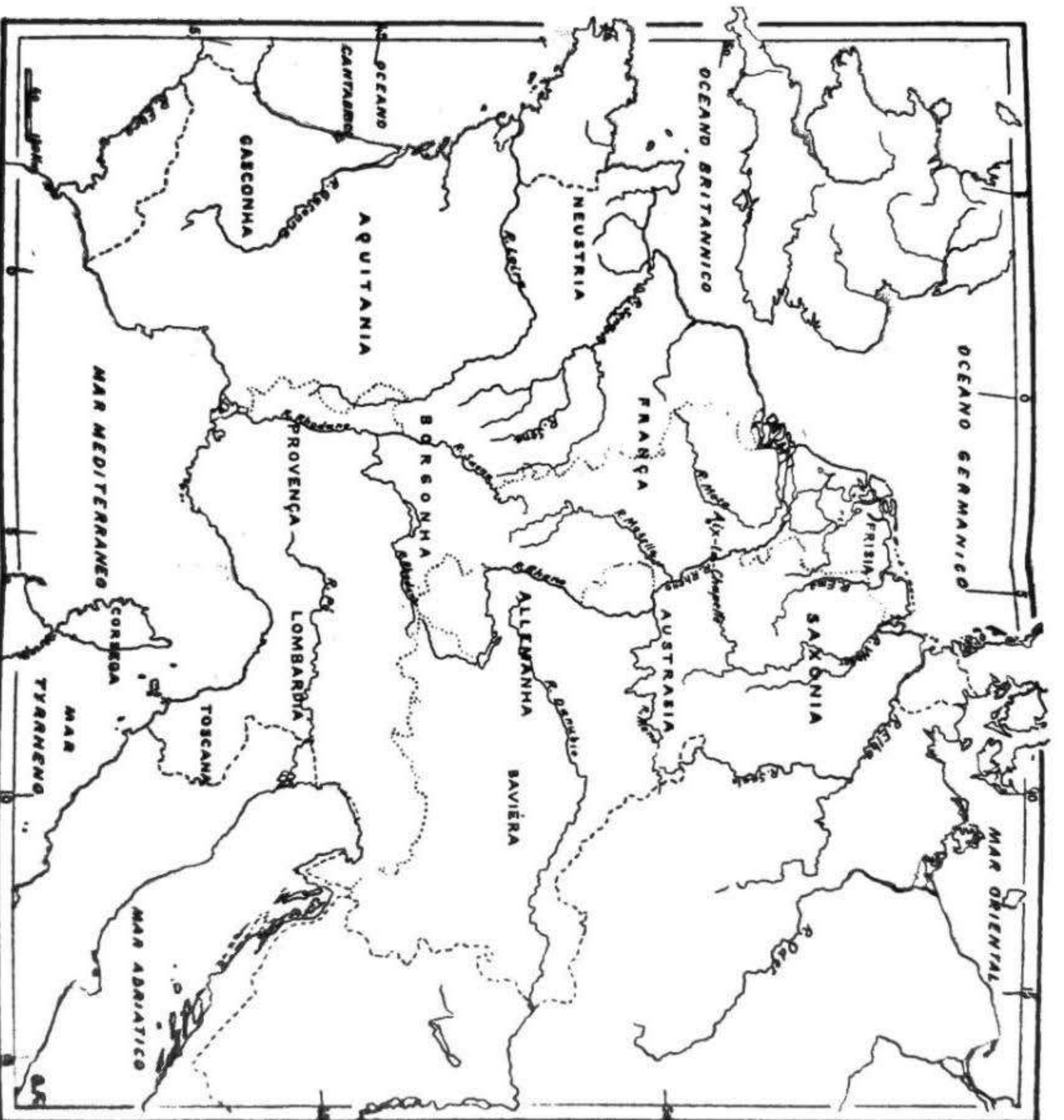


Sello de Carlos Magno

Lombardos e renovou á Santa Sé as doações de Pepino. A guerra contra os AVAROS custou-lhe oito annos. Trinta e tres foram as expedições contra os SAXÓNIOS, que após terrivel resistencia foram subjugados e punidos com grande severidade. Ainda contra os SARRACENOS de Espanha lutou Carlos Magno, sendo que, ao retirar-se, a retaguarda, commandada pelo sobrinho de Carlos, ROLDÃO, foi totalmente destruida no desfiladeiro de RONCESVALLES, incidente sem importancia mas que constituiu o assumpto de um poema epico celebre na idade media.

No anno 800, na noite do Natal, estando Carlos Magno ajoelhado a orar na basilica de S. Pedro, o papa Leão III collocou-lhe sobre a fronte a coroa de ouro, enquanto o povo o acclamava, erguendo vivas ao "imperador dos Romanos". Assim foi restabelecido o *Imperio do Occidente*.

Não sómente como guerreiro se distinguiu Carlos Magno. Todo seu reinado foi um admiravel esforço no sentido da civilização, e esta lhe é por certo a maior gloria. Inimigo do luxo e da ociosidade, simples e infatigavel, sabia o imperador applicar uma admiravel actividade ás preocupa-



Imperio de Carlos Magno

ções mais diversas, á administração, ás escolas, ao exercito, ás leis, ás sciencias e letras.

Os nobres e os membros mais notáveis do clero anualmente se reuniam em assembleas, onde se discutiam as celebres *Capitulares*. O imperio era dividido em condados, administrados por um conde, nomeado pelo imperador. Os encarregados das circumscripções militares das fronteiras chamavam-se tambem duques. Para fiscalizar os actos dos duques e con-



Carlos Magno (mosaico de S. João de Latrão)

des eram enviados homens de confiança (*missi dominici*).

Carlos Magno cercou-se dos homens mais distinctos do seculo: PAULO DIÁCONO, lombardo, ALCUÍNO, inglês, EGINHARD, historiador franco. Multiplicaram-se as escolas. A palatina funcionava no proprio paço. O imperador, embora pouco instruido (jamais conseguiu escrever com facilidade), foi grande propugnador do movimento intellectual de sua epoca.

Nem ao grande monarcha faltou o prestigio da amizade e admiração dos soberanos de seu tempo: o proprio Harum-al-Raschid, califa de Bagdad, offereceu-lhe o protectorado dos Santos Logares.

Desmembramento do Imperio carlovingio.

bora dotado de boas qualidades, não possuia a indispensavel



Dama nobre da
epoca dos carlovingios

O grande imperio creado por Carlos Magno não foi de longa duração. LUIS o PIEDOSO, successor do grande imperador (814-840), embora dotado de boas qualidades, não possuia a indispensavel firmeza de caracter para se manter em tão difficil posição. Commetteu o grave erro de dividir seus dominios pelos tres filhos (LOTHÁRIO, LUIS e PEPINO), promovendo assim grandes lutas.

Pelo tratado de VERDUN (843) deu-se o primeiro desmembramento do imperio, ficando Luis com o reino de GERMANIA hoje Allemanha; Lothário com a ITÁLIA e com uma porção de territorio no valle do Mosa (LOTHARINGIA, Lorena); Carlos o Calvo, filho do segundo casamento de

Luis o Piedoso, com a FRANÇA propriamente dita.

As causas principaes do desmembramento do imperio cifram-se em sua grande extensão, nas difficuldades das communicações, na diversidade das raças e das linguas, na incapacidade de Luis o Piedoso e de seus successores.

Os Normandos.

barbaros.

Os Normandos, "homens do norte", de raça germanica,



Nobre da epoca
dos carlovingios

O desmembramento ainda se operou sob a acção de novas incursões de povos

vindos da Jutlândia e da Escandinávia, invadiram, no sec. IX, o imperio carlovíngio. Intrepidos marinheiros, arrostando as tormentas atacavam as populações ribeirinhas, espalhavam por toda parte a devastação e o terror e desapareciam como haviam surgido, subitamente. A Inglaterra, onde fundaram nova dynastia, a Hollanda e a Bélgica, foram assoladas. Em França, chegaram a pôr cerco á cidade de Paris, que heroicamente resistiu (886); e estabeleceram-se depois na região que delles se chamou NORMANDIA.

A fraquezas dos principes carlovíngios e as luctas contra os invasores provocaram transformações politicas que chegaram ao ponto de inaugurar uma nova dynastia.

Dieta de Tribur.

**Advento
dos Capetíngios.**

O procedimento de Carlos, o Gordo, durante a invasão dos Normandos causou indignação aos senhores, que o depuzeram na dieta de Tribur (887). Foi o imperio mais uma vez retalhado, cabendo a coroa de França a Eudes, conde de Paris, que muito se distinguira contra os invasores. A decadencia dos carlovíngios accentuou-se cada vez mais, até que em 987, morto Luis V, os bispos e os condes reuniram-se em NOYON e elegeram HUGO CAPETO, que inaugurou a dynastia cape-tíngia.

MONARCHIA FRANCA

Os Francos	<p>De origem germanica, entram a serviço do Imperio como <i>auxiliares perpetuos</i>, desde o tempo de Juliano (IV seculo).</p> <p>Antes de Clóvis os Francos não formavam um povo. { Sálíos. Ripuários. Dividiam-se em. } Sicambros.</p> <p>(Clódion) — Meroveu. — Combateu contra Attila em Châlons.</p>
Merovíngios (Até 752),	<p>Clóvis fundou a monarchia franca, (481-511). { Venceu SYÁGRIO (<i>Soissons</i>), 486. Casou-se com CLOTILDE, 493. Triumphou em <i>Tolbiac</i>, 496. Baptizou-se em Reims. Venceu ALARICO (<i>Vouillé</i>), 507.</p> <p>Dagoberto (628-638). { Austrásia, reino de Leste. <i>Francie germanique</i>. Néustria, reino de Noroeste. <i>Francie romaine</i>.</p> <p>Reis indolentes (<i>rois fainéants</i>). { PEPINO DE HERISTAL vence os Nêustrios em Os prefeitos do paço. } <i>Tetry</i>, 687. CARLOS MARTEL detem os Arabes em <i>Poitiers</i>, 732.</p>
Carlovíngios (752-987)	<p>Pepino { Filho de Carlos Martel. o Breve. { Advento dos Carlovíngios, 752. Origem do poder temporal dos Papas (Astolpho, Estêvão II, 756). Combate contra os Saxões (772-804. <i>VIRIKIND</i>). Derrota a Desidério., e é coroado rei dos Lombardos, 774. Luta contra os Sarracenos: Desastre de ROLANDO ou ROLDÃO em <i>Roncesvalles</i>, 778.</p> <p>Carlos Magno { Restabelece o imperio do Occidente, e é proclamado por São (771-814). { Leão III: "Grande e legitimo imperador do Occidente", 800. Protege as letras (ALCUINO, EGINHARD). <i>Escola palatina</i>.</p>

V

Feudalismo.

Definição. Denomina-se feudalismo o regimen social e politico de quasi toda a Europa na idade media, particularmente do seculo IX ao XII. A palavra feudalismo provêm de *feodum*, do baixo latim, segundo uns, cognato de *fides*, fé; conforme outros, de duas raizes germanicas, *fee*, salario, recompensa, e *od*, propriedade, laço, posse. A mesma raiz se nos depara na palavra *allodium*, terra allodial, de *all*, todo e *od*, propriedade.

Estabelecimento do feudalismo. O feudalismo parece ter-se originado na Germânia, passando á Gallia com os Francos. Os reis barbaros, dispondo, depois da invasão, de vastos territorios, recompensavam os guerreiros mais illustres concedendo-lhes grandes extensões de terras. Taes dominios chamavam-se *beneficios* ou *feudos*. A principio vitalicios, tornaram-se hereditarios do seculo IX em diante.

Ao mesmo tempo os beneficiados arrogaram-se o direito de transmittir aos seus descendentes as funcções e cargos importantes que desempenhavam, aos quaes em geral estava annexa a percepção de certas rendas.

Desde então os reis, privados da maior parte de seus dominios e de sua autoridade, apenas conservaram uma sombra de poder.

O que distinguia o beneficio das “terras allodiaes” era que estas ultimas eram possuidas com exempção das obrigações inherentes á posse dos beneficios.

A *recommendação* era o acto pelo qual um homem se collocava sob a protecção de outro mais poderoso, isto é,

“recommendava-se”, a troco de certos serviços. Explica-se facilmente o contracto de recommendação pela situação precaria dos pequenos proprietarios de terrenos allodiaes, ao entrarem os grandes senhores na posse e soberania de seus beneficios.

O regimen feudal não foi peculiar sómente á França: existiu em toda a Europa, extinguindo-se-lhe os ultimos vestigios com a Revolução Francesa.

Organização dos feudos.

Quem doava o feudo, denominava-se *suserano*; quem o recebia, *vassallo*. O contracto pelo qual se constituia o feudo comprehendia dupla formalidade: da parte do vassallo a *homenagem* e o *juramento de fidelidade*; da parte do senhor a *investidura*.

A homenagem era o acto pelo qual o vassallo, em geral de joelhos, postas as mãos entre as do senhor, lhe protestava reconhecê-lo como seu suserano e ficava obrigado a defendê-lo. O juramento de fidelidade fazia-se sobre o Evangelho.

A investidura, ou acto de conceder a posse do feudo, fazia-se quer acompanhando o vassallo ás terras, quer dando-lhe symbolicamente algum producto da propriedade.

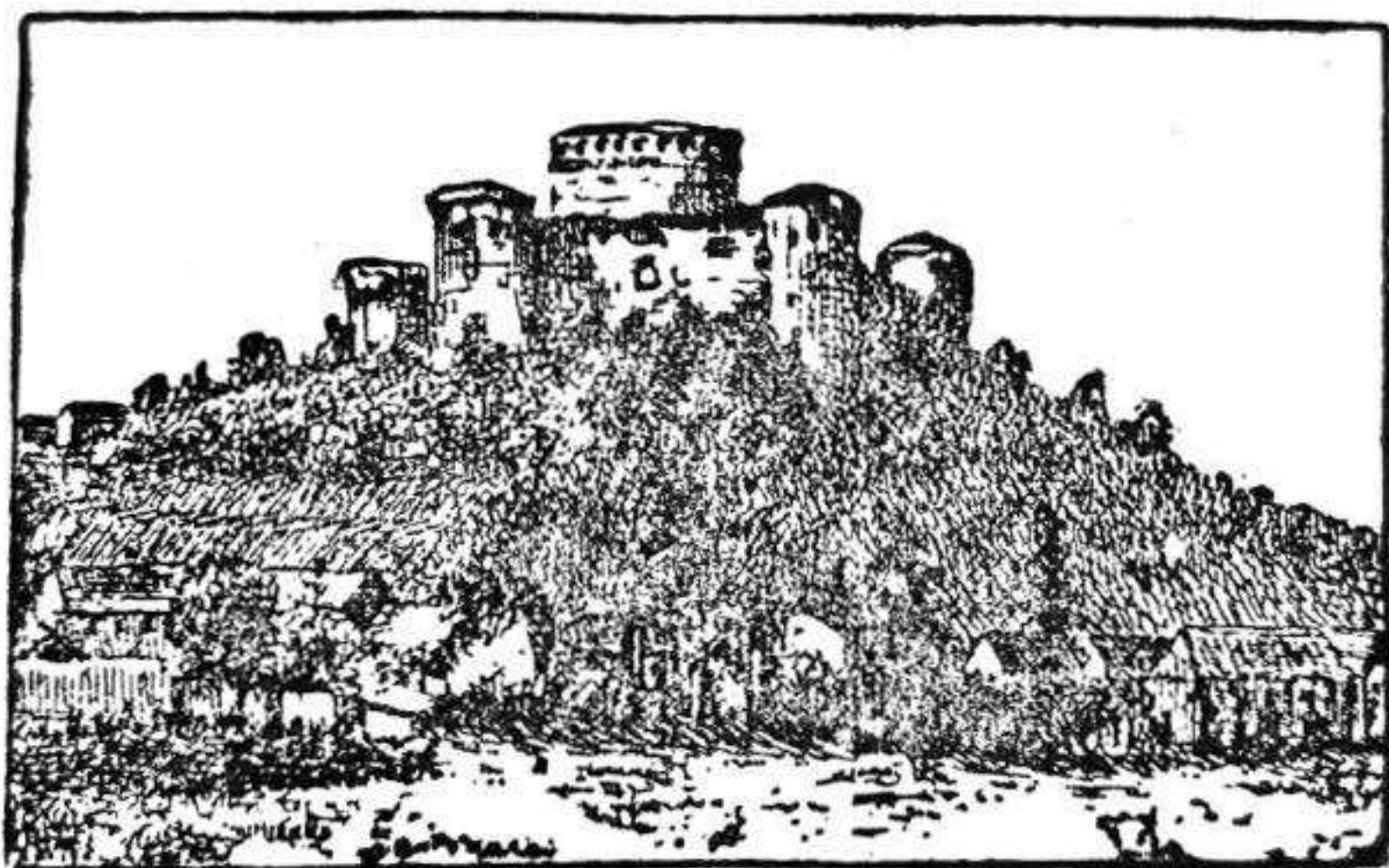
Deviam os vassallos ao suserano: o serviço militar, acompanhando-o á guerra; o serviço judiciario, isto é, fazendo parte do tribunal de justiça, quando o senhor usasse da propria jurisdicção; soccorros pecuniarios, ou para resgatar o senhor captivo ou para lhe dotar a filha ou lhe armar o filho cavalleiro; e serviços moraes: a fidelidade, a defesa da honra, etc.

Reciprocamente o senhor devia proteger o vassallo em quaesquer circumstancias.

Sendo a principal obrigação dos vassallos o serviço militar, as mulheres, os plebeus (que então não tinham direito de pegar em armas) e os padres (aos quaes prohibe a Igreja derramar sangue) não podiam receber feudos. O feudo era indivisivel e transmittia-se por successão ao mais

velho dos descendentes do sexo masculino, ou então aos collateraes, nunca aos ascendentes.

Hierarohia feudal. O rei, no regimen feudal, é, pelo menos nominalmente, o suserano de todos os senhores do paiz; todos lhe prestam homenagem. Como, porém, nem sempre era quem possuia mais dominios, não era o mais poderoso, podendo-lhe pois os vassallos fazer guerra. Logo abaixo do monarcha vêm os



O castello de Coucy

— grandes senhores da coroa — chamados em França — pares. Enfeudavam estes parte de seus dominios a outros menos qualificados, formando-se uma hierarchia: rei, duque, marquês, conde, visconde, barão, cavalleiro, castellão, burguês, peão e servo da gleba.

No regimen feudal a soberania decorria portanto da propriedade; e na extensão dos feudos eram os senhores investidos de direitos politicos, taes como declarar guerra, cunhar moedas, perceber impostos, administrar a justiça, etc.

Para possuir um feudo era preciso ser nobre. Além dos nobres havia homens de condição servil e de condição plebéia. Sujeitos os servos a grande numero de obrigações, era comtudo a sua condição superior á dos escravos romanos.

Do sec. XI em diante constituiu-se na sociedade uma classe de homens relativamente livres: os camponeses ou villões, antigos servos libertos, e os burgueses da cidade.

O clero pertencia á classe alta da sociedade feudal, e gozava de grande influencia. Contribuiu principalmente

para tornar mais branda a oppressão dos nobres.



Cavalleiro armado
(vitraes da cathedral de Chartres)

A vida feudal.

Viviam habitualmente os senhores feudaes nos castellos, verdadeiras fortalezas de construcção pesada, situadas no alto das collinas.

Frequentes eram as guerras entre os senhores, motivando isto o espirito bellicoso proprio da epoca.

O *Juizo de Deus*, aliás condemnado pela Egreja, era o combate braço a braço, acreditando-se que ajudaria Deus aquelle que tinha razão.

Não, havendo guerras, davam-se grandes festas, principalmente *torneios*, *justas* e combates, de que sempre resultavam ferimentos, e não raro mortes.

Tregua de Deus.

Procurou a Egreja abrandar taes costumes, instituindo a "tregua de Deus", suspensão de hostilidades em determinados dias da semana,

para commemoração de algum mysterio da vida de N. S. Jesus Christo. Iniciada em França, estendeu-se em breve a quasi toda a Europa, com real vantagem para a religião, a paz e a civilização.

A cavallaria. Derivada dos costumes allemães, foi a cavallaria reformada e quasi de novo creada pela Egreja.

Começava a educação cavalheiresca nos castellos, e geralmente ia dos 7 aos 21 annos. Comprehendia tres graus: o *pagem*, a quem as senhoras ensinavam maneiras corteses; o *escudeiro*, que adquiria o tirocinio militar; e finalmente o *cavalleiro*, que só o era depois de algum feito brilhante.

Devia o cavalleiro defender a religião, os fracos e opprimidos; e se faltasse a estas obrigações, era considerado villão, traidor, *fellon*.

Emquanto não degenerou nos desvarios dos "cavalleiros andantes", a cavallaria foi uma das melhores instituições medievas.

**Decadencia
do regimen feudal.**

O feudalismo, embora causasse muitas guerras internas e opprimisse os povos com varios impostos, teve resultados beneficos. Estabeleceu a passagem da barbaria para a moderna civilização e chamou a attenção para a vida dos campos.

As Cruzadas, o engrandecimento da realza, a emancipação das communas e as transformações do serviço militar, taes foram as causas da decadencia e do desaparecimento do regimen feudal.

VI

A Igreja na Idade Média. — Organização e reformas. — Conflictos com o poder temporal. Triunpho da Igreja.

O papel da Igreja durante a Idade Média.

Foi importantissimo o papel da Igreja na Idade Média. No meio das violencias e não raro da anarchia, o clero, apesar da fraqueza de alguns de seus membros, representou o principio da ordem, salvou os restos da civilização e esforçou-se por suavizar a brutalidade dos costumes, auxiliando os fracos e os pequenos.

A acção do papado sobre a sociedade tornara-se cada vez mais sensivel e benefica. Até á epoca de Constantino, a sociedade christan, ainda não legalmente reconhecida, trabalhara sómente para se estabelecer. Os papas, representantes e chefes dessa sociedade, tiveram depois que lutar pela independencia espiritual contra as pretensões dos imperadores christãos. Durante a invasão dos Barbaros haviam-se applicado especialmente a suavizar a sorte das populações catholicas vencidas contra os vencedores hereticos ou pagãos. Finda a invasão, trabalharam pela regeneração social.

Emquanto os imperadores de Constantinopla estiveram de posse de Roma, o papa, foi considerado por elles como um funcionario religioso. Os imperadores pretendiam intervir em questões de fé, com as quaes nada tinham que ver, e dictar as creanças dos christãos. Resistiam os papas e aspiravam á independencia em Roma, para assegurar a independencia espiritual.

O primeiro que se approximou desse objectivo foi GREGÓRIO I, o MAGNO (VI-VII sec.), que conseguiu a completa conversão ao christianismo de todos os povos do Occidente.

desde os Visigodos de Espanha até aos Anglo-saxões da Gran-Bretanha.

A intervenção dos Francos e de PEPINO o BREVE assegurou a independencia dos papas. Tendo tirado aos Lombardos, em 756, os territorios que elles haviam conquistado aos Gregos, Pepino deu-os ao papa Estêvão II. Tornaram-se os papas verdadeiros soberanos temporaes, reis do *património de S. Pedro*, mais tarde denominado *Estados da Egreja*.

A Egreja e o Imperio. O acontecimento mais importante do sec. XI é a luta entre o sacerdocio e o imperio, entre os papas e os imperadores da Allemanha, combatendo aquelles pela independencia do poder espirital, esforçando-se estes por concentrar em suas mãos os dois poderes, o espirital e o temporal.

O papa S. GREGÓRIO VII e o imperador HENRIQUE IV personificam particularmente tal luta, felizmente terminada pela victoria do Papado, isto é, pelo triumpho da Egreja e da consciencia humana.

Pontificado de Gregório VII (1073-1085).

Em meio das continuas guerras que affligiam a Europa e ameaçavam a

volta á barbaria, a disciplina ecclesiastica havia-se relaxado. Os bispos, que se tornaram senhores feudaes, em breve adquiriam, as mais das vezes, os costumes dos senhores leigos. Os mosteiros haviam desaparecido, ou pouco a pouco tinham abandonado a severidade de suas regras. Para cumulo de desgraças, puseram-se os soberanos a vender as dignidades ecclesiasticas a homens ambiciosos e corruptos, e a simonia chegou a attingir a Santa-Sé. Tal o triste espectáculo que apresentava a sociedade christan no decimo seculo.

Mas já appareciam elementos de regeneração. A regra de S. Bento, restaurada no mosteiro de CLUNY, preparava uma geração de santos e reformadores. D'ahi saiu a grande reforma do seculo XI, e lá HILDEBRANDO, mais tarde conhe-

cido pelo nome de Gregório VII, amadureceu seus projectos de restabelecimento da disciplina.

Por morte de Alexandre II foi Hildebrando acclamado papa unanimemente pelo clero e pelo povo. Filho de um carpinteiro da Toscana, educado nos austeros principios da ordem de Cluny, e conselheiro dos papas, não se illudiu



Henrique IV ajoelhado deante de Matilde em Canossa (manuscripto do seculo XI existente no Vaticano).

Gregório VII quanto ao que cumpria fazer. Era preciso restabelecer a disciplina ecclesiastica, extirpar a simonia, e estabelecer definitivamente a independencia da Egreja. Os principes, acostumados a tirar grande lucro da venda das dignidades ecclesiasticas, e os padres e bispos eleitos por abuso, e por conseguinte entregues a toda sorte de desordens, não estavam dispostos a ceder. O principio do mal eram as investiduras; para ellas diri-

giu Gregório VII todos os esforços. Chamava-se investidura a cerimonia que consistia em pôr de posse de um beneficio ou dignidade por meio de symbolos adequados: o baculo e o anel, symbolos da dignidade episcopal; o sceptro ou a espada, da autoridade civil ou militar. Como os bispos se haviam tornado ao mesmo tempo senhores leigos, o sceptro, o baculo e o anel representavam-lhes o duplo poder, e os principes pretendiam dar a investidura com os tres symbolos, dispondo assim da dignidade episcopal e violando

os canones da Igreja. Protestaram os pontifices: d'ahi a *luta das investiduras*.

Questão das Investiduras. Gregório VII começou por convocar um concílio em Roma (1074). Medidas energicas foram tomadas contra a simonia e demais abusos. Philippe I de França e Henrique IV, imperador, prometteram expurgar seus dominios do escandalo da simonia; mas Henrique IV não cumpriu por muito tempo o que promettera, e aquelles sacerdotes que se sentiam culpados fizeram violenta opposição. Os monges de Cluny, os bispos e os padres que conservavam a dignidade do proprio estado, e o povo, que soffrera muito com as desordens de certa porção do clero, auxiliaram o pontifice e a reforma começou.

Como Henrique IV não cumprisse as prohibições do papa, Gregório VII escreveu-lhe para que elle respeitasse as decisões pontificias. O Imperador tentou depor o papa, reunindo em WORMS um synodo composto quasi exclusivamente de bispos simoniacos. Então Gregório VII excomungou a Henrique IV.

Vendo-se, em consequencia da excommunhão, sem o auxilio dos grandes vassallos e tendo-se reunido em TRIBUR uma dieta para eleger novo rei, Henrique IV submetteu-se a tudo para não perder a coroa. Foi á Itália, ao castello de CANOSSA, implorar perdão ao papa e voluntariamente fez aspera penitencia. Pouco depois, porém, tentou apoderar-se da pessoa do papa e recommçou as desordens anteriores. Então os principes depuseram-no e elegeram RODOLPHO DE SUÁBIA. Henrique, sustentado por uma parte do imperio, fez proclamar um antipapa e foi cercar Roma. O cerco durou 3 annos, graças á energia do papa. Emfim chegaram os Normandos em soccorro do pontifice.

Grégorio VII morreu pouco depois (1085) exclamando: "Odiei a injustiça e a iniquidade, eis porque morro no exilio".

A concordata de Worms.

Henrique IV, feliz ainda algum tempo, não tardou a ser abandonado pela boa fortuna. Vencido, combatido por seus

próprios filhos, alvo de geral desprezo e odio, morreu miseravelmente.



Canossa (estado actual das ruínas do castello)

A luta, porém, continuou. HENRIQUE V, que a princípio fingira devoção, recomeçou a questão das investiduras. Finalmente, em 1122 a concordata de Worms resolveu a questão, renunciando o imperador á investidura pelo anel e baculo, ficando-lhe a do sceptro.

Foi assim assegurada a liberdade da Igreja, que se viu não sómente livre da tyrannia dos imperadores, como também radicalmente reformada em sua disciplina.

VII

A Igreja na Idade Media. — As heresias, as ordens religiosas, a Inquisição.

As heresias.

Numerosas foram as heresias no periodo medieval. Umas provinham de velhos erros sobreviventes; outras do desejo de reagir contra o espirito mundano e a riqueza do clero, afim de reconduzir a Igreja

á simplicidade evangelica. Taes foram os Valdenses e os Albigenses.

Pedro de Vaux, rico negociante de Lyão, commovido com a leitura do Evangelho e da vida dos Santos, distribuiu seus bens aos pobres, mandou traduzir em vulgar a Biblia e pôs-se a prégar com outros leigos e algumas mulheres (1177). Foi excommungado pelo arcebispo de Lyão e depois pelo terceiro concilio lateranense (1177). Os Valdenses, ou *Pobres de Lyão*, foram novamente condemnados em 1185 pelo Papa. A seita continuou, com diversos nomes, nos Alpes piemonteses até ao seculo da Reforma protestante. Os Valdenses, aliás, eram como precursores dos reformados, só admittindo a exclusiva autoridade da Biblia, rejeitando sacramentos, indulgencias, culto dos santos, sacerdocio, etc. Com Innocencio III, alguns voltaram ao seio do Catholicismo; outros, mais tarde, adoptaram as idéas de Huss e de Calvino.

Desde o seculo X, aliás, a heresia invadira a Europa, vinda do Oriente com o neo-manicheismo; foi, porém, nos seculos XII e XIII que, sob o nome de *catharismo*, rapidamente progrediu. Os *Catharos* (1) tinham tomado ao manicheismo a concepção dualista do mundo, admittindo a existencia de dois deuses oppostos, um principio do bem, outro do mal, ambos eternos e independentes. Rejeitavam a missa, os sacramentos, as reliquias, as imagens, o culto da cruz e todo o Antigo Testamento "obra do deus do mal". Repelliam em bloco a liturgia, condemnavam a guerra e, pela prohibição de qualquer juramento, abalavam os alicerces da sociedade feudal. Os Valdenses não parecerem admittido a theologia manicheista dos Catharos, mas participaram de suas theorias antisociaes (2).

Como o principal foco do catharismo era a cidade de Albi, os Catharos ficaram mais conhecidos em França pelo

(1) Em grego, *puros*.

(2) HUBY. — *Christus*.

nome de *Albigenses*. Tentou-se primeiro convertê-los, empregando meios suasorios. S. Bernardo e outros monjes pregadores percorreram a região infestada e por algum tempo houve esperança de triumphar. Engano: apenas tinha regressado S. Bernardo, a propaganda albigense recomeçava mais forte. Como atacavam publicamente, não só a fé, mas a propria ordem social (chegando, em certos casos a condemnar o casamento e a obediencia ás autoridades temporaes), resolveu-se organizar contra elles uma cruzada. Sob o commando de Simão de Monfort, muitos nobres accorreram ao combate, mais attrahidos pelos odios de raça e esperança de lucro do que propriamente pelo zelo orthodoxo (1). Vinte annos durou a guerra, a que Branca de Castella, mãe de S. Luis, pôs fim em 1229. Innocencio III lamentou que a espada fizesse tantas victimas. Para acabar mais humanamente a obra começada e restabelecer a unidade religiosa, fundou-se o tribunal da Inquisição.



Um franciscano

As ordens religiosas. Justamente por essa epoca eram creadas duas ordens religiosas que correspondiam perfeitamente ás novas necessidades da Igreja e iam dar poderoso impulso á obra de reforma espiritual. Eram os *Franciscanos*, creação de um italiano, SÃO FRANCISCO DE ASSIS (1210) e os *Dominicanos*, fundação de um espanhol, S. DOMINGOS (1215). Ambas as ordens entregavam-se á prégação; os Dominicanos particularmente brilhavam na theologia e no direito canonico; os Franciscanos, ao cabo de meio seculo, exerciam tal influencia social, que só os religiosos eram cerca de 200.000. "Errando a pé através da Europa, sob

(1) DAVID et LORETTE. — *Histoire de l'Eglise*.

as soalheiras ou os ventos glaciaes, repellindo a esmola pecuniaria, mas recebendo reconhecidos o mais grosseiro alimento, despreoccupados do amanha, mas constantemente preoccupados em arrancar a Satanaz as almas, tal a forma por que os primeiros Dominicanos e os Franciscanos se offereceram aos olhos dos homens" (1). Difieriam essas duas ordens das outras já existentes, pela regra de absoluta pobreza e pela vida não isolada em mosteiros, mas ao contrario nas cidades, entre o povo. Graças às ordens terceiras, recrutadas entre os leigos, maior ia ser a penetração social; principalmente com a ordem Terceira de S. Francisco, cuja regra, approvada pelos Papas, lançou o germen da democracia urbana na Italia e foi precursora da "mutualidade" christan, que em breve crearia as *corporações*. Em toda a historia difficilmente se encontrará figura comparavel, na simplicidade, na pureza, no amor dos pobres, na poesia de sua contemplação. ao seraphico *Poverello* de Assis.

A Inquisição. "A palavra *inquisição* designa primitivamente uma forma de processo distincta da accusação e da denuncia. Foi o papa Gregorio IX que, por volta de 1231, fundou o instituto communmente chamado "Inquisição", isto é, confiou o conhecimento das causas de heresia (que por si pertence aos bispos) a commissarios especiaes, tirados do clero regular (as mais das vezes na ordem de S. Domingos). Os successores de Gregorio IX prescreveram aos inquisidores consultar os bispos, e convidaram-nos tambem a se cercar por um conselho de peritos, clerigos ou leigos (*boni viri, periti*). O emprego da tortura foi autorizado nos tribunaes da Inquisição por Innocencio IV.

A penalidade mais grave contra os hereges, no tempo de Innocencio III e do concilio de Latrão (1215) consistia

(1) LEE. — *A history of the inquisition in the middle ages.*

no banimento e no confisco. Depois os costumes populares e a legislação de Frederico II (1224), que Roma aprovou (1231), introduziram a pena do fogo. A Inquisição, tribunal ecclesiastico, não condemna jamais directamente á morte; verifica, porém, o facto da heresia, pronuncia que a Igreja nada mais tem que fazer com o réo, e entrega-o ao "braço secular". Inflige directamente outras condemnações (prisão, obrigação de fazer peregrinações ou de trazer cruces nas vestes, etc.); essas penas menos duras eram a conclusão mais frequente dos processos de heresia. — Seria comprehender mal a Inquisição, crer que as differentes penas, inclusive a de morte, eram applicadas aos réos em razão do character particularmente antisocial dessa ou daquela heresia; a verdade é que na idade media qualquer heresia, como tal, é considerada antisocial e anarchica, sendo uma revolta contra o poder espiritual, cujo reconhecimento se presuppõe ao participar dos bens da sociedade civil" (1).

"A Inquisição, encarregada de julgar os hereges, é uma instituição cujo mecanismo e cujo rigor se explicam pelos costumes e idéas do tempo" (2). Quanto ás victimas entregues ao braço secular, facilmente se lhes tem exaggerado o numero. "Não é absolutamente paradoxal affirmar que os hereges ganhavam em ser julgados pela Inquisição monastica. Basta lembrar o que foram as vinganças religiosas exercidas pelas multidões ou até por um imperador que já no XIII seculo assumia geitos de livre pensador, Frederico II, para comprehender que os tribunaes que são obra dos papas, realizavam verdadeiro progresso no exercicio da justiça. Não sómente esses tribunaes encerraram a era das execuções summarias, mas ainda diminuíram consideravelmente o numero das condemnações que tinham por

(1) HUBY. — *Op. cit.*, p. 867.

(2) VACANDARD. — *L'Inquisition*, p. 30.

consequencia a pena de morte. Disso dão fé os documentos. E um escriptor nada suspeito de ternura para com a Egreja, M. Charles Lea, póde, em verdade, escrever: "Comparativamente, as fogueiras da Inquisição fizeram poucas victimas" (1).

VIII

Os Arabes. — Civilização. — Conquista e influxo no Occidente.

A guerra santa. Mahomet promettera o paraíso aos que morressem em combate contra os infieis.
As conquistas. Morto o propheta, os Arabes começaram a guerra santa.

As conquistas fizeram-se com pasmosa celeridade. A SYRIA, a PÉRSIA e o EGYPTO foram submettidos (634-639). Em breve tinham conquistado toda a AFRICA SEPTENTRIONAL (647-698).

No principio do VIII seculo, animados pelo espectaculo das discordias entre os Visigodos da Espanha, atravessaram, sob o commando de TÁRIK, o estreito de Gibraltar (2) e penetraram na peninsula Ibérica. A victoria de XEREZ (711), ás margens do Guadalete ou CRYSSUS, ganha contra o rei RODRIGO, deu aos Arabes a Espanha.

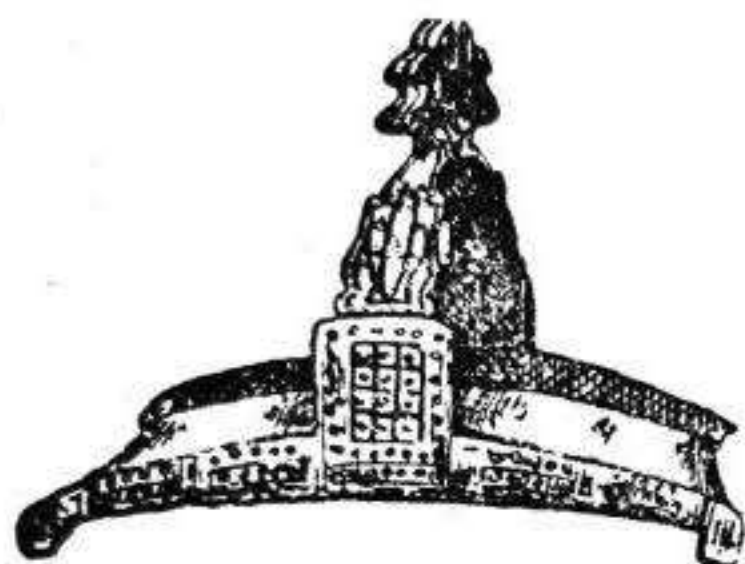
Transpondo os Pyreneus, tentaram entrar nas Gállias; porém na batalha de POITIERS (732) CARLOS MARTEL, á frente dos Francos, repelliu-os e salvou a Europa occidental.

(1) J. BRICOURT. — *Où en est l'Histoire des Religions*. Paris, 1912. t. II, p. 426.

(2) *Gebel-Tarik*, monte de Tarik.

Imperio árabe. Quem devia ter succedido a Mahomet era ALI, que casara com Fatima, filha do propheta; mas os chefes árabes preferiram-lhe ABU-BEKR, que tomou o titulo de califa.

Pode-se dividir a historia do califado em tres periodos:



Estribo árabe

1.º *Califas electivos* (em MECA, até 661): Abu-Bekr, Omar, Otman e Ali.

2.º *Califas omniadas ou hereditarios* (661 - 750). Morto Ali, um filho de Ommiah (tio de Mahomet), Moahviah, transferiu a capital para DAMASCO e atacou Constantinopla, sendo

repellido, graças ao "fogo grego". WALID I (705-715) teve brilhante reinado; durante elle os Árabes submeteram a ESPANHA e o TURKESTAN, vindo os Turcos a ser os melhores auxiliares dos Árabes, aos quaes depois suplantaram.

3.º *Califas Abbássidas* (Em BAGDAD, de 750 a 1258). Abul-Abbas, descendente de um parente de Mahomet, insurgiu-se contra os Ommiadas, exterminando-os, e fundou nova dynastia, a dos Abbássidas. Dos Ommiadas só escapou ABNE-RAME, que fugiu para a Espanha, lá inaugurando o *califado de Córdova*, o qual durou até 1031, epoca em que se desmembrou. Foi ALMANSOR quem, em 763, ergueu BAGDAD, nova capital dos Abbássidas.

No meiado do sec. VIII, no seu apogeu, o imperio árabe estendia-se do Indo ao Atlantico, abrangendo todo o Iran, a costa septentrional da Africa e quasi toda a Espanha.

A civilização árabe. Sob o influxo dos povos conquistados, de cultura mais notavel, os Árabes, a principio barbaros, civilizaram-se e transformaram-se. Assim os Romanos, depois de submettida a Grécia.

Entre os califas que mais protegeram as letras, citam-se: **ALMANSOR**, **HARUM-AL-RASCHID** (que enviou embaixadores a Carlos Magno) e **AL-MAMUN**.

No Egypto os Árabes aprenderam a agricultura e a sciencia das irrigações. Plantas diversas, por elles encontradas nos varios paizes do imperio árabe, foram introduzidas no Occidente: a palmeira, a canna de assucar, o arroz, o algodoeiro, a amoreira. Os tapetes de Damasco, os couros de Córdova, as laminas de espada de Toledo são ainda hoje com justiça recordados.

Os Árabes tambem se distinguiram por suas caravanas, que penetravam no interior da África, e iam, na Ásia, até á China. Da China e da India trouxeram provavelmente a bussola, a polvora, a algebra e os algarismos arabicos.

Estudaram e traduziram as obras philosophicas dos Gregos; observaram os astros; calcularam o curso dos planetas; investigaram a composição dos corpos. Os alchimistas árabes, precursores dos chimicos de hoje, procuraram ardentemente a "pedra philosophal", que transformaria todos os metaes em ouro, e o elixir da longa vida; descobriram assim varios corpos. Ainda se distinguiram os Árabes na fabricação de xaropes, e durante a Edade Media tiveram fama de optimos medicos.

Arte árabe. A esculptura e a pintura não puderam desenvolver-se entre os Árabes: o Alcorão não tolera a reproducção das formas humanas. D'ahi adoptarem novo genero decorativo especial: os arabescos, figuras complicadas e elegantes, de côres vivas, representando gri-

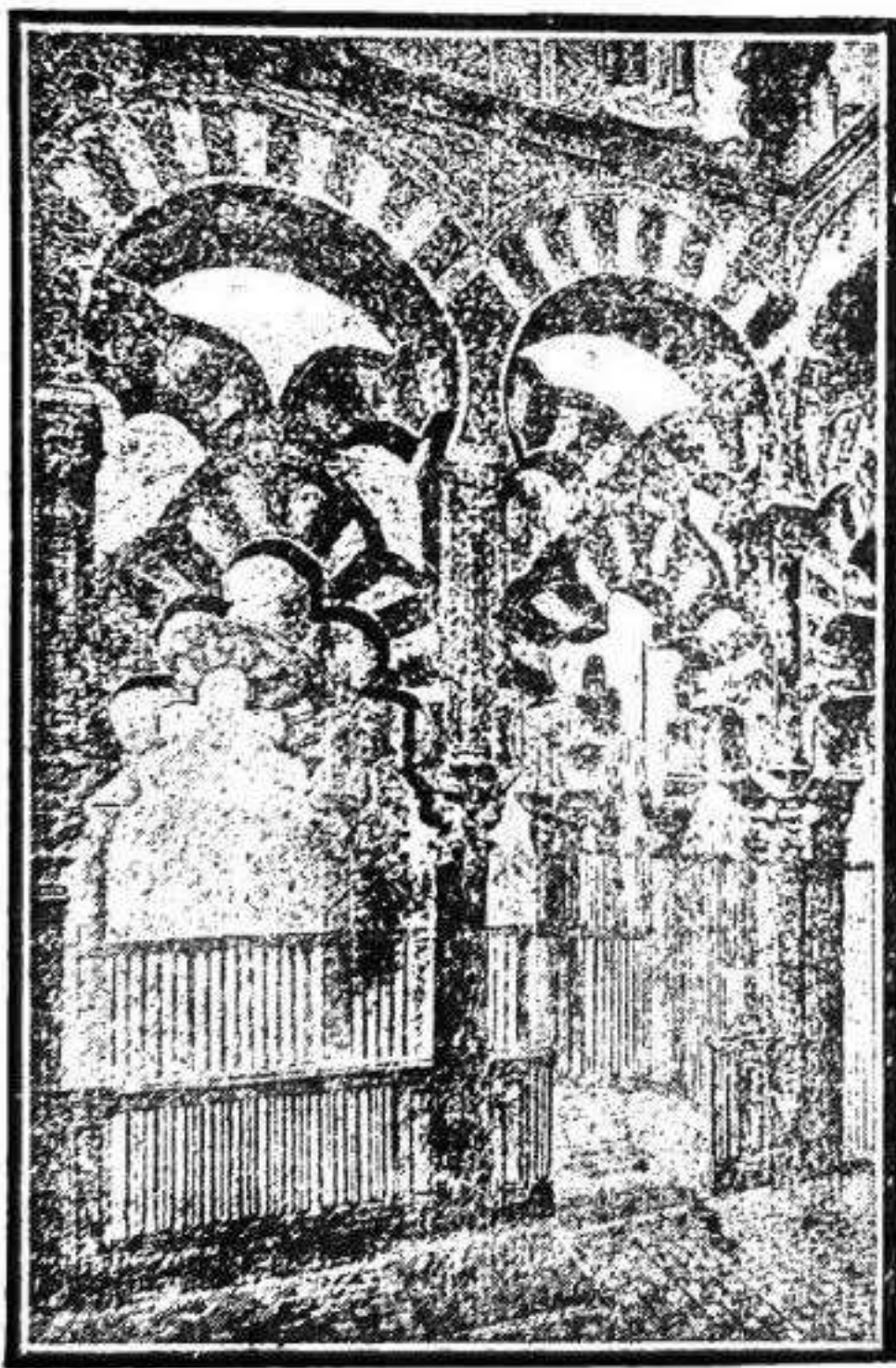


Cadeado árabe

naldas, folhagens, linhas geometricas entrelaçadas, versículos do Alcorão, etc. A architectura resume toda a arte árabe, derivada da byzantina e da persa.

Os Árabes ergueram magníficos palacios e mesquistas; taes o *Alcaçar de Sevilha*, a *Alhambra de Granada*, a grande mesquita de Córdoba, a mesquita de Toledo...

As mesquistas, ou templos, têm geralmente um minarete,



Arcadas da mesquita de Cordova

torre alta, fina, elegante, da qual o *mu-ezzin* chama á prece os fieis. E' uma construcção original. As columnas árabes são delgadas e altas e não supportam grandes pressões. As arcadas tomam ora a forma de *ferradura*, ora a de *ogiva*.

Papel dos Árabes na civilização.

O que mais concorreu para dar extraordinario brilho á civilização árabe foi o estado de grande decadencia que na Europa succedeu ás grandes

invasões. Não houve, porém, em rigor, uma civilização genuinamente árabe; o que devemos a esse povo é ter sido elle o intermediario entre a Ásia e a Europa, reunindo, confrontando e depurando varias civilizações.

IX

Cruzadas.

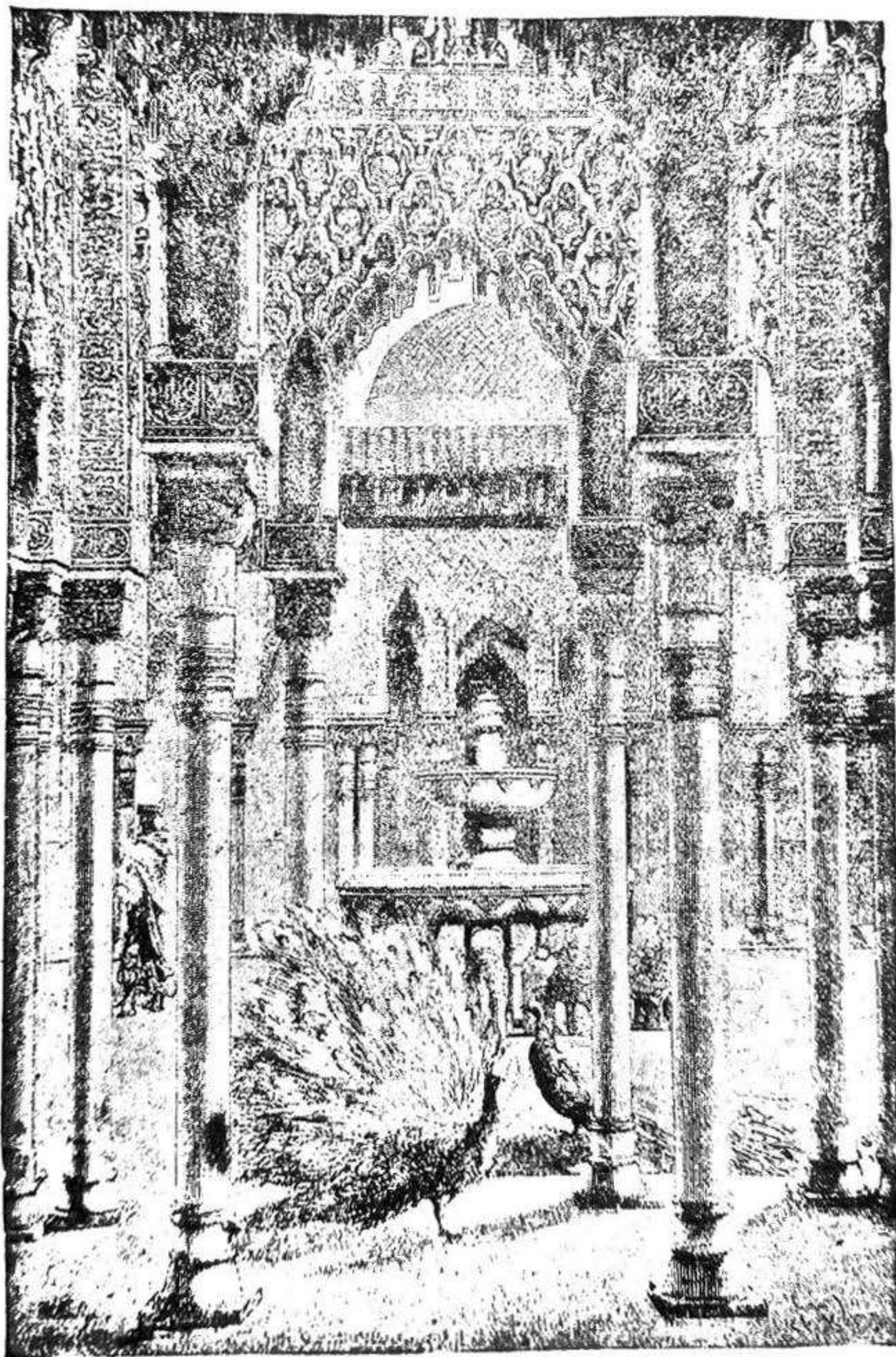
Definição. Em sentido rigoroso, restricto, chamam-se Cruzadas as grandes expedições militares empreendidas pelos povos christãos da Europa, durante a Edade Media, com o fim de libertar a Palestina e o tumulo de Jesus Christo, então sob o dominio dos muçulmanos. Em significação mais lata também se denominam Cruzadas quaesquer expedições guerreiras feitas contra os mahometanos, ou contra hereges como os Albigenses, Hussitas, etc.

“Cruzados” eram chamados os que em taes expedições tomavam parte, porque sobre as vestes levavam uma grande cruz vermelha.

Causas. Desde os primeiros seculos da Egreja, mórmente do IV sec. em diante, grande era a affluencia de peregrinos aos Santos Logares da Palestina. Durante a Edade Media a fé tornara-se muito viva entre os povos da Europa occidental e manifestava-se principalmente pelo fervor em actos de culto externo, devoção para com os santos, cujas reliquias eram disputadas, e peregrinações aos pontos mais notaveis por aparições, milagres ou tumulos de apostolos.

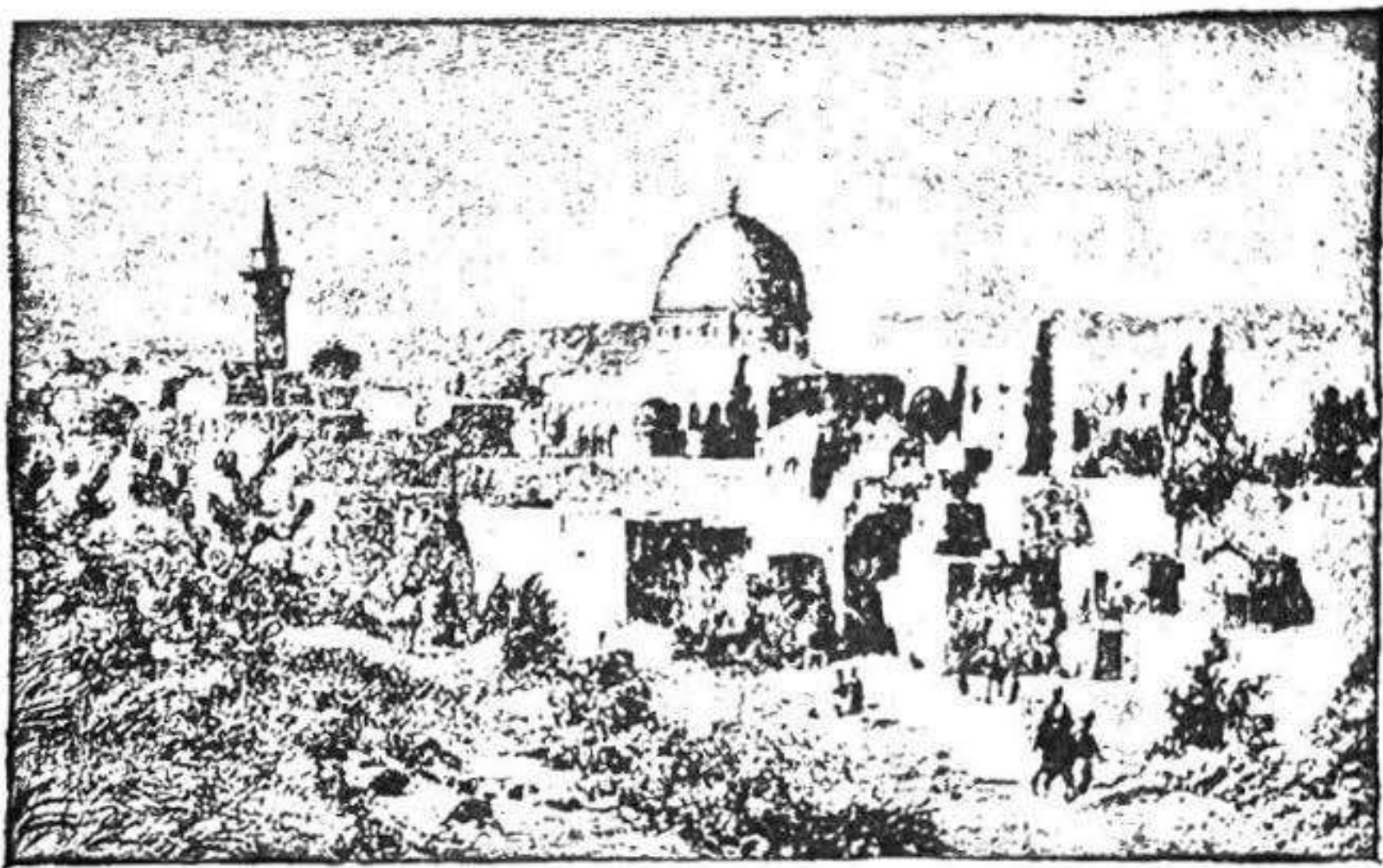
Os Árabes, quer os da dynastia abbássida em Bagdad, quer os da dynastia fatimita do Egypto, tinham-se mostrado tolerantes, não impedindo aos peregrinos a entrada em Jerusalém.

Mudara, porém, a situação com o apparecimento dos Seldjúcidas. Originarios do Turkestan, de raça turanica,



Pateo dos leões em Alhambra

convertidos ao mahometismo pelos Árabes, os Turcos SELJÚCIDAS começaram suas conquistas no XI sec. Bem diferentes dos Árabes eram os Turcos em geral, já pelo caracter, já pela intelligencia. Altivos e crueis, conseguiram em



Mesquita de Omar em Jerusalém

breve tempo abater o poder árabe; conquistaram a ÁSIA MENOR, a SYRIA e a PALESTINA, tomaram Jerusalém (1078) e Antiochía, e entraram a opprimir os christãos. Pensou-se então em realizar o que já em parte imaginara Gregório VII: libertar os christãos do jugo dos infieis e arrancar aos Turcos o tumulo de Christo.

Nem se deve esquecer o espirito proprio da epoca, o amor das aventuras e o receio do progresso das conquistas turcas.

As grandes Cruzadas. No anno 1095 o pontifice URBANO II, nos concilios de PLACÊNCIA e de CLERMONT, convidou os Christãos da Europa a pegarem em armas contra os muçulmanos, em defesa do Santo Sepulcro. "Deus o quer" foi o brado que então echoou por toda parte, e sem mesmo reflectir, partiram logo



Vista de uma rua em Jerusalém

alguns bandos indisciplinados, ás ordens de Pedro Eremita; mas nem chegaram a Constantinopla: a maior parte dispersou-se ou foi morta pelos Húngaros e Búlgaros.

A verdadeira cruzada partiu em Agosto de 1096. Teve por chefes: Godofredo de Bouillon, duque da Baixa Lorena, com seus irmãos Balduino e Eustáchio; Hugo de Vermandois; Tancredo de Syracusa; Bohemundo de Tarento, Raymundo de Tolosa, Roberto da Normandia e outros. Eram 600.000 homens, quasi 100.000 cavalleiros. Reuniram-se em Constantinopla, tomaram NICÉA, venceram brilhantemente em DORYLÉA, apoderaram-se enfim de ANTIOCHÍA e entraram em JERUSALÊM (1099). Quiseram acclamar a GODOFREDO DE BOUILLON rei; elle, porém, recusou-se por humildade, nem lhe parecia bem collocar sobre a fronte uma corôa de ouro, si a Christo haviam cingido com uma de espinhos; e apenas acceitou o titulo de "defensor (*advocatus*) do Santo Sepulcro".

Organizaram-se, para defesa da Palestina, ordens religioso-militares: Cavalleiros de S. João ou HOSPITALARIOS TEMPLARIOS (1118) e CAVALLEIROS TEUTONICOS (1190).

A tomada de EDESSA pelos Turcos assustou aos Christãos: Edessa era o antemural de Jerusalém. O papa Eugénio III encarregou S. Bernardo, abbade de Claraval, de prégar a *segunda cruzada* (1147-49), cujos chefes foram LUIS VII, rei de França e CONRADO III, imperador da Allemanha. O resultado foi desastroso: após varios reveses e tendo em vão sitiado Damasco, os cruzados regressaram dizimados á Europa.

A *terceira cruzada* (1189-1193) teve por motivo a tomada de Jerusalém pelo sultão do Egypto, SALADINO. Apresentaram-se FREDERICO BARBAROXA, imperador, PHILIPPE AUGUSTO de França, e RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO, rei de Inglaterra. Frederico morreu afogado durante a expedição; Philippe Augusto retirou-se pouco depois, e Ricardo concluiu treguas com Saladino. O feito notavel de tal cruzada foi o cerco de S. JOÃO DE ACRE, que afinal se rendeu. Jerusalém ficou em poder dos Turcos.

Innocencio III resolveu prégar *quarta cruzada* (1202-1204). Foi-lhe chefe Bonifácio, marquês de Monteferrato: nella tomaram parte fidalgos franceses e venezianos. Em vez de atacarem o Egypto, e a Palestina, os cruzados assaltaram Constantinopla e lá fundaram o *imperio latino do Oriente*, de duração ephemera.

A *quinta cruzada* (1217-1221), tambem prégada por Innocencio III, foi dirigida por André II, da Hungria, e por João de Brienne, rei titular de Jerusalém. Foi de resultado nullo.

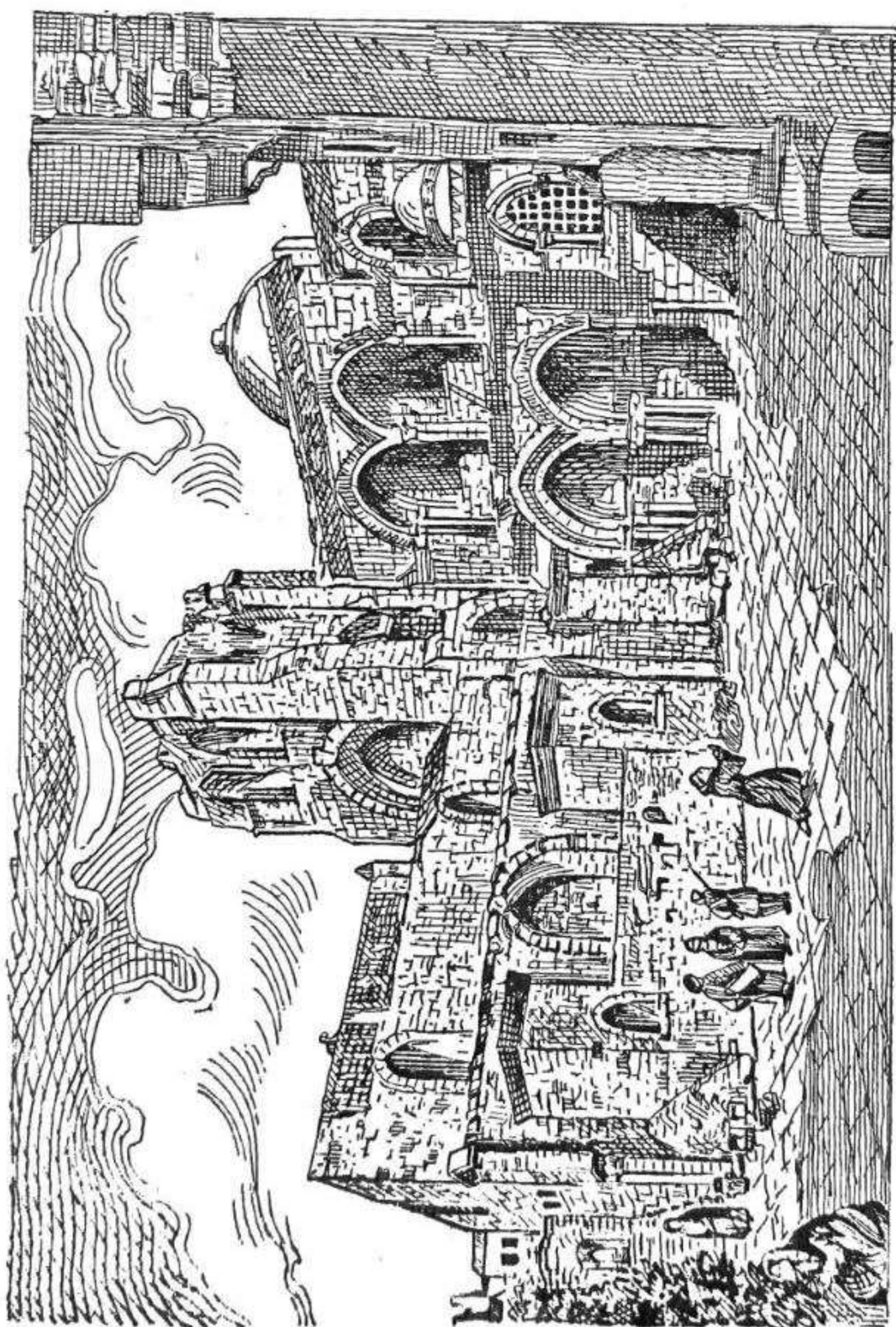
Frederico II, imperador, sob o peso da excommunhão, lembrou-se de fingir uma *sexta cruzada* (1228-29); mas seu fim não era combater os Turcos, com os quaes concluiu um tratado, e sim fazer valer seus direitos, como genro de João de Brienne, ao throno de Jerusalém.



Cavalleiro da ordem de S. João e Templario

As duas ultimas cruzadas foram levadas a effeito por S. Luis, ou Luis IX, rei de França. Começou a *setima* (1248-54) brilhantemente com a tomada de DAMIETA (49); mas, tendo caído em poder dos inimigos, teve S. Luis de restituir Damietta e pagar forte somma como resgate.

A *oitava* (1270) terminou com a morte de Luis IX, que



A Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém

resolvera atacar TÚNIS. A peste, ceifando-lhe as tropas, victimou-o. Carlos de Anjou, rei da Sicília e irmão de S. Luis, salvou os restos do exercito. E não mais se pensou em cruzadas contra a Palestina.

**Importancia
das Cruzadas.**

Muitas e consideraveis foram as consequências das cruzadas, já na ordem politica, já na economica.

A invasão turca foi detida ao menos por alguns seculos. O feudalismo enfraqueceu-se: melhor se repartiram os terrenos na Europa; os burgueses começaram a adquirir terras: pouparam-se muitas guerras privadas. A realleza lucrou com o enfraquecimento do despotismo feudal.

As relações entre o Oriente e o Occidente multiplicaram-se. Veneza, Génova, Pisa e outras cidades enriqueceram-se transportando peregrinos. Introduziram-se na Europa novos productos, e a geographia, a medicina, a astronomia; a agricultura e as artes muito lucraram, sob o influxo da civilização oriental.

CRUZADAS

CAUSAS.....		Intolerancia dos Turcos (Seldjúcidas). Espirito religioso da epoca. Espirito aventureiro e cavalheiresco. Conveniencias politicas. Concilios de Clermont e Placência (1095). Urbano II e Pedro Eremita.
1.ª CRUZADA		Godofredo de Bouillon, duque da Baixa Lorena; Balduino e Eustáchio; Hugo de Vermandois; Tancredo de Syracusa; Bohemundo de Tarento, Raymundo de Tolosa; Roberto da Normandia. Batalhas: Nicéa, Doryléa, Antiochia, Jerusalem (1099). Godofredo barão do Santo Sepulcro. Ordens religioso-militares: Hospitalarios, Templarios (mais tarde: Teutonicos).
2.ª	—	Edessa tomada pelos Turcos. Eugénio III (S. Bernardo). Luis VII e Conrado III. Sitio inutil de Damasco.
3.ª	—	Frederico Barbaroxa, Philippe Augusto, Ricardo Coração de Leão. Cerco de S. João d'Acre. Morte de Barbaroxa. Proezas de Ricardo Coração de Leão.
4.ª	—	Bonifácio, senhor de Montferrato. <i>Imperio Latino de Constantinopla</i> : Balduino imperador.
5.ª	—	João de Brienne, André II.
6.ª	—	Frederico II.
7.ª	—	S. Luis (Luis IX), Damietta, Mansurah.
		S. Luis, Túnis.
8.ª	—	Peste: morre o rei. Carlos de Anjou, volta com os cruzados. Fim das grandes cruzadas.
CONSEQUENCIAS		POLITICAS...
		Enfraquecimento do feudalismo.
		Progresso da realleza.
		Evitam-se guerras na Europa; impediu-se o progresso das conquistas turcas, por algum tempo.
		ECONOMICAS.
		Burgueses adquirem terras.
		Relações entre o Occidente e o Oriente; introdução de productos novos.
		Génova e Veneza enriquecem-se.
		INTELLECTUAES...
		Progresso das sciencias, artes e letras.

X

O seculo XIII. Vida social e politica. — Formação da burguesia. — A servidão. — Progresso da realeza.

As communas. Após as invasões barbaras e consequente estabelecimento do regimen feudal na Europa, quasi por completo desapparecera a autonomia local, praticada outrora no regimen municipal dos Romanos. As grandes irrupções de povos no V sec. haviam lançado por toda parte a destruição, e poucas cidades nas Gállias puderam conservar a importancia que tinham no tempo do Imperio Romano: tanto mais difficil a situação quanto no IX sec. sobrevieram os terriveis Normandos, os Húngaros e os Sarracenos.

Para melhor se opporem aos invasores, algumas cidades fortificaram-se, cercaram-se de muralhas e outras obras de defesa. A taes cidades fortificadas chamou-se *burgos* (do allemão *burg*). Em geral pertenciam a um nobre, principe, bispo ou conde. Os habitantes, na mór parte artistas ou cultivadores chamados *burgueses*, isto é, habitantes de um burgo, pagavam pesados impostos aos senhores feudaes.

Nos seculos XII e XIII houve um movimento reaccionario contra a oppressão senhorial. Os habitantes das povoações, revoltando-se, obrigavam os suseranos a conceder-lhes uma *carta*, em que se estipulavam umas tantas garantias e privilegios aos burgueses (exempção de certos impostos, direito de escolherem seus magistrados, etc.). Os reis, no intuito de abater os nobres poderosos, favoreciam as pretensões dos burgueses, e assim varias cidades alcançaram o direito de se governar com seus proprios magistrados, fora do regimen feudal. Na França foram denominadas *communas*; na Allemanha, *cidades livres*; *republicas*, na Itália.

A servidão. Os camponeses, ou *villões*, que cultivavam as terras dos nobres, ou eram homens livres ou descendentes de antigos escravos, isto é, servos. Não era, porém, a condição dos servos igual á dos escravos romanos. Ligado á terra, o *servo da gleba* não podia deixá-la sem permissão do senhor; mas já não podia ser vendido, nunca lhe seria tirada a sua casa de campo, e já podia enfim constituir família.

Principalmente do seculo XII em deante, os senhores feudaes, levados quasi sempre pela necessidade de dinheiro, puseram-se a vender e a conceder aos servos certas liberdades e franquias. Muitos servos emanciparam-se (não se podendo esquecer que tambem nisso foi grande a influencia da Egreja), e graças a isso a população rural foi progredindo parallelamente á das cidades.

As indústrias; as corporações. As concessões dos senhores feudaes contribuíram tambem para criação de novas cidades. Do seculo XI para o XII os nobres conseguiram, graças á outorga de certos privilegios e franquias, attrahir grande numero de habitantes para as cidades que creavam.

As garantias concedidas pelas cartas aos burgueses favoreceram o desenvolvimento das indústrias e do commercio, com grande vantagem para a prosperidade de certas cidades, não obstante a difficuldade das communicações.

Os artistas, em vez de trabalharem exclusivamente para o senhor feudal, foram-se tornando pouco a pouco independentes, fabricando e vendendo por conta propria. Associados em *corporações*, a que todos os do mesmo officio tinham obrigação de filiar-se, formavam uma especie de confraria ou sociedade de soccorros mutuos, com seu santo padroeiro, caixa commum, regulamento, bandeira e chefe. Para ser admittido á corporação cumpria passar um periodo de aprendizagem.

Os artistas da mesma corporação estabeleciam-se geral-

mente em determinados bairros e ruas da cidade, havendo assim a “rua dos Ourives”, a “dos Vidraceiros”, etc.

Progressos da realeza. No regimen feudal o rei era nominalmente o mais elevado na hierarchia dos senhores do reino; mas de facto só exercia autoridade na extensão de seus dominios, que nem sempre eram os mais vastos. Em França, até findar o seculo XII, as terras do rei formavam apenas pequena porção do reino; o resto pertencia aos vassallos, duques ou condes.

PHILIPPE AUGUSTO (1180-1223) adquiriu grande extensão de territorio, reuniu ao dominio real consideravel porção da Picardia e tirou a João sem Terra, rei de Inglaterra, a Normandia, o Maine e o Anjou.

No reinado de S. Luis (Luis IX, 1226-1270) a autoridade real fortaleceu-se muito. Observador extremado das leis da justiça, Luis IX conseguiu impor aos senhores feudaes respeito e admiração.

Com PHILIPPE o BELLO (1285-1314) constituiu-se definitivamente a organização do governo real.

Mais tarde, depois da Guerra dos Cem Annos, LUIS XI (1461-1483), filho de Carlos VII, empregou todos os seus esforços em abater os nobres. Estes formaram a “liga do bem publico”, chefiada pelo filho do duque de Borgonha, CARLOS o TEMERARIO. Foi uma pugna de morte, de que afinal Luis XI saiu vencedor, podendo continuar, por meios não raro crueis, a obra que emprehendera.

O que se não pode negar é que foram principalmente os soberanos da dynastia capetingia que mais se esforçaram pela unidade politica da França, abatendo os nobres e occupando os grandes feudos.

XI

O seculo XIII. Vida intellectual e artistica. — A escolastica; as universidades. — A architectura gothica.

Os estudos na Edade Media. As invasões barbaras haviam lançado a Europa — que gozára no tempo do Imperio Romano dos esplendores de uma civilização grandiosa nas sciencias, letras e artes — numa tenebrosa noite, de que só muito lentamente, graças ao influxo da Egreja, conseguiu sair.

Do seculo V em diante aos poucos se veiu desenvolvendo uma nova civilização, a *civilização christan*, inferior talvez em alguns pontos de ordem puramente material ás antigas, mas que a todas incomparavelmente excede no ponto de vista moral.

Difficil era, durante a Edade Media, o estudo, dada a escassez dos livros e o elevado custo do pergaminho. A instrucção refugiara-se nos mosteiros e escolas episcopaes, onde havia sempre frades occupados em copiar e illuminar os manuscriptos.

“O amor da sciencia triumphou comtudo da insufficiencia dos meios de instrucção que a sociedade proporcionava aos sabios desse tempo, e poucas epocas houve em que o gosto do saber tanto se tenha espalhado como na Edade Media (1).”

A escolastica. A theologia foi considerada durante toda a Edade Media a rainha das sciencias, sendo-lhe as outras como ancillas.

(1) LAVISSE. — *Album Historique*.

A philosophia foi cultivada com paixão. Applicando o raciocinio aos ensinamentos da fé, reduzindo toda a argumentação a poucos e breves syllogismos, os theologos crearam um novo methodo para as disciplinas theologicas, ao qual se deu a denominação de Escolastica, "a sciencia da Escola".

O seculo XIII foi o periodo aureo da Escolastica. O franciscano inglês Alexandre de Hales (doutor irrefragavel), o dominicano allemão ALBERTO MAGNO e S. Boaventura (doutor seraphico) são grandes vultos desse seculo. Já pouco antes se tinha celebrizado PEDRO LOMBARD (o mestre das sentenças). Porém o maior theologo e philosopho da Edade Media foi S. THOMÁS DE AQUINO (1227-1274) (o doutor angelico, o anjo da Escola), autor da *Summa Theologica* e adversario de DUNS SCOT (doutor subtil).

A *Summa Theologica*, resumo de todas as idéas da Edade Media, é um dos mais admiraveis monumentos do espirito humano.

As universidades. A' geral decadencia da instrucção nos seculos IX e X seguiu-se, do seculo XI em deante, verdadeiro renascimento; mas até o principio do XII, foram os mosteiros e escolas episcopaes os centros da cultura intellectual.

Datam de então corporações de professores, associações destinadas exclusivamente ao ensino: taes foram as Universidades. As mais antigas, a de PARIS e a de BOLONHA, adquiriram grande fama. A de Paris era preferida pelo estudo da theologia; a de Bolonha, para a jurisprudencia. Naquella ensinaram Abelardo e Pedro Lombardo; na ultima, Irnério, professor de direito. Ambas serviram de modelo ás que em seguida se crearam (Oxford, Cambridge, Salamanca, Coimbra, etc.).

A Universidade de Paris era a maior escola da Europa: frequentavam-na mais de 20.000 estudantes de varios paizes. O ensino era feito em latim, e dividiam-se os estudos

em dous grupos: o *trivium* (grammatica, rhetorica e logica) e o *quadrivium* (arithmetica, geometria, astronomia e musica), formando o todo as *sete artes liberaes*. A universidade comprehendia quatro faculdades: theologia, direito, medicina e artes.

Como muitos estudantes eram pobres, pessoas ricas e caridosas fundaram *collegios*, onde aos jovens sem recursos se dava casa e comida (1).

Sciencias physicas e mathematicas.

Curiosas observações sobre sciencias physicas e naturaes se devem a ROGÉRIO BÁCON, franciscano inglês, a quem alguns attribuem a invenção da polvora e do telescopio († 1292). GUIDO DE AREZZO, no seculo XI, simplificou o ensino da musica e introduziu, como signaes das differentes notas da gamma, as syllabas *ut, re, mi, fa, sol, la*. O *si* foi accrescentado mais tarde, e *ut* substituido por *dó* (2). Já se viu a influencia das cruzadas sobre a civilização occidental, e quanto influíram os Árabes no progresso da mathematica e da chimica.

Grande foi no emtanto durante a Edade Media a decadencia da medicina, abandonado o estudo da anatomia, desprezada a observação acurada dos factos, substituida a experiencia pela exaggerada veneração dos antigos mestres. A astrologia, a magia, a alchimia e a cabala tiveram então enorme voga. As pestes dizimaram por vezes populações inteiras, contribuindo para a rapida diffusão do flagello a ignorancia dos preceitos hygienicos e o pessimo estado das cidades, de ruas tortuosas e estreitas, verdadeiros focos de infecção.

(1) Tal é a origem da Sorbonna, creada por um capellão de S. Luis, Roberto de Sorbon.

(2) Guido tirou-as da primeira estrohe do hymno a S. João:

*Ut queant laxis resonare fibris
Mira gestorum famuli tuorum
Solve polluti labii reatum
Sante Johanne.*

Linguas romanicas. Ao passo que o latim era a lingua das pessoas cultas, o vulgo falava uma mistura de latim com as outras linguas dos povos invasores. Desse latim degenerado—que não do latim de Cicero, synthetico, em que as inversões são frequentes — desse latim analytico, tendente á ordem directa, nasceram varias linguas modernas, as linguas romanicas. A lingua d'oc (*langue d'oc*, — lat. *hoc*, isto) deu o provençal; a lingua d'oili, ou *oui*, o francez; a do *si*, o italiano, o castelhano e o portuguez.

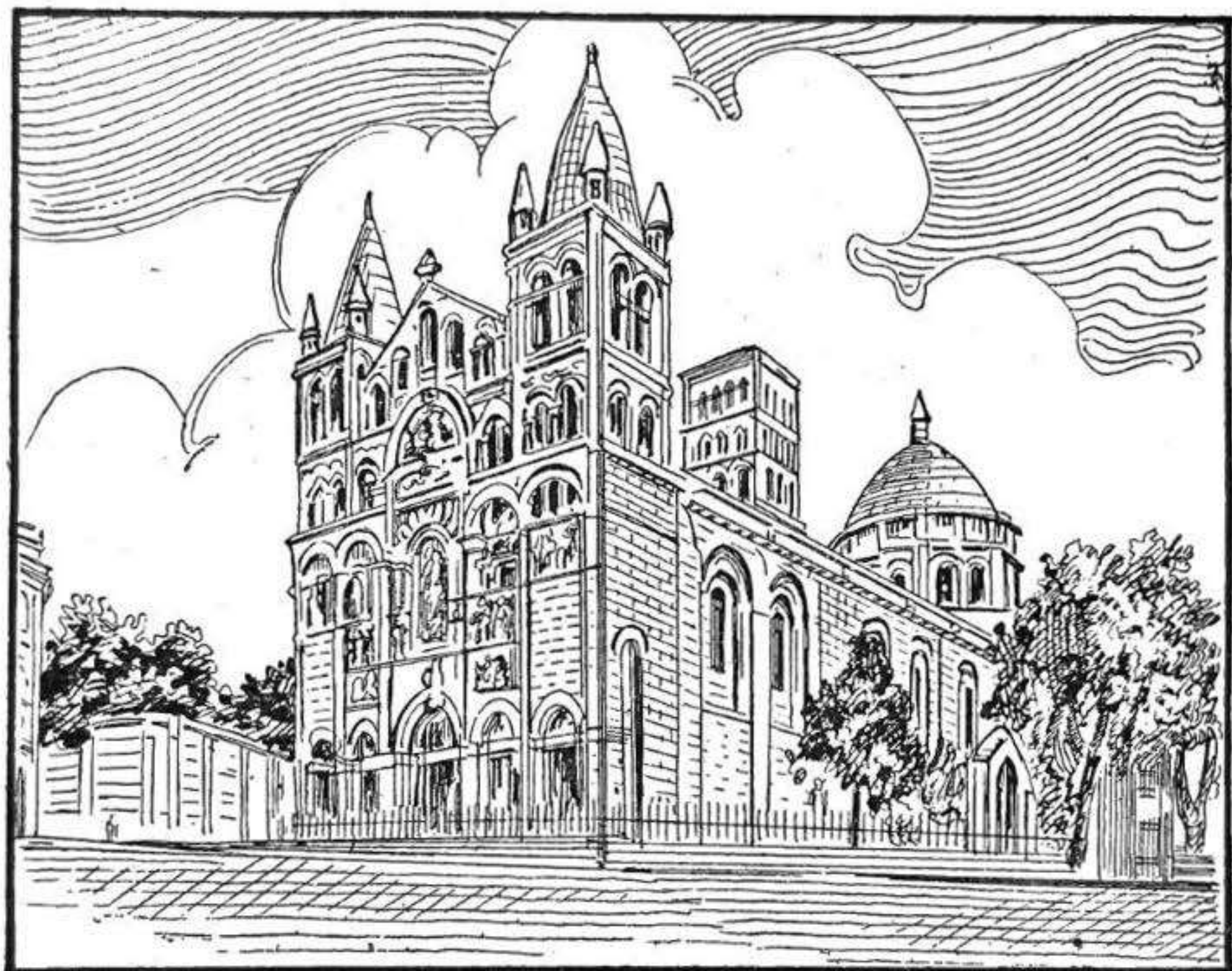
Iam-se ao mesmo tempo formando as literaturas modernas, que começaram pela poesia, sob o influxo dos trovadores. No seculo XIII já possuia a Itália monumento literario, a Divina Comedia, de Dante.

Architectura gothica. Graças á religião e ao feudalismo, houve consideravel progresso nas construcções medievaes. A architectura é a arte por excellencia da Edade Media; as obras primas são os castellos, os mosteiros e, principalmente, as cathedraes.

No primeiro periodo, que vai até ao XII sec., o estylo dominante é o *romano* ou *romance*; durante o seculo XIII attinge a perfeição o estylo *gothico* que se conserva até ao Renascimento, abrangendo o segundo periodo.

O estylo romance, que decorre da architectura romana, caracteriza-se pela variedade: distingue-se o estylo românico normando ou allemão, o provençal e outros. Mas os principios fundamentaes são communs. A egreja tem geralmente a forma da cruz latina: a nave principal é cortada por uma nave transversal, *transepto*, que representa os dois braços da cruz. A abobada e os arcos têm a forma de uma semicircumferencia; as columnas são baixas e grossas. As janellas, em pequeno numero, rematam por um arco sustentado por columnas. As fachadas parecem ser formadas

de arcarias sobrepostas. O edificio recebe pouca luz: é quasi sempre sombrio e de aspecto pesado e majestoso.

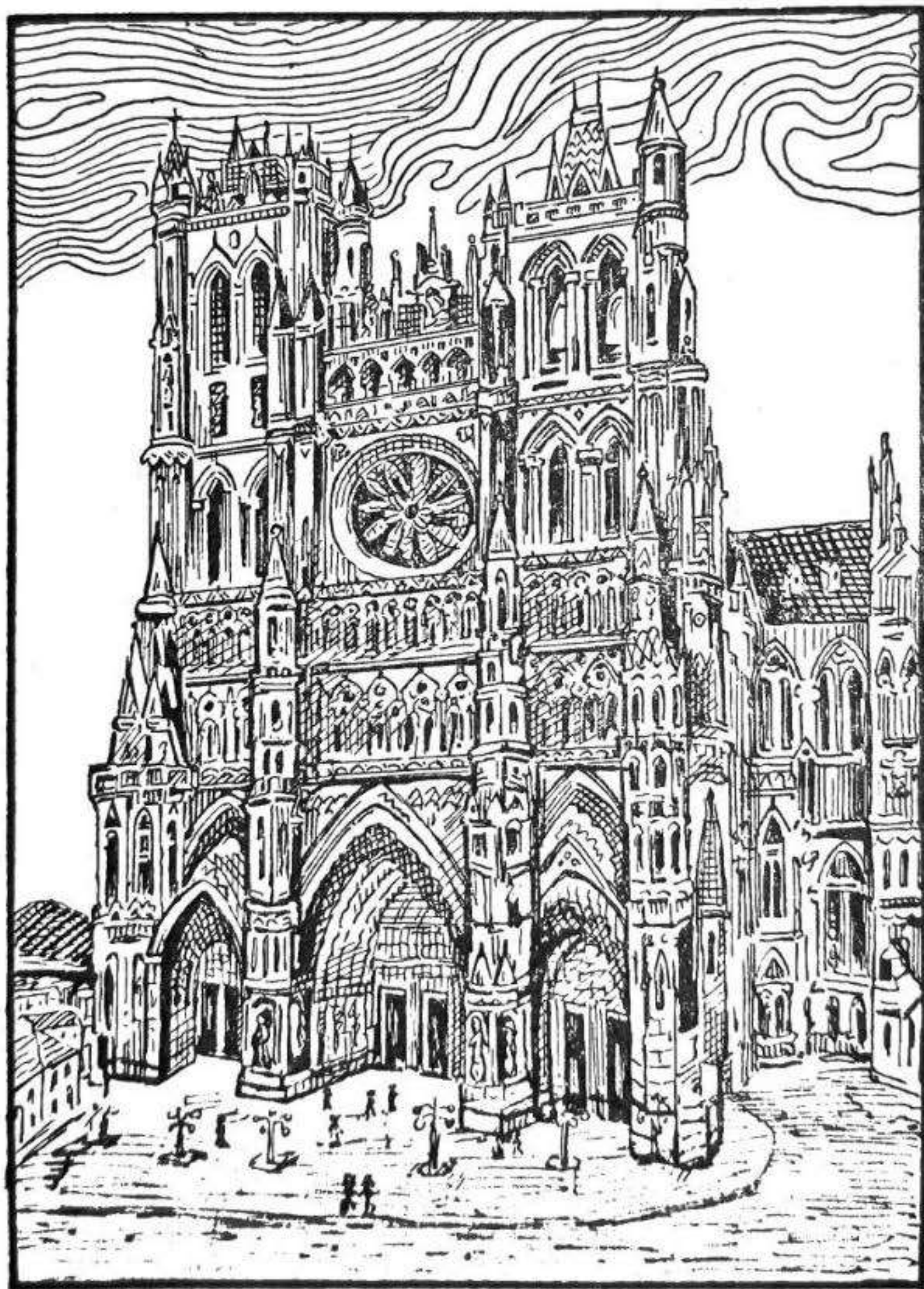


Cathedral de S. Pedro em Angoulême
(estilo romãnce)

A mais bella expressão do gosto architectonico medieval é o estylo chamado impropriamente gothico, e com mais razão *francês ou ogival*. Os monumentos que nos restam, dignos de serem comparados aos mais bellos da antiguidade, com eloquencia attestam o valor do estylo francês (cathedraes de Chartres, de Reims, de Notre Dame de Paris, de Strasburgo, de Colonia...)

Nas egrejas gothicas as abobadas e os arcos tomam a forma de ogivas (arcos agudos); as naves assumem enormes proporções; as columnas, finas e delicadas, arrojam-se atrevidas para o alto, como troncos de extranhas arvores, que seramificam em uma serie de nervuras, saídas do capitel e seguindo as linhas de curvatura da abobada. Immen-

sas janellas com vidraças de côres vivas, quadros luminosos da vida dos santos e de Christo, deixam penetrar no templo a luz do sol em magnificas irisações. As torres, terminadas por *agulhas*, erguem-se de cada lado da fachada principal e nas extremidades do transepto. Todo o edificio.



(estyllo gothico)
Cathedral de Amiens

interior e exteriormente, é coberto de magnificas esculpturas; em algumas cathedraes (Reims, Chartres, por ex.) dir-se-ia a fachada principal uma verdadeira renda de pedra. Do conjuncto resulta uma impressão de harmonia que encanta, e de graça que attrahe.

No ver de alguns autores (talvez demasiado poetas), ao passo que as basilicas romanas parecem prender-se solidamente á terra, as cathedraes gothicas, ao contrario, representam um esforço da alma humana ávida do infinito, na ancia de erguer-se até ao céu.

XII

Instituições inglesas. — A Magna Carta. O Jury. O Parlamento.

A Inglaterra até á conquista normanda.

EGBERTO, rei de Wessex, conseguiu, em 827, dar principio á unidade politica da Inglaterra, reunindo a Heptarchia sob seu dominio. A paz foi todavia perturbada pelas repetidas invasões dos Dinamarqueses ou Normandos. ALFREDO O GRANDE (870-901), a principio batido pelos Barbaros, conseguiu, graças á sua energia, restaurar o imperio anglo-saxonio, depois de vencer e expulsar os inimigos; e deu grande impulso ás letras, fundou escolas, melhorou a legislação, protegeu o commercio, organizou uma forte esquadra e mereceu ser por alguns comparado a Carlos Magno.

Morto Alfredo, renovaram-se as invasões dinamarquesas, até que enfim CANUTO O GRANDE conquistou a Inglaterra, não obstante a heroicidade do povo em defender-se. Os filhos de Canuto não souberam continuar-lhe a obra e EDUARDO III, o CONFESSOR, restaurou a dynastia saxonica.

Logo que morreu Eduardo, GUILHERME, duque da Normandia, conquistou a Inglaterra, depois de desbaratar na batalha de HASTINGS (1066) Haroldo, cunhado do rei

morto; sendo então organizada a distribuição dos feudos pelos vencedores.

Os plantagenetas. Extincta a dynastia normanda, subiu ao throno HENRIQUE II (1154-1189). Com elle começou a chamada dynastia dos Plantagenetas (1), de origem francesa.

RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO, filho de Henrique II, tomou parte na terceira cruzada e occupou o throno até 1199, tendo de lutar contra seu irmão João sem Terra, que usurpara o poder.

JOÃO SEM TERRA (1199-1216), violento e cruel, assassinou Arthur da Bretanha, seu sobrinho. Philippe Augusto de França declarou-lhe então guerra e, não obstante João sem Terra ser auxiliado pelo imperador da Allemanha, foi derrotado em BOUVINES (1214) e obrigado a conceder a Magna Carta.

Henrique III (até 1272) tentou revogá-la; mas os nobres impozeram-lhe os *Estatutos de Oxford* (1258), limitando a autoridade real.

A Magna Carta. Taes foram as tyrannias e os abusos de João sem Terra, que os barões ingleses se revoltaram; e quando elle, humilhado pela derrota de Bouvines, regressou á Inglaterra, foi constrangido a assignar uma lei ou estatuto, em que se especificavam os direitos inviolaveis dos subditos. Tão importante documento, com razão considerado base da legislação inglesa no tocante á ordem politica, muito influiu para o estabelecimento do regimen parlamentar na Inglaterra.

Em virtude das disposições da Magna Carta não poderia o soberano lançar impostos sem permissão dos representantes do reino, arcebispos, bispos, condes e barões (*Grande*

(1) De Geoffroy PLANTAGENET (porque trazia uma planta — giesta — no capacete). Era conde de Anjou; casou-se com Mathilde, filha de Henrique I Beauclerc, terceiro filho de Guilherme o Conquistador.

Conselho); ninguém seria conservado em prisão sem culpa formada (*habeas-corpus*); seriam estabelecidas com precisão as multas; não se venderia a justiça, e organizar-se-ia o *jury* para effectuar os julgamentos regulares segundo as leis do paiz.

Para manter intacta a observancia da Magna Carta, foram escolhidos vinte e cinco barões, os quaes exerciam fiscalização sobre os actos do rei e podiam impedir-lhes a execução, si contrarios ás prescripções da carta.

O Parlamento. O Grande Conselho reunia-se quasi todos os annos, e começou a ser chamado Parlamento. Henrique III, ambicioso mas infeliz, desgostou os senhores com as grandes sommas que despendia em suas expedições; em 1258 os barões revoltaram-se e reuniram o parlamento em Oxford. Decretaram os *Estatutos de Oxford* e estabeleceram uma serie de disposições complementares da Magna Carta. O parlamento passava a ser convocado regularmente.

Em 1265 foram admittidos no conselho os representantes dos *burgueses*. Ficaram esses constituindo a *camara dos commons* ou camara baixa, ao lado da camara alta ou *camara dos lords*, composta de barões e prelados. Essas duas camaras formam ainda hoje o parlamento inglês.

XIII

O commercio e as cidades medievas. — A Hânsea. Flandres. — Cidades italianas. Génova, Veneza, Milão, Florença. — Independencia da Suissa.

O commercio. O movimento de emancipação das comunas, assegurando maiores garantias aos habitantes das cidades, deu consideravel impulso não sómente á industria, senão tambem ao commercio. Mas as difficuldades com que tinham de lutar os mercadores não

eram pequenas, já pela falta de meios rapidos de communição, já pelos riscos de assaltos dos bandidos e dos senhores. Além disso ainda cumpria pagar muitos direitos pelas mercadorias, direitos de entrada e de saída nas diferentes cidades, pontes, etc.

D'ahi reunirem-se os mercadores em datas fixas, em certas cidades, onde se realizavam grandes *feiras*. D'ahi tambem formarem-se vastas associações, destinadas a proteger os interesses commerciaes das cidades livres.

A Hânsea. Após a morte de Frederico II, houve na Allemanha um periodo (1250-1273) denominado *grande interregno*, em que os senhores feudaes, aproveitando a ausencia de uma autoridade soberana respeitada, disputaram a coroa, resultando disso a anarchia, e o desmembramento do imperio em perto de quatrocentos minusculos estados. Muitas cidades aproveitaram-se de tal anarchia para se constituirem em pequenas republicas: e algumas, para defesa dos interesses commerciaes, formaram "ligas", ou *hânseas* (1).

A mais celebre foi a LIGA HANSEATICA, ou melhor a HANSEA TEUTONICA, que se originou do tratado entre Hamburgo e Lubeck (1241) para proteger o commercio contra os piratas do Báltico e defender os proprios direitos contra a tyrannia dos principes vizinhos. Taes vantagens produziu que em breve o numero das cidades associadas attingiu, dizem, a oitenta, approximadamente. Lubeck, Hamburgo, Bremen, Colónia, Dantzic, Bruges, Bergen, Brunswick, Londres, Novgorod, Anvers, Amsterdam...). Em LUBECK, capital da liga, reuniam-se os deputados das diferentes cidades da confederação.

A Hânsea tinha seu direito maritimo especial, possuia poderosas esquadras e gozava de grande prestigio. Perten-

(1) De allemão, *hansa*, confederação, união.

cia-lhe no XIV sec. o monopólio da navegação no Mar do Norte e no Báltico.

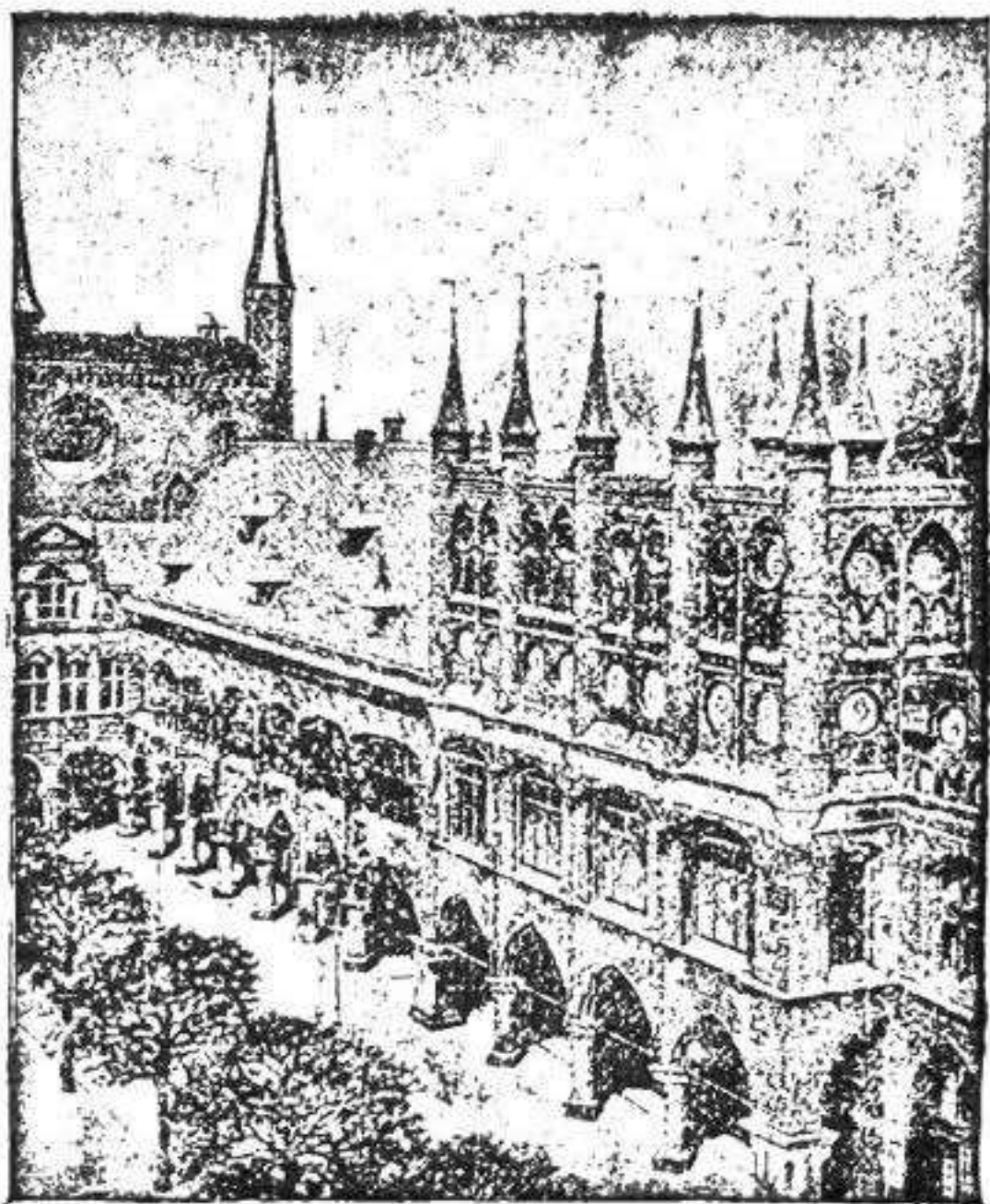
O descobrimento da América, a viagem de Vasco da Gama às Índias e o grande progresso do commercio marítimo no XVI sec., fizeram-na rapidamente decair. Terminou na segunda metade do XVII sec. Della nos restam como lembrança, na Alemanha, as cidades livres de Hamburgo, Bremen e Lubeck.

Flandres.

Um dos principais centros commerciaes da Hânsea era BRUGES, em Flandres (1). Os Flamengos, laboriosos e perseverantes, haviam enriquecido, graças principal-

mente á industria da fabricação de pannos e ao commercio que mantinham com toda a Europa. Era grande nessa epoca na Inglaterra a criação de carneiros; não havendo, porém, tecelões para trabalhar, as lans eram enviadas para Flandres.

Entre as communes flamengas as mais prosperas eram, além de Bruges, GAND e YPRES. Nellas, como nas demais



Lubeck; a Camara Municipal (Rathaus) onde annualmente se reuniam os deputados da Hânsea

(1) Dava-se antigamente o nome de Flandres á região da Europa comprehendida entre o Escalda, o Artois, o Passo de Calais e o mar do Norte. Era um condado, cap. Gand, e fazia parte do reino de França. Corresponde hoje ao departamento francês do Norte e a toda a parte occidental da Bélgica até ao Escalda.

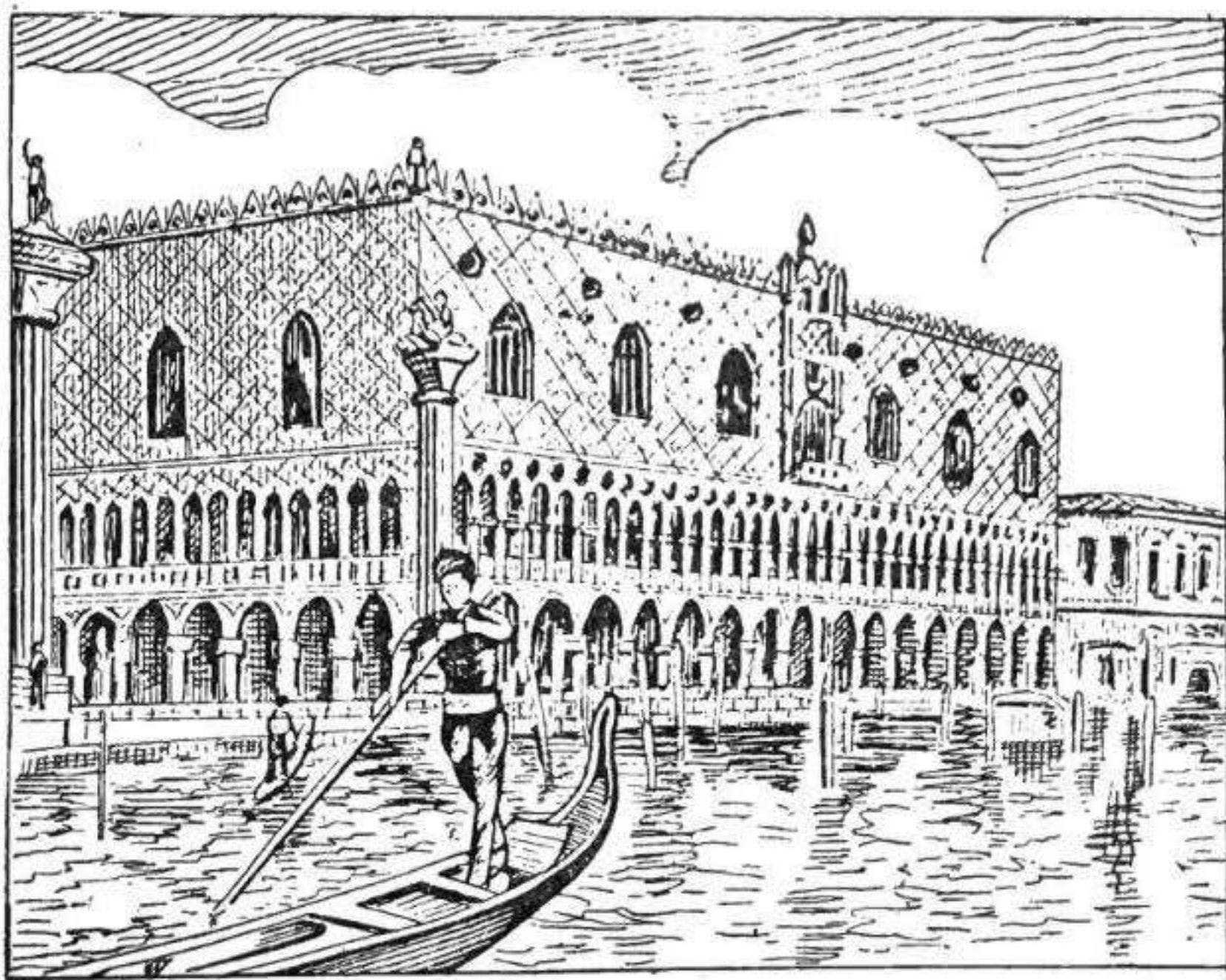
cidades emancipadas, os artistas do mesmo officio juntavam-se em corporações.

A decadencia das cidades de Flandres começou no XV seculo.

A Itália. Republicas.

No agitado periodo que agora estudamos a Itália era apenas mera expressão geographica, e não um estado unido.

O Sul, muito tempo disputado pelos Sarracenos (Árabes muçulmanos vindos da Africa) e pelos imperadores byzan-



Veneza — Palacio ducal

tinios, foi conquistado no sec. XI pelos NORMANDOS e veio a formar o REINO DE NÁPOLES ou das DUAS SICÍLIAS, que passou depois á casa de Suábia (Hohenstaufen) e foi dado enfim a Carlos de Anjou, irmão de S. Luis de França.

No centro existiam os ESTADOS DA EGREJA (patrimonio de S. Pedro).

O Norte estava fragmentado em grande numero de pequenos Estados (principados, republicas aristocraticas e democraticas). Apesar das continuas lutas, foi uma epoca de consideravel prosperidade no commercio e até nas letras e artes.

Entre as republicas italianas destacam-se principalmente Veneza, Génova, Florença; e entre os principados da Alta Itália, Milão.

Veneza. Fundada por occasião da invasão de Attila, construida sobre estacas no meio de lagoas, composta de oitenta ilhotas ligadas por pontes, tendo em vez de ruas canaes percorridos pelas gondolas ligeiras, — Veneza, a Rainha do Adriatico, é uma cidade verdadeiramente original.

Durante a Edade Media desempenhou importantissimo papel no Mediterraneo; o commercio dos productos do Oriente foi-lhe (como para Génova) fonte de grande riqueza, e as Cruzadas tambem muito concorreram para augmentar-lhe a prosperidade.

Em Veneza dominava a aristocracia. O *doge* ou duque, chefe electivo e vitalicio, era de facto dominado pelos nobres, cujos nomes eram inscriptos no livro aureo e formavam o *Grande Conselho*, de 480 membros; e principalmente pelo *Conselho dos Dez*, de autoridade illimitada e de poder despotico.

Os Venezianos julgavam-se senhores do Adriatico e sustentaram contra Génova porfiadas lutas, de que afinal saíram victoriosos. Conservaram o monopolio do commercio do Oriente até que Vasco da Gama descobriu novo caminho para as Índias.

Génova. Fundada pelos Ligúrios no VIII sec. a. C., Génova declarou-se independente no começo do X seculo. Enriqueceu-a o transporte de peregrinos e cruza-

dos. Guerreou Pisa, então uma das primeiras potencias maritimas da península, e tirou-lhe a Córsega; mas nas guerras contra Veneza, tendo sido a principio feliz, foi afinal suplantada.

Teve governo inconstante e enfraqueceu-se muito com as continuas rivalidades entre os *Guelfos* e *Gibellinos* (1), rivalidades que aliás dilaceravam quasi toda a Itália.

Florença. Ao passo que em Veneza a aristocracia dominava, em Florença os nobres não eram admitidos ás funcções publicas: era o requinte da democracia. Não faltaram comtudo aos Florentinos longos annos de lutas e anarchia, e só se restaurou a calma quando assumiu o governo, com o titulo de *gonfaloneiro*, o celebre banqueiro SILVESTRE DE MÉDICIS (1378).

Os Médicis distinguiram-se pela protecção que dispensaram ás artes e letras, acolheram os sabios expulsos de Constantinopla e tornaram-se senhores omnipotentes em Florença (2).

Na historia da civilização cabe a essa cidade não pequeno papel. Foi patria de Giotto, de Dante, de Petrarca, de Boccaccio, de Machiavel, de Cimabue, de Brunellesco, de Ghiberti, de Donatello, de Luca della Robbia, de Andrea del Sarto, de Americo Vespuccio, de Leão X...

Milão. Ao N. da Itália, era Milão potencia muito notavel, Aproveitara-se da luta entre o pontificado e o imperio para se tornar independente; no dominio dos Hohenstaufen serviu de capital aos Guelfos. Governaram-

(1) Quando, com a eleição de Conrado III (1137), subiu ao throno imperial a dynastia dos Hohenstaufen (ou casa da Suábia) os partidarios de Henrique Welf, da casa da Baviera, sustentaram porfiada opposição. A principio rivalidade de familias, tornou-se mas tarde continuação da luta entre os papas e os imperadores.

Os *Guelfos* (de *WELF*) defendiam o papado; os *Gibellinos* (do castello de *WEIBLINGEN*, pertencente a Conrado), eram partidarios das pretensões do imperio.

(2) Catharina, esposa de Henrique II de França, e Maria, que casou com Henrique IV, eram da familia dos Médicis.

na a principio os Torriani, mais tarde os Visconti e enfim os Sforza.

Sendo frequentes as lutas entre as cidades, eram contractados certos chefes de bandos de aventureiros de todas as nacionalidades, promptos a combater por quem melhor lhes pagasse. De um desses chefes (*condottieri*), Giacomuzzo Atténdolo, descendiam os Sforza.

Independencia da Suissa.

Povoada nos tempos prehistoricos pelos habitantes das cidades lacustres, depois pelos Helvecios que em 109 a. C. derrotaram Lucio Cassio, a Suissa foi conquistada por César e reduzida a provincia romana. Soffreu depois com as invasões e foi occupada pelos Francos. De facto continuou quasi independente e foi aos poucos civilizada pelos monges que ahi fundaram famosas abbasdias, como por exemplo S. Gall. Na Edade Media lutaram contra a Casa de Austria, e tres cantões (Uri, Schwitz, Underwalden) formaram uma alliança (1291) que os Austriacos não lograram subjugar. Os Suissos adquiriram fama como soldados egregios, derrotaram Carlos o Temerario em Granson e Morat (1476) e muito se distinguiram nas guerras de Itália.

A historia de Guilherme Tell, heroe da independencia, obrigado por Gessler, governador austriaco, a atirar uma setta em uma maçã collocada na cabeça de seu proprio filho, é uma legenda apenas e pertence a um fundo commun de tradições germanicas.

XIV

A Igreja nos últimos séculos da Idade Média. Enfraquecimento do poder pontifício. O cativo de Babilônia. — O grande schisma do Ocidente.

Os grandes Papas. Gregório VII, Inocêncio III e Bonifácio VIII são os três pontífices que mais se distinguem pela sua energia na defesa das prerogativas do Papado na Idade Média. Já vimos como, na questão das investiduras, Gregório VII (1073-1085) conseguiu vencer os obstáculos que lhe oppunham não só os soberanos de França e da Alemanha, mas o próprio relaxamento da disciplina ecclesiastica. A concordata de Worms (1122) liquidara a questão das investiduras, mas a luta entre o pontificado e o imperio proseguiu. Era o papa vassallo do imperador, ou este pelo contrario sujeito ao pontifice, que é o chefe supremo da christandade? “Não ha duvida que Gregório VII, Inocêncio III e Bonifácio VIII se consideraram investidos por Deus da alta missão de arbitros entre os povos e seus soberanos, de protectores da ordem social christan... Todos os povos reconheciam e confirmavam este papel que o Papado exercia de ministerio publico, de suserania religiosa, universal, que não ia até absorver o poder civil no espiritual, mas antes a vincular todos os reinos christãos á Santa Sé por um como laço feudal, respeitando-lhe a autonomia” (1).

Alexandre III e Barbarossa. Com Alexandre III (1159-1181) os imperadores tiveram que reconhecer a suserania pontificia. Frederico Barbarossa (1152-1190), que se considerava herdeiro dos Césares ro-

(1) DAVID et LORETTE. — *Op. cit.*

manos, soberano absoluto e onnipotente, cuja vontade tinha força de lei, tentou triumphar pelas armas da resistencia papal; mas, vencido em LEGNANO (1176) durante a sua campanha contra a Liga lombarda, reunião das principaes cidades do Norte da Itália, chefiadas por Alexandre III, teve que se humilhar, em Veneza, deante do pontifice vencedor. Sob o portico de S. Marcos, Barbaroxa beijou os pés a Alexandre III e como simples escudeiro segurou-lhe o estribo para que montasse a cavallo. Fazia um seculo da scena de Canossa (1177).

Innocencio III. O poder pontificio attinge a culminancia no principio do sec. XIII com Innocencio III (1198-1216), cognominado o *Salomão medieval*. De nobre origem romana, estudara em Paris e foi eleito papa com 37 annos. Era um consummado jurista, e sua correspondencia (mais de 4.000 cartas) versa os mais graves problemas religiosos e sociaes. Exerceu autoridade sobre todos os soberanos de sua epoca; depôs João sem Terra, que foi penitente a Roma e se declarou vassallo da Santa Sé; deu a coroa imperial a Othon IV e mais tarde a Frederico II (1); organizou a 4ª cruzada contra os muçummanos e a cruzada contra os Albigenses e reuniu em 1215 o concilio ecumenico de Latrão em que tomaram parte 1.500 bispos e prelados.

Bonifacio VIII. Philippe IV, o Bello (1285-1314), soberano de França, entrou em conflicto com o papa, em 1296, devido á prisão do bispo de Pamiers, Bernardo de Saisset, falsamente accusado de traição. Bonifacio VIII (1294-1303), que apesar de sua idade avançada era de rara energia, protestou pela celebre bulla *Asculda, fili carissime* e convocou um concilio. Philippe publicou

(1) Este foi deposto mais tarde por Innocencio IV (1243-1254) por não cumprir os compromissos que assumira. Os Hohenstaufen perderam a coroa imperial e o reino das Duas Sicílias, na Itália, dado a Carlos d'Anjou, irmão de Luis IX de França (1265).

uma bulla falsificada, concisa, imperativa, exagerada. Indignado, o papa excommungou-o (abril 1303) e declarou-o deposto. Philippe, além do mais, interdissera aos bispos franceses comparecerem ao concílio; este comtudo realizou-se e o papa publicou a bulla *Unam sanctam*, affirmando solennemente a doutrina da Igreja quanto aos dois poderes.

Excommungado, o rei preparou contra o papa um golpe de audacia, auxiliado pelos seus *legistas* Guilherme de Nogaret e Guilherme de Plaisians. Accusaram o pontifice de “mentiroso, blasphemo, lobo devorador, simoniaco, herege, usurpador e tyranno”. Nogaret foi á Itália e buscou o auxilio dos Colonna, inimigos acerrimos do papa. 1.600 aventureiros sob a direcção de Nogaret e de Sciarra Colonna, dirigiram-se a Anagni, cidade natural do pontifice e aonde Bonifacio VIII fôra passar o verão. A 7 de Setembro de 1303 penetravam na cidade os invasores, alvoroçavam o povileo, saqueavam as casas dos amigos do papa e por fim entravam em tumulto no proprio palacio pontificio.

Revestido da chlamyde, empunhando a cruz e as chaves, cingida a tiara, Bonifacio VIII esperava-os no seu throno, em todo o esplendor de sua autoridade. Todos o haviam abandonado; elle porém, apesar dos seus 80 annos, resistia impavido. A soldadesca insultou-o, Sciarra Colonna o quis matar (1), Nogaret intimou-o a que abdicasse. Elle não cedeu. Dois dias depois a população de Anagni, envergonhada, constrangia Nogaret a fugir e libertava o papa, que regressou a Roma. O abalo, porém, fôra mortal: um mês após o attentado, Bonifacio VIII expirava.

O captiveiro de Babylonia.

Em 1309 o papa Clemente V fixou-se em Avinhão, e ahi por setenta annos permaneceu o Papado, sem duvida com mais segurança do que em Roma, devido ás agitações da Itália e á luta dos imperadores contra a Santa Sé. Os Ita-

(1) Nenhuma injuria nem ameaça foi poupada a Bonifacio VIII; mas é inexacto que Sciarra Colonna o tivesse esbofetado.

lianos chamaram a esse periodo "o captiveiro de Babylo-
nia". Philippe o Bello obteve a condemnação e dissolução
da ordem dos templarios, accusados de hediondos crimes
e cujo grão-mestre Jacques de Molay foi queimado em Pa-
ris. A verdade é que os bens da ordem eram cobiçados e o
seu poder assustava ao absolutismo de Philippe o Bello.
Emfim Gregorio XI, cedendo ás supplicas de Santa Catha-
rina de Siena, e apesar da opposição de Carlos V, deixou
Avinhão e voltou para Roma (1377) onde pouco depois
falleceu (1378).

O schisma do Occidente. Mas agora uma desordem
mais grave ia perturbar a
christandade: com a eleição de Urbano VI dividiram-se
as opiniões, e alguns cardeaes rebeldes elegeram papa
a Clemente VII, que se estabeleceu em Avinhão (1379).
A confusão dos espiritos foi geral (1): até santos houve
que hesitaram entre os dois pontifices. Morto Urbano VI,
os cardeaes italianos elegeram Bonifacio IX; pouco de-
pois os de Avinhão escolhiam Bento XIII, successor de
Clemente VII. O concilio de Pisa (1409) depôs a ambos
e escolheu Alexandre V. Cada um dos tres, porém,
considerava-se o legitimo pontifice e a confusão chegou
ao auge. Emfim, com o concilio de Constança (1414-1418)
Martinho V foi proclamado papa e entrou em Roma no
meio do jubilo universal.

(1) Santa Catharina de Siena reconhecia legitimo papa a Urbano VI
e assim a maioria dos paises catholicos. A illegitimidade de Clemente VII
é affirmada pelos melhores autores.

XV

A arte militar na Idade Media. — A guerra dos Cem Annos. — A invasão turca.

A arte militar na Idade Media.

Os exercitos medievaes constavam a principio de cavalleiros, que formavam a parte mais importante das tropas e eram nobres e em geral poderosos, e de gente a pé — burgueses e villões, ás vezes estrangeiros — servindo de archeiros e bésteiros. As armas principaes eram, para o cavalleiro, a espada, a lança e o escudo; para os infantes, a maça, a funda, o arco, a bésta, etc. As operações militares eram simples e o cerco das praças fortificadas quasi sempre longo e difficil. Só com muito esforço as podiam tomar os assaltantes. “Até ao XIII seculo, a fortificação é protegida por sua propria força, pela massa e situação de suas construcções. Bastava encerrar uma pequena guarnição em torres e detrás de muralhas altas e espessas, para desafiar os esforços de assaltantes que só possuiam meios fraquissimos de ataque” (Viollet-le-Duc).

Quando o cerco não dava resultado, apesar de prolongado, tentava-se incendiar a cidade com projecteis inflamados, ou forçar as muralhas com o *ariete*, ou cavavam galerias subterraneas para provocar a queda de uma parte da muralha.

O seculo XIV marca o apogeu do desenvolvimento da arte militar medieval, antes da introducção da artilharia.

Os guerreiros são cobertos, dos pés á cabeça, de pesada armadura que os põe ao abrigo dos golpes dos adversarios. Já ha exercitos consideraveis e não mais as pequenas tropas feudaes. No seculo XV a couraça voltou a ser usada. Os

cavalleiros, protegidos pelo arnês, a custo poderiam ser feridos; os infantes eram vestidos mais ligeiramente.

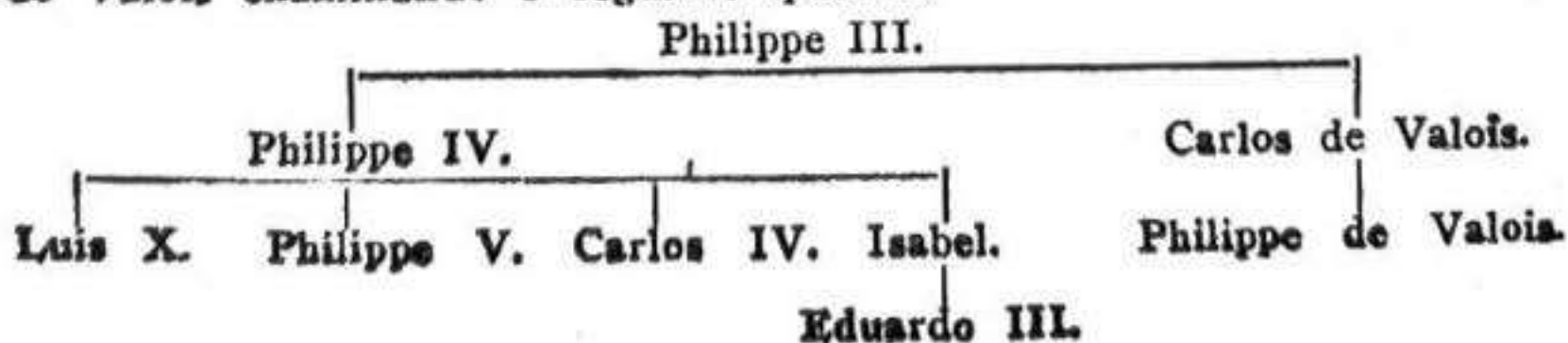
Em breve, porém, a artilharia ia tornar inuteis as armaduras e as enormes construcções da architectura militar medieval.

Os primeiros canhões. No principio do XIV seculo começaram a apparecer na Europa as primeiras peças de artilharia. Num documento florentino com data de 1325 são mencionados canhões de metal e balas de ferro. Em campo raso foram os Ingleses que primeiro se serviram delles em CRÉCY, durante a Guerra dos Cem Annos (1346). Já os Franceses se tinham munido de taes instrumentos de destruição, quando tentaram desembarcar na Inglaterra em 1338, no principio da mesma guerra. O emprego dos canhões foi-se depois generalizando, e os grandes exercitos do fim do XV seculo tiveram um material bellico importante. Appareceram então as *bombardas*, de forma semelhante á dos modernos obuseiros.

A guerra dos Cem Annos. Causas. Tendo morrido Carlos IV, devia succeder-lhe no throno o filho de Isabel, EDUARDO III, rei de Inglaterra, si não fosse a *lei salica*, em virtude da qual “mulher nenhuma, nem por conseguinte seu filho, podia succeder no throno de França”.

Por essa forma era chamado ao governo PHILIPPE DE VALOIS, que reinou com o titulo de Philippe VI e inaugurou uma nova familia reinante, a dos Valois, que de 1328 a 1498 deu sete reis á França (1). Esses reis foram: Philippe VI, João II, Carlos V, Carlos VI, Carlos VII, Luis XI e

(1) Melhor se comprehende o parentesco de Eduardo III e Philippe de Valois examinando o seguinte quadro:



Carlos VIII. Durante o reinado dos cinco primeiros, a França sustentou contra a Inglaterra a Guerra chamada dos Cem Annos (1337-1453).

A questão de successão ao throno foi, aliás, mero pretexto. A verdadeira causa foi a velha rivalidade entre França e Inglaterra, agravada agora por causa das possesões dos Ingleses em França, principalmente a Guyenna. Durante a guerra occuparam o throno inglês Eduardo III, Ricardo II, Henrique IV, Henrique V e Henrique VI.

Principaes periodos da guerra.

Costuma-se dividir a guerra em quatro periodos: o de Crécy e Poitiers (1337-1360), o de Duguesclin (1360-1380), o de Azincourt (1415-1428) e o de Joanna d'Arc (1428-1453).



Armadura do tempo de Carlos VII
(compagnies d'ordonnance).

Tendo sido a esquadra francesa destruida, logo ao principiar a guerra, nas Eclusas (1340), Eduardo III invadiu a Normandia e venceu em CRÉCY (1346). Calais caiu em poder dos Ingleses. Dez annos mais tarde, João II foi derrotado em POITIERS (1356) pelo Principe Negro (o principe de Galles). Seguiu-se a paz de BRÉTIGNY, desastrosa para a França.

No segundo periodo a sorte foi favoravel aos Franceses, graças á habilidade estrategica de DUGUESCLIN, que tomou o commando do

exercito. Os Ingleses foram expulsos quasi completamente, ficando-lhes apenas as cidades de Bayonna, Bordeos, Brest, Cherburgo e Calais. Reinava então em França Carlos V, o Sabio.

Com Carlos VI, o Louco, tornaram os reveses para os Franceses. A loucura do rei e as lutas civis entre Armagnacs e Borgonheses facilitaram a victoria dos Ingleses em AZINCOURT (1415). O tratado de TROYES (1420) parecia ser o signal da derrota irremediavel da França. Carlos VI e Henrique V de Inglaterra morriam quasi na mesma occasião (1422). O jovem Carlos VII, o *rei de Bourges*, como por escarneo se dizia, só se occupava em festas e perdia alegremente o reino. Orléans estava cercada pelos Ingleses, nem se afigurava possível a resistencia. Foi nesse momento critico, em que tudo annunciava a definitiva victoria de Inglaterra, que appareceu em scena Joanna d'Arc.

Joanna d'Arc.

Consequencias da guerra.

Joanna apenas contava uns dezoito annos de idade, tendo nascido em 1412, mais ou menos, em Domrémy, aldeola da margem esquerda do Mosa, nos limites da Lorena e da Champagne. Era morena, alta, forte e bella (1); a voz era suave, a expressão graciosa, o todo modesto.

Quem iria prestar crédito a essa quasi creança, que dizia ter visto no meio de uma claridade extranha o Archanjo S. Miguel, e depois Santa Catharina, e que — em repetidas visões — affirmava ter do céu recebido a missão de salvar a França, partindo de sua aldeia afim de libertar Orléans e “bouter les Anglais hors de France”?

(1) “Elle avait les cheveux noirs et le teint un peu hâlé... Tous s'accordent à la représenter “grande et moult belle” bien composée de membres et forte et cependant d'une remarquable élégance...” (LAVISSE).

O facto é que essa jovem dirige as tropas, communica a todos confiança em sua missão divina, ataca as fortificações inglesas e no domingo 8 de Maio de 1429 ORLÉANS estava livre do apertado cerco.

O entusiasmo attingiu então proporções extraordinarias. Já ninguém duvidava do papel providencial confiado a Joanna d'Arc. Todos queriam combater sob seu commando, e o patriotismo francês, abatido pelos reveses anteriores, exaltava-se e sentia-se capaz de uma desforra.

Depois de libertar Orléans, Joanna d'Arc levou Carlos VII a Reims, para ahi ser sagrado. Antes, porém, obteve a estrondosa victoria de PATAY, contra Talbot, o "Achilles de Inglaterra".

No anno seguinte (1430) os Borgonheses assediavam Compiègne. Joanna d'Arc tentou libertar a praça, mas caiu



Joanna d'Arc (segundo uma estatua do seculo XV)

em poder dos inimigos, que miseravelmente a venderam aos Ingleses. Carlos VII nem ao menos procurou resgatá-la. Levada a Ruão, os Ingleses accusaram-na de feiticeira e impostora. O processo foi o mais iniquo e revoltante que imaginar-se possa. Laços, perguntas capciosas, tudo foi empregado contra Joanna d'Arc, até ser condemnada á fogueira.

Deante das chammas ella renovou seus protestos, e solememente reafirmou sua missão divina, invocando São Miguel. Sua ultima palavra foi o nome de Jesus.

Suppunham agora os Ingleses ter vencido. Enganavam-se. Carlos VII reorganizava em breve as tropas francesas com as *compagnies d'ordonnance*, ganhava as batalhas de FORMIGNY e CASTILLON e a guerra findava com o triumpho dos Franceses. Só ficava aos Ingleses Calais, reconquistada em 1558; a Guyenna voltava á França; apesar de muitas perdas soffridas (Limoges, por exemplo, em 1435 tinha apenas *cinco* habitantes), o povo francês saía da guerra consciente de sua unidade e o amor da patria encontrara em Joanna d'Arc a sua mais admiravel e sublime expressão (1).

Os Turcos. Tomada de Constantinopla.



Vindos dos Planaltos asiaticos, os Turcos estabeleceram-se no XII seculo na Ásia Menor. No seculo XIV, Osman ou Othman reunia em um vasto imperio numerosos subditos, que ficariam conhecidos por *Ottomanos* ou *Osmanlis*. O successor de Osman, Orkhan, transferiu para Brussa a capital do imperio e imaginou conquistar Constantinopla. Foi elle o organizador do poder militar Turco. O exercito constava de cavalleiros — *spahis* — armados de um sabre curvo, a *cimitarra*, e de lança. A infantaria era de primeira ordem: os soldados chamavam-se *Janizaros* (2). Eram crianças christans que os Turcos roubavam e os sacerdotes muçulmanos educavam e fanatizavam. Os janizaros eram obrigados ao serviço militar até á morte e não podiam casar-

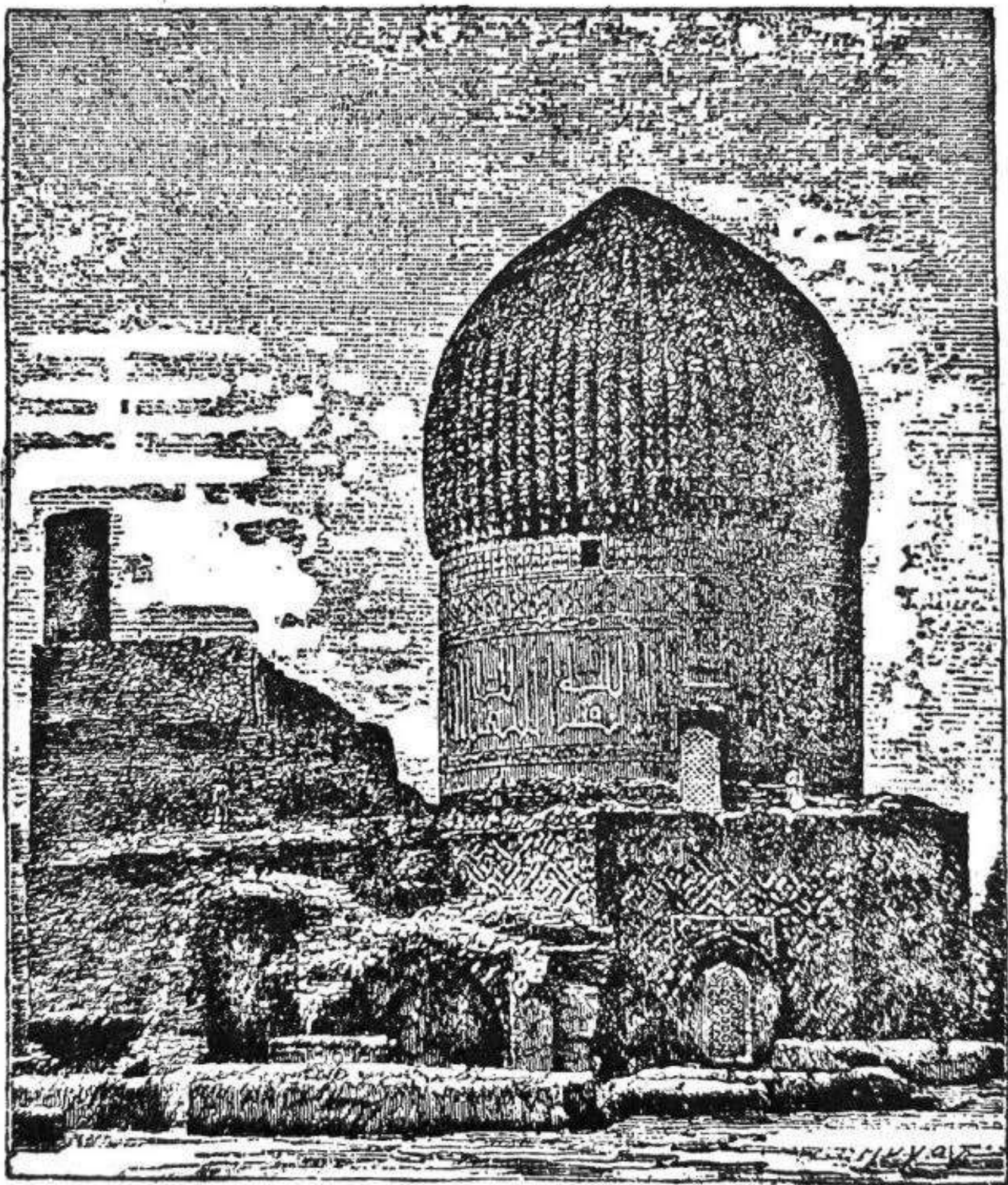
Janizaro do seculo XV
(segundo um desenho
de Bellini).

(1) "O que confunde a razão e a imaginação é a elevação moral attingida por essa jovem camponesa, em um seculo grosseiro e violento... Jeanne d'Arc, avec Saint Louis, est le charme et l'honneur de notre ancienne histoire" (LAVISSE).

(2) Da *Jeni-tcheri*, novos soldados.

se. A milicia turca era sem rival naquella epoca e chegou a ter 40.000 homens.

Em 1356 Orkhan toma Gallípoli. Pouco depois Amurat I occupa Andrinopla. Bajazet triumphou em Nicópolis



Tumulo de Tamerlão em Samarcanda

(1396) contra os christãos; mas é vencido por Tamerlão (ou Timur-Lenk), grande conquistador mongol, na batalha de Ancyra (1402).

Os MONGOES eram resto dos antigos Hunnos. Baixos, amarellos, de olhos vivos, nariz achatado, maçãs salientes, labios grossos, orelhas acabanadas e cabeça redonda, levavam vida nomade e foram muito crueis. No seculo XIII GENGIS KHAN effectuou grandes conquistas. Mais tarde, TAMERLÃO formou um vastissimo imperio que abrangia toda a Ásia a L. do Cáspio e da Pérsia, capital Samarkand. Contam que tomou Delhi e que, tendo feito cerca de 100.000 captivos, com os craneos dos mortos ergueu extranha e colossal pyramide.

O apparecimento de Tamerlão retardou a tomada de Constantinopla. Mas em 1453 MOHAMMED II, com 200.000 homens, pôs cerco á cidade. Grande foi a resistencia e CONSTANTINO XII, Dracosés, morreu combatendo. Os Turcos commetteram os maiores excessos, fazendo horrivel matança. Mohammed entrou a cavallo na cathedral de Santa Sophia, agora convertida em mesquita.

Estabeleciam-se os Turcos na Europa. Morria o imperio grego e com elle 'a Edade Media.

GUERRA DOS CEM ANNOS

(1337-1453)



Philippe III (Le Hardi) { Philippe IV (O Bello) { Luis X.
Philippe V.
Carlos IV.
Isabel. | Eduardo III.

Carlos de Valois Philippe VI de Valois.



Philippe VI.
João II (O Bom).
Carlos V (O Sabio).
Carlos VI (O Louco).
Carlos VII (O Victorioso).
Luis XI { Guerra dos Cem Annos.
Carlos VIII. | Luta contra a casa de Borgonha.

Valois (1328-1498). . .

INGLATERRA
—
Eduardo III.
Ricardo II.
Henrique IV.
Henrique V.
Henrique VI.



1.º — Crécy e Poitiers (1337-1360).
 Eduardo III destroe a frota franceza nas Eclusas (1340).
 Eduardo III invade a Normandia. Vence em Crécy (1346). Toma Calais.
 O Principe Negro (de Gales), ganha a batalha de Poitiers (1356) contra João II.
 Paz de Brétigny (1360). João II morre na Torre de Londres (1363).

2.º — Duguesclin (1360-1380).
 Bertrand Duguesclin toma o commando do exercito.
 Os Ingleses são expulsos quasi completamente, conservando só Bayonna, Bordeus, Brest, Cherburgo, Calais.

3.º — Azincourt (1415-1428).
 Carlos VI em 1392 enlouquece.
 Jean sans Peur, duque de Borgonha, manda matar o duque de Orléans, irmão de Carlos VI (1407). Lutas civis: Armagnacs e Borgonheses.
 Revolta de Wat-Tyler na Inglaterra.
 Batalha de Azincourt (Henri V) (1415). Tratado de Troyes (1420). (Morrem: Henrique V e Carlos VI) (1422).

4.º — Joanna d'Arc (1428-1453).
 Carlos VII, rei de Bourges. — Aparece Joanna d'Arc.
 Libertação de Orléans: 8 de Maio 1429 (duque de Suffolk).
 Victoria de Patay (João Talbot, *Achilles de Inglaterra*) (1429). — Carlos VII é sagrado em Reims.
 Cerco de Compiègne: Joanna d'Arc em poder dos Borgonheses (1430). — Joanna d'Arc queimada viva em Ruão: 30 Maio 1431.
Comp. de ordenanças. — Formigny (50), Castillon (53). — Morre Talbot.

Causas.
 Rivalidade dos reis de França e de Inglaterra por causa da Guyenna, da Bretanha e da Flandres.
 Pretexto: a successão ao throno de França, por morte de Carlos IV.

Consequencias
 A França devastada e despovoada (Limoges em 1435 [tinha cinco hab.]).
 Os Franc. reconq. a Guyenna. — O patriotismo exaltou-se, formou-se o povo francês (Joanna d'Arc).

PERIodos DA GUERRA

VISTA GERAL

QUADRO SYNOPTICO DA EDADE MEDIA

- SECULO IV.** { Morre Theodósio (395). { Arcádio no Oriente.
 { Honório no Occidente.
Invasões dos barbaros germanos. — O imperio do
Occidente é progressivamente destruido e de
suas ruinas vão surgir as nações latinas mo-
dernas.
- SECULO V..** { Os Visigodos invadem a Itália (Pollência (403)
Stilicão). Saque de Roma por Alarico (410).
Stilicão derrota a Radagásio em Fiésolo (406).
Alanos, Suevos e Visigodos estabelecem-se na
Espanha.
Os Vandalos, sob Genserico, estabelecem-se no N.
da Africa.
Os Saxónios invadem a Bretanha (450).
Attila, chefe dos Hunnos, é batido em Châlons
(451).
Odoacro e os Hérulos na Itália. Fim do Imperio
do Occidente (476).
- SECULO VI.** { Clóvis funda a monarchia franca (481-511).
Justiniano I, imperador do Oriente (527-565)
(*Corpus Juris Civilis*).
- SECULO VII.** { Mohammed de Meca foge para Medina. *Hegira*
(622).
Heráclio, imperador do Oriente (610-640).
- SECULO VIII** { Conquistas dos Árabes. — Carlos Martel vence-os
em Poitiers (732).
Pepino o Breve. — Começa o poder temporal dos
Papas (756).
Carlos Magno, rei dos Francos (771).
- SECULO IX..** { Carlos Magno coroado imperador por S. Leão III
(800). Restabelecimento do imperio do Occi-
dente.
Invasões normandas.
Os feudos tornam-se hereditarios.
Tratado de Verdun (843). — Desmembramento
do imperio carlovingio.
- SECULO X..** { Othão I, o Grande. Imperio romano allemão(962).
Hugo Capeto inaugura a dynastia dos Capetíngio
(987).

Quadro synoptico da idade media

(Continuação)

-
- SECULO XI. { Miguel Cerulário completa o schisma grego (1054).
Guilherme o Conquistador vence os Anglo-saxo-
nios em Hastings (1066).
Gregório VII e Henrique IV: luta das investi-
duras (1073).
Urbano II prêga a 1.ª cruzada (1095).
- SECULO XII. { Concordata de Worms (1122) (Henrique V e
Calixto II).
Affonso Henriques, rei de Portugal (1139).
- SECULO XIII { Gengis-Khan (1162-1227) reúne os Mongoes e funda
um vasto imperio (cap. Karakorum).
João sem Terra é obrigado a conceder a Magna
Carta (1215).
Morte de S. Luis IX de França. Fim das Cru-
zadas (1270).
- SECULO XIV { Guerra dos Cem Annos (1337). Crecy (1346).
Poitiers (1356).
Amurat I estabelece sua sede em Andrinopla
(1362).
Conquistas de Tamerlão (1378).
- SECULO XV. { Bat. de Angora (Ancyra) (1402). Tamerlão vence
a Bajazet.
D. Henrique e a escola de Sagres (1412). D. João I
toma Ceuta (1415).
Joanna d'Arc liberta Orléans (1429).
Fim da guerra dos Cem Annos. — Mohammed II
toma Constantinopla (1453).
(Fim da Idade Media e do Imperio do Oriente).
-

HISTORIA MODERNA

Vista geral. As grandes invenções, os descobrimentos marítimos e a Reforma religiosa, taes são os principaes acontecimentos que determinam o inicio dos tempos modernos, e claramente os separam da Edade Media.

A invenção da imprensa e do papel de trapos concorrem poderosamente para a rapida diffusão das idéas; a polvora modifica sensivelmente o systema das guerras, pelas novas applicações das armas de fogo; a bussola prepara o caminho aos grandes descobrimentos, que abrem novos horizontes ás conquistas da civilização christã; finalmente a Reforma protestante, perturbando toda a Europa e abalando profundamente a sociedade, apressa a Reforma catholica e no concilio de Trento será a Igreja purificada dos abusos e renovada em sua disciplina.

I

As grandes invenções. A bussola, a polvora, o papel e a imprensa. Consequencias.

Polvora. Admitte-se hoje que os Chineses conheciam a polvora desde os primeiros seculos da era christã. Porém apenas se serviram della para a fabricação de fogos de artificio, foguetes, etc.

Pelo meado do VII sec. empregaram-na os Gregos do Baixo Imperio sob a forma de *fogo greguês*. E' tambem opinião acceita que os Árabes foram os primeiros a empregar a polvora para lançar projecteis (defesa de Niebla, 1257).

No principio do XIV sec. já havia canhões na Itália, em Florença. Eram machinas grosseiras, feitas de um tubo de ferro curto, egualmente perigosas para os inimigos e para aquelles que as empregavam; chamavam-se *bombardas*. Eram de difficil transporte; as balas, de chumbo ou de pedra; e a polvora ainda mal preparada.

No reinado de Carlos VII aperfeiçoou-se a artilharia, e appareceram as *serpentinhas* ou *colubrinhas*, collocadas sobre carretas; formou-se assim a primeira artilharia de campanha. Vieram depois armas de fogo mais leves, portateis, esboço longinquo da espingarda.

Segundo dizia Montaigne, as primeiras armas de fogo faziam mais barulho do que mesmo mal aos inimigos. Só muito lentamente se aperfeiçoaram. No XVII sec., porém, foram enfim com proveito empregadas e a tactica militar transformou-se.

Cumprê notar que alguns attribuem a invenção da polvora ao frade allemão Bertholdo Schwartz (sec. XIV), outros ao franciscano inglês Rogério Bácon (sec. XIII).

Bussola. Somente no sec. XIII se observou na Europa a propriedade, ainda hoje mal explicada, que tem uma agulha imantada e podendo oscillar livremente, de se dirigir sempre para um ponto denominado pólo magnetico.

E' provavel que os Chineses já conhecessem tal propriedade e que por intermedio dos Árabes chegasse tal conhecimento aos marinheiros do Mediterraneo. A bussola era a principio composta de uma agulha collocada sobre um pouco de cortiça ou de palha fluctuando em azeite ou em agua. FLÁVIO GIOIA, de Amálfi, imaginou suspender a agulha sobre um eixo fixo, de modo a mover-se livremente em qualquer direcção (XIV sec.).

Assim podiam os navegantes aventurar-se sem receio pelo mar alto, longe das costas, mas sempre conhecendo a direcção que seguiam, isto é, podendo orientar-se. Não tardaria o descobrimento da América.

O papel. Os antigos não conheciam o papel: escreviam em folhas de palmeira, em cascas de arvore, em laminas cobertas de cera, chumbo, etc., e principalmente sobre o *papyrus*, feito do canniço que cresce ás margens do Nilo. O *pergaminho*, feito de pelles de animaes para tal fim preparadas, era tão caro que na Edade Media se perderam muitos textos de antigos manuscriptos que foram apagados para nos pergaminhos se fazerem novas copias (*palimpsestos*).

Pelo fim do II sec. os Árabes introduziram o papel de trapos, cuja fabricação haviam aprendido com os Chinêses. Generalizando-se no sec. XIV o uso da roupa branca, facil se tornou fabricar o papel de tra. s por preço mais barato.

A imprensa. Na Edade Media os livros eram manuscriptos, isto é, copiados á mão. E' facil imaginar quanto tempo era necessario para reproduzir as obras, e por consequencia que preços attingiriam. Só aos millionarios p diam pertencer as bibliothecas.

No sec. XIV, tentou-se melhorar esse estado de coisas por meio da *xylographia*, escripta sobre madeira. Gravava-se numa taboa uma pagina, passava-se tinta e applicava-se uma folha de papel. Era difficil, caro e moroso o processo. Empregaram-se no principio do XV sec. os caracteres de madeira separados e moveis; mas gastavam-se muito depressa.

Um moguntino, JOÃO GUTENBERG, ideou os typos feitos de uma liga de chumbo e antimonio. Datam as suas primeiras experiencias de 1436, em Strasburgo. Associando-se a João Fust, que entrou com o capital, e a Pedro Schœffer, conseguiu imprimir uma Biblia em latim. Victima da inveja, morreu pobre e esquecido (1400-1468).

A posteridade, comtudo, reconhecida, glorificou o descobridor da imprensa, a mais importante incontestavelmente das grandes invenções. Em todas as manifestações da actividade humana inculcaveis têm sido os serviços pres-

tados pela imprensa, instrumento da liberdade e do progresso, factor poderoso de civilização.

Doloroso é que tanto se tenha della abusado, convertendo-a em arma do mal, ao envés de pharol da verdade e do bem.

II

Descobrimientos maritimos. Origenes, marcha e resultados.

Os descobrimentos. No fim do XV seculo e no principio do XVI alargaram-se extraordinariamente os horizontes do mundo até então conhecido. Os descobrimentos maritimos foram principalmente devidos aos Portuguezes e Espanhoes. Vasco da Gama descobre o novo caminho para as Indias; Colombo chega ao continente americano.

Origem de Portugal. Em 1094 D. Affonso VI, rei de Leão e de Castella, deu a mão de sua filha D. Teresa ao conde D. Henrique de Borgonha, illustre cavalleiro francês, que tomara parte na cruzada contra os mouros. Deu juntamente como dote as terras do condado "portucalense", ao S. da Galliza. — Tendo D. AFFONSO HENRIQUES, filho do conde, obtido a grande victoria de Campo d'Ourique (1139) contra os mouros, foi acclamado rei (1140).

Com D. João I, mestre de Aviz, começam as primeiras conquistas portuguezas. Tendo vencido os Castelhanos em ALJUBARROTA (1385) tomou CEUTA aos mouros (1415). O mais illustre dos seus filhos, o infante D. HENRIQUE, foi quem deu immenso impulso ás expedições maritimas, com a fundação da celebre escola de Sagres (1412 ?) Ia começar o periodo mais glorioso da historia de Portugal.

Conheolmentos geographicos da Edade Media.

cio e navegação na Edade Media. As republicas medievaes que se enriqueceram pelo commercio maritimo, principalmente Génova e Veneza, que possuam por assim dizer o monopolio dos productos do Oriente, emprehendiam suas expedições por mares já conhecidos pelos antigos. As costas de Marrocos, da Argélia, Tunisia, Trípoli e Egypto, a Syria, a Palestina, a Ásia Menor, enfim as regiões banhadas pelo mar Interior, eram desenhadas em cartas (ou *portulanos*), que serviam de guias aos pilotos. Nas idéas dos geographos de então, o Atlantico era o Mar Tenebroso, fechado aos navegantes; o Cabo Não, o limite imposto á humana curiosidade. Não mais se admittia que a terra fosse espherica.

Havia, porém, outras lendas: a Atlântide de Platão, vasta ilha ou continente que desaparecera devido a um cataclysmo; o mysterioso Preste João, que reinava em certa região da África; etc., etc.

As sedas da Syria e da China, os tapetes da Pérsia, as porcellanas da China, as perolas de Ceylão, os perfumes da Arábia, as especiarias, a canella, o cravo, a pimenta, tudo vinha da Ásia. As Indias, o conjuncto de todas essas regiões mysteriosas e ricas, cujos productos vinham por intermedio dos Árabes, appareciam aos Europeus como os países do ouro, fonte de todas as riquezas. D'ahi o desejo de encontrar novo caminho para as Indias.

Já se viu que o Mediterraneo era o principal centro de commer-



Caravela do seculo XV

Descobrimientos marítimos dos Portugueses.

Em 1418 BARTHOLOMEU PERESTRELLO descobre a ilha de PORTO SANTO; no anno seguinte GONÇALVES ZARCO e TRISTÃO VAZ TEIXEIRA chegam á da Madeira; em 1432 a primeira ilha do archipe-

lago dos Açores (Santa Maria) é descoberta por GONÇALO VELHO CABRAL.

GIL EANNES dobra o cabo Bojador (1433); Diogo Cão chega ao Zaire; e em 1486 BARTHOLOMEU DIAS descobre o cabo das Tormentas, que D. João II denominou "da Boa Esperança".



Vasco da Gama

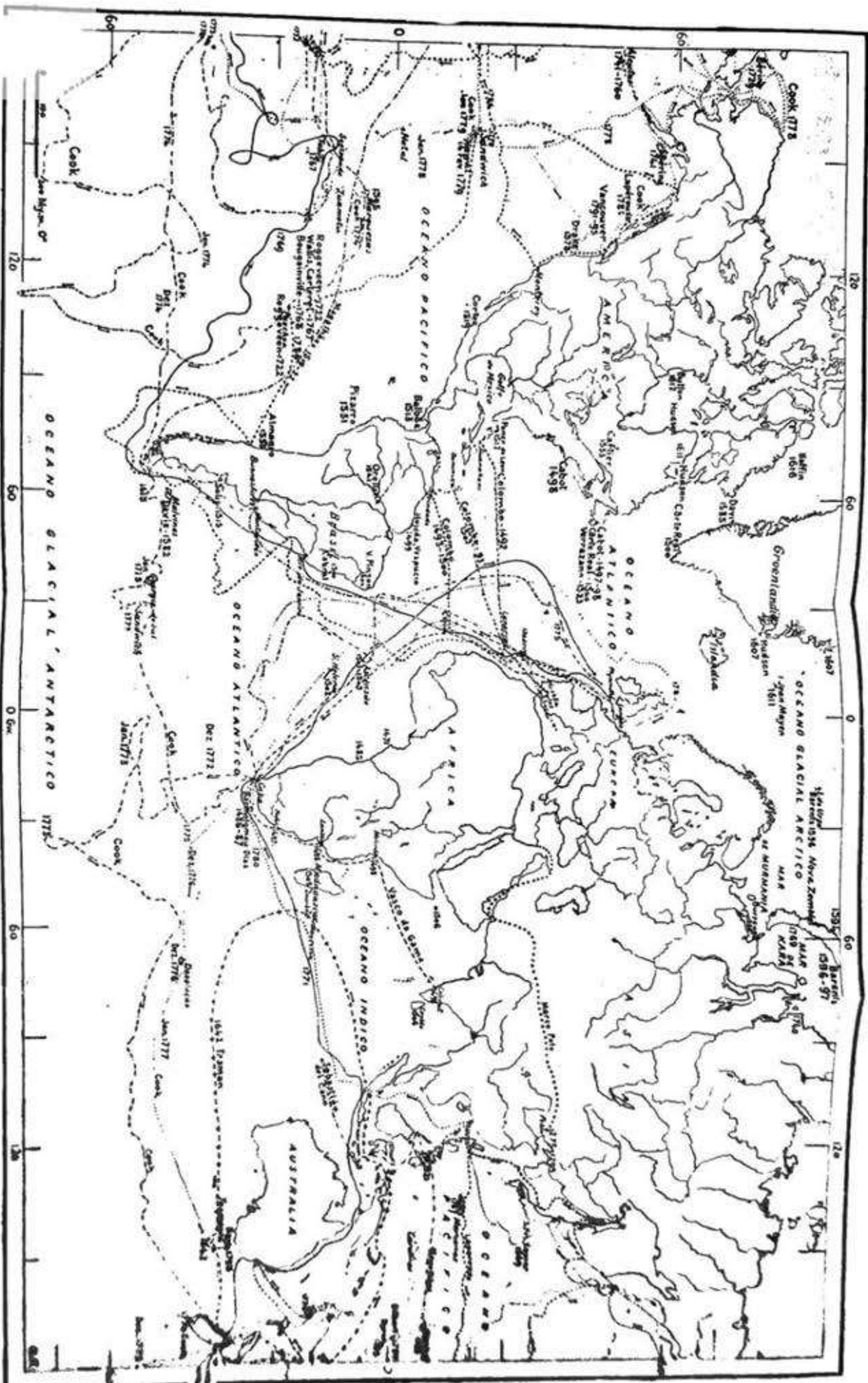
Em 1497, no reinado de D. Manoel, o Venturoso, partia VASCO DA GAMA de Lisboa e, dobrando o cabo da Boa Esperança, e tocando em Moçambique,

Mombaça e Melinde, chegava a Calicut (1498). Fôra emfim encontrado o novo caminho para as Indias.

Descobrimento do Brasil.

A 9 de Março de 1500 partiu do Tejo uma luzida esquadra de 13 navios, com cerca de 1.200 homens, commandada por

Pedro Alvares Cabral, com destino ás Indias. Provavelmente desviada pelas correntes oceanicas, a esquadra afastou-se muito da costa africana, teve a 21 de Abril signaes de terra proxima e a 22, quarta-feira, avistou o monte Paschoal, no actual estado da Bahia. Suppôs Cabral ter descoberto uma ilha, a que chamou de VERA CRUZ, nome depois mudado no de TERRA DE SANTA CRUZ e emfim substituido pelo de BRASIL (pau vermelho empregado na tinturaria,



Descobrimientos Maritimos

IBIRAPITANGA dos indigenas). A 26 de Abril o franciscano Fr. Henrique de Coimbra, guardião da frota, celebrou a 1.^a missa no ilheo da Coroa Vermelha, em Porto Seguro. A 1 de Maio tomou-se posse solenne da terra e o escrivão da armada Pero Vaz de Caminha escreveu longa carta a D. Manoel, narrando o descobrimento. A 2 de Maio Cabral seguiu para as Indias.

Imperio colonial português.

Um dos successores de Vasco da Gama, AFFONSO DE ALBUQUERQUE, o Marte Português, foi quem verdadeiramente fundou o imperio colonial lusitano na India (1509-1515). Venceu os Venezianos, Turcos e Árabes, tomou Socotorá, Áden, Ormuz; occupou Goa e Malaca; conquistou as Molucas, enviou sua esquadra á China; e planeava arruinar o Egypto e a Arábia.

O grande imperio colonial português comprehendia todas as costas oceanicas da Africa e das Indias, Ceylão, as Molucas, as ilhas da Sonda e o Brasil.

III

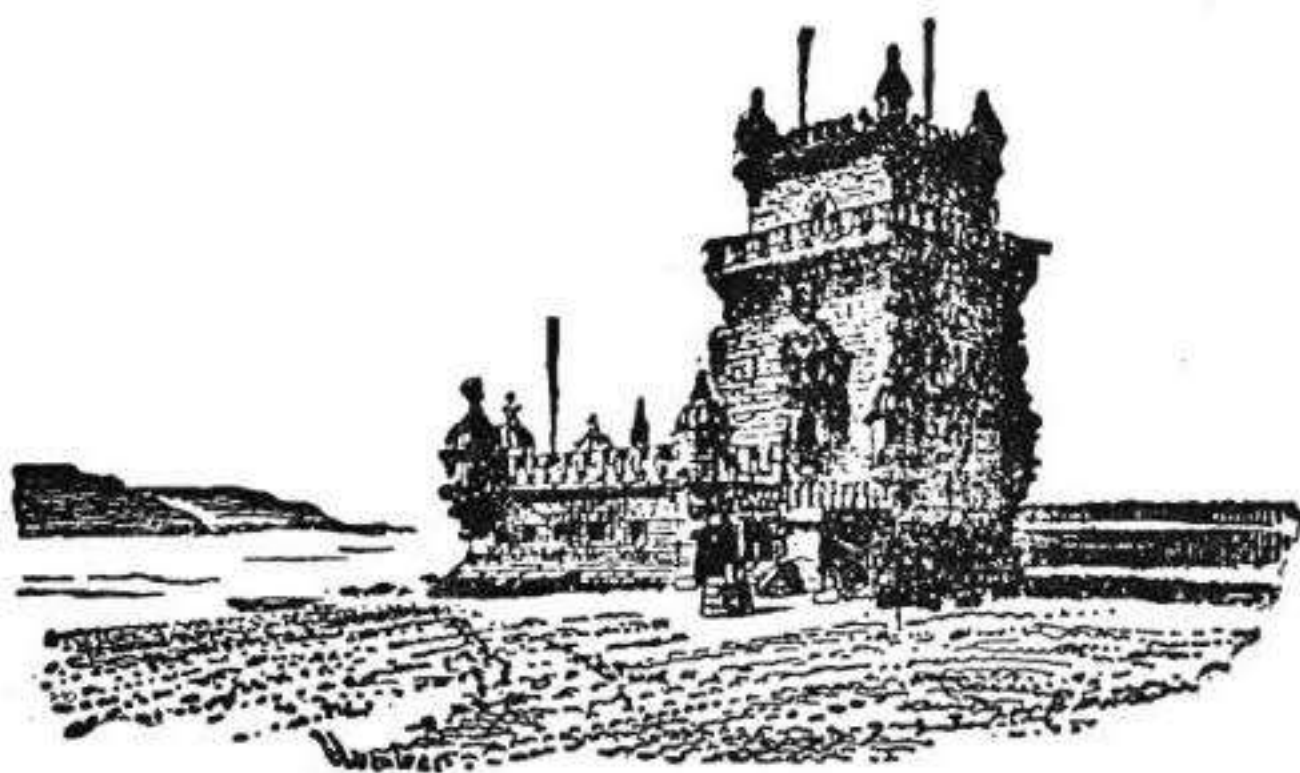
*Descobrimientos maritimos: em especial o da América.
— Colonização. O trafico dos negros.*

O Novo Mundo.

Os Portuguezes procuraram chegar ás Indias costeando a Africa e dobrando o cabo da Boa Esperança, isto é, pelo sul. Colombo imaginou alcançar mais rapidamente o mesmo resultado pelo oeste e assim descobriu o Novo Mundo.

Colombo. Em 1436, segundo uns, em 1441, no ver de outros, ou mesmo em 1446, como pretendem alguns, nasceu Christovam Colombo na republica de Gé-

nova. Desde moço se entregou á navegação, percorrendo o Levante, a Guiné e a Islândia. Estabelecendo-se em Lisboa, ahi se casou. Imaginou então alcançar o Oriente pelo Occidente, projecto ousado que lhe haviam despertado as suas idéas sobre a esphericidade da terra, e as opiniões do sabio florentino Toscanelli.



Torre de Belem em Lisboa (monumento commemorativo do descobrimento das Indias)

O plano de Colombo, porém, não foi bem recebido por D. João II. Passando para a Espanha, só ao cabo de 8 longos annos conseguiu de FERNANDO e ISABEL, soberanos de Aragão e de Castella, auxilios para a projectada expedição.

A 3 de Agosto de 1492 partiu Colombo de Palos com tres caravelas (S. Maria, Pinta e Niña) e após uma viagem cheia de grandes difficuldades, ás duas horas da madrugada de 12 de Outubro do mesmo anno, chegava á ilha GUANAHANI, do archipelago das Lucayas, á qual chamou S. Salvador. Descobriu ainda CUBA e HAITI (Hispaniola) Voltando á Espanha, receberam-no triumphalmente.

Não tardaria, comtudo, a inveja a procurar diminuir a gloria do grande genovês. Durante a segunda viagem de Colombo (93), em que descobriu muitas das Pequenas Antilhas, foi vilmente calumniado; na terceira viagem (98),

tendo tocado no continente, desde o Orenoco até Caracas, foi deposto e remetido preso á Espanha por Bobadilha, seu inimigo. Graças a Isabel alcançou Colombo a liberdade e ainda empreendeu quarta e ultima viagem (1502); mas, regressando á Europa, morta Isabel, e despresado por Fernando, morreu na miseria em Valladolid (1506).

Até á morte guardou Christovam Colombo a convicção de que descobrira terras das Indias, e d'ahi a denominação de "Indios" erradamente dada e conservada para designar os indigenas do continente americano.



Christovam Colombo

Tratado de Tordesilhas.

Em 1494 foi celebrado entre Portugal e Espanha um tratado estipulando que 370 leguas a oeste das ilhas de Cabo Verde pertenceria á Espanha o occidente, e o oriente a Portugal. Motivaram esse tratado, para o qual serviu de arbitrio o Papa Alexandre VI, as questões que surgiram entre as duas grandes potencias maritimas de então, pelo facto dos descobrimentos realizados.

Descobrimientos dos espanhoes.

Com a noticia do descobrimento da América, preparam-se logo varias expedições na Europa. O florentino Américo Vespúccio faz diversas explorações no continente e lega seu nome ao Novo Mundo (1499, 1501, 1502, 1507). Dias de Solis descobre o Yucatan; Ponce de Leon, a Fló-

rida; Balbôa, o Pacifico; e Grijalva, o México (1507-1512-1513-1518).

Antes de Pedro Alvares Cabral chegar ao Brasil, em janeiro de 1500, Vicente Yanez Pinzon, que commandára a NIÑA na 1.^a viagem de Colombo, descobriu o cabo de Santa Maria de la Consolación, hoje de Santo Agostinho, em Pernambuco. Em fevereiro ou março, precedendo ainda a Cabral, esteve tambem em costas do Brasil o espanhol Diego de Leppe.

O Brasil, porém, ficou pertencendo a Portugal, principalmente devido ao tratado de Tordesilhas.

Mexico e Perú. Na conquista do Mexico FERNÃO CORTES tristemente se celebrizou por sua crueldade. Desembarcando em 1519 com uns 700 homens, 18 cavallos e 10 canhões, causou assombro ao Mexicanos, que jamais tinham visto cavallos. Queimados os seus navios, para não haver esperança de volta, Cortez foi a principio recebido como FILHO DO SOL. Depois começou uma luta cruel, de que resultou ser preso o rei Montezuma, que morreu de uma pedrada atirada por seus antigos subditos amotinados. Guatimozim, seu successor, foi tambem feito prisioneiro, torturado em leito de brasas e enforcado. Em 1521 o Mexico era colonia espanhola.

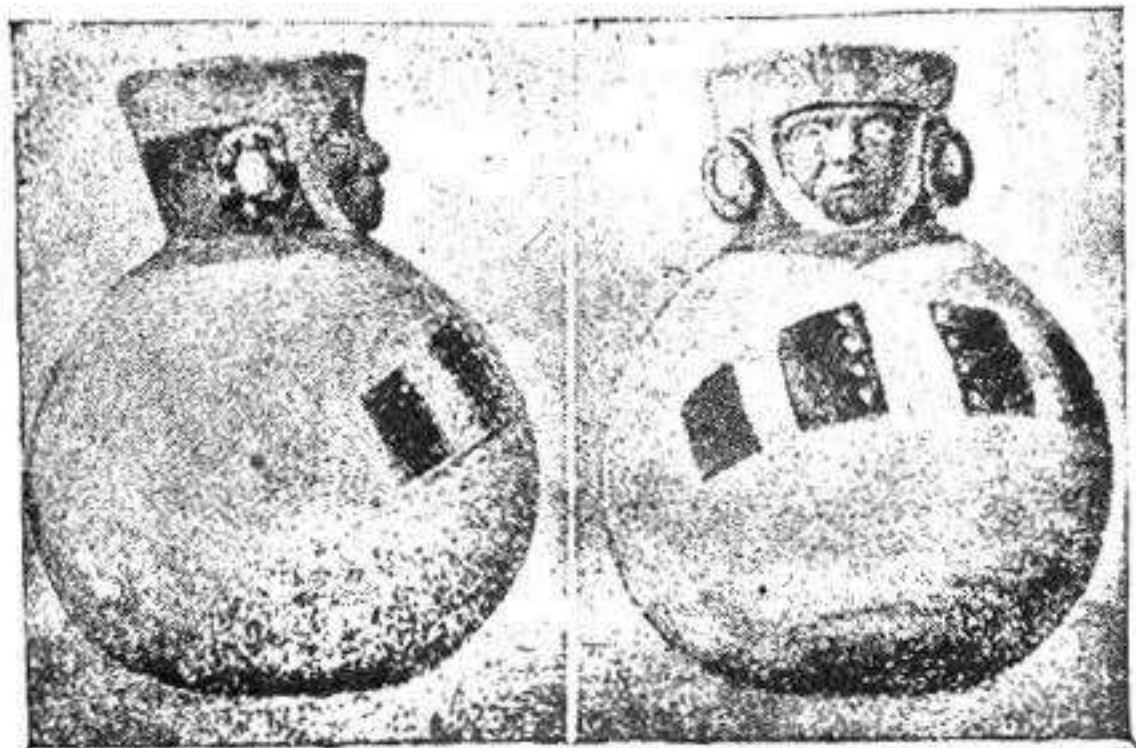
No Perú FRANCISCO PIZARRO aprisionou o rei inca Atahualpa, e depois o mandou estrangular. Em 1535 foi fundada Lima. Emquanto isso DIEGO d'ALMAGRO ia para o Chile e conquistava-o.

Os Indigenas amerloanos. No Mexico e no Perú os Espanhoes encontraram duas civilizações bem adeantadas: a dos AZTECAS e a dos INCAS. Os Aztecas, no Mexico, já conheciam principios astronomicos, tinham escolas, museus, associações e notaveis obras de arte. As pyramides ou TEOCALLI mexicanas

lembram as do Egypto. Ha ruinas de templos que recordam não só os do antigo Egypto, mas tambem os da India.

No Perú não ha tantos monumentos, mas ainda assim a civilização dos Incas era assás notavel. Manco Capac, fundador do imperio (sec. XI ?) é personagem legendaria. Attribute-se-lhe a fundação de Cuzco.

Fóra desses dois imperios, as outras tribus indigenas americanas eram nomades e selvagens. Assim os habitantes do Brasil: Tupis, Tapuias, etc. Estavam ainda no periodo neolithico ou da pedra polida.



Ceramica peruana

As populações americanas parece terem resultado da fusão de elementos provindos do norte da Europa, da Asia e da Oceânia, em epocas remotas. As linguas principaes eram o azteca, no Mexico, o quíchua no Perú e o tupi no Brasil.



Arte mexicana (Mascara de pedra achada em 1881 nas ruinas de Teotihuacan).

Magalhães.

De 1519 a 1522 realizou-se a primeira viagem de circumnavegação do globo. Fernão de Magalhães, português ao serviço da Espanha, a empreendeu, descobriu o estreito que ainda lhe conserva o nome e mor-

reu em viagem. Sebastião del Cano substituiu-o e terminou felizmente a expedição.

**Imperio colonial
castelhano.**

O imperio colonial castelhano comprehendia: as Lucayas, as Antilhas, a Flórida, o Yucatan, o México, a Colômbia, o Perú, o Chile e o Paraguay, etc.

A historia das conquistas espanholas na América offerece alguns episodios repugnantes de crueldades praticadas contra os indigenas.

Vozes se erguiam, por vezes, contra essas atrocidades, como a do bispo Las Casas. Afinal resolveu-se remediar o mal com o trafico dos negros, que, comprados na Africa, eram vendidos na América. Esse horrivel commercio perdurou até o XIX sec., e foi causa de novas crueldades e de guerras sanguinolentas.

Consequencias.

As consequencias dos descobrimentos maritimos foram consideraveis a todos os respeitoes. Principalmente concorreram para engrandecer extraordinariamente a Espanha e Portugal, que se tornaram potencias maritimas de primeira ordem. O Mediterraneo, que até então fôra o centro do mundo conhecido, perdeu grande parte da sua importancia: o commercio maritimo deslocou-se. Percorrido o Oceano, pouco a pouco se tornou conhecida a superficie da terra e grandemente se desenvolveu a geographia. Novos productos entraram em circulação, plantas, ouro, pedras preciosas, etc.

Tinham brilhantemente começado os Tempos Modernos.

DESCOBRIMENTOS MARITIMOS

CAUSAS.....	{	O espirito guerreiro e aventureiro.
		O espirito de commercio.
		O espirito de religião (novas regiões por converter).
POVOS.....	{	Portugueses e Espanhoes..... XV-XVI sec.
		Inglezes XVII-XVIII "
		Hollandeses e Franceses..... XVII "

Descobrimientos
dos
Portugueses

{ D. Henrique funda a escola de Sagres (1412).
 Descobrimento do Porto Santo e Madeira (1418-19).
 Descobrimento de Santa Maria (Gonçalo Velho Cabral) (1432).
 Gil Eannes dobra o cabo Bojador (1433).
 Diogo Cão chega ao Zaire (1484).
 Bartholomeu Dias dobra o cabo das Tormentas (1486).
 Vasco da Gama chega á India (1498).
 Cabral descobre o Brasil (1500).
 Imperio Colonial português: Aff. de Albuquerque (1508-15).
 Missionarios: S. Franc. Xavier († 1552).

Descobrimientos
dos
Espanhoes

{ Christovam Colombo descobre a América. { 1.^a viag.: 12-X-1492.
 { 2.^a viag.: 1493 (varias das peq. Antilhas).
 { 3.^a viag.: 1498 (toca no continente).
 { 4.^a viag.: 1502 (expl. o Honduras).
 Ponce de Leon descobre a Flórida (1512);
 Balbôa (Vasco Nuñez) o Pacifico (1513).
 Trat. de Tordesilhas (1494).
 João de Grijalva desc. o México (1518).
 Fernão Cortez conq. o México (1519) (Montezuma-Guatimozim).
 Francisco Pizarro conq. o Perú (1525).
 Diego d'Almagro conq. o Chile (1534).
 Fernão de Magalhães: 1.^a viag. de circumnavegação (1519-1522) (Sebastião de Cano).

Descobrimientos
dos
Ingleses

{ Sebastião Caboto (Venez., cheg. ao Labrador (1497).
 { Drake faz a 2.^a viag. de circumnavegação (1578).
 { Davis desc. a Terra da Desolação (1585)

FRANCESES. — Champlain (Samuel) funda Quebec (1608).

CONSEQUENCIAS { A escravatura, o trafico
 { Riqueza mobiliaria augmentada.
 { Grande commercio maritime.

IV

A Renascença. Seus caracteres na literatura e nas artes.

A Renascença. Denomina-se Renascença ou Renascimento o periodo que vai do fim do século XV até á primeira metade do sec. XVI, em que se manifestou na Europa extraordinario enthusiasmo pelas



O Moisés
de Miguel Angelo

artes e letrás. A denominação não é propria: fôra erro grave suppôr que durante a Edade Media se tinha dado por assim dizer a morte das letras e artes, e que, ao começarem os tempos modernos, houve uma resurreição. Basta recordar as cathedraes francesas, o estylo ogival, Giotto, Dante. O que houve foi antes uma reacção, um regresso ao ideal pagão, abandonado o ideal christão medieval; simultaneamente decadencia e renovamento, cujo resultado afinal foi um progresso.

O Renascimento começou na Itália, passou á França e á Allemanha e chegou mais tarde á Espanha, Inglaterra e Hollanda. Nos paizes do N. da Europa não houve propriamente Renascimento.

Causas do Renascimento. A invenção da imprensa, e portanto a rapida diffusão das idéas; os descobrimentos e o grande desenvolvimento das riquezas; a chegada dos sabios de Constantinopla que

fugiam ao poder dos Turcos; e a protecção dispensada pelos principes, novos Mecenas, aos artistas da epoca, eis as causas principaes do grande movimento intellectual.

Nem se pode esquecer a grande influencia dos escriptos literarios, historicos e philosophicos dos autores gregos e latinos, conservados nas bibliothecas dos conventos e vulgarizadas principalmente nos XV e XV seculos, graças aos humanistas.

Precursores do A Itália in-Renascimento. contestavelmente cabe a supremacia no



Busto de creança por Donatello



Retrato de Erasmo por Holbein

XIV sec. DANTE, genio que ideou a "Divina Comedia"; PETRARCA, incomparavel autor de sonetos e canções; Boccaccio, sensualista sarcastico e prosador notavel; Giotto, pintor e architecto, — são grandes vultos desse seculo.

Na França FROISSART em suas chronicas apresenta primeiros typos de prosa. Na In-

glaterra CHÁUCER imita Petrarca. Em Portugal el-rei D. Dinis lança as bases da literatura portuguesa.

**Seculos XV e XVI.
Renascimento puro.**

Os principaes protectores dos artistas foram: em Roma, os papas (Nicolau V, Pio II, Julio II, Leão X); os Médicis, em Florença; os Visconti e os Sforza, em Milão; e, em França, o rei Francisco I.



Murillo: a Immaculada Conceição

No sec. XV a Itália produziu, entre muitos outros artistas: Brunellesco, architecto; Ghiberti, Donatello, Luca della Róbbia, esculptores; Fra Giovanni ou Fra Angelico, pintor.

No sec. XVI: dois grandes poetas, Ariosto, autor do "Orlando Furioso", e Torquato Tasso, que compôs a "Jerusalem Libertada"; e um notavel prosador, Machiavelli, em cujo livro — o Principe — se encontram detesta-

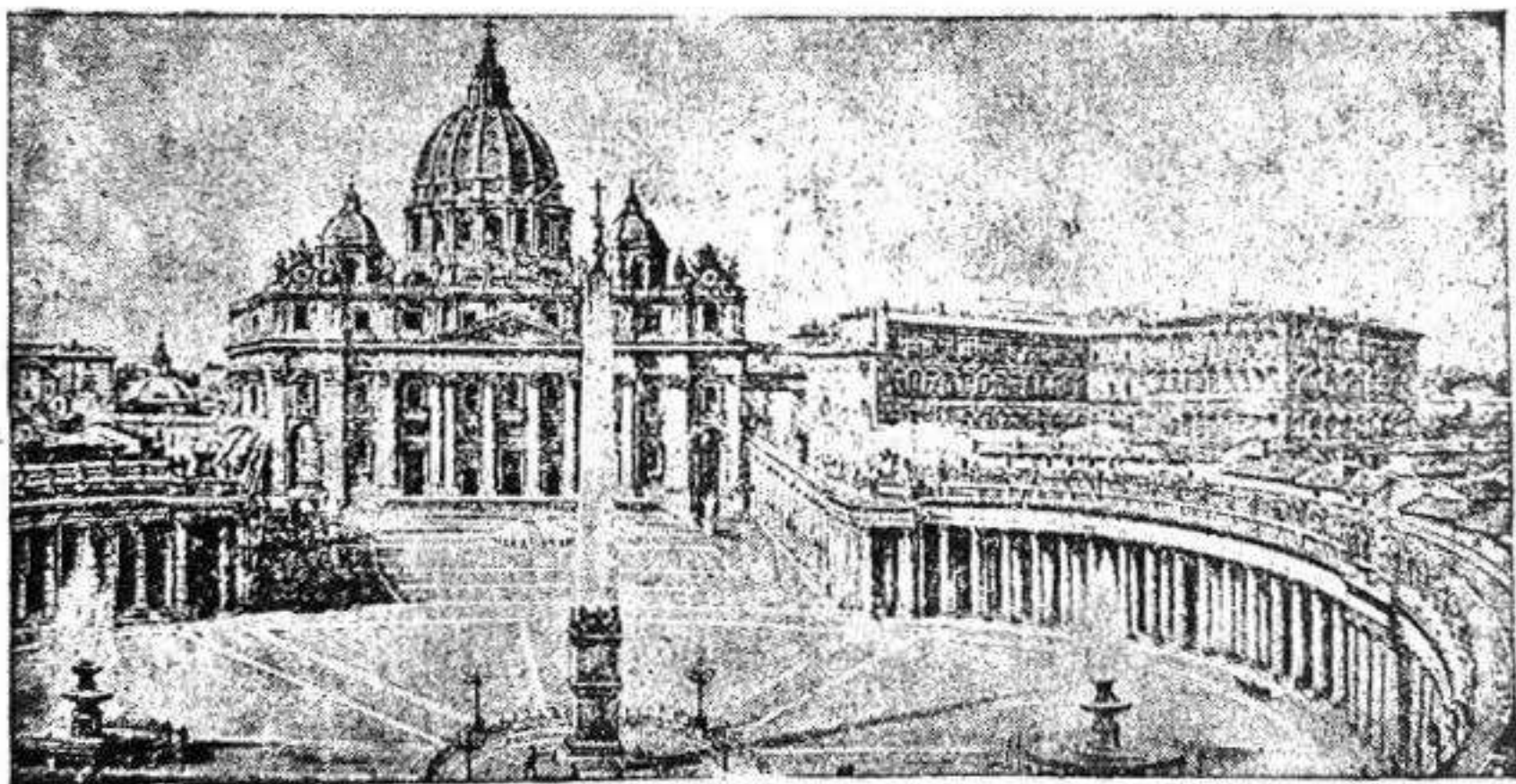
veis principios politicos (machiavelismo).

Entre os muitos artistas merecem especial citação: Bramante, architecto, que deu o plano da Basilica de S. Pedro; Leonardo da Vinci, pintor e esculptor; Miguel Angelo, florentino como Da Vinci, architecto, pintor, esculptor e poeta, autor do grupo "La Pietá", do Moisés, da cupola de São

Pedro, da Capella Sixtina, etc.; Raphael Sânzio, que pintou as celebres madonas; Ticiano, Corréggio, Paulo Veronês, André del Sarto, pintores; Benvenuto Cellini, escultor e ourives; Palestrina, creador da musica sacra, etc.

Em França, os mais notaveis escriptores foram: Ronsard, Rabelais, Calvino, Montaigne, Malherbe, S. Francisco de Sales, etc. Pierre Lescot, architecto, e João Goujon, escultor, merecem menção.

Alberto Dürer e Hans Holbein, dois grandes pintores, floresceram na Allemanha; Erasmo, grande humanista de Rotterdam, nos Países Baixos.



São Pedro e o Vaticano

Foram glorias da Espanha: Cervantes, que escreveu o D. Quixote; Herrera e Hurtado de Mendoza. Portugal produziu: Luis de Camões, immortal cantor dos Lusiadas; Sá de Miranda, Gil Vicente, Damião de Goes, João de Barros, Antonio Ferreira, Bernardim Ribeiro...

Infelizmente, durante periodo tão notavel, houve nos costumes, como nas artes, regresso ao paganismo; e, na Itália sobretudo, a immoralidade tornou-se, por assim dizer, geral.

RENASCIMENTO

Causas. { Os progressos realizados nos ultimos secs. da Ed. Media (precursores da Renasc.).
A chegada dos sabios gregos de Constantinopla.
A invenção da imprensa.

	Seculo.
	—
FRANÇA.....	Villehardouin (Cruzada de Constantinopla)
	Joinville (Vida de S. Luis)
	Froissart (Chronicas, guerra dos 100 annos)
Itália.....	XIII
	XIII
	XIV
	XIII-XIV
Precursores.	Dante: Divina Comedia
	Petrarca: Sonetos
	Boccaccio: Decameron (prosa)
	Giotto: pintor e architecto
Portugal.. — Cháucer (Géoffry). Imita Petrarca	XIII-XIV
	XIV
INGLATERRA. — El-rei D. Dinis funda a Universidade de Coimbra.....	XIII-XIV

Renascença propriamente dita

			Seculos.
ITALIA	Escriptores.	Poetas { Ariosto: <i>Orlando Furioso</i> ..	XV-XVI
		{ Tasso: <i>Jerusalêm Libertada</i> .	XV
		Prosador: Machiavelli: <i>O Principe</i> ..	XV-XVI
	Artistas....	Brunellesco (architecto)	XV
		Donatello (esculptor)	
		Fra Giovanni ou Fra Angelico (pintor)	
		Bramante (archit.) (Vatic. e S. Pedro)	
		Leonardo da Vinci, pintor e esculptor	XV-XVI
		(A Ceia) (Florent.)	
		Miguel Angelo, pint., esc., architecto	
		(S. Pedro, Moisés, Pietá, Juizo Fi-	
		nal) (Florent.)	
		Ticiano (mais de 4.000 quadros)....	
		Raphael (Madonas)	
		Corréggio	XVI
Paulo Veronês			
Benvenuto Cellini (ourives)			
Palestrina (musica religiosa)			
FRANÇA	Escriptores.	Poetas..... { Ronsard.	
		{ Clément Marot.	
	Prosadores.	{ Rabelais (<i>Gargantua</i>).	
		{ Calvino (<i>Institution chrétienne</i>).	
		{ Montaigne (<i>Essais</i>).	
Artistas....	{ Pierre Lescot (archit.).		
	{ Jean Goujon (esculpt.).		
ALLEMANHA	{ Luthero.		
	{ (Erasmo de Rotterdam, humanista, nos Países Baixos).		
	Alberto Dürer (De Nüremberg) }	Pintores	
ESPANHA...	Hans Holbein (de Augsburgo) }	e gravadores	
	Mig. Cervantes: <i>Dom Quixote</i> .		
PORTUGAL..	{ Luis de Camões: <i>Lusiadas</i> .		
	{ (Sá de Miranda, Ant.º Ferreira, Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, João de Barros).		
SCIENCIAS..	{ Bácon. — Copérnico. — Tycho-Brahe. — Képler. (Reforma do Calendario; descobrimentos maritimos, etc.).		

V

O absolutismo em França. — Luis XI. A nova feudalidade. Os apanagios. — Inglaterra: A guerra das Duas Rosas.

Nos ultimos seculos da Edade Media, após as cruzadas, accentuaram-se cada vez mais os symptomas da decadencia do feudalismo e, portanto, de engrandecimento da realleza. Com Philippe Augusto e S. Luis o poder central fortaleceu-se notavelmente, mas apesar de tudo ainda ao subir ao throno Luis XI (1461), successor de Carlos VII, a nobreza feudal era assás poderosa e arrogante. Essa nova nobreza, *de apanagio (noblesse apanagée)*, resultante de doações de partes do dominio real a principes de sangue, formava *casas* possantes, quaes a de Anjou, a de Orléans e, principalmente, a de Borgonha, que remontava a tempos de João, o Bom, e que possuia a Hollanda, a Belgica, o Luxemburgo, e os actuaes departamentos Nord, Pas-de-Calais, Somme, Nièvre, Côte-d'Or, etc. O duque de Borgonha contava com a alliança inglesa; davam-lhe farto lucro os vinhos da Borgonha e as lans da Flandres; era, na verdade, mais forte que o proprio rei.

Carlos o Temerario. Luis XI lutou principalmente para abater Carlos o Temerario, filho de Philippe o Bom, duque de Borgonha, o qual sonhava reconstituir a Lotharingia, com a Alsacia, Lorena e ainda os cantões suissos, que pretendia conquistar. Carlos o Temerario formou contra o rei as chamadas *Ligas do Bem Publico*. Na batalha de Montlhéry (1465) o resultado foi indeciso. Dois **annos** depois,

em Péronne, Luis XI foi obrigado a assignar um tratado vergonhoso, sob pena de ficar prisioneiro do duque de Borgonha. Mas depois da victoria de Beauvais (1472), vingou-se cruelmente: mandou decapitar os vassallos rebeldes, como o conde de Saint-Pol e o duque de Nemours, que esteve preso numa gaiola de ferro.

Carlos o Temerario, na louca empresa de conquistar a Suissa, após haver tomado a Lorena, foi derrotado em *Granson* e em *Morat* (1476) pelos Suissos, o que deu ensejo a que a Lorena se revoltasse. Acorreu Carlos, com 6.000 homens, a Nancy, para retoma-la ao duque Renato; mas, depois de furiosa batalha, o Temerario foi morto. Acharam-lhe o corpo nú, varado a lançadas, semidevorado pelos lobos. Era 6 de Janeiro de 1477.

Acquisições da corôa no reinado de Luis XI.

Morto Carlos, Luis XI reuniu aos dominios reaes a Borgonha e a Picárdia. Á guerra, que se seguiu, pôs fim o tratado de Arras (1482). Afinal Luis XI abriu mão do que ambicionava ainda: o Artois e a Flandres. A filha do Temerario, Maria, casou com o archiduque Maximiliano d'Austria, filho de Frederico III; assim ficou o arquiduque senhor da Hollanda e da Flandres, dahi vindo a resultar o enorme imperio de Carlos V e as grandes guerras entre a França e a Austria.

Morrendo Renato d'Anjou, legou a Luis XI o Anjou, o Maine e a Provença. Em 1483 fallecia o rei.

Perfil do rei. Frutos do seu governo.

Luis XI era feio, de nariz grande, pernas tortas, olhos penetrantes. Valente, mas dissimulado, usava do dinheiro como meio de corrupção. Carlos chamava-lhe "l'universelle araignée". Vencido, Luis não hesitava em humilhar-se aguardando futura desforra. Desprezava o luxo, e, quando uma vez entrou a cavallo em Abbeville, houve quem dissesse: "Cavallo e cavalleiro, tudo

não vale 20 Francos". Luis XI dizia: "Quand orgueil chevauche devant, honte et dommage le suivent de près".

Rude e cruel, supersticioso, astuto, Luis XI foi entretanto um habil administrador; organizou a justiça, protegeu a agricultura e o commercio, estabeleceu serviço de correios, fundou universidades e uma imprensa em Paris. O fruto de seus esforços foi o engrandecimento da realeza absoluta, com a ruina do feudalismo e a dilatação dos dominios da corôa.

Inglaterra: Guerra das duas Rosas.

Os desastres de Henrique VI na Guerra dos Cem Annos descontentaram muito aos Ingleses e favoreceram as pretensões que tinha ao throno Ricardo de York, descendente de Eduardo III por Leonel, seu segundo filho e duque de Clarence, ao passo que Henrique VI provinha de João de Gaunt, 4º filho de Eduardo III e duque de Lancastre. A casa de York tinha no brasão uma rosa branca e a de Lancastre uma vermelha: dahi o nome da guerra.

Foi uma luta que durou 30 annos (1455-1485), causou a ruina de varias familias, a morte de 80 principes de sangue e de cerca de um milhão de Ingleses. E' um periodo repugnante de atrocidades, vinganças, cubiças e traições. Ricardo de York vence em S. ALBANO (55) e em NORTHAMPTON (60) mas é vencido em WAKEFIELD (60). Seu filho Eduardo, sustentado como já o fôra seu pae pelo conde de WARWICK (Ricardo Nevil, cognominado o FABRICANTE DE REIS), continúa a lutar e entra na capital, tomando o titulo de Eduardo IV (61). Ganha no mesmo anno a sangrenta victoria de TOWTON, que custou a vida a 36.0000 Lancastrianos, sendo Henrique VI aprisionado e fechado na Torre de Londres. Warwick passa mais tarde para o partido da rosa vermelha. Eduardo IV é obrigado a fugir para a Borgonha; mas, auxilliado por Carlos o Temerario volta, derrota e mata em BARNET o *fabricante de reis* (71) e manda executar Henrique VI. Morto Eduardo IV, seu

tio, o duque de Gloucester, “o Nero inglês”, nomeado regente, manda matar na Torre os dois filhos do falecido rei e toma o titulo de Ricardo III. Afinal no combate de BOSWORTH (85) foi vencido e morto pelo ultimo dos herdeiros da casa de Lancastre, Henrique Tudor de Richmond, que assumiu o throno com o titulo de Henrique VII e, tendo casado com Isabel de York, filha de Eduardo IV, reuniu as duas familias e pôs termo á guerra. Começou com elle a dynastia dos Tudors, que se conservou no poder até 1603, anno em que se deu o advento dos Stuarts.

A luta contribuiu para arruinar a aristocracia, dilatando os dominios da coroa e fortalecendo o poder dos reis.

Monarchas ingleses que reinaram durante a Guerra das duas Rosas:

Henrique VI	1422
Eduardo IV	1461
Eduardo V	1483
Ricardo III	1483
Henrique VII	1485

VI

*Francisco I e Carlos V.***As guerras da Itália.**

A Europa occidental atravessou, de 1494 a 1559, um periodo extremamente agitado, de guerra quasi ininterrupta. As primeiras lutas, até 1519, são as famosas *guerras da Itália*. Foi-lhes causa o testamento de Renato de Anjou, que legára



O papa Julio II

a Luis XI seus direitos ao throno de Napoles. Luis XI, prudente e calmo, não se apressou em tomar posse de uma corôa que poderia custar muito sangue; Carlos VIII, porem, seu filho e successor (1483-1498), emprehendeu a conquista do reino Napolitano em 1494. Cinco meses depois entrava triumphante em Napoles, puxado por 4 cavallos, corôa

na cabeça, sceptro e globo nas mãos, aos gritos de acclamação de *Imperador de Constantinopla e rei de Jerusalém*. Ao cabo de um trimestre era obrigado a retirar-se: colligaram-se contra elle o imperador Maximiliano, o papa Alexandre VI, Fernando e Isabel de Espanha, os Venezianos e os Sforza. Seu primo Luis XII, que lhe succedeu, começou a conquista do Milanês, ao qual pretendia ter direitos como neto de Valentina Visconti. Tomou-o e depois quis, alliado a Fernando de Espanha, tomar ainda o reino de Napoles;

mas sobrevieram desintelligencias e Luis XII teve de ceder a corôa de Napoles aos Espanhoes (1504).

Em 1503 subira ao throno pontificio Julio II, papa guerreiro e ardente patriota, que aspirava libertar a Itália do jugo estrangeiro. Organizou-se contra a França a *Santa Liga* (Espanha, Veneza, Suissa, Allemanha, Inglaterra, tendo á frente Julio II). Apesar das primeiras victorias de Gastão de Foix, um general de 22 annos, sobrinho de Luis XII, os Francêses são derrotados pelos Suissos em Novara (1513) e expulsos da Itália. A propria França foi invadida pelos Inglêses e pelos Suissos. Luis XII assignou treguas com Leão X, successor de Julio II, com o Imperador e com Fernando de Espanha. O Milanês porém estava perdido por pouco tempo, pois o primo, genro e successor de Luis XII, Francisco I (1515-1547) alliou-se aos Venezianos e com a victoria de Marignan (1515) tomou o ducado. Depois dessa batalha o rei de França quis ser armado cavalleiro pelo grande Bayard. Leão X assignou a *Concordata* de 1516; no mesmo anno os Suissos acceitavam a *Paz Perpetua*, escrupulosamente observada até á Revolução de 1789. Fernando de Espanha reconhecia a Francisco a posse do Milanês; o rei de França, em compensação, cedia o reino de Napoles ao monarcha espanhol. Terminavam enfim as guerras da Itália.

Dellas o principal heroe foi sem duvida Pierre du Terrail, senhor de Bayard, "le chevalier sans peur et sans reproche" modelo de bravura e de bondade, morto mais tarde em Romagnano (1524). Bayard foi um verdadeiro heroe de epopéa. Um dia, durante a 2ª expedição de Napoles, defendeu sosinho, durante meia hora, a entrada de uma ponte atacada por duzentos Espanhoes.

O Imperio de Carlos V. Já vimos anteriormente que Maria de Borgonha, filha de Carlos o Temerario, casára com Maximiliano d'Austria, que assim se tornou senhor da Hollanda e da Flandres. O

filho de Maximiliano, Philippe o Bello, casou com Joanna a Louca, filha de Fernando e Isabel de Espanha. Desses casamentos veio a resultar o enorme imperio de Carlos Quinto (1).

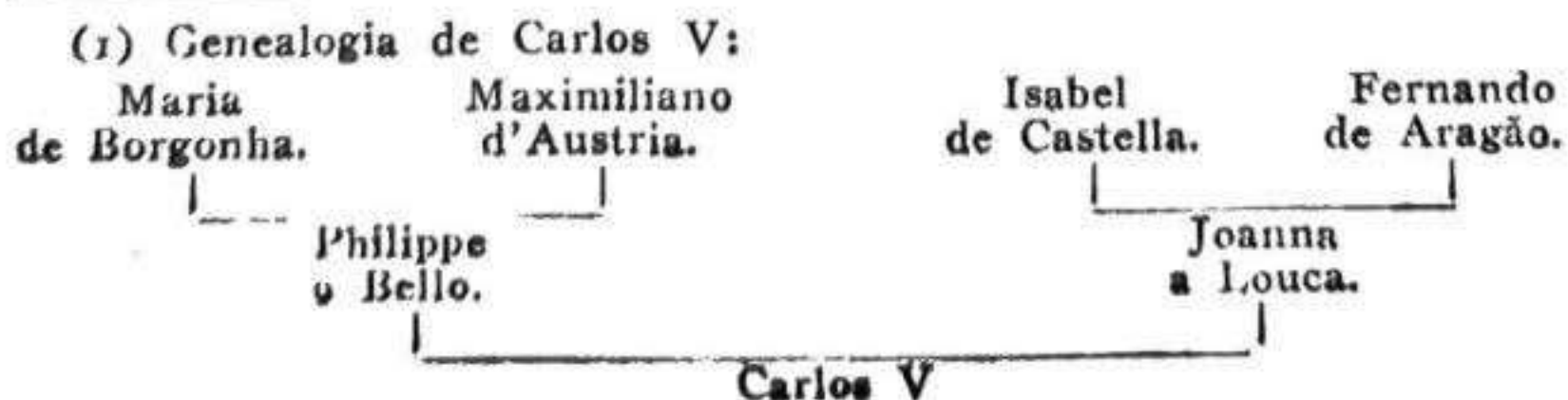
Carlos herdou de seu pae os territorios da casa d'Aus-



Carlos V

tria, e de sua mãe os vastos dominios de Espanha. Em 1519, sem ter ainda 20 annos, pois nascera com o seu seculo, Carlos foi eleito imperador da Allemanha, com o titulo de Carlos V. Pertenciam-lhe os Paizes Baixos, o Artois, a Flandres, o archiducado da Austria, a Styria, a Carinthia, a Carniola, o Tyrol, o reino de Aragão, a Sardenha, os rei-

nos de Sicilia e de Napoles, o de Castella, e ainda toda a America espanhola. Nesse colossal imperio estavam, pois a Hollanda, a Belgica, parte do N. da França, a Espanha, metade da Itália, da Austria e do Novo Mundo. "O sol não se punha nos dominios do rei de Espanha". Mas a França



sentia-se ameaçada, porque Carlos V, sosinho, representava uma colligação.

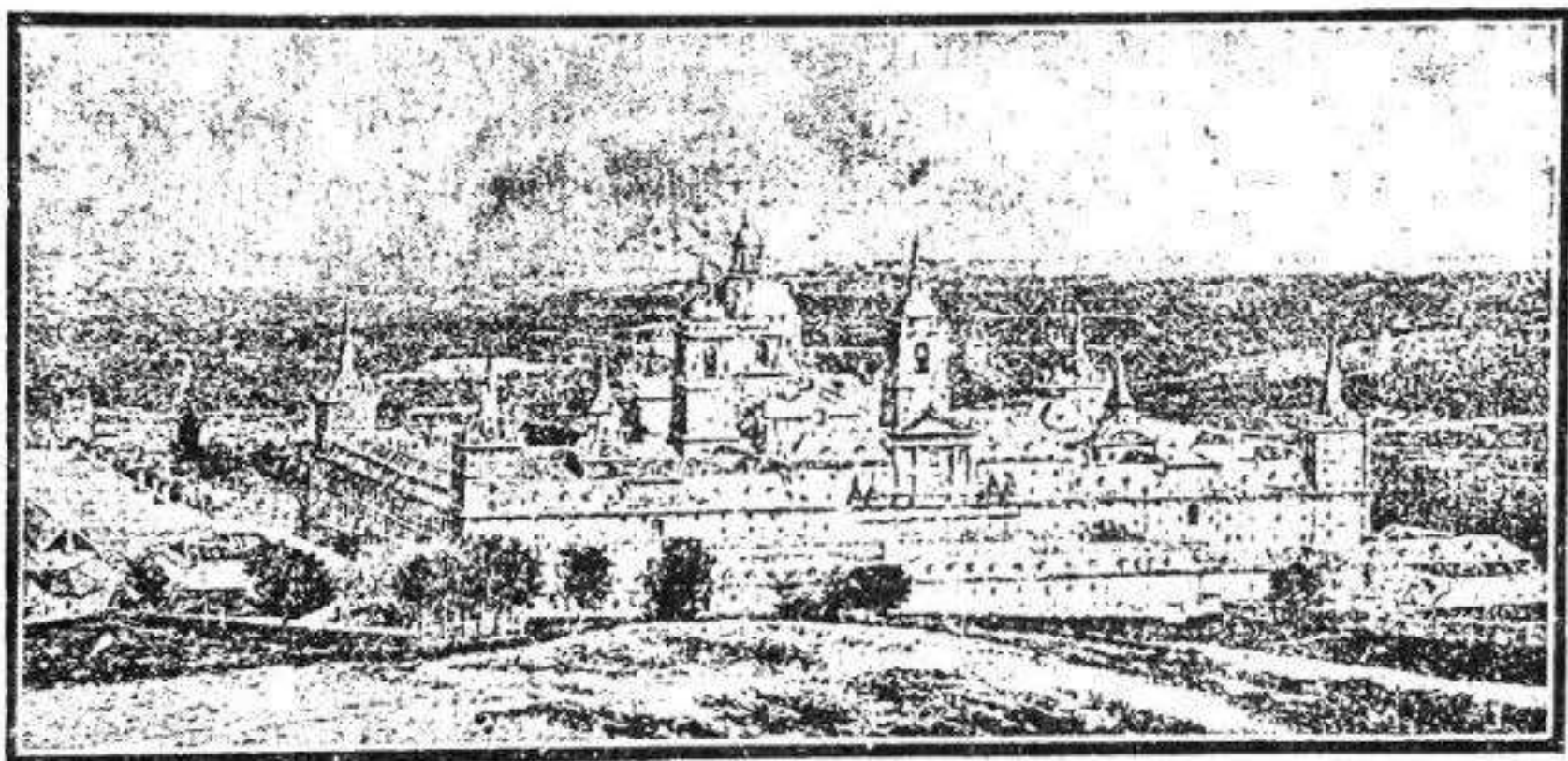
**Luta da casa
d'Austria.
com a França.**

A guerra começou em 1520, e prolongou-se por 39 annos. Francisco I foi bastante infeliz a principio, pois apesar da bravura de Bayard ter salvo Mézières (1521), a França foi invadida e perdido o Milanês. Já Francisco I havia reconquistado este ultimo, quando o desastre de Pavia (1525) trouxe como consequencia ser o rei de França levado prisioneiro para Madrid, onde esteve mais de 6 menses, até que Carlos V lhe arrancou o vergonhoso tratado em que os Francêses abriam mão do reino de Napoles, do Milanês, da Flandres, do Artois, e da Borgonha. Apenas livre, Francisco I recusou-se a executar o tratado, e a luta recomeçou. Sentindo-se fraco, o rei de França procurou alliados: o sultão Solimão II, o Magnifico, o rei de Inglaterra, Henrique VIII e o proprio papa Clemente VII; mais tarde até os principes protestantes allemães. Em 1529, pelo tratado de Cambraia, Carlos V renunciava á Borgonha. Em 1536 a Saboia e o Piemonte foram occupados, durando a occupação até 1559. A paz de Crépy (1544) confirmou a perda, para os Francêses, do Artois e da Flandres. Francisco I morreu pouco depois (1547).

Henrique II, seu successor (1547-1559) continuou a luta, mas sem grandes vantagens. Entretanto Carlos V cedia (1555-1556) a seu filho Philippe II os Países Baixos, o Franco Condado, a Espanha, a Itália e a América; e renunciava, em favor de seu irmão Fernando, já rei da Hungria, ás possessões dos Habsburgos na Allemanha e á propria corôa imperial. Despojado voluntariamente de tudo, Carlos V retirou-se para o mosteiro de S. Yuste, na Estremadura espanhola, onde morreu dentro de 2 annos (1558).

A abdicação de Carlos V e a partilha do Imperio equivaliam, para a França, a uma victoria. A sorte das armas, aliás, não lhe sorriu em S. Quintino (1557), victoria das

tropas anglo-espanholas (1), que Philippe II commemo-rou com a fundação do celebre mosteiro do *Escorial*, nos arredores de Madrid. Em compensação o duque de Guise retomou Calais (1558) occupada pelos Ingêleses desde a



O Escorial

guerra dos Cem Annos. O tratado de Chateau-Cambrésis pôs fim (1559) á rivalidade da França e Austria. Os Francêses desistiam da Italia e dos Países Baixos; conservavam, porém, Calais e os Tres Bispados (Metz, Toul e Verdun).

Francisco I e Carlos V. Alto, elegante e majestoso, de genio alegre e affavel, Francisco I foi cognominado *le roi chevalier*. Já aos 20 annos, em Marignan, mostrava o seu valor. Em Pavia, carregou á frente dos canhões. Isso, aliás, apressou-lhe a derrota. Francisco I não tinha constancia nem firmeza, excepto na luta contra Carlos V, em que, si não foi vencedor, tambem não foi esmagado. Protector das letras e das artes, teve parte notavel no Renascimento francês.

(1) Philippe II casára com a filha de Henrique VIII de Inglaterra Maria Tudor.

Bem diverso temperamento o de Carlos V. Tenaz, reflectido, absolutamente senhor de si, foi de prodigiosa actividade, quasi sempre em viagem, de um campo de batalha para outro, atacado por Francêses, Inglêses, Italianos e até Turcos, tendo ainda que attender ás lutas civis consequentes da Reforma protestante. Apesar de tudo soube achar occasião para fazer uma expedição contra os muçulmanos em Tunis e Argel, e libertar cerca de vinte mil christãos captivos. Era de grande e sincera piedade, e amava a meditação e a prece.

VII

A reforma religiosa. — Luthero. — As diversas seitas anticatholicas.

A Reforma. Na primeira metade do sec. XVI uma grande revolução religiosa se operou na christandade. Dá-se-lhe geralmente o nome de Reforma. Começou na Allemanha, com Luthero, e communicou-se a outras nações.

Causas da Reforma. Havia muito que se desejava a reforma da disciplina ecclesiastica. A fé conservava-se intacta, intacto o culto; nos costumes, porém, grandes eram os abusos, quer nos mosteiros, quer em certa parte do clero secular. Taes abusos não são contestados pelos autores catholicos.

Além disso o renascimento das idéas do paganismo, o estado dos espiritos no sec. XVI, o relaxamento dos costumes, a ambição dos nobres, tudo favorecia a prégação de Luthero.

Tomou-se por pretexto a reforma que todas as pessoas honestas desejavam; serviu de occasião o mandar Leão X prégar as indulgencias, pedindo aos fiéis auxilios para concluir a egreja de S. Pedro e para a cruzada contra os Turcos.

Reformar, porém, não é destruir; nem se comprehendem os exaggeros e as desordens dos pseudo-reformadores.

Luthero. Martinho Luthero nasceu em 1483, em Eisleben (Saxónia), de paes pobres. Estudou em Eisenach e posteriormente em Erfurth. Vendo morrer fulminado pelo raio um amigo com quem passeava, resolveu deixar o mundo e entrar para o convento.

Tornou-se monge augustiniano e foi ordenado em 1507. Ensinou na universidade de Wittemberg e alcançou grande

fama. Era de espirito irrequieto, imaginação ardente, perseguido pelo temor do peccado e pelo medo do diabo.

Enviado pouco depois a Roma, scandalizou-se, diz-se, com as desordens que viu.

Em 1517 o papa encarregou os Dominicanos da prégação das indulgencias. A preferencia irritou os Augustinianos, que de Luthero fizeram seu órgão. Apresentou elle 95 proposições contra as indulgen-

cias: respondeu-lhe, com 110, Tetzel, chefe dos Dominicanos.

Julgando não passasse aquillo de uma "questão de frades", enviou Leão X a controversia ao cardeal Cajetano, a quem Luthero protestou submeter-se, sujeitando-se ao papa. No entretanto continuava a proclamar doutrinas cada vez mais ousadas. Atacava os dogmas, declarava a fé sem as obras sufficientes para a salvação. Vendo a gravidade do perigo, Leão X excommungou-o (Dez. 1520).



Luthero

Luthero queimou publicamente em Wittenberg a bulla de excommunhão.

A Reforma e os principes allemães.

A revolta de Luthero dividiu a Allemanha em dois campos. Frederico, eleitor da Saxónia, adoptou as doutrinas lutheranas. Carlos V, havia pouco proclamado imperador, convocou uma dieta em WORMS (1521). Condemnado como herege, Luthero foi levado secretamente pelo eleitor da Saxónia para o castello de WARTBURGO.

Os principes ambiciosos valeram-se da Reforma para confiscar os bens da Egreja. Secularizaram-nos, portanto, os eleitores da Saxónia, de Brandeburgo e do Palatinado. Alberto de Brandeburgo, grão-mestre da Ordem Teutonica, apossou-se dos bens da ordem, e declarou-se duque hereditario da Prússia.

Os camponios por sua vez revoltaram-se, exigindo reformas sociaes em nome do Evangelho. Vendo as proporções que o movimento assumia, Luthero collocou-se do lado dos principes contra os camponeses, "cães damnados", conforme dizia. Só na Suábia foram mortos dez mil.

As ligas. A confissão de Augsburgo.

Luthero, que a principio falara em nome da liberdade de consciencia e da reforma dos costumes, começou a sustentar idéas autoritarias e, tendo seduzido a freira Catharina de Bora, vivia de maneira escandalosa.

Carlos V, na primeira DIETA DE SPIRA (1526) concedera liberdade de consciencia e livre exercicio do culto aos reformados; retirando-a, porém, na segunda (1529), "protestaram" os partidarios das idéas de Luthero e começaram desde então a ser chamados *protestantes*.

Na "CONFISSÃO DE AUGSBURGO" (1530), redigida por MELÁNCHTON, discipulo de Luthero, os protestantes fizeram sua profissão de fé.

Em 1531 e pela LIGA DE SMALKALDE, os lutheranos constituíram-se em partido politico. Após terriveis lutas civis, a PAZ DE AUGSBURGO (1555) decidiu “paz perpetua e tolerancia reciproca”.

Propagação da Reforma.

Acceito o principio do livre exame, não tardaram os reformados a dividir-se. Em 1523 começaram a tornar-se notaveis os *anabaptistas*, que, rejeitando o baptismo dado ás creanças, só o conferiam aos que já houvessem attingido a idade da razão, dando-o de novo a quem muito jovem o tivesse recebido. Eram-lhes chefes Nicolau Storck e Thomaz Münzer. Tendo-se tornado poderosos, foram derrotados e exterminados por Protestantes e Catholicos em 1535.

No entretanto a Reforma ia-se estendendo pela Europa. Prégavam-na na Suissa ZWINGLIO e CALVINO; na Escócia, JOÃO KNOX. Os reformados escoceses tomaram o nome de *presbyterianos* e o de *puritanos*; pretendiam estes reduzir a Egreja á pureza primitiva; recusavam aquelles o episcopado. Na Inglaterra foi obra de Henrique VIII e Isabel. Tambem a favoreceram: na Dinamarca, Frederico I; Gustavo Wasa, nos Estados Escandinavos; em França, Francisco I.

Calvino. Emquanto as doutrinas de Luthero revolucionavam a Allemanha, um francês, Calvino, pré-gava idéas não menos perigosas.

João Calvino (Cauvin) nascera em Noyon, de paes pobres (1509). Durante seus estudos na universidade de Bourges começou a manifestar-se pela Reforma, devido ao influxo do lutherano Melchior Wolmar. Era de pessimos costumes. Expulso de França, estabeleceu-se em Genebra, onde lhe não faltaram adversarios. Apesar disso, tornou-se verdadeiro despota. Jacques Gruet, que chamara a Calvino hypocrita, foi decapitado. O medico espanhol Miguel Servet, que negara a divindade de Christo, soffreu a morte na fogueira.

Calvino distinguia-se de Lutero por idéas mais radicais, rejeitando todo culto externo, a hierarchia, a invocação dos santos, etc. Ensinava a predestinação absoluta dos eleitos e dos condemnados, negando o livre arbitrio. Morreu em 1564.

Na Escócia, o calvinismo, organizado por Knox, chamou-se *egreja presbyteriana*. Em França tomaram os calvinistas o nome de *huguenotes* (do alemão *eidgenossen*, ligados por juramento).



Calvino

A Reforma na Inglaterra. Henrique VIII.

(1509-1547). Soberano de temperamento autoritario, desejava a monarchia absoluta e ambicionava as riquezas do clero. A principio, comtudo, refutou os erros de Lutero, mercendo até do papa o titulo de "defensor da fé". Ardente e criminosa paixão por Anna Bolena (Boleyn), dama de honor da rainha Catharina de Aragão, levou-o, ao cabo de 18 annos de casado, a querer divorciar-se. Oppôs-se energeticamente Clemente VII. Henrique VIII encerrou Catharina em um presidio, casou-se com Anna Bolena e declarou-se chefe espiritual e temporal da igreja anglicana (1531). Mandou depois decapitar Anna Bolena, sob pretexto de adulterio. De suas quatro ultimas mulheres, Joanna Seymour morreu de parto; Anna de Cleves foi repudiada por feia, Catharina Howard soffreu a morte por

A igreja anglicana, o *anglicanismo*, foi obra de Henrique VIII de Inglaterra

meras suspeitas; Catharina Parr afinal conseguiu sobreviver-lhe. Henrique VIII enriqueceu-se com os bens dos



Henrique VIII

mosteiros e causou innumeras victimas, entre as quaes Fisher e Thomas More.

Consequencias da Reforma.

Na França a Reforma deu origem ás terriveis lutas civis denominadas *guerras de religião*. Na Allemanha provocou mais tarde a *guerra dos 30 annos*. Os soberanos que adoptaram a Reforma por conve-

niencias politicas tornaram-se não só chefes politicos mas tambem religiosos, "papas locais", segundo Lavissee. Ao envés de trazer a liberdade de consciencia, a pseudo-reforma contribuiu para o absolutismo,

VIII

Henrique IV.

Os Huguenotes e as guerras de religião.

da familia dos Bourbons, que occupava o throno da Navarra. Os Guises, duques de Lorena, eram catholicos, e

O partido calvinista em França, fortemente organizado, contava com o apoio

durante o reinado de Francisco II (1559-1560), filho e successor de Henrique II, exerceram decisiva influencia. Francisco II desposara Maria Stuart, rainha da Escocia, sobrinha do duque Francisco de Guise, o vencedor de Calais. Como Carlos IX (1560-1574), segundo filho de Henrique II, tinha apenas dez annos, quando morreu Francisco II, Catharina de Medicis, regente em nome do filho, deu liberdade de culto aos protestantes. Porém, depois, durante as guerras de religião, mudou de idéa. Estas guerras foram em numero de oito: quatro no governo de Carlos IX (1562-1574) e quatro no de Henrique III (1574-1589) e Henrique IV (1589-1593). Apesar de vencidos em Jarnac (1569), os protestantes obtiveram uma paz vantajosa, a de S. Germano. Tudo parecia resolvido, si não fosse Catharina desejar o desaparecimento de Gaspar de Châtillon, o celebre almirante Coligny, um dos chefes huguenotes, membro do Conselho do rei e que cada vez maior influencia exercia no espirito de Carlos IX. Catharina de Medicis, havendo tentado, sem exito, o assassinio de Coligny, imaginou o morticínio dos protestantes, em Paris, a 24 de Agosto de 1572, dia de S. Bartholomeu. A matança durou dias, perecendo até muitos catholicos. As victimas foram, no minimo, 2.000 em Paris, 800 nos arredores; uma das primeiras foi Coligny. Os protestantes refugiaram-se e defenderam-se com valor na Rochella.



Francisco de Lorena
Duque de Guise

Os catholicos fundaram a "Liga", chefiada pelo duque

Henrique de Guise (1576). Henrique III, por sua perfidia e crueldade, excitou contra si catholicos e protestantes, mandou matar o duque de Guise (88) e veio elle proprio a morrer assassinado em 1589.

Morto Henrique III, a Liga não quis reconhecer como rei Henrique da Navarra, pois não era catholico, e o soberano o deveria ser, conforme a lei fundamental do país. Depois de um periodo de lutas contra a Liga, que contava com o apoio de Philippe II de Espanha, Henrique de Navarra, vencedor



Henrique IV

em Arques e Ivry, resolveu abjurar o calvinismo (1593) e foi reconhecido rei com o titulo de Henrique IV.

Reinado de Henrique IV. A França ficara devastada com as guerras de religião. Os esforços do rei convergiram para a restauração da ordem e da paz interna. Tendo concluido com Philippe II o tratado de Vervins, após rapida e feliz guerra contra a Espanha, Henrique IV concedeu aos protestantes, no mesmo anno, liberdade de culto, pelo edicto de Nantes (1598). Auxiliado pelo ministro Maximiliano de Béthune, duque de Sully, favoreceu a agricultura, tomou medidas protectoras dos camponios, esforçou-se pelo desenvolvimento da indus-

tria e reorganizou as finanças. As obras publicas receberam impulso até então desconhecido. O commercio tambem lucrou bastante com a restauração das estradas e reconstrucção de pontes.

Em 1608 Samuel Champlain fundou Quebec no Canadá.

Valente, de maneiras simples, levemente zombeteiras, Henrique IV dissimulava sob aspectos calmos e sympathicos sua vontade de monarcha absoluto. Não obstante os grandes serviços que prestou á França, caiu victima do fanatico Ravallac, em 1610.

Os Francêses no Brasil.

Durante o reinado de Henrique II, em 1555, os francêses estabeleceram-se na bahia do Rio de Janeiro, chefiados por Nicolau Durand de Villegagnon. O governador do Brasil, Duarte da Costa nada fez para os expulsar. Seu successor, Mem de Sá (1558-1572), auxiliado por um sobrinho, Estacio de Sá, venceu-os e fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (20 de Janeiro de 1567). Ferido em combate, Estacio de Sá morreu, um mês depois.

No reinado de Henrique IV os francêses voltaram suas vistas para o Maranhão. Já depois do assassinio do rei, em 1612, protegido pela regente Maria de Medicis, Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière, estabeleceu-se em São Luis (nome dado em honra do rei menor, Luis XIII). Expulsaram-no dahi Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura, em 1615.



Catharina de Medicis

Falharam assim ambas as tentativas, quer a França Antarctica, no Rio, quer a França Equinoccial, no Maranhão.

IX

Philippe II. — Isabel e Maria Stuart.

A monarchia espanhola. O governo de Philippe II (1556-1598), filho e successor de Carlos V, foi tambem um periodo de lutas mais ou menos relacionadas com a Reforma protestante. O monarcha espanhol foi sempre um defensor acerrimo do catholicismo. Tratou severamente os muçulmanos de Espanha e conseguiu deter os Turcos com a victoria de Lepanto



Guilherme de Orange, o Taciturno

(1571), ganha por D. João d'Austria. Lutou contra os Países Baixos para reprimir o calvinismo, encontrando porém a mais terrivel resistencia. O regimen de terror empregado pelo duque d'Alba ainda mais excitou os flamengos, que, tendo á frente Guilherme de Orange, o Taciturno, proclamaram em 1579 a sua independencia pela União de Utrecht e organizaram-se em republic com o nome de Provincias Unidas. As hostilidades prolongaram-se ainda algum

tempo, sendo os Hollandêses auxiliados por Henrique IV de França e Isabel de Inglaterra. Só em 1609, já no rei-

nado de Philippe III, foi que Espanha e Hollanda assignaram uma tregua de doze annos. O tratado de Westphalia (1648) enfim, depois de novas guerras, confirmou a independencia dos Países Baixos.

Em 1580 Philippe II cingira a corôa de Portugal, cujo throno ficára vago por morte do cardeal D. Henrique, successor de D. Sebastião. A união durou até 1640, anno em que Portugal se separou, acclamando D. João IV. Durante a união deram-se no Brasil, possessão portugueza, duas invasões flamengas (1624 e 1630).

A 1ª invasão foi na Bahia e durou cerca de um anno, sendo expulsos os invasores. A 2ª, em Pernambuco, durou de 1630 a 1654, occupando os Hollandêses grande parte do territorio, até o Maranhão. Distinguiu-se por sua sabia administração Mauricio de Nassau (1637-1644), cuja retirada foi o inicio da decadencia hollandêsa no Brasil. Na luta collaboraram brancos, negros e indios (João Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Camarão, etc.). As batalhas principaes foram as dos Guararapes, (48 e 49), ganhas pelos defensores do solo brasileiro. Em 1654 retiravam-se os invasores.

A Invencivel Armada.

Em 1588 Philippe II quis atacar a Inglaterra com a mais colossal esquadra até então vista: 135 navios, com mais de 2.000 canhões e 30.000 homens. Mas as tempestades destruíram a *Invencivel Armada* e nenhum soldado espanhol pisou o solo inglês.

Philippe II morreu pouco depois da paz de Vervins (1598). Os seus adversarios accusam-no de cruel, indo a ponto de chama-lo *Demonio meridiano*. E' certo que foi principe de genio sombrio e orgulhoso e que seu governo não evitou a ruina da Espanha, agora exgottada e incapaz de deter o surto maritimo e commercial da Hollanda.

Isabel e Maria Stuart. A Henrique VIII succedera Eduardo VI (1547-1553), filho de Joanna Seymour, o qual tentou pela força tornar calvinista a Inglaterra. Foi um reinado curto de tyrannia protestante. Maria Tudor, filha de Catharina de Aragão, occupou em seguida o throno (1553-1558), casou-se com Philippe II de Espanha e procurou reconduzir a Inglaterra para o seio da Igreja catholica. Dizem que morreu de desgosto com a perda de Calais. Os protestantes deram-lhe o cognome de Sanguinaria.

Isabel (1558-1603), filha de Anna Bolena, simulou ser catholica para subir ao throno. Sceptica, egoista, hypocrita,



Isabel

de rara habilidade politica e notavel instrucção (falava e escrevia francês, italiano, latim e grego), foi quem propriamente organizou a Igreja anglicana. Pôs ao serviço do protestantismo uma tenacidade comparavel á de Philippe II a favor da Igreja catholica. Jamais se quis casar e raro convocou o Parlamento. Elevou a Inglaterra a potencia de primeira ordem, favorecendo o desenvolvimento da marinha inglesa. Em seu rei-

nado Walter Relaign tomou posse da Virginia (1584) na América Septentrional; Drake deu volta ao mundo (1578); o commercio inglês chegou até á Russia; a industria prosperou graças ao concurso de operarios flamengos; as sciencias experimentaes revelaram notavel impulso com os trabalhos de Francisco Bácon, e as letras brilharam com raro fulgor nas obras immortaes de William Shakespeare,

o maior poeta inglês e um dos primeiros genios da humanidade (1564-1616).

O facto mais deploravel do governo de Isabel foi a execução de Maria Stuart, rainha da Escocia. Catholica fervorosa, sobrinha de Francisco de Guise, Maria casa-se com Francisco II de França, de quem fica viuva aos 18 annos (1560). Regressando á Escocia tem que lutar contra os Puritanos, excitados por Isabel. O primeiro grande erro de Maria foi desposar Henrique Darnley, seu primo, homem sem moral, que dois annos depois veio a morrer assassinado (1567). O segundo erro de Maria foi contrahir novas nupcias logo depois com o Conde de Bothwell, indigitado assassino de Darnley. Os Escocêses revoltaram-se, Maria fugiu para a Inglaterra e ali pediu refugio a sua prima Isabel. Esta, porém, mandou-a prender e após 19 annos de captiveiro, durante os quaes suffocou em sangue as tentativas dos catholicos para libertarem Maria Stuart, resolveu executar a sentença de morte da inditosa rainha da Escocia (1587). Para vingar tão odiosa execução, Philippe II organizou a Invencivel Armada (1588). Mas já lhe sabemos o desastroso fim.

X

*A contra-reforma catholica Reorganização.
Os Jesuitas*

O concilio de Trento. Para acudir aos abusos que a revolta de Luthero tornára patentes era mister a reunião de um concilio ecumenico ou universal. Realizou-se elle na cidade de Trento, com varias interrupções, de 1545 a 1563. Convocou-o Paulo III, e Pio IV o encerrou. Os protestantes, não obstante todas as tentativas feitas para restabelecer a união, recusaram reconhecer a autoridade do concilio.

Como o protestantismo atacára, não só os abusos, como os differentes dogmas, os trabalhos do concilio dividiram-se em duas ordens: questões relativas á disciplina, questões referentes ao dogma. Quanto ao primeiro ponto, pode-se dizer que o concilio atacou o mal pela raiz: foi mantida terminantemente a superioridade do celibato sobre o casamento, recusando-se Roma a reconhecer a validade do matrimonio dos padres, sem excepção; — determinou-se a fundação dos "seminarios", e procurou-se o restabelecimento da disciplina em todos os graus da hierarchia. Não menos notavel a obra dogmatica do concilio, que resolveu todas as questões então controvertidas.

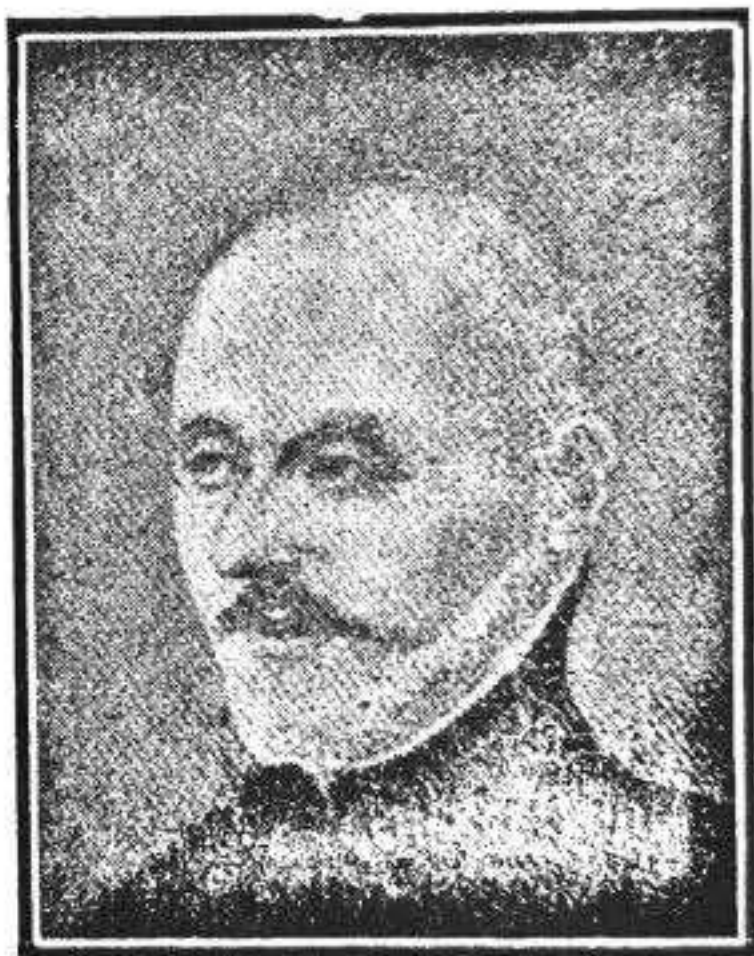
Terminado o concílio, zelosamente se applicaram os papas a executar-lhe os decretos. E chegou-se a ver um pontifice, Pio V, acompanhar procissões descalço pelas ruas de Roma.

As ordens religiosas.

O grande trabalho de reorganização da Igreja foi também, em parte não pequena, favorecido pelas ordens religiosas: Capuchinhos, Carmelitas, Theatinos, Barnabitas, Ursulinas, Oratorianos, etc. Acima, porém de todas, e occupando na historia importantissimo papel, destacou-se a Companhia de Jesus, fundada por S. Ignacio de Loyola, e alvo, desde sua criação, dos mais furiosos ataques, como objecto da maior admiração.

Os Jesuitas.

IGNACIO DE LOYOLA (1491-1556), espanhol, de familia nobre, seguiu a principio a carreira militar. Ferido no cerco de Pamplona (1521), converteu-se e tomou a resolução de se



Ignacio de Loyola

tornar soldado de Christo. Concluidos os estudos que fez na Universidade de Paris, reuniu, em 1534, alguns amigos e lançou as bases da Companhia de Jesus. Eram elles: Francisco Xavier, futuro apostolo das Indias, Lainez, Salmeron, Bobadilla, Alfonso Rodriguez, Francisco de Borgia e Pedro Le Fèvre.

Approvada em 1540 por Paulo III, a Companhia de Jesus extendeu em breve a sua influencia pela Europa. Homens cuidadosamente escolhidos e preparados, confesores de principes, professores emeritos, os Jesuitas, com-

batendo *ad maiorem Dei gloriam* e protestando absoluta obediencia ao papa, formaram uma milicia poderosa, admiravel na unidade de vistas como na variedade dos meios. A Companhia, tendo á frente o "geral", dividia-se em provincias, dirigidas pelos "provinciaes" Quando S. Ignacio morreu, já ella contava mais de mil membros e uma centena de collegios. A educação da mocidade e a catechese dos selvagens mereceram aos Jesuitas especial cuidado. Crearam o *ensino secundário*, e diffundiram por toda parte o Evangelho. S. Francisco Xavier, na India e no Japão, Nobrega e principalmente Anchieta, no Brasil, são nomes que se não podem esquecer.

Anchieta. Canarino, pois nascêra em Tenerife em 1534, José de Anchieta veio para o Brasil em 1553, com o segundo governador geral, Duarte da Costa, successor de Thomé de Sousa. Com este já tinham vindo os primeiros jesuitas que aportaram ao Brasil, entre os quaes o grande Manoel da Nobrega. Mas é principalmente Anchieta o apostolo de nossa patria, só comparavel nos feitos e na vida exemplar aos mais insignes catechistas do velho mundo. E' de certo modo brasileiro, pois aqui viveu o melhor de sua longa e fecunda existencia, fallecendo aos 63 annos de idade no Espirito Santo (1597).

Poeta, valeu-se de seu talento para adaptar ás intelligencias rudes dos selvagens as verdades austeras da religião. Foi o primeiro mestre da lingua tupi, de que compôs grammaticas, e tambem do portugûes aos habitantes da nascente colonia, brancos e mestiços. Taes os prodigios de seu apostolado, que adquiriu fama de *thaumaturgo*. Não ha palavras para exaltar-lhe o merito excepcional.

Consequenolas. Após meio seculo de terriveis lutas, a Egreja saía enfim purificada dos abusos e renovada em sua disciplina. Ao passo que a Re-

forma, acceito o principio do livre exame, tendia a dividir os individuos em grande numero de seitas, a Contra-reforma caracterizou-se por manter sempre a união de todos os fieis na Egreja, pela obediencia ao papa.

REFORMA PROTESTANTE

CAUSAS

{ O relaxamento da disciplina; a corrupção dos costumes.
O renascimento das idéas pagans.
A politica do interesse.
Pretexto: A questão das indulgencias.

MARTINHO LUTHERO

{ Nasce em Eisleben (1483). Entra para a ordem agustiniana (1505).
Prega contra as indulgencias (1517) e não se submete ao Papa.
E' excommungado por Leão X (1520).
Prega o *livre exame* e ataca o celibato e o Papado.
Seduz Catharina de Bora (1525).
Morre (1546).

LUTHERANISMO :

Seu progresso

{ Carlos V tolera a reforma nos Estados que a haviam abraçado:
dieta de Spira (1529). *Protestantes*.
Melancthon redige a confissão de Augsburgo (1530).
Os reformados formam a liga de Smalkalde (1530).
Paz de Augsburgo (1555).

{ Nicolau Storck e Thomaz Münzer pregam doutrinas anabaptistas
(25-35).

{ Gustavo Wasa introduz a Reforma nos Est. Escandinavos.
João Knox propaga a Reforma na Escócia (*Presbyterianos e Puritanos*).

PROPAGAÇÃO DA REFORMA

{ Calvino (09-64) prega sua doutrina em Genebra (35), predestinação absoluta, etc.), queima vivo Miguel Servet.

{ Os calvinistas tomam em França o nome de Huguenotes.

{ Zwinglio. — Morre na bat. de Cappel (1530).

{ Henrique VIII (1540-47), funda o Anglicanismo (1531).

CONSECUENCIAS.

{ Isabel (1558-1603). Cria a Egreja Anglicana.
 Persegue cruelmente os catholicos e luta contra
 Philippe II (*Invincivel armada*) (1588).
 Manda matar Maria Stuart, da Escócia (1587).
 Guerras de religião (1562-1589). Carlos IX. — Hen-
 rique III.
 La Saint-Barthélemy (24 Ag. 1572). Cath. de Mé-
 dicis.
 A Liga: Henrique de Guise (76).
 Guerra dos Trinta Annos (1618-1648).
 { Translação da propriedade, consequente
 á usurpação dos bens ecclesiasticos.
 Resultados politicos. . . { Accrescimento do poder dos soberanos:
 papas localizados (Lavisse).
 A Reforma serviu não á liberdade, mas ao absolutismo.

REFORMA CATHOLICA

Concilio de Trento (1545-1563) (Paulo III, Pio IV) { Seminarios.
O Index.
Catecismo do Concilio de Trento.

Companhia de Jesus { Fundada por Ignacio de Loyola (34-40).
Ensino secundario. — Missões: S. Francisco Xavier, Anchieta, etc.
Obediencia ao Papa.

XI

*O absolutismo em França. Luis XIII e Luis XIV.***A França antes do
ministerio de Richelieu.**

XIII apenas de 9 annos de idade, a rainha, Maria de Médicis, ficou encarregada da regencia. Deixou-se ella, porém, governar por um florentino, Concini, e os nobres, denominados "Descontentes", revoltaram-se, dirigidos por Condé. Sentindo-se fraca, incapaz de resistir, a regente



Richelieu

Tendo sido Henrique IV assassinado em 1610 pelo fanático Ravaillac, e sendo Luis XIII apenas de 9 annos de idade, a rainha, Maria de Médicis, ficou encarregada da regencia. Deixou-se ella, porém, governar por um florentino, Concini, e os nobres, denominados "Descontentes", revoltaram-se, dirigidos por Condé. Sentindo-se fraca, incapaz de resistir, a regente comprou a paz a troco de pensões pagas pelo thesouro.

Luis XIII, que fôra declarado maior em 1615, e se casara com Anna de Áustria, continuou afastado da direcção dos negocios do reino até a morte tragica de Concini (1617. Luynes, succedendo ao florentino, tornou-se então o senhor absoluto.

Os Huguenotes, havendo-se fortificado na ROCHELLA, imaginaram tornar-se independentes e organi-

zar uma especie de republica federativa.

Tal a situação do reino, quando Richelieu entrou para o ministerio (1624).

Richelieu. Armand du Plessis, bispo de Luçon, cardeal de Richelieu, durante os 18 annos que se conservou no ministerio (1624-1642) trabalhou para conseguir a ruina dos Calvinistas em França, abater os grandes senhores e restabelecer a supremacia exterior da França. Tomou parte na Guerra dos Trinta Annos, apoiando os Protestantes para alcançar o abatimento da Austria. Desprezou o Edicto de Nantes e tomou a ROCHELLA aos Calvinistas. E no combate aos nobres empregou meios severos como execuções, confiscos, etc.



Nobre, no principio do reinado de Luis XIII

O ideal de Richelieu era o poder absoluto da realleza, e não teve repouso enquanto não viu submissos e humilhados os nobres, limitadas as liberdades politicas e religiosas.



Burguês, no reinado de Luis XIII

Protector das letras e artes, fundou a Academia Francesa (1635).

Morreu o Grande Cardeal em 1642. Luis XIII seguiu-o pouco depois ao tumulo (1643).

No exterior a França triumphava; no interior, desapparecidos os ultimos restos do feudalismo, firmava-se definitivamente a realleza.

Mazarino. Luis XIV contava apenas cinco annos de idade, quando, sob a regencia de Anna de Austria, succedeu a seu pae Luis XIII. Escolhido para

ministro, Mazarino continuou a politica de Richelieu no exterior; no interior, porém, deram-se as lutas parla-



Mazarino

te orgulhoso, convencido de que o rei só a Deus devia contas de seus actos, fez do culto da pessoa real quasi um dogma. "O Estado sou eu": esta phrase sufficientemente nos mostra as idéas do monarcha.

Trabalhador infatigavel, mesmo no meio dos prazeres da côrte, consagrava oito horas por dia aos negocios do reino. "Meu primeiro ministro sou eu mesmo", dizia.

Protegeu as letras e artes, sendo o seculo de Luis XIV celebre pelos grandes vultos que produziu; animou a indus-

mentares e a FRONDE. Dois annos antes de morrer conseguiu Mazarino a PAZ DOS PYRINEUS (1659) e o casamento de Luis XIV com Maria Teresa de Áustria, filha de Philippe IV de Espanha.

Luis XIV. O governo pessoal do rei começou em 1661 e estendeu-se até 1715. Foi um dos periodos mais gloriosos para a França.

Luis XIV, immensamen-



Luis XIV

tria, o commercio, as obras publicas; restabeleceu a ordem na administração dos dinheiros publicos, graças ao seu ministro Colbert, e sustentou varias guerras para firmar o absolutismo no exterior. Taes guerras acabaram por esgotar a França: GUERRA DE DEVOLUÇÃO contra a Espanha, GUERRA contra a Hollanda, GUERRA DA LIGA DE AUSBURGO, GUERRA DA SUCCESSÃO DE ESPANHA.

COLBERT creou para a França uma esquadra forte, LOUVOIS reorganizou o exercito e VAUBAN fortificou as fronteiras. Luis XIV, comtudo, alienou as sympathias da

Europa, e com despesas enormes inutilizou os esforços de Colbert.

Em 1685 foi revogado o EDICTO DE NANTES; mas ao proprio clero quis Luis XIV obediente.

Esse reinado, que poderia ter sido tão util para o povo, contribuiu para apressar a ruina da monarchia. Foram-lhe os ultimos annos amargurados, e de grande miseria. Iam-se preparando bem tristes dias para a França.



Nobre, em 1693



Dama nobre, em 1693

Guerras de Luis XIV.

A GUERRA DE DEVOLUÇÃO CONTRA A ESPANHA ou guerra de Flandres foi motivada por ter querido Luis XIV reclamar para sua esposa, filha do primeiro casamento de Philippe IV, o

direito á successão ao throno dos Países Baixos espanhoses. O direito de devolução era um costume do Brabante, segundo o qual os filhos do primeiro matrimonio eram herdeiros que excluam os filhos de um segundo casamento. Ante a resistencia espanhola, o monarcha francês invadiu a Flandres com 60.000 homens commandados por Turenne, e em breve occupava todas as praças fortes. Pouco depois Condé occupava em duas semanas o Franco Condado (fev. 1668). Assustadas, Inglaterra, Hollanda e Suecia formaram a TRIPLICE ALLIANÇA DE HAYA. Em Maio, o tratado de Aix-la-Chapelle cedia á França onze praças fortes da Flandres.

A intervenção da Hollanda irritara a Luis XIV. Depois de a isolar das suas aliadas, invadiu-a com 120.000 homens ás ordens de Turenne e Condé. Desesperados, os Hollandêses abriram os diques, e em 4 dias a Hollanda era um mar. Os Francêses tiveram que parar a offensiva, que sómente durara uma semana. Guilherme de Nassau, principe de Orange, tendo apenas 21 annos, não só salvou assim sua patria, mas ainda lançou contra a França a Espanha, a Allemanha, a Dinamarca e a Inglaterra. Lutou-se em terra e no mar, por cinco annos. Turenne morreu em 75, em Salzbach, após brilhantes victorias; mas Condé salvou a Alsacia, Duquesne venceu na Sicilia os Hollandêses e a paz de Nimègue (78) deu á França o Franco Condado e 12 praças na Flandres.

A revogação do Edicto de Nantes indignou os protestantes e Guilherme de Orange fez nova colligação contra a França. A guerra da LIGA DE AUGSBURGO reuniu Inglaterra, Allemanha, Hollanda, Espanha, Suecia e Saboia contra Luis XIV, que não tinha um alliado sequer. A luta durou quasi um decennio. Os corsarios Duguay-Trouin e Jean Bart arruinaram o commercio maritimo inglês e hollandês. Em terra o marechal de Luxemburgo derrotou os alliados em FLEURUS (1690), STEINKERQUE (92) e NEERWINDEN (93). Exgottado o thesouro francês, Luis XIV

acceitou o tratado de Ryswick (97), reconheceu Guilherme de Orange como rei de Inglaterra e restituiu os territorios conquistados, excepto Strasburgo.

**Guerra de successão
de Espanha.
1700-1713.**

Carlos II morreu sem successor (1700), tendo deixado a corôa de Espanha, por testamento, a Philippe d'Anjou, neto de Luis XIV. O imperador da Austria, Leopoldo, e o rei de Inglaterra, Guilherme III, excitaram contra a França outros paises — Hollanda, Dinamarca, Suecia, Portugal, Saboia.

A guerra travou-se em diversos pontos: peninsula ibérica, Italia, Allemanha, Países Baixos, Atlantico e Mediterraneo. Distinguiu-se nella o duque de Marlborough, general inglês e chefe do partido WHIG, o qual venceu a batalha de Malplaquet (1709). Os Francêses, porém, ganharam logo depois a de Villa Viçosa (1710). Em 1711 o archiduque Carlos subiu ao throno com o titulo de Carlos VI e os Inglêses e Hollandêses retiraram-se da luta, não querendo ver Espanha e Allemanha sob o mesmo sceptro. Em 1712 triumpham os Francêses em Denain. A paz de Utrecht — 1713 — pôs termo á guerra. Philippe V foi reconhecido rei de Espanha, sob a condição de jamais se reunirem Espanha e França. A Inglaterra, além de outras vantagens, ficou com Gibraltar. A Espanha passou a potencia de segunda ordem. Durante esta luta foi o Rio de Janeiro invadido por Duclerc e Duguay-Trouin (1710-1711).



Carruagem da côrte de Luis XIV em 1664

O ABSOLUTISMO EM FRANÇA

LUIS XIII E LUIS XIV

HENRIQUE IV
(1589-1610).

Luta entre Henrique IV e a *Liga*.
Henrique IV abjura o protestantismo (1593)
toma posse do throno. (1594)
Favorece o commercio, a agricultura e as artes.
Melhora as finanças (Sully).
Edicto de Nantes (1598).
Morre assassinado por Franc. Ravaillac (1610).

LUIS XIII
(1610-1643).

Succede a Henrique IV sob a regencia de Maria de Médicis.
Concini e *Os Descontentes* (Condé).
Richelieu primeiro ministro (1624-1642).
Richelieu trabalha para ^{no} interior { abater, como partido politico, os Calvinistas (Tomada da Rochella).
no exterior, abaixar a casa de Austria (guerra dos 30 annos).
Richelieu funda a Academia Francesa (1635).
Morte de Richelieu (42).
Morte de Luis XIII (43).

REGENCIA.

Regente: Anna de Austria.
Mazarino ministro.
Guerra dos Trinta Annos. Paz de Westphália (48).
Paz dos Pyreneus (59). Luis XIV casa com Maria Teresa de Austria, filha de Philippe IV de Esp.
As Frondas. { *A Fronda Parlamentar.*
Cardeal de Retz (Paulo de Gondi).
A Fronda dos Principes.
Grão Condé.

LUIS XIV

Luis XIV
(1661-1715).

GUERRAS...

Absolutismo do rei: *L'État c'est moi*
Abateu os nobres. Protegeu as letras
Reformou exercito (Vauban, Louvois) e marinha (Colbert).
Arruinou com despesas enormes as finanças.
Revogou o Edicto de Nantes (1685).
Provocou varias guerras.
De devolução contra a Hespanha ou g. de Flandres (1666-1668). Trat. de Aix-le-Chapelle.
Guerra da Hollanda (1672-1678) (Condé e Turenne). Paz de Nimègue
Guerra da gr. Liga de Augsburgo (1686-1697). Trat. de Ryswick.
Guerra da successão de Hespanha (1700-1713). *Trat. de Utrecht.*

XII

O direito internacional nos tempos modernos. A diplomacia. — O equilibrio europeu e os exercitos permanentes. Arte militar dessa epoca.

Idéa geral. Os tratados de Westphália, em 1648, puseram fim á guerra dos Trinta Annos. Foram o ponto de partida do moderno direito das gentes, base das relações internacionaes até á Revolução Francesa. Desde então começaram os Estados europeus a entreter entre si relações mais frequentes e, reconhecendo a solidariedade de seus interesses politicos, esforçaram-se por conseguir manter certo equilibrio de forças, de modo que não fôsse nenhum Estado ameaçado em sua independencia por outro mais forte.

**A guerra
dos Trinta Annos
(1618-1648).**

Foi essa grande luta, que teve por theatro a Allemanha, a principio simples guerra civil entre Estados da casa de Áustria. Foi-lhe causa essencial a opposição dos protestantes da Allemanha ao imperador e aos Catholicos.

Comprehende quatro periodos: palatino (18-23); dinamarquês (25-29); sueco (30-35) e francês (35-48).

O primeiro periodo foi chamado *palatino*, porque nelle tomou parte notavel Frederico V, eleitor palatino e rei da Bohémia, o qual foi vencido na MONTANHA BRANCA (1620). Fernando II declarou então que o Catholicismo era a Religião do Estado.

O segundo periodo recebeu o nome de *dinamarquês*, porque interveiu Christiano IV da Dinamarca em favor dos protestantes, aliás sem resultado pratico.

O terceiro periodo denominou-se *sueco* em virtude das victorias estrondosas obtidas pelo rei da Suécia, GUSTAVO

ADOLPHO, em LEIPZIG (31) e LECH (32), morrendo em Lützen (32).



Gustavo Adolpho

Chamou-se ao quarto e ultimo periodo *francês* devido ao facto de Richelieu, depois de haver secretamente auxiliado os inimigos da casa de Austria, intervir contra ella de modo directo. A França, no principio invadida, obtem depois, graças a TURENNE e ao duque d'Enghien (o grão CONDÉ), as victorias de ROCROY (43), FRIBURGO, NÓRDLINGEN (45), LENS (48).

O tratado de Westphália (1648).

O tratado de Westphália é um dos acontecimentos mais importantes da historia. Foi consagrada a supremacia internacional da França e a existencia politica do protestantismo; o imperio germanico reduzido a um nome vão, declarados soberanos em seus territorios os Estados que o compunham, e definitivamente separadas a Republica das Provincias Unidas (Hollanda) e a Confederação Helvética (Suissa).

O equilibrio europeu. A diplomacia.

O principio geral que serviu de ponto de partida a todas as guerras, a todas as negociações diplomaticas dos seculos XVII e XVIII foi a idéa do *equilibrio politico europeu*. Declarações de guerra e divisões de territorios tentavam basear-se nesse respeito ao equilibrio dos Estados. Para manter tal equilibrio, sempre insta-

vel e comprometido, trabalhou toda a politica internacional. E tambem se procurou justificar por meio desse principio todas as ambições e violações do direito.

A liberdade dos mares e da pesca maritima; o commercio dos neutros em tempo de guerra; a confiscação da propriedade privada inimiga no mar; o contrabando; o bloqueio; as condições de qualidade de belligerante... foram questões debatidas durante esse periodo da historia.

Firmou-se o respeito ao caracter inviolavel dos embaixadores. Melhoraram as relações entre os belligerantes, como o tratamento applicado aos prisioneiros. A diplomacia concorreu poderosamente para reconhecimento e fixação de principios hoje admittidos (1).

A arte militar.

Os exercitos permanentes.

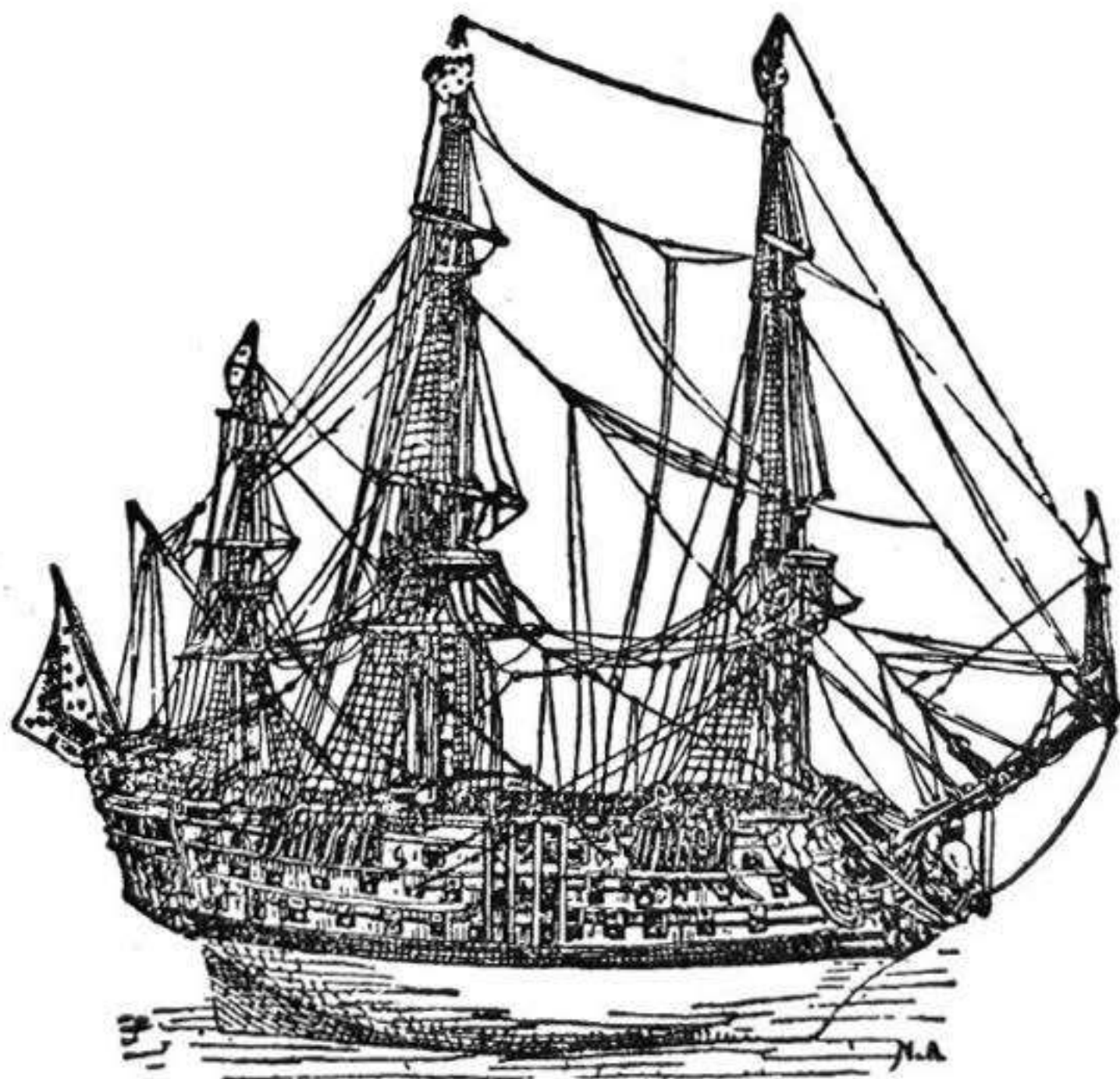
Em virtude das multiplas guerras de Luis XIV, a arte militar soffreu modificações não só em França, mas ainda noutros paises da Europa. A mais importante dessas modificações foi a criação de exercitos permanentes.

Já no ultimo periodo da Guerra dos Cem Annos as *Companhias de Ordenanças* de Carlos VII haviam sido o primeiro passo para o estabelecimento de tropas permanentes e regulares, em substituição aos corpos organizados muito imperfeitamente só quando rebentava a guerra, e ás tropas mercenarias dos *condottieri*.

Cabe a LOUVOIS a gloria de haver executado a reorganização do exercito francês. Fixou o soldo das tropas, decretou o uniforme para os soldados do mesmo regimento, creou arsenaes, fabricas de polvora, hospitaes, ambulancias; mandou construir quartéis, e encarregou a VAUBAN da fortificação das fronteiras. Vauban foi o creador do systema moderno de fortificação, em breve imitado pelas outras nações e adoptado até quasi em nossos dias.

(1) BONFILS — *Droit International Public*.

A infantaria, muito mais numerosa que a cavallaria, era armada com o mosquete e a lança (*pique*). Depois inventou-se a baioneta.



Navio de guerra do reinado de Luis XIV

As tropas de artilharia foram também criação de Louvois, que organizou o corpo de Artilharia Real. Os canhões eram, porém, então muito pesados e imperfeitos, e por isso mesmo de emprego restricto nas batalhas. Eram principalmente utilizados no ataque e defesa das praças.

GUERRA DOS 30 ANNOS

(1618-1648)

CAUSAS.....	{ Rivalidade entre protestantes e catholicos. Pretexto: <i>Defenestração de Praga</i> .
DIVISAO.....	{ Periodo palatino (1618-23). — dinamarquês (25-29). — sueco (30-35). — francês (35-48).
PERIODO PALATINO	{ Mathias, conde de Thurn, chefe dos Re- formados, morre. Fernando II, imperador, bate os protestan- tes na <i>Montanha Branca</i> (1620). Frederico V, eleitor palatino, foge para a Hollanda.
PERIODO DINAMARQUÊS	{ Christiano IV, rei da Dinamarca, toma a defesa dos protestantes. Tilly e Waldstein batem os reformadores. Paz de Lubeck. <i>Edicto de restituição</i> .
PERIODO SUECO	{ Gustavo Adolpho, rei da Suécia (<i>o rei da neve</i>), ataca os catholicos Gustavo Adolpho bate Tilly em Leipzig e Lech. Gustavo Adolpho morre em Lutzen Os imperiaes vencem em Nórdlingen (1634). Paz de Praga.
PERIODO FRANCÊS	{ Richelieu intervem a favor dos protes- tantes. Richelieu morre (42). Victorias de Condé e Turenne: Rocroy (43), Friburgo (44), Nórdlingen (45), Lens (48). Paz de Westphália (1648).
CONSEQUENCIAS	{ O protestantismo é politicamente reconhe- cido. Enfraquecimento da autoridade do Im- perador. Engrandecimento da França e da Suecia. Abatida a casa de Austria. Livre navegação do Rheno. Reconhecimento da independencia da Sui- sa e Hollanda. <i>Principio do equilibrio europen.</i>

XIII

*Seculos XVII e XVIII. Sciencias, artes e letras.**Seculo XVII.*

Sciencias. O grande movimento intellectual inaugurado pelo Renascimento continuou e regularizou-se no XVII seculo. Abriu-se então nova era para a philosophia e para as sciencias de observação. Fundaram-se observatorios (o de Paris, o de Greenwich), museus (British Museum de Londres), jardins botanicos (Jardim das Plantas, em Paris). Os factos começaram a ser mais attentamente observados, e o inglês FRANCISCO BÁCON, em seu *Novum Organum*, recommendava o methodo experimental (1561-1626).

DESCARTES, francês, em seu celebre *Discurso sobre o Methodo*, expôs o principio fundamental de uma nova philosophia baseada na evidencia, partindo do celebre *Cogito, ergo sum* — “penso, logo existo”.

SPINOZA, admittindo uma substancia unica simultaneamente Deus e natureza, caiu no pantheismo.

LEIBNIZ, ao mesmo tempo philosopho, mathematico e historiador, construiu um systema geral do mundo (theoria da monada).

A astronomia fez grandes progressos. KÉPLER descobre as leis que regulam o movimento dos astros; GALILEU sustenta que a terra se move ao redor do sol; NEWTON demonstra a gravitação universal.

Tambem a mathematica progrediu. A algebra foi aperfeiçoada, creando-se o calculo das probabilidades, graças a FERMAT e PASCAL. Leibniz imaginou o calculo infinite-

simal. Descartes applicou a algebra á geometria, creando a "geometria analytica".

Na physica distinguiram-se: TORRICELLI, que inventou o barometro; PASCAL, que continuou as experiencias de Torricelli; GUERICKE, inventor da machina pneumática; MARIOTTE, que legou seu nome á lei da compressão dos gases.

HARVEY descobre a circulação do sangue. A invenção do microscopio, como a do telescopio, abre novos horizontes á sciencia.

Letras. Incontestavelmente cabe á França o primeiro lugar na literatura durante o seculo XVII. Corneille, Descartes, Pascal, Racine, Molière, Boileau, La Fontaine, La Bruyère, Fénelon, Bossuet, são grandes vultos do "seculo de Luis XIV". O Cid, de Corneille; o Discurso sobre o methodo, de Descartes; os Pensamentos, de Pascal; Tartufo e as outras comedias de Molière; a Arte Poetica, de Boileau; Phedra e Athalia, de Racine; as Fabulas, de La Fontaine; as Orações fúnebres e o Discurso sobre a Historia Universal, de Bossuet; o Telémaco, de Fénelon... são monumentos da literatura francesa.



Corneille

Ainda se poderiam citar: Bourdaloue, Mme. de Sévigné, La Rochefoucauld, etc.

Na Espanha distinguiram-se Cervantes, Lope de Vega, Calderon de la Barca; em Portugal: o Padre Antonio Vieira, Fr. Luis de Souza, Padre Manuel Bernardes; no Brasil: Gregorio de Mattos.

Nem se podem esquecer, na Inglaterra, o grande Shakespeare, e Milton, autor do Paraíso Perdido.

Artes. Na escola francesa admira-se, principalmente, Poussin. Na escola espanhola, Ribera, Velásquez e Murillo. Na escola flamenga, Van Dyck, mestre de Murillo, e Rúbens.



Molière

De todos os autores da escola holandesa o mais notavel é Rembrandt.

Isto quanto á pintura. No que respeita á architectura deve-se lembrar o nome de Hardouin Mansart e os de Cl. Perrault e Lemercier, francêses.

Na esculptura convem não esquecer Girardon e

Pouget, na França. Na musica Lulli.

Entre os monumentos architectonicos do seculo de Luis XIV, citam-se: a columnata do Louvre, a cupola dos Invalidos, o palacio de Versalhes.

O *oratorio* e a *opera* datam tambem do seculo XVII.

Velásquez pintou muitos retratos de reis, principes e fidalgos, produzindo com tintas muito simples variados effeitos de luz. Murillo deixou-nos muitas Madonas. Rúbens foi um grande colorista. Van Dyck immortalizou-se com seus retratos de principes e de nobres. Rem-



Molière

brandt não teve rival nos admiraveis efeitos de sombra e de luz.

Seculo XVIII.

Sciencias. Grande impulso receberam as sciencias physicas e mathematicas. HÉRSHELL, de Hano-ver, descobriu o planeta Urano. FRÁNKLIN, americano de Bóston, inventou o para-raios. Ao mesmo tempo fizeram-se os primeiros thermometros. O Padre BARTHOLOMEU DE GUSMÃO, brasileiro, merecia por seus ensaios de navegação aerea o titulo de "Voador", e pouco depois os irmãos MONTGOLFIER inventavam os aerostatos.

LAVOISIER, francês, funda a chimica scientifica. BUFFON escreve a sua "Historia Natural". Os JUSSIEU classificam as plantas, já estudadas e classificadas pelo grande LINNEU. Emfim, LAPLACE formula a celebre hypothese que conserva o seu nome.

Entretanto, as viagens de Bougainville, Lapérouse, Entrecasteaux e Cook dilatavam as fronteiras da geographia.

Letras. Os principaes escriptores da epoca chamavam-se "philosophos", porque se occupavam de questões geraes, de politica e de moral. Na França os mais notaveis foram: Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Diderot (*Encyclopedia*).

Na Allemanha distinguiam-se: Klópstock, autor da *Messiáda*; Schíller, tragico, que escreveu o "Guilherme Tell"; Léssing, e Goethe, autor do "Fausto". Na Inglaterra: De Foe, Áddison, Swift, Pope. Em Portugal: Filinto Elysio, Bocage, Garção, etc. No Brasil: Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, Santa Rita Durão, Basilio da Gama, etc.

A influencia da França foi consideravel e a literatura do XVIII sec. occupou-se principalmente do estudo do homem em suas relações com o Estado e com a sociedade.

Artes. Nas artes, como nas letras, foi também completa a superioridade da França. A civilização francesa era então modelo a toda a Europa.

Na pintura, Watteau, o pintor dos assumptos pastoris, ergueu-se acima dos demais artistas.

Canova restaurou a escultura na Itália.

Mozart e Gluck, na opera, e Haydn na symphonia crearam a musica moderna.

Sciencias, letras e artes nos seculos XVII e XVIII

VULTOS PRINCIPAES

SECULO XVII.	Sciencias...	Fr. Bacon Galileu. Torrcelli, P. Mariotte. Descartes. Pascal. Fermat. Kepler Leibniz. Newton (a lei da attracção). Papin. Harvey.
	Letras (Sec. Luis XIV) em França.	Pascal (<i>Pensées</i>). Descartes (<i>Discours de la Méthode</i>). Corneille (<i>Le Cid, Horace</i>). Racine (<i>Phèdre, Athalie</i>). Molière (<i>Tartuffe, Misanthrope, D. Juan</i>). Boileau (<i>Art poétique</i>). La Fontaine (<i>Fables</i>). Bossuet (<i>Discours sur l'histoire universelle</i> . — <i>Oraisons funèbres</i>). La Bruyère (<i>Caractères</i>). Fénelon (<i>Télémaque</i>). Mme. de Sévigné (<i>Lettres</i>). Inglaterra. { Shakespeare (<i>Hamlet</i>). { Milton (<i>Paraiso Perdido</i>).
	Artes.	Velásquez. Rúbens. Van Dyck. Rembrandt.
SECULO XVIII.	Sciencias...	Euler (Calculo integral). d'Alembert. Hérshell. Laplace. Bartholomeu de Gusmão (Montgolfier). Fráncqin. Volta. Buffon. Linneu.
	Artes	Musica. { Gluck. { Haydn. { Mozart. Pintura: Watteau.
	Letras	França..... { Voltaire. { Montesquieu. } Encyclopedistas { Rousseau. Allemanha.... { Lessing. { Schiller (G. Tell). } Poetas { Klópsstock (<i>Messiada</i>). { Goethe (<i>Fausto, Werther</i>). { Kant (philosopho).

XIV

Formação da constituição inglesa nos seculos XVII e XVIII. O regimen parlamentar.

O povo e os monarchas. Ao passo que em França, no XVII sec., a monarchia absoluta triumphava, o principio das garantias e liberdades do povo firmava-se melhor na Inglaterra. A luta entre o povo e os monarchas originou as duas revoluções de 1648 e de 1688.

**Revolução de 1648.
Crómwell.**

Extincta, em 1603, por morte de Isabel, a dynastia dos Túdores, subiu ao throno Jayme I Stúart, filho de Maria Stúart e rei da Escócia. Aspirando ao absolutismo, Jayme I perseguiu Catholicos e Puritanos. Estes ultimos emigraram em grande numero, fundando na costa oriental da América do Norte colonias que seriam posteriormente os primeiros elementos dos Estados Unidos.

CARLOS I, filho e successor de Jayme I, era principe de character nobre, costumes irreprehensíveis, mas de grandes tendencias para o despotismo. Perdeu em breve a popularidade dissolvendo o parlamento por tres vezes. Revoltando-se a Escócia, resolvera-se enfim Carlos, após onze annos de governo sem camaras, a convocar o parlamento. Este foi denominado o *Longo Parlamento*, porque se extendeu de 1640 a 1653. Logo que se reuniram, os deputados resolveram pôr fim ao absolutismo do monarcha, decretando que a camara dos communs não poderia ser dissolvida sem ser por sua propria vontade.

Carlos I não tarda a romper com o parlamento. Dispondo-se o povo da capital a defender pelas armas os seus representantes, retira-se o rei e começa a guerra civil

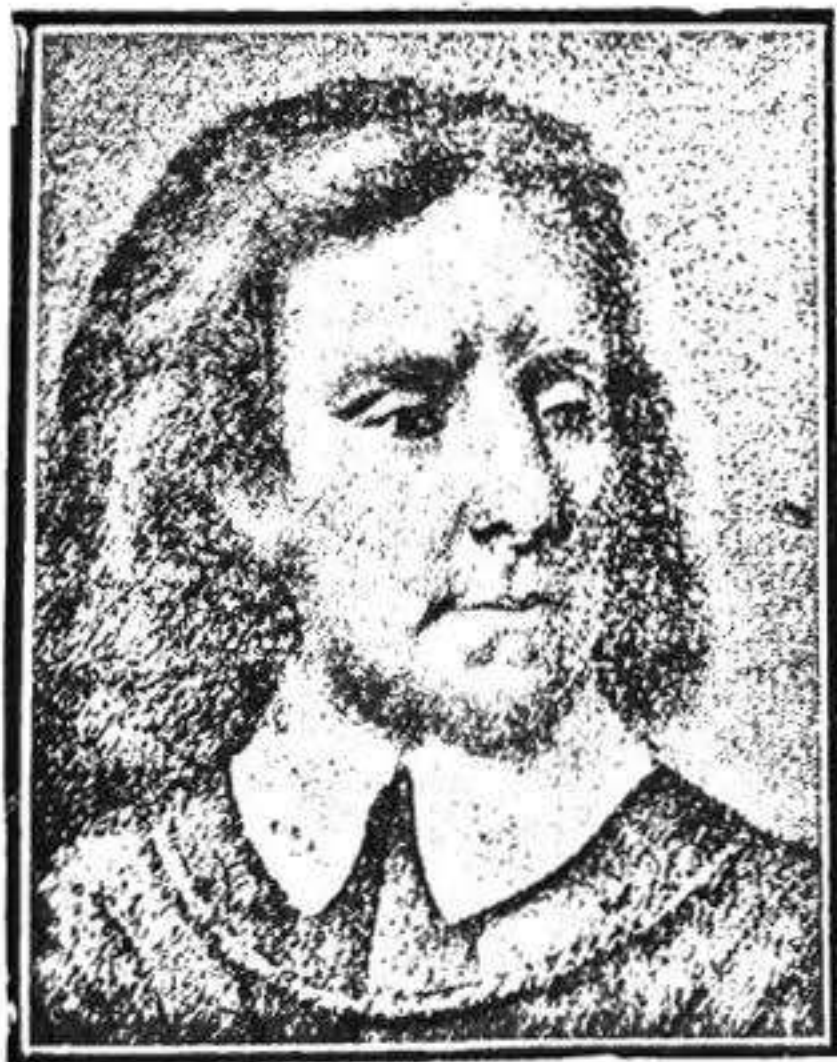
(1642). Durou até 47, tendo a principio o soberano algumas victorias. Crómwell porém, modificou as condições da guerra. Commandando tropas excellentemente organizadas, sob austera disciplina, e animadas pelo fanatismo religioso, Oliveiro Crómwell obteve contra Carlos I a brilhante victoria de NÁSEBY (1645). Vencido, o rei entregou-se aos Escocêses, que o venderam aos Ingêleses (1647). Condemnado por um tribunal illegalmente constituido, foi Carlos I executado (1649).



Carlos I, segundo o retrato de Van Dyck

A republica.

Morto o monarcha, o *Rump parliament*, organizado com restos do Longo Parlamento, proclamou a abolição da realza e o estabelecimento da republica. De facto quem governava era Crómwell, que tomara o titulo de *lord protector*.



Crómwell

As revoltas da Irlanda e da Escócia foram suffocadas de maneira cruel. Pelo *act of navigation*, votado em 1651, as mercadorias que não fossem da Europa só poderiam entrar na Inglaterra em navios ingêleses. Data de então o admiravel desenvolvimento maritimo da Inglaterra. A Hollanda,

ameaçada em seus interesses, tentou oppor-se: após dous annos de guerra, a Inglaterra saía victoriosa (1654).

Em 1653 Crómwell dissolveu o *Rump parliament* e governou como senhor absoluto, graças ao apoio do exercito, até 1658, anno em que morreu.

Restauração dos Stúarts.

O filho de Crómwell, Ricardo, que lhe devia succeder, fraco e sem experiencia, retirou-se, abdicando (1659).



Carlos II

Seguiu-se um periodo de anarchia, de que se aproveitou o general MONK para, a frente de suas forças, marchar contra Londres. convocar um parlamento regular e conseguir a restauração monarchica. CARLOS II, filho de Carlos I, o qual se refugiara em França, e agora se achava na Hollanda, foi recebido entusiasticamente (1660). No seu reinado foi votado o celebre *Bill do Test* (obri-

gando todo funcionario a jurar que não acreditava na transsubstanciação e repudiava o culto da Virgem e dos Santos) e começou-se a designar por *Tories* e *Whigs* os dois partidos, o dos realistas e o dos liberaes.

JAYME II, irmão de Carlos II, succedeu-lhe em 1685. Catholico, procurou restabelecer o Catholicismo na Inglaterra, abolindo o "Bill do Test", recebendo um embaixador do papa, etc.



Guilherme de Orange

Revolução de 88.

Desgostosos os Ingêses

com o governo de Jayme II, chamaram GUILHERME DE ORANGE, *stathouder* da Hollanda, neto de Carlos I e genro de Jayme II, e que tomou o titulo de Guilherme III. O Par-

lamento redigiu então a DECLARAÇÃO DOS DIREITOS, em que se achavam garantidas as liberdades do povo inglês, sendo muito limitado o poder real.

Assim a revolução de 88 e o advento de Guilherme III inauguraram o regimen parlamentar inglês dos tempos modernos, adquirindo as camaras uma importancia no governo que até então jamais haviam tido.

A Inglaterra no XVIII seculo. Importantissimo na historia de Inglaterra foi o seculo XVIII.

No reinado de Anna, que succedera a Guilherme III, realizou-se a unidade territorial da ilha, pela *união real* da Inglaterra e Escócia, que passaram a formar o "Reino da Gran-Bretanha" (1707).

Jorge I, com quem propriamente começou a dynastia de HANÓVER, era perfeito typo de allemão: nem sequer entendia o inglês; e, como o seu primeiro ministro Robert Walpole, a quem confiara a direcção dos negocios do reino, não sabia francês, para se communicar, empregavam o latim. Com o advento de Jorge I, voltaram os *Whigs* ao poder e começou-se a dizer na Inglaterra que o rei reina, mas não governa. De facto WÁLPOLE, até 1742 e PITT, até 1761, dirigiram a politica inglesa. Distinguiu-se aquelle pela protecção ás industrias, mas empregou um systema immoral de corrupção pelo dinheiro; Pitt, honesto, eloquente e patriota, provocou a guerra naval contra a França, adquirindo a Inglaterra o CANADÁ e a INDIA e lançando as bases de seu imperio colonial.

Quando Pitt se retirou, Jorge III (1760-1820), neto de Jorge II (1727-1760) reinava já havia um anno. Jorge III não gostava dos *whigs* e quis realizar seu plano de governo pessoal. Mas o espirito democratico, que cada vez fazia mais progressos, apressou a perda das colonias da AMÉRICA DO NORTE, que com o apoio da França, se declararam independentes. Subiu então para o ministerio o segundo PITT, filho do que fôra ministro até 1761 (o pri-

meiro Pitt, ou lord Chátham). Pitt conservou-se vinte annos no ministerio (1782-1802). Adversario implacavel da revolução franceza dirigiu contra a republica e o imperio francês uma luta de morte.



William Pitt

Durante o sec. XVIII, sem que se accrescentasse disposição alguma ao texto da Magna Carta ou da Declaração dos Direitos, respeitando-se apenas os precedentes e o uso, isto é, a *common law*, firmou-se a organização do governo inglês, firmou-se o *regimen parlamentar*. O rei, considerado irresponsavel, escolhe e nomeia os ministros, unicos responsaveis dos erros commettidos.

O regimen da liberdade concorreu para o admiravel desenvolvimento economico e industrial da Inglaterra, que em breve se tornaria a primeira potencia da Europa.

INGLATERRA NOS SEC. XVII-XVIII. — REGIMEN PARLAMENTAR

OS STUARTS	Jayme I (1603-1625)	Jayme VI, da Escócia, sobe ao throno e inaugura a dynastia dos Stúarts; Jayme I (1603). Reunião da Escócia e Inglaterra.
	Carlos I (1625-1649)	Jayme I, anglicano, persegue os catholicos e puritanos. — Emigram os perseguidos. Elegante, instruido, honesto, mas absolutista e intolerante. Encontra opposição no Parlamento e dissolve-o 4 vezes. O <i>Longo Parlamento</i> (1640-1653). Luta entre Carlos e o Parlamento (1642). — Oliveiro Crómwell. O rei derrotado em Márston Moor (44) e Náseby (45). Carlos refugia-se entre os escoceses, que o vendem ao Parlamento. E' condemnado e executado (1649). A realza é abolida. — Dictadura de Crómwell (<i>Lord Protector</i>). As insurreições da Irlanda e Escócia são afogadas em sangue (43-51). Guerra contra a Hollanda (52-54). <i>Act of Navigation</i> (51). Morre Crómwell (58) e succede-lhe Ricardo, seu filho, timido e incapaz (em breve abdica). O general Jorge Monk propõe a volta de Carlos II (1660).
Restauração dos Stúarts	Carlos II (1660-1685)	Carlos II { Violento e sem moralidade. { Reacção anglicana contra puritanos e catholicos. { Tories e Whigs.
	Jayme II (1685-1688)	Jayme II { Catholico, encontra opposição nos Protestantes. { Rev. de 1688: Jayme II foge. Sobe ao throno Guilherme de Orange. { <i>Declaração dos Direitos</i> .

REGIMEN PARLAMENTAR

DYNASTIA DE HANOVER	Anna 1702-1714	{ União real da Escócia e Inglaterra. { Guerra da successão de Espanha.
	Jorge I (1714-1727)	{ Rob. Wápole e William Pitt (Lord Chátham) ministros.
	Jorge II (1727-1760)	{ Guerra dos 7 annos. — Grandeza maritima e colonial.
	Jorge III (1760-1820)	{ Independencia dos Estados Unidos. { Luta contra Napoleão.

XV

*Luis XV. — Frederico e Maria Teresa.
Pedro o Grande e Carlos XII.*

Luis XV. Bisneto de Luis XIV, filho do duque de Borgonha, já fallecido, Luis XV tinha só cinco annos quando subiu ao throno. Ficou incumbido da regencia o duque Philippe de Orleans (de 1715 a 1723). O Regente, principe valente, de intelligencia viva e culta, era de costumes corrompidos, o que muito influiu na educação do joven soberano. A Regencia foi uma das epocas de maior dissolução. Além disso Luis XIV deixára o thesouro exgottado; o *deficit* era enorme. Law, banqueiro escocês, imaginou resolver a situação emittindo papel moeda; fundou o Banco Real, mas não pôde evitar o desastre da gigantesca empresa, tendo que fugir pobre para a Inglaterra (1720).

Em 1723 Luis começou a reinar. Seus principaes ministros foram: o duque de Bourbon, que conseguiu o casamento do rei com Maria Leczinska, filha de Estanislau, rei desthronado da Polonia; Fleury, que occupou o cargo dezesete annos (até 1743), e foi então o verdadeiro monarcha; Choiseul, que expulsou os Jesuitas, teve de assignar o desastrado tratado de Paris (1763) ao cabo da guerra dos Sete Annos; mas reorganizou a esquadra e adquiriu a Corsega em 1768, pouco antes de ahi nascer Napoleão (1769).

Luis XV fôra pessimamente educado, e por isso não admira que seu governo resultasse o que foi. Immoral, cruel, preguiçoso, suas occupações predilectas eram a caça e os prazeres escandalosos. Foi um rei indigno, que desmoralizou a realleza, deixando-se governar por mulheres deshonestas como a Marqueza de Pompadour e a condessa

Du Barry. Deixou, ao morrer (1774), uma triste herança ao seu neto Luis XVI.

A monarchia prussiana.

Teutonicos, veio no seculo XVIII a attingir notavel grau de prosperidade devido á tenacidade e ao espirito guerreiro dos Hohenzolern. A marca de Brandeburgo fôra, na Edade Media, um dos principados importantes da Allemanha do Norte; em 1525, Alberto de Brandeburgo, grão-mestre da Ordem Teutonica, apossou-se dos bens da Ordem e declarou-se, como já vimos no ponto da Reforma,



Frederico II

Para avaliar a obra de engrandecimento da Prussia operada por Frederico II basta dizer que, ao subir ao thro-

A Prussia, civilizada após as cruzadas pelos Cavalleiros



Frederico Guilherme,
o rei-sargento

duque hereditario da Prussia. Em 1701 o eleitor Frederico III foi coroado *rei da Prussia*, com a designação de Frederico I. Seu successor, Frederico Guilherme I (1713-1740), o *Rei-Sargento*, homem rude, activo e economico, organizou um exercito de 80.000 homens optima-mente disciplinados, de que elle proprio se não serviu, e sim seu filho Frederico II (1740-1786), a quem os subditos cognominaram Frederico o *Unico*.

no, elle recebeu 120.000 km.², e deixou ao morrer quasi 200.000. Os habitantes, de dois milhões e meio, subiram a seis milhões; o exercito duplicou, sendo considerado o melhor da Europa. Graças ao seu talento militar, Frederico foi um dos soberanos mais notaveis da Europa, no seculo XVIII. No interior fez uteis reformas, abriu escolas, promulgou um codigo para todo o reino, dissecou immensos pantanos, melhorou as culturas e creou mais de 800 povoações. Trabalhador infatigavel, de espirito lucido e sarcastico, era de opinião que o bom exito justifica as violações do direito. Apreciava muito os escriptores francêses, e attrahiu á sua cõrte, entre outros, Voltaire.

**A guerra de successão
da Austria.**

Maria Teresa.

Quando morreu Carlos VI (1740), extinguiu-se o ramo masculino dos Habsburgos. Choveram pretendentes, entre os quaes Frederico, não obstante a *Pragmatica Sancção* garantir o throno a Maria Teresa, filha de Carlos VI. Frederico foi logo invadindo a Silesia (1741) com 40.000 homens, tomou-a e propôs a paz a Maria Teresa, que não a acceitou, e foi derrotada em Molwitz (1741). Frederico liga-se á França e Baviera, cujo eleitor Carlos Alberto já se coroara imperador com o titulo de Carlos VII. Maria Teresa cede a Silesia á Prussia, e assim obtem a paz com Frederico. A França viu-se então em difficil conjunctura tendo que lutar contra a Inglaterra e Hollanda, alliadas á Austria. Luis XV adoeceu gravemente em Metz; mas Frederico retomou as armas, penetrou na Bohemia, e os Franceses, graças a Mauricio de Saxe, venceram em Fontenoy (1745) e conquistaram diversas praças da Belgica. Houve luta tambem nas colonias, na América e na India, até que a paz de Aix-la-Chapelle (1748) restabeleceu a situação anterior á guerra. Não, porém, para a Prussia, que lucrou a Silesia. Francisco de Lorena, esposo de Maria Teresa, foi reconhecido imperador.

A guerra dos Sete Annos. A paz só durou 8 annos. Em 1756 rebentou nova guerra, a chamada dos Sete Annos (1756-1763), notavel pela inversão dos systemas de alianças: a França uniu-se á Austria, e mais tarde entraram na colligação a Russia, a Saxonia e a Espanha. Frederico II da Prussia uniu-se á Inglaterra. A luta foi maritima e continental. Frederico invadiu a Saxonia, mas em breve cercado pelos inimigos, só conseguiu escapar graças á victoria de Rosbach (1757) contra os Francêses. Ganhou ainda contra os Austriacos a batalha de Lissa e contra os Russos a de Zorndorf (1758). No mar a Inglaterra dava enormes prejuizos á França e tomava-lhe pouco a pouco as colonias, inclusive o Canadá, apesar de Luis XV, com o *pacto de familia* (1761), attrahir contra os Ingê-



Nobre
(XVI seculo)



Nobre russo em
trajo de cerimonia
(XVII seculo)

ses as nações cujos monarchas eram Bourbons: Espanha, Portugal, Napoles e o ducado de Parma. A morte de Isabel Petrowna, dando o throno a Pedro III, grande admirador de Frederico, retirou a Russia da colligação. O tratado de Paris, a *paz vergonhosa* (1763) pôs fim á luta maritima e colonial e o de Hubertsburgo firmou a paz no continente. Frederico conservava a Silesia. A França perdia o Canadá, varias possessões na Asia e ficava com a esquadra arruinada, ao passo que a Inglaterra se tornava senhora dos mares.

A Russia. Pedro o Grande. Segundo a tradição foi um chefe normando, Rurik, quem no sec. IX lançou os fundamentos do imperio

russo. Invasões de Mongoes, no sec. XIII, subjugaram os principados russos. Mais tarde os principes da Moscovia expulsaram os Mongoes. No sec. XVI deu-se o advento dos Romanow e com Pedro I, o Grande (1689-1725), a Russia veio a ter um papel importante na Europa.

Na sua obra civilizadora, Pedro o Grande desenvolveu uma energia extraordinaria, não raro despotica. Tendo viajado pela Hollanda, onde trabalhou como operario nos estaleiros, pela Allemanha, Inglaterra e França, resolveu introduzir em sua patria tudo que lhe parecera bom. Creou uma forte esquadra, reorganizou o exercito, estabeleceu centenas de fabricas, fundou escolas, academias e a cidade de S. Petersburgo, hoje Petrogrado, de que fez sua capital (1703).

Certas medidas provocaram grande opposição: Pedro o Grande suffocou cruelmente a conspiração dos soldados *strelitz*, mandando executar 7.000 delles. Ao proprio filho, Aleixo, que conspirára, puniu de morte.

Pedro o Grande e Carlos XII. A Russia ambitionava as margens do Baltico, possuidas pela Suecia, cujo rei Carlos XII (1697-1718) era um admiravel talento militar. Russia, Dinamarca e Polonia, colligadas, foram vencidas pelo soberano da Suecia, que em Narva (1700), apenas com 8.000 homens desbaratou 40.000 Russos.

Emquanto Carlos XII lutava contra a Polonia, em cujo throno a Augusto II substituiu Eſtanislau Leczinski (1706), Pedro o Grande foi refazendo suas tropas e conquistando o litoral baltico, até que em Poltava (1709) derrotou o rei da Suecia, que foi obrigado a refugiar-se na Turquia. D'ahi Carlos XII saiu para continuar a luta, mas morreu, em 1718, durante o cerco de Frederikshall. A paz de Nystadt concluiu a guerra (1721), e assignalou o declinio da grandeza sueca em proveito da Russia, agora potencia respeitavel.

Catharina II. A continuadora da obra de Pedro o Grande foi Catharina II (1763-1796), a “Semiramis do Norte”, curioso mixto de energia, actividade, vontade e vícios desprezíveis. Instruída, amante das letras,



Catharina II

admiradora de Montesquieu, correspondia-se regularmente com Voltaire. Melhorou a administração pública, aboliu a tortura e a pena de morte, deixando o *knout* e o degredo na Sibéria, conquistou a Criméa, em guerra contra os Turcos, mas consentiu — mancha indelevel do seu reinado — no desmembramento da Polónia.

Nação infeliz e heroica, outrora o mais importante dos estados eslavos, a Polónia era muito mal organizada, vivendo em deplorável anarchia. Aproveitando-se disso, Catharina, com a cumplicidade da Austria e da Prússia, desmembrou-a (em 1772, 1782, 1795), depois de uma resistência épica dos Polacos.

XVI

O movimento de reforma no seculo XVIII. Economistas, philosophos e reformadores. A Encyclopedia.

A theoria do “direito divino”

Até ao sec. XVIII admittia-se que os soberanos recebiam directamente de Deus o poder supremo, e que portanto dispunham de autoridade illimitada. Tudo lhes era sujeito: podiam dispor dos bens, da liberdade, da propria vida dos subditos. Luis XIV resumira em phrase celebre tal doutrina: *L'État, c'est moi*.

A tyrannia, o despotismo eram quasi sempre a conse-

quencia de tal doutrina. O absolutismo dos monarchas na França preparou em parte uma reacção que explodiu em 89.



Montesquieu

Movimento Intellectual. Os philosophos.

No XVIII sec. houve uma fermentação geral nos espiritos.

A situação politica da Inglaterra sob os Stúarts e a miseria em França no fim do reinado de Luis XIV tinham despertado idéas novas. Locke e Hume na Inglaterra, e Kant na Allemanha, aquelles buscando nos sentidos a certeza de nossos conhecimentos, este ultimo creando o *criticismo*, occuparam-se de assumptos philosophicos, de religião, de moral e de politica. Em França distinguiram-se, principalmente, Voltaire, Montesquieu, Rousseau, entre os chamados *philosophos*, e Quesnay, entre os *economistas*.

VOLTAIRE (François Arouet) foi o mais brilhante e mordaz de todos os philosophos. Sempre occupado no ataque á religião, contra a Egreja catholica, a que denominava — *l'infâme* —, e no combate aos abusos e iniquidades da intolerancia, foi antes de tudo um destruidor. Literato distincto, de prodigiosa actividade, compôs tragedias, contos, odes, cartas, obras historicas, um dictionario philosophico, etc. Ensinou o desrespeito á autoridade, e uma religião sem dogmas nem mysterios. Servia-se



Estatua de Voltaire,
segundo Houdon

principalmente da satira e não raro da mentira. Exerceu immensa influencia por suas idéas, não só em França mas em toda a Europa; Frederico II da Prússia chamou-o ao seu castello de Potsdam, e Catharina II da Rússia entreteve com elle animada correspondencia.

MONTESQUIEU expôs suas idéas politicas no livro intitulado *Espirito das Leis*, que teve grande exito. Ahi estabelecia a distincção dos tres poderes, legislativo, executivo, judiciario, e inspirava-se principalmente na organização da monarchia inglesa.

ROUSSEAU, escrevendo o *Contracto Social*, em que dizia ser a sociedade fundada numa convenção, exerceu consideravel influencia sobre a revolução. Tinha como principio basico de seu systema que a natureza fez o homem bom e feliz e que a sociedade o estraga e o torna miseravel.



João-Jacques Rousseau

Os economistas. Ao passo que a attenção dos philosophos se voltava principalmente para os assumptos de ordem politica, os economistas occupavam-se com o estudo das condições de trabalho e da origem das riquezas.

QUESNAY formulou os principios da *escola physiocratica*, considerando a agricultura como fonte da riqueza, o trabalho como simples transformação. Aconselhava um imposto unico e directo sobre a terra.

Em seu *Ensaio sobre a riqueza das nações* ADAM SMITH professor na Universidade de Edimburgo, lançou as bases scientificas da economia politica. Não é sómente

a agricultura, como dizia Quesnay, que produz a riqueza, mas tambem o trabalho; convindo estabelecer completa liberdade de industria e commercio.

A Encyclopedia. As novas idéas espalhavam-se rapidamente, quer nos salões, onde se reuniam os literatos da alta roda, quer pelos livros. Então DIDEROT e D'ALEMBERT resolveram publicar um dictionario universal, vasto repositorio de todos os conhecimentos humanos. A "Encyclopedia", com a collaboração de Voltaire, Montesquieu, Helvétius, d'Holbach, etc., comprehendia 28 volumes, abrindo com o celebre *Discurso preliminar* de D'Alembert. Começada em 1751, a publicação terminou em 72. Os encyclopedistas faziam guerra a todas as idéas religiosas, considerando-as como obstaculos á liberdade.

O despotismo esclarecido. O espirito de reforma, o prurido de innovações não se limitou a influir sobre alguns philosophos e literatos: os proprios reis curvam-se ao espirito novo; ministros illustres seguem-lhes os exemplos. E' o *despotismo esclarecido*.

CATHARINA II, na Rússia; FREDERICO II, na Prússia; e mais que todos JOSÉ II, na Austria, são typos dessa tyrannia illustrada. Taes são tambem, entre os ministros celebres da época, Bernardo Tanucci, em Nápoles, e o marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Mello) em Portugal.

Desprezando a historia e as tradições, os soberanos-philosophos e os ministros reformadores sonham realizar as idéas de justiça e de felicidade social então victoriosas. Habitua-dos á perfeita obediencia dos subditos, não recuam deante dos meios a empregar; esquecendo que os homens não são todos eguaes na pratica, e sim apenas abstractamente considerados, decretam medidas sem attender aos usos e costumes, umas dignas de applauso, tendentes a esta-

belecer imparcialidade e presteza na administração da justiça, a favorecer a instrucção, a proteger os pobres; outras inuteis, prejudiciaes, importunas ou violentas.

José II foi o mais completo desses “despotas esclarecidos”. Inimigo do luxo e da etiqueta exaggerada, sobrio, trabalhador, procurou desde que subiu ao throno da Austria applicar os “principios de humanidade” dos philosophos. Aboliu a servidão, a tortura e a pena de morte. Mas, inimigo da tradição, de vontade de ferro, entendeu dar regras na religião dos seus subditos. Tinha extranha propensão para se metter em assumptos da Egreja: determinou o numero das missas e as ceremonias do culto, demoliu altares, retirou aos templos suas riquezas, prohibiu as procissões; nem ao proprio pontifice attendeu. Teve, porém, de submetter-se á reacção que se deu na Hungria e nos Países Baixos, e revogou taes leis e prohibições. Leopoldo II, seu irmão, conservou em parte as reformas justas e restabeleceu a ordem.

Em Portugal o verdadeiro soberano foi o ministro de D. José I, o MARQUÊS DE POMBAL, que melhorou as finanças. protegeu as letras, fundou escolas e muito se distinguio por occasião do terremoto de 1755 em Lisboa, reconstruindo a cidade destruida e reprimindo desordens; mas, violento e cruel, perseguiu a nobreza, e expulsou os Jesuitas, confiscando-lhes os bens.

Desejos da reforma.

As opiniões.

Por toda parte se desejava uma reforma na organização social. Aos grandes abusos da época, ás injustiças e aos escandalos resultantes de grandes erros, todos procuravam encontrar um remedio. Pediram-no á sciencia, á razão divinizada, á natureza, esquecendo os principios sobre os quaes se firma o verdadeiro progresso, as indestructiveis maximas do Christianismo.

Cansadas do jugo pesado que as opprimia, as classes inferiores julgavam só poder extirpar os abusos sup-

primindo as instituições existentes. Cada vez augmentava mais a irritação contra os vícios do absolutismo. Tudo levava á Revolução.

XVII

A revolução da independencia americana.

A questão dos impostos.

A Inglaterra, ao terminar a guerra dos Sete Annos (1756-63), que, alliada á Prússia, sustentára contra a Austria, a Rússia, a Saxónia, a França e a Espanha, —



Franklin

achava-se exgottada, em virtude das grandes sommas dispendidas. Ainda que, victoriosa, tivesse obtido pelo tratado de Paris, que pôs fim á guerra, a maior parte das possessões francesas, especialmente o Canadá, foi-lhe preciso recorrer aos impostos para remediar os embaraços do thesouro. Taes impostos deveriam tambem ser applicados ás colonias; estas, porém, isentas até então de qualquer tributo, e baseando-se no

principio de que “ninguem pode ser obrigado a pagar contribuições sem as ter votado”, protestaram energicamente.

O imposto do sello, causa de tamanha irritação, foi abolido. Dous annos depois vieram impostos sobre o chá, papel, vidro, tintas. Os Americanos resolveram não comprar as mercadorias aggravadas de direitos, causando assim grande prejuizo ao commercio inglês. O Parlamento resolveu nessa conjunctura conservar apenas o imposto do chá (1770). Os habitantes de Bóston, preferindo abster-se dessa bebida, lançaram ao mar o carregamento de tres navios

inglêses. O governo da metropole, em represalia, declarou o porto de Bóston fechado ao commercio, enviando ao mesmo tempo tropas para garantir a execução de suas ordens (1774).

Declaração da Independencia.

Deante do perigo uniram-se a Bóston as outras colonias, realizando-se um congresso geral dos deputados em PHILADELPHIA. Desse congresso nasceu a *Declaração dos direitos*, resolvendo-se que nenhum producto de origem inglesa seria importado. Os Americanos tinham a seu favor a opinião publica da Europa, e principalmente da França, onde as idéas de liberdade ganhavam terreno e se desejava ardentemente uma desforra da guerra dos Sete Annos.

O primeiro encontro deu-se em Abrii de 75, sendo derrotado um destacamento inglês. O commando das forças americanas foi confiado a JORGE WASHINGTON, rico lavrador da Virgínia, que reuniu um exercito de 20.000 homens. A 4 de Julho de 1776, o Congresso de Philadélphia formulava a Declaração de Independencia, precedida de um preambulo em que se proclamava a soberania do povo. As treze colonias (1) inglesas passavam a formar os Estados Unidos da América.

Guerra da Independencia.

Grandes difficuldades encontravam os Inglêses, devido á natureza do solo no theatro das operações: estradas más, rios sem pontes, immensas florestas, tudo eram obstaculos. Assim, após dois annos de reveses e victorias de parte a parte, o exercito inglês capitulou em SARATOGA (77). Essa victoria dos Americanos decidiu a França a intervir na luta. Reconhecendo a independencia dos Estados Unidos (78), o governo francês começou uma guerra maritima contra a Inglaterra. Já anteriormente haviam

(1) Massachussetts, New-Hampshire, Maryland, Rhode-Island, Connécticut, New-York, New-Jérsey, Pensylvania, Delaware, Virgínia; Geórgia, Carolina do Norte e do Sul.

partido de França, para combater ao lado de Wáshington, o marquês de LAFAYETTE e varios fidalgos francêses. — Catharina II da Rússia, aproveitando a situação precaria da Inglaterra, assignou com a Dinamarca e Suécia um tratado para organização da *liga da neutralidade armada* (1780), á qual adheriram, além da França, a Espanha e a Hollanda (1).

A guerra continuou nos Estados Unidos, nas Antilhas, na Europa e na India. Fóra da América as batalhas deram-se no mar, salientando-se as victorias obtidas pelo bailio de Suffren na India; e por terra, na América, Rochambeau e Wáshington conseguiram enfim a capitulação de YORKTOWN (81), rendendo-se o general inglês Cornwállis com todas as suas tropas.

Paz de Versalhes. Consequencia.

A capitulação de Yorktown foi de effeito decisivo. A Inglaterra assignou a paz de Versalhes (1783), reconhecendo a independencia dos Estados Unidos, restituindo á França o Senegal, Tabago, Pondichéry, Chander-nagor, etc., etc.

Assim, após oito annos de luta, conquistava sua independencia uma nova republica, adoptando os principios da liberdade do povo. Mas de 83 a 87 houve para a União Americana um periodo critico e anarchico, a que pôs termo a CONVENÇÃO DE PHILADÉLPHIA, elaborando a constituição, obra principalmente de Washington, Adams, Fránclyn e Jéfferson. Procurou-se conciliar o partido dos "Democratas", que desejavam uma simples alliança entre os Estados, e o dos "Federalistas", inclinados a um forte governo central. O poder legislativo foi confiado a um Congresso, composto de duas camaras; o executivo a um presidente, eleito por 4 annos. O primeiro presidente foi WÁSHINGTON (89-97).

(1) Declarava-se: Os navios neutros neutralizam a mercadoria; o bloqueio para ser reconhecido deve ser effectivo.

A independencia dos Estados Unidos teve consequencias politicas bem consideraveis: foi um exemplo, principalmente para a França, cujos filhos tinham combatido nas fileiras do exercito de Washington. A *Declaração dos direitos*, firmando os principios de liberdade, despertou tambem a reacção contra o principio de absolutismo de direito divino em nome da chamada "soberania do povo".

Washington. Depois de occupar pela segunda vez a presidencia, Washington retirou-se definitivamente para sua propriedade agricola em Mount-Vernon, á margem direita do Potomac, a umas 15 milhas da actual séde da Republica. Nascido em 32, na Virgínia, Washington já se distinguira nas lutas contra os Francêses do Canadá. Em 74 foi eleito deputado ao Congresso de Philadélphia. Modesto, energico, patriota no mais alto grau, logrou reunir a confiança absoluta de todos os concidadãos. Foi a alma de tudo que se fez para a defesa das colonias: aprovisionamento de munições e viveres, ambulancias, fardamento, disciplina das tropas improvisadas. Vencedor, rejeita a idéa de o fazerem rei, recusa occupar pela terceira vez a presidencia e vai modestamente viver os ultimos dias de sua existencia admiravel na calma de Mount-Vernon. Poucos homens subiram tão alto na pratica dos deveres civicos. Por sua morte (1799) os Americanos puseram luto um mês. A propria Inglaterra prestou-lhe honras funebres. Em 1800 transferiu-se para a cidade que tem seu nome a capital da republica por elle fundada.



Washington

Independencia dos Estados Unidos

CAUSAS . . .

As idéas de Rousseau e dos philosophos francêses.
O espirito de liberdade e independencia.
Occasião: A questão dos impostos, após a guerra dos 7 annos (1756-1763).

A GUERRA

A Inglaterra cria o imposto do sello (1765), que é depois abolido (67).
O imposto sobre o chá desperta grande opposição. Tres navios inglêses são atacados em Bóston (73). Começa a resistencia: Liga da não-importação.
Os inglêses batidos em Léxington (1775).
O Congresso de Philadelphia, depois de uma *declaração dos direitos*, proclama a independencia das colonias inglesas (4 Julho 1776).
Jorge Washington assume a direcção da guerra.
Um exercito inglêz capitula em Saratoga (77) (Burgoyne).
Intervenção da França (Lafayette, Rochambeau).
Catharina II fórma a Liga da Neutralidade Armada (80).
A guerra tem por theatro os Estados Unidos, as Antilhas, mares da Europa, o Oceano Indico.
Os inglêses capitulam em Yorktown (Virginia) (81 Cornwallis).
Paz de Versalhes (83).

Consequencias.

Independencia das colonias inglesas da América. Wáshington presidente (1789-1797). A Constituição.
Enfraquecimento da Inglaterra, que restitue á Flórida á Espanha e a França algumas Antilhas e o Senegal.
A independencia americana foi um exemplo para a França, e contribuiu para apressar a Revolução de 89.

HISTORIA CONTEMPORANEA

I

A Revolução Francesa. Apreciação geral das origens; marcha dos successos; consequencias.

**A França
ao começar o reinado
de Luis XVI.**

Tristissimo quadro offerencia a França ao começar o reinado de Luis XVI. Quando Luis XV morreu, em 1774, após um reinado deshonrado por mulheres sem pudor, como a marquesa de Pompadour e a condessa Dubarry, a realleza havia perdido completamente o seu prestigio. As guerras inuteis, o luxo desordenado trouxeram como consequencia a ruina das finanças; e os impostos, augmentando o descontentamento das classes inferiores, não conseguiram cobrir o enorme deficit. A nobreza e o clero, isentos de pagar impostos, não justificavam, pela vida que levavam, o gozo de tão grandes privilegios. Persistiam nas provincias vestigios do feudalismo; as corporações monopolizavam o commercio e a industria; a situação dos camponêses e operarios era miseravel. O absolutismo monarchico não consentira mais desde 1614 a reunião dos Estados Geraes. Todos desejavam uma reforma e, principalmente sob o influxo das idéas dos philosophos e economistas, a agitação tornou-se geral.

**Luis XVI.
(1774-1793).**

Neto de Luis XV, casara-se em 1770 com Maria Antonieta de Austria. Bondoso e dotado de virtudes apreciaveis, era no entanto timido e irresoluto, incapaz por si de obstar aos progressos da Revolução que se approximava. Entregando



Luis XVI

a direcção dos negocios aos ministros, recuava deante da grandeza da sua responsabilidade. Possuindo todas as qualidades de um subdito obediente, não tinha a necessaria energia para occupar o throno.

Maria Antonieta, pelo contrario, frivola, activa e imprudente, posto que honesta, contribuiu bastante para augmentar a impopularidade da realza.

Desde seu advento procurou Luis XVI, por meio de uteis reformas, melhorar a condição do povo. Teve por ministro Maurepas, velho cortesão, que aconselhou a reintegração dos parlamentos; Turgot, habil e amigo de reformas; Lamoignon de Malesherbes, em cujo ministerio se aboliram as

celebres *lettres de cachet* (1); Nécker, famoso banqueiro de Genebra, que em vão procurou diminuir o *deficit* sempre crescente.

**Convocação
dos Estados Geraes.**

Em 1787 reuniu-se uma assembléa de notaveis; nada, porém, resolveu de positivo. Foram con-

(1) Estas *lettres de cachet*, selladas com o sinete particular do rei, e de que tanto se abusara no tempo de Luis XV, continham de ordinario uma ordem de prisão.

vogados, enfim, a 5 de Maio de 1789, em Versalhes, os Estados Geraes. Os membros do *Terceiro Estado* obtiveram de Nécker uma dupla representação, para egualar o numero dos representantes das outras duas classes: *clero* e *nobreza*. Recusando-se as duas ordens privilegiadas a formar uma só assembléa com o "Terceiro Estado", os deputados desse ultimo, em Junho, declararam-se em ASSEMBLÉA NACIONAL. O rei deu ordem de fechar-se a sala das sessões; mas os representantes do "Terceiro Estado" reuniram-se no local do JOGO DA PELLA, sob a presidencia de Bailly e juraram que se não haviam de separar sem ter dado á França uma constituição (20 de Junho, 89). A assembléa ficou desde então com o nome de ASSEMBLÉA CONSTITUINTE.



Mirabeau

Tres dias depois, em sessão real, Luis XVI ordenou aos deputados das tres classes que se separassem. O "Terceiro Estado", dominado pelo eloquente MIRABEAU, não obedeceu, proclamando a inviolabilidade de seus membros. Deante de tal resistencia o rei cedeu, acceitando a reunião em commum.

Começára a Revolução.

Assembléa Constituinte. (1789-1791).

Não tardou a comunicar-se á população de Paris a agitação existente na Assembléa. Sabendo da demissão de Nécker, e instigados por um joven advogado, CAMILLO DESMOULINS, os patriotas exaltados organizaram a guarda nacional, adoptando o laço tricolor. A 14 de Julho de 89 foi tomada e destruida a BASTILHA, celebre prisão do Estado. Bailly foi escolhido

para “maire” de Paris, e a LAFAYETTE foi dado o commando da guarda nacional. Na memoravel sessão da noite de 4 de Agosto foram abolidos os vestigios dos direitos feudaes e todos os privilegios. Pouco depois foi decretada a liberdade de consciencia e de imprensa; declararam-se nacionaes os bens do clero; adoptou-se a bandeira tricolor, e supprimiram-se os titulos de nobreza. A França foi dividida em “departamentos”, adoptou-se o Systema Metrico Decimal, e votou-se a DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM, assim como a constituição civil do clero.

Com a morte de Mirabeau perdeu o monarcha um auxiliar que talvez tivesse podido salvar a realza. O clero



Danton

e a nobreza emigravam; e o rei, vendo-se em tão difficil situação, tentou alcançar a fronteira, fugindo disfarçado de cocheiro; mas, reconhecido em Varennes (20 de Junho, 1791), foi conduzido a Paris e suspenso pela Assembléa Constituinte do exercicio de suas funcções. A população, açulada pelos revolucionarios do

CLUB DOS JACOBINOS, pedia a sua deposição.

A imprudente intervenção da Austria e da Prússia em defesa do infeliz soberano ainda mais aggravou a situação.

A 30 de Setembro encerrava a Constituinte os seus trabalhos. Luis XVI, tendo adherido á constituição, foi reintegrado no throno. A Assembléa, por um exaggero de desinteresse bastante imprudente, estabeleceu que nem um

de seus membros poderia fazer parte da nova assembléa legislativa.

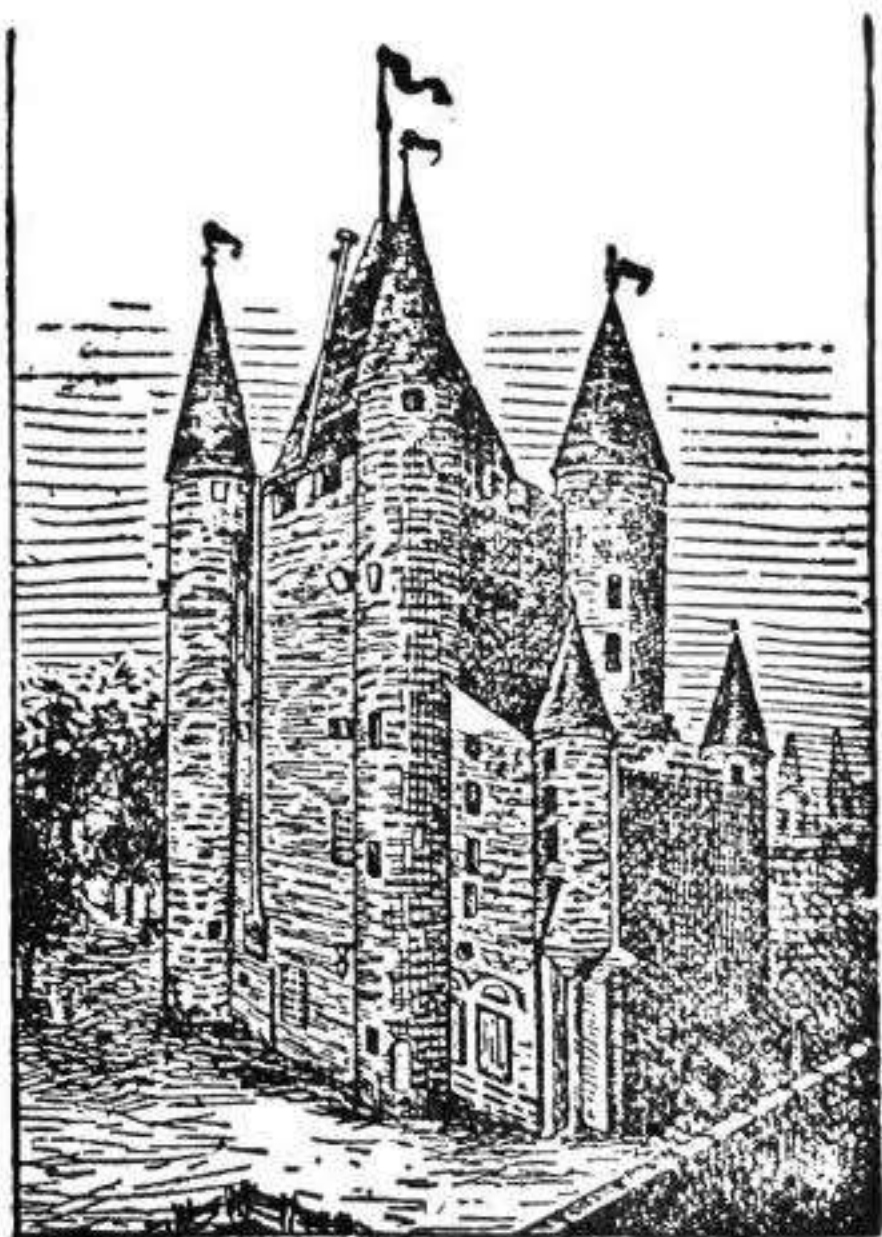
**Assembléa Legislativa.
(1791-1792).**

Entre os homens novos, quasi todos inexperientes, que compunham esse corpo, um partido se formou, o dos GIRONDINOS, assim chamado por serem seus principaes membros deputados da Gironda (Brissot, Vergniaud, Gensonné, etc.). A extrema esquerda da assembléa apoiava-se principalmente nos clubs revolucionarios, o dos JACOBINOS, dirigidos pelo terrivel ROBESPIERRE, e o dos CORDELIERS, dominado por DANTON, por Camille Desmoulins, pelo indigno MARAT, redactor do "Amigo do Povo". Como occupavam os bancos mais altos, foram chamados "a Montanha".

Tendo-se o Rei recusado a assignar os decretos que puniam de morte os emigrados e suspendiam as con-

gruas aos sacerdotes não juramentados, isto é, que não aceitavam a constituição civil do clero, foi pouco depois (20 de Junho, 92) invadido pelo povo o palacio das Tulherias.

Em Abril fôra declarada guerra a Francisco II. A noticia de um desastre nas fronteiras da Bélgica tinha irritado a população. A 10 de Agosto o povo dos suburbios, exaltado pela chegada dos Marselhêses e por saber que o exercito prussiano marchava contra Paris, atacou as



A Torre do Templo
em 1792

Tulherias. Luis XVI, que, para evitar effusão de sangue, buscara refugio na Assembléa, foi, por proposta de Vergniaud, deposto e preso com toda a familia na prisão do Templo.

Por essa data ocorreram as terriveis matanças de Setembro, por culpa de Danton e Marat. E pela victoria de VALMY (20 de Set. 92), KELLERMANN obrigou os Prussianos a retirar-se do territorio francês.

Convenção Nacional (1792-1795).

Preso o monarcha, resolveu-se reunir nova assembléa para elaborar outra constituição. A Convenção Nacional, realizando sua primeira sessão a 21 de



Robespierre

Setembro de 1792, começou por abolir a realza e proclamar a republica. Tal data ficaria sendo o começo da nova era (1) (22 de Set).

Tres partidos se manifestaram desde o principio na assembléa: os GIRONDINOS, que desejavam a republica federativa, como nos Estados Unidos; a MONTANHA, exaltada, que preferia a republica una e indivisi-

vel; a PLANICIE, de opinião pouco pronunciada, vacillando entre os dois extremos.

A Convenção, não obstante a constituição de 179: declarar o rei inviolavel, resolveu proceder ao julgamento

(1) Supprimiram a era christian e dividiram o anno em doze meses de 30 dias ou 3 decadas. Os meses eram: vendémiaire, brumaire, frimaire, nivôse, pluviôse, ventôse, germinal, floréal, prairial, messidor, thermidor, fructidor.

de Luis XVI. Accusado de traição, foi condemnado á morte; e a 21 de Janeiro de 93, na praça da Revolução, hoje da Concordia, subiu ao cadafalso. Conservara-se calmo e, tendo querido protestar ao povo que era innocente, foram-lhe as palavras abafadas pelo rufo dos tambores.

A morte de Luis XVI teve como consequencias, no exterior a PRIMEIRA COLLIGAÇÃO da Europa contra a França, por influencia de Pitt; no interior, a guerra civil e as sublevações da VEN-DÉA, região onde dominavam os partidos da realza.

Instituido o *Tribunal Revolucionario* para julgar os processos políticos, e creada a JUNTA DE SALVAÇÃO PUBLICA, os Girondinos foram accusados pelos da Montanha e subiram em numero de 21 ao patibulo.

Começara o TERROR.

A Montanha proclamou o principio de que não ha crime em tempo de revolução.

O tribunal revolucionario decretou a morte de Maria Antonieta, da princeza Isabel, irmã de Luis XVI, do duque de Orléans (1), de madame Roland, de Malesherbes, de André Chénier, de Bailly, do grande Lavoisier, etc. Ao culto catholico substituiram o da deusa Razão, representada por uma dançarina, que recebeu honras divinas.

Em vão tentára CARLOTA CORDAY pôr termo a taes excessos assassinando Marat (Jul. 93). Pagou na guilhotina o seu crime e o terror recrudesceu.

Mas em breve se dividiu a Montanha. Os exaltados ou



Marat

(1) Votára pela morte de Luis XVI, seu primo, e tomára o appellido de Philippe Egalité.

Hebertistas, os moderados ou Dantonistas, e os partidarios de Robespierre, que se apoiavam nos Jacobinos e na Junta de Salvação Publica, já se não entendiam. Em primeiro logar, accusados de traidores, foram condemnados Hebert e seus amigos; depois foi a vez de Danton e Camillo Desmoulins, que subiram ao cadafalso, por serem tidos como moderados.



Maria Antonieta a caminho do cadafalso
(16 de Outubro de 1793)

Agora, senhor supremo da Revolução, dominava ROBESPIERRE. Foi o auge do TERROR. Correram rios de sangue; a pena de morte era a unica applicada. Accusados, porém, de tyrannia, por ocasião da chamada *reacção thermidorial* (9 thermidor ou 27 Jul. 94), Robespierre e seus cúmplices também não tardaram a subir os degraus da guilhotina.

Em 1795 foi redigida pela Convenção a CONSTITUIÇÃO DO ANNO III. Era dado o poder legislativo a um *Conselho de Anciões*, de 250 membros, e ao *Conselho dos Quinhentos*. Este apresentaria os projectos que, approvados por aquelle, se tornariam leis. O poder executivo cabia a um *Directorio* de 5 membros.

Entre as creações da Convenção citam-se: o Instituto, o Museu do Louvre, o Archivo Nacional, o Conservatorio de Musica, o Telegrapho aereo, a adopção do Systema Metrico, etc.

No exterior a bravura dos soldados francêses resistira aos esforços de toda a Europa; e, após as victorias de Jourdan e de Pichegru, a Prussia e a Espanha reconheciam a republica francêsa pelo tratado de Basiléa (1795).

**Directorio
(1795-1799)**

Emquanto Moreau, successor de Jourdan e Pichegru continuavam a guerra contra a Áustria, o Directorio enviou á Itália um general ainda jovem, que em breve se cobriu de gloria. Napoleão Bonaparte (1) pelas victorias de Lodi, Arcole e Rivoli, preparou a PAZ DE CAMPO FÓRMIO (Out. 97). A Lombardia passava a formar a Republica Cisalpina; Génova, a Republica da Ligúria. Bonaparte, recebido enthuasiasticamente em Paris, propôs uma expedição ao Egypto, para abater a Inglaterra. Com uns 35.000 homens e levando uma commissão de sabios e artistas, partiu de Toulon e desembarcou perto de Alexandria. Alcançou a victoria nas batalha das PYRAMIDES (2) (98) e do MONTE THABOR; fundou o Instituto do Egypto e procurou organizar o país. Mas viu-se privado do auxilio da esquadra francêsa, destruida por NELSON na batalha naval de ABOUKIR (1.º Ag. 98).

Emquanto Bonaparte conquistava o Egypto, de novo a Europa se colligava contra a França (SEGUNDA COLLI-GAÇÃO). Era critica a situação do Directorio, já ameaçado de ruina pela desharmonia existente entre os partidos.

Nessas condições foi que Napoleão, illudindo os cruzeiros inglêses, regressou á França e dissolveu á força o Directorio (18 brumario, 9 de Nov. 99).

(1) Natural da Córsega, nasceu em Ajaccio a 15 de Agosto de 1769, de familia humilde e obscura. Estudou na escola militar de Paris e começou a distinguir-se no cerco de Toulon contra os Ingleses.

(2) Soldados, disse, do alto dessas pyramides quarenta seculos vos contemplam!

II

Consulado e Imperio (1799-1815)

Consulado. A Constituição do anno VIII (Dez. 99) instituia um *primeiro consul*, gozando de amplas prerogativas, eleito por dez annos e assistido por dois outros, de funcções muito menos importantes. O primeiro consul foi Napoleão Bonaparte; os outros, Cambacérès e Lebrun. As leis eram preparadas por um *Conselho de Estado*, discutidas por um *tribunato*, decretadas por um *corpo legislativo*. Um *senado* velava pela observancia da constituição.

Napoleão procurou harmonizar as conquistas da revolução com instituições e usos monarchicos. No governo do primeiro consul reabriram-se os salões, resurgiram velhos estylos, e voltaram as maneiras refinadas da alta sociedade. Reabriram-se as egrejas, e em 1801 foi assignada com o papa Pio VII uma concordata, para restabelecimento do culto catholico em França. Creou-se a Legião de Honra e concederam-se favores ás instituições scientificas. Emfim, obra inesquecivel do Consulado, uma commissão de jurisconsultos elaborou o *Codigo Civil*.

No exterior, Bonaparte, tendo transposto os Alpes pelo S. Bernardo, derrotou os Austriacos na batalha de Marengo (1800). Pouco depois a paz de Lunéville reconhecia as republicas fundadas pelo Directorio. A guerra ainda continuou algum tempo por parte da Inglaterra, até ser assignado o tratado de AMIENS (1802), pelo qual voltavam á França as colonias ultimamente conquistadas.

Nomeado, em virtude de um senatus-consulta (1802,

consul vitalicio, não tardou Bonaparte a ser acclamado imperador, tendo o povo por 4 milhões de votos sancionado o advento da nova dynastia (1804).



Napoleão I, segundo o quadro de David
Imperio. A 2 de Dezembro de 1804 o Papa Pio VII sagrava imperador a Napoleão, na egreja de Notre-Dame de Paris. Tendo tambem o monarcha cingido a coroa de

ferro dos reis Lombardos, nomeou vice-rei da Italia seu enteado Eugenio de Beauharnais. As instituições republicanas caíram pouco a pouco em desuso, e uma nova nobreza appareceu. Assustadas com os progressos de Napoleão, as potencias recorreram de novo ás armas. Formou-se a TERCEIRA COLLIGAÇÃO (Inglaterra, Suécia, Austria e Rússia). A victoria de AUSTERLITZ (1805), talvez a maior de Napoleão, desbaratando o exercito austro-russo, apressou a PAZ DE PRESBURGO (1806).

Foi organizada a CONFEDERAÇÃO DO RHENO, sob a protecção de Bonaparte, e Francisco II, constrangido a abdicar o titulo de imperador da Germânia, tomou o de *imperador da Austria*, com o nome de Francisco. No mar fôra a França menos feliz: na grande batalha de Trafalgar (21 de Out. 1805) o almirante inglêz Nélson destruiu a esquadra espano-francesa.

O imperio francês dilatava-se de modo assustador. Napoleão imaginou repartir os thronos da Europa entre seus parentes e seus generaes: a seu irmão José deu o de Nápoles e depois o de Espanha; a Luis, o da Hollanda; a Jeronymo, o de Westphália; Murat, cunhado do imperador, recebeu o grão ducado de Berg. Então a Prússia forma a QUARTA COLLIGAÇÃO, com a Rússia, Inglaterra e Suécia. Vencidos ou Prussianos em IENA (1806), Napoleão entra em Berlim, decreta o *bloqueio continental* contra a Inglaterra, desbarata os Russos em EYLAU e FRIEDLAND (1807) e assigna-se o tratado de TILSITT.

Mas a Inglaterra continuava a luta, graças á sua posição. Imaginara Napoleão abatê-la, obrigando as nações da Europa a fecharem-lhe seus portos (*bloqueio continental*). Portugal, hesitante e mais inclinado á Inglaterra, attrahiu as iras de Napoleão, que mandou o general JUNOT occupar Lisboa e declarou extincta a dynastia de Bragança. D. João VI e a familia real procuraram refugio no Brasil (1807).

O papa Pio VII, que tambem não adherira ao bloqueio

continental, foi preso e transferido depois para Fontainebleau.

Aproveitando as discordias existentes na familia reinante, Napoleão interveiu na politica de Espanha. Attrahiu Carlos IV e Fernando VII a Bayona; obrigou este ultimo a restituir ao pae a corôa usurpada, e aquelle a abdicar em favor d'elle proprio Napoleão. José foi então nomeado rei de Espanha. A resistencia dos Espanhoes foi heroica. Em Portugal tambem os Francêses começaram a soffrer varios reveses. Napoleão atravessa os Pyreneus, occupa Saragoça e Madrid (1809); porém a QUINTA COLLIGAÇÃO obriga-o a voltar á Germânia.

A Austria tentava de novo a offensiva, com uns 300.000 homens, atacando ao mesmo tempo a Baviera, a Itália e a Polónia. Em cinco dias estava Napoleão no theatro da guerra; obtinha as victorias de ECKMUHL e de WAGRAM (1809), entrava segunda vez em Vienna e dictava a paz. Seguiu-se a essa paz o casamento de Napoleão com Maria Luisa (1810), filha do imperador Francisco I.

O imperio francês attingira o maximo de sua extraordinaria grandeza, com uma população quasi igual á metade da de toda a Europa.

Entretanto ALEXANDRE I da Rússia permittira o commercio com a Inglaterra. A' frente de uns 600.000 homens, Napoleão transpôs a fronteira, invadiu a Rússia, tomou Smolensk (1812) e chegou até Moscow. Mas os Russos, que se retiravam devastando tudo, entregaram a capital ás chammas. Entre as ruinas de Moscow e os rigores do inverno que chegava, foi Napoleão obrigado a retirar-se. A passagem do BERESINA foi o tremendo epilogo dessa terrivel retirada; o frio, mais do que as balas do inimigo, dizimara o exercito; restavam apenas 40.000 homens validos.

Em Paris o general Malet tramou uma conspiração. A Allemanha sublevou-se. Napoleão, porém, organizou novo exercito, obteve as victorias de LUTZEN e BAUTZEN

(1813) e repeliu a SEXTA COLLIGAÇÃO (Prússia, Inglaterra, Rússia, Suécia e Áustria) em Dresde. Mas em LEIPZIG, na *batalha das nações* (16-18 Out. 1813), os 150.000 soldados francêses foram esmagados por 300.000 aliados.

Invadida a França, Napoleão empregou todos os recursos de uma estratégia incomparavel para resistir. Entretanto Paris capitulou. O senado declarou deposto o imperador, chamando ao throno Luis XVIII. Napoleão retirou-se para a ilha de ELBA (Abr. 1814).

Primeira restauração. Os Cem Dias.



Ney

Luis XVIII, conde de Provença, irmão de Luis XVI, entrou em Paris (Maio, 1814) e outorgou uma *Carta Constitucional*. Voltava a França aos limites de 1792.

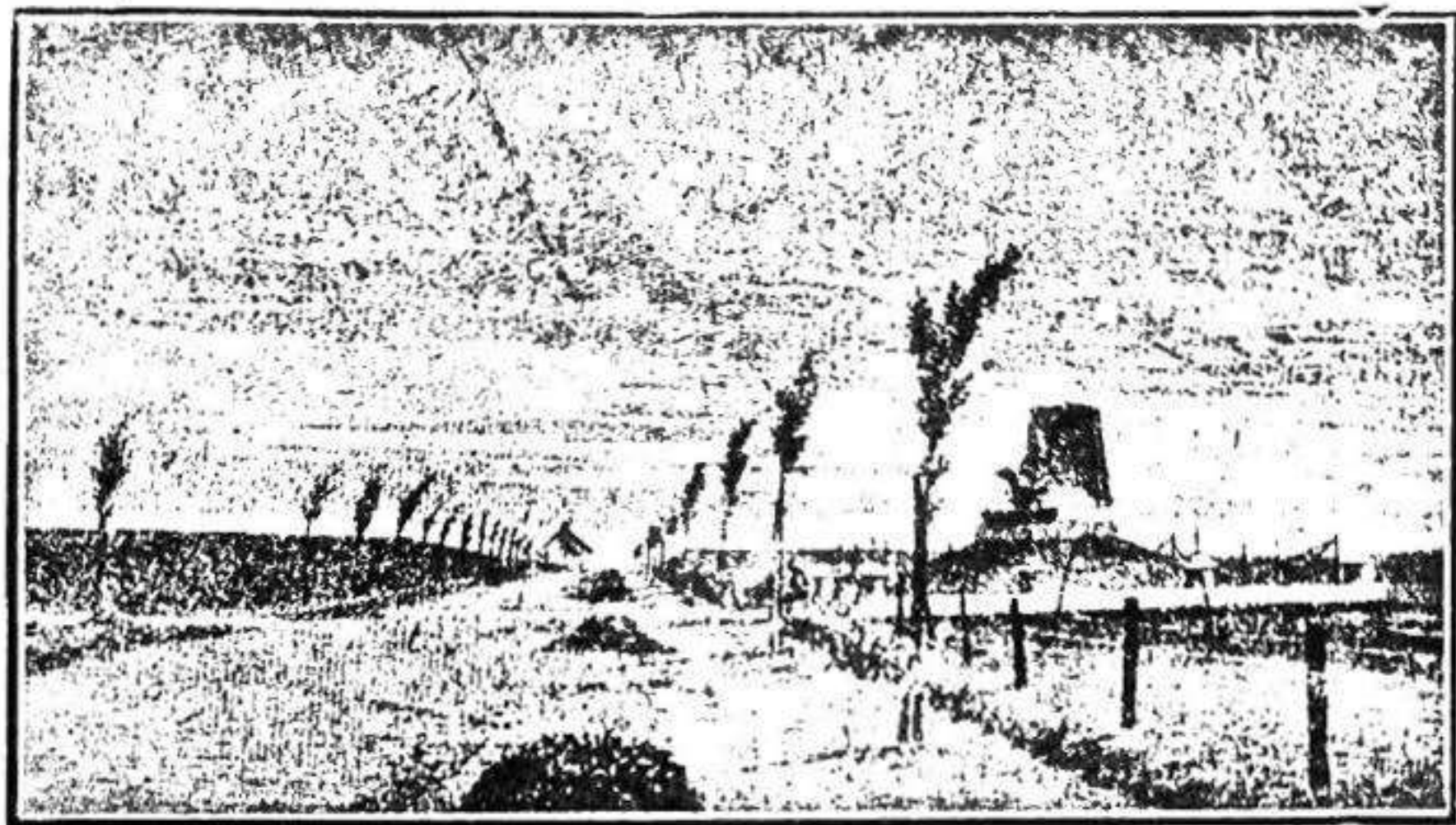
A vergonha da invasão estrangeira, as exigencias dos emigrados, facilitaram a volta de Napoleão. Em Fevereiro de 1815 partia elle

da ilha de Elba e desembarcava em Cannes com um puggillo de bravos. Eram 800; mas o numero augmentou rapidamente: por toda a parte o enthusiasmo era indescriptivel. Ney reuniu-se-lhe, e Luis XVIII, desamparado, retirou-se para a Bélgica.

Começava o periodo dos Cem Dias.

Reunidas no CONGRESSO DE VIENNA, as potencias declararam Napoleão fóra da lei: 800.000 homens foram lançados contra a França. Vencedor em Ligny (1815), não pôde Napoleão resistir aos aliados na tremenda batalha de WATERLOO (18 Junho 1815). Luis XVIII foi restabelecido no throno e os aliados occuparam Paris.

Napoleão, que se collocara sob a protecção da Inglaterra, foi enviado prisioneiro para SANTA HELENA. Ahi



O campo de Waterloo — (à direita o monumento erguido em 1904 em memoria do exercito francês).

morreu, após 6 annos de doloroso captiveiro, supportado com toda a grandeza de um coração christão (5 Maio 1821).

REVOLUÇÃO FRANCESA

CAUSAS . . .	Remota: Reforma Protestante.
	Proximas. { <ul style="list-style-type: none"> Desproporção entre as classes sociaes (clero, nobreza e 3.º estado). O absolutismo despotico dos reis (Luis XIV-XV). O desequilibrio das finanças. O philosophismo (Voltaire, Rousseau, etc) e a independencia dos E. Unidos. A immoralidade nos costumes e as desordens do jansenismo. A incapacidade de Luis XVI.
DIVISÃO . . .	Queda da monarchia absoluta. { <ul style="list-style-type: none"> Os Estados Geraes. Assembléa Constituinte (Maio 1798- Set. 1791). Assembléa Legislativa (Outubro 1791-Set. 1792).
	A REPUBLICA. { <ul style="list-style-type: none"> Convenção (Terror) (Set. 1792- Out. 1795). Directorio (Out. 1795-Nov. 1799).
	Luis XVI (1774-1793) convoca os <i>Estados Geraes</i> .
ASSEMBLÉA Constituinte	Opposição do Terceiro Estado — que breve se constitue em Assembléa Nacional (17 Jun. 1789) e pouco depois assume o nome de Assembléa Constituinte (20 Jun.).
	Organiza-se a guarda nacional. — Laço tricolor.
	Tomada da Bastilha (14 Julho).
	4 de Agosto: abolição dos privilegios.
	30 de Agosto: declaração dos direitos do homem (Liberdade da imprensa e de cultos).
	Constituição civil do clero.
	Formação de clubs politicos: os Jacobinos — A imprensa: <i>L'ami du peuple</i> (Marat).
	A emigração. — Luis XVI foge (20 Jun. 91).
	O rei, preso em Varennes, é trazido a Paris e suspenso das funcções.
	Convenção de Pilnitz (Austria e Prússia).

REVOLUÇÃO FRANCESA

(Continuação)

ASSEMBLÉA LEGISLATIVA

Deputados inexperientes: os Girondinos. a Montanha.
Os Morticínios de Setembro.
Assalto ás Tulherias. Luis XVI refugia-se na Legislativa. E' suspenso e preso.
Dumouriez e Kellermann ganham a batalha de Valmy (20 Set. 92).

CONVENÇÃO

Proclamação da Republica. — O novo calendario.
Execução de Luis XVI (21 Jan. 93).
Forma-se a 1.^a Colligação contra a França. — Sublevação da Vendéa (Hoche).
Triumpho da *Montanha*, proscripção dos Girondinos.
O Tribunal Revolucionario. *Le Comité de Salut Public*.
O Terror Vermelho: execuções de Maria Antonieta, Philippe Egalité, Mme. Roland, Bailly, Lavoisier, André Chenier, etc.
O culto da deusa Razão.
Morte de Marat. — Condemnação de Danton. — Robespierre domina.
Reacção thermidorial: queda de Robespierre.
Paz de Basiléa (95) com a Prússia e Espanha.
Constituição do anno III: institue-se o Directorio.

DIRECTORIO

Primeiras victórias de Napoleão na Itália (Montenotte, Lodi, Arcole, Rivoli).
Tratado de Campo Fórmio (97). Rep. Ligurina (Génova). Rep. Cisalpina (Lombardia).
Napoelão no Egypto: bat. das Pyramides e do monte Thabor (98).
Nélson derrota os Francêses na bat. naval de Aboukir (1.^o Ag. 98).
Forma-se a 2.^a Colligação.
Napoleão põe fim violentamente ao Directorio (9 Nov. 99 — 18 Brumario).

CONSULADO E IMPERIO

CONSULADO (1799 — 1804)

Constituição do anno VIII.
Napoleão 1.º consul.

2.ª Colligação { Victoria de MARENGO (1800).
Paz de Lunéville (1801).
Paz de Amiens (1802).

Concordata com o Papa Pio VII.
Reorganiza-se a administração.
Redige-se o CODIGO CIVIL.
Napoleão é sagrado Imperador (1804).

3.ª Colligação { Victórias de ULM e AUSTER
(1805) LITZ.
Derrota naval em TRAFALGAR
Paz de PRESBURGO.

Bloqueio continental.

4.ª Colligação { Victoria de IENA (1806).
Victórias de EYLAU e FRIED-
LAND (1807).
Tratado de paz de TILSITT
(1807).

JUNOT invade Portugal e D. João VI foge para o Brasil (1807).

NAPOLEÃO intervem na Espanha e encontra terrível opposição do povo sublevado.

IMPERIO (1804 — 1815)

5.ª Colligação { Victórias de ECKMUHL e
WAGRAM (1809).
Paz de VIENNA (1809).

NAPOLEÃO casa com MARIA LUISA, filha de FRANCISCO I d'Austria (1810).

Campanha { Incendio de Moskow.
da Rússia (1812) } Perda do Grande Exercito.
Passagem do Beresina.

6.ª Colligação. — Derrota de Napoleão em LEIP-
ZIG (1813).

Invasão da França.

Napoleão na ilha de Elba. — Primeira restau-
ração, Luis XVIII.

Os CEM DIAS.

Derr. final de Napoleão em WATERLOO (1815).
2.º tratado de Paris. — Congresso de Vien-
na (1815).

III

Governo constitucional na Europa.

Congresso de Vienna. Vencido afinal Napoleão. as
Santa Alliança. grandes potencias reuniram-se
no Congresso de Vienna, e re-
fizeram a carta politica da Europa (1815) segundo o sys-
tema do *equilibrio europeu*. Foi creada a Confederação
Germanica, restituidos ao Papa os Estados da Egreja, as
antigas dynastias restabelecidas.

Para manter o novo estado de cousas a Prússia, a Aus-
tria e a Rússia formaram a Santa Alliança, que não teve
nenhum resultado pratico.

METTERNICH. habil ministro dos negocios estrangeiros
na Austria, pretendia que, si os subditos se revoltassem para
impor ao principe uma constituição, as grandes potencias
enviariam forças para submittê-los e manter o poder abso-
luto do principe: era o que chamava *principio de interven-
ção*. Mas contra o systema de Metternich por toda a Europa
se levantaram reacções.

Luis XVIII. Chamado ao throno, Luis
A Carta Constitucional. XVIII outorgara uma Carta
Constitucional. Imitando o
mecanismo do systema governamental inglês, reconhecia
ella diversos principios liberaes da Revolução (liberdade
de culto, egualdade perante a lei, etc.). O poder legislativo
era exercido por duas camaras e pelo monarcha; os minis-
tros eram declarados responsaveis. A Carta era na ver-
dade uma *Constituição* limitando o poder real, porém ce-

tas expressões imprudentes concessão, outorga de carta) desagradavam aos liberaes, compromettendo-lhe o effeito (1).

Em 1815 os Francêses tiveram de soffrer pela segunda vez a humilhação da occupação estrangeira. No sul deram-se alguns morticínios (TERROR BRANCO) e houve forte repressão realista, sendo uma das victimas o general NEY, condemnado á morte.

Os revolucionarios persistiam em não reconhecer os Bourbons; os realistas aspiravam á monarchia absoluta. Independentes e realistas portanto não admittiam inteiramente o regimen da Carta.

Movimentos revolucionarios.

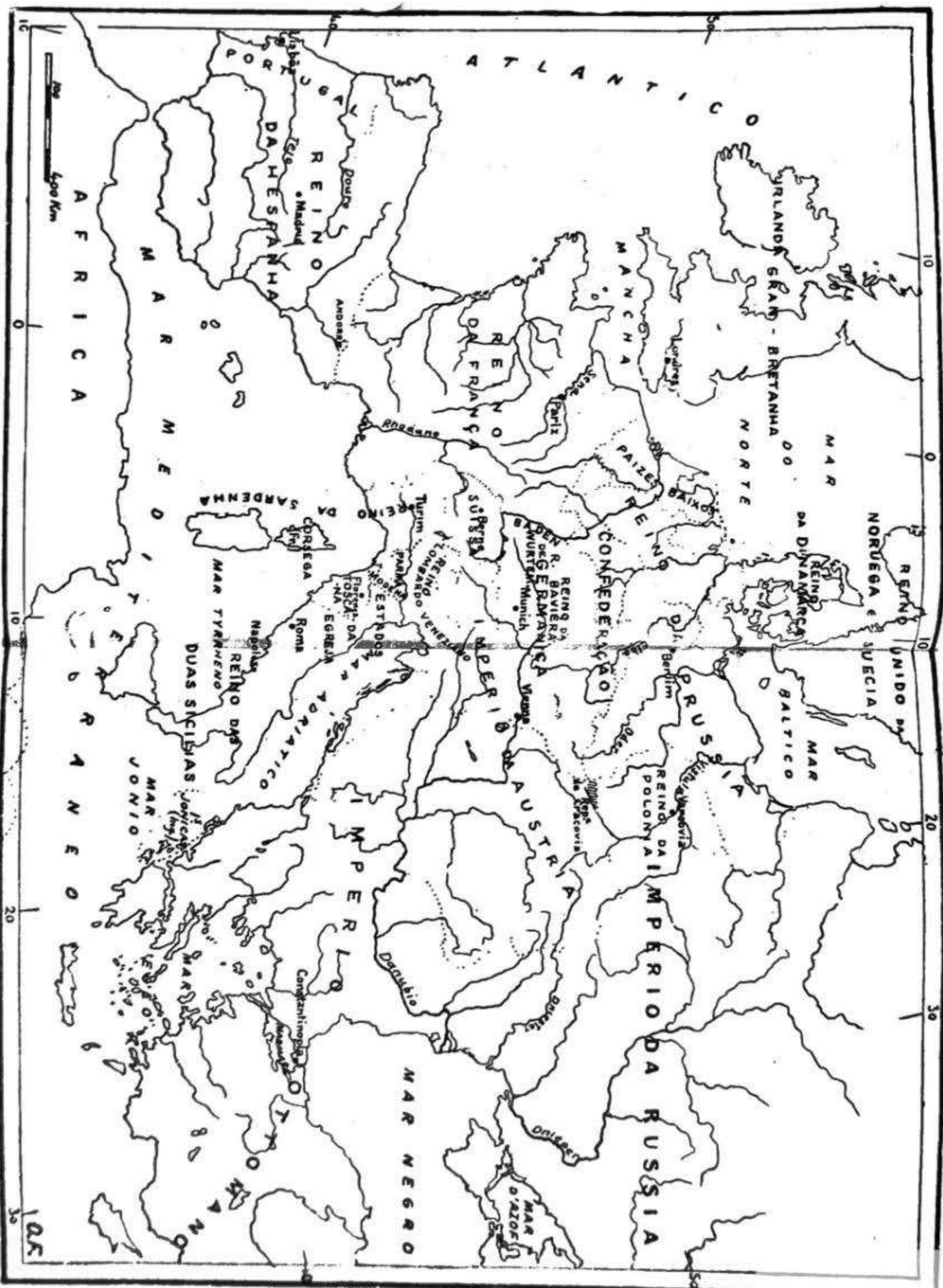
Na Espanha o coronel RIEGO suble-
vou as tropas que se achavam em CÁ-
DIZ promptas a partir para a América
com o fim de submetter as colonias revoltadas. FERNAN-
DO VII viu-se obrigado a acceitar uma constituição (1820).

Animados pelo exemplo da Espanha, e desgostosos com a permanencia de D. João VI no Brasil, os Portu-
guêses revoltaram-se na cidade do Porto, entrando pouco
depois victoriosos em Lisboa. D. João VI viu-se obrigado a
jurar a Constituição exigida pelos liberaes.

Tambem no reino de Nápoles o rei Fernando IV se
viu constrangido por uma sedição militar a conceder uma
constituição analogá á que Napoleão dera em 1812 á Es-
panha.

Em França, o assassinio do duque de Berry, sobrinho
do rei e herdeiro presumptivo da corôa, provocou violenta
reacção realista, com restricções da constituição. Multi-
plicaram-se então as sociedades occultas dos *carbonarios* e
tramaram-se conspirações (1820).

(1) V. HOUSSAYE — 1815.



Europa em 1815

As intervenções. Para reprimir os movimentos de revolta que em diversos países os assustavam, os soberanos resolveram nos congressos de TROPPAU (1820), LAYBACH (21) e VERONA (22) adoptar o *princípio de intervenção*, apresentado por Metternich.

O exercito austriaco interveiu pois em Nápoles e restabeleceu Fernando IV no seu absolutismo. Tambem o Piemonte foi occupado e os carbonarios deportados. Luis XVIII, apesar da opposição do gabinete inglês, enviou á Espanha um exercito de 100.000 homens, que occupou Cádiz, recuperando Fernando VII o poder absoluto.

Revolução de 1830. Por morte de Luis XVIII (1824) subiu ao throno seu irmão, o conde de Artois, com o nome de CARLOS X. Os ultra-realistas desagradaram ao povo com as leis sobre indemnização aos emigrados, restabelecimento do direito de primogenitura e contra o sacrilegio. VILLELE, ministro, fez licenciar a guarda nacional. Irritaram-se os burguezes de Paris, deram-se vivas á Carta, e Villèle retirou-se.

Nem conseguiu diminuir a opposição a parte gloriosa que então tomou a França para a independencia da Grécia (29), depois de destruida a frota turca em NAVARINO (27) pelas esquadras reunidas da França, Inglaterra e Rússia.

Apezar das concessões de Martignac, successor de Villèle no ministerio, augmentou o descontentamento. Chegou elle ao ponto extremo quando se forçou o ministerio POLIGNAC. Na opposição figuravam CHATEAUBRIAND e THIERS. Guizot, realista liberal, começava então a distinguir-se.

Julgou o governo que a tomada de ARGEL tornaria o ministerio popular. Mas a dissolução do parlamento e as "Ordenações" de 1830, suspendendo a liberdade de imprensa, de encontro aos principios constitucionaes da Carta, provocaram uma sublevação do povo na capital. Aos gritos de "Viva a Carta!", "Abaixo os Bourbonns!", de 27 a 29

de Julho levantaram-se barricadas e deram-se combates nas ruas de Paris. Vencidas as tropas reaes, Carlos X abdicou (2 Agosto 1830) e retirou-se para a Inglaterra. A camara escolheu para succeder-lhe Luis Philippe, duque de Orléans.

As consequencias da revolução de Julho fizeram-se sentir em toda a Europa. Em Setembro rebentou em Bruxellas uma insurreição que deu em resultado separar-se a BÉLGICA da Hollanda. A misera Polónia em vão tentou



Trajos elegantes da época de Luis Philippe

obter sua independencia. Na Suissa a agitação manifestou-se na luta entre aristocratas e radicaes. Na Inglaterra effectuou-se a REFORMA ELEITORAL (1832) em sentido democratico. Na Itália e na Allemanha houve tambem varios movimentos.

Sanguinolenta luta sustentaram na Espanha, depois da morte de Fernando VII (1833), os absolutistas e constitucionaes. A guerra civil durou até 1840, até que os absolutistas ou *carlistas* tiveram de depor as armas.

Tendo D. MIGUEL restabelecido em Portugal o regimen absoluto, abolida a constituição, D. PEDRO, que abdicara a coroa do Brasil em 1831, organizou uma expedição nos Açores e restabeleceu o regimen constitucional, depois do



Luis Philippe

celebre cerco do Porto e da capitulação de ÉVORA MONTE (34) assignada por D. Miguel.

Luis Philippe. O governo de Luis Philippe deu á França 18 annos de paz e de prosperidade interior (1830-1848), apesar da opposição parlamentar e das crises ministeriaes. De maneiras simples, de costumes modestos, Luis Philippe representava a victoria das idéas liberaes. Teve por ministros LAFFITTE, CASIMIRO PÉRIER, THIERS, MOLÉ e GUIZOT. Este ultimo ministro não gostava de reformas politicas: a sua politica conservadora provocou uma reacção.

Por toda parte se reuniam os opposicionistas em banquetes, comicios, etc. Sendo prohibido pelo governo o banquete do 12.º districto de Paris, que se devia realizar nos

Campos Elysios (a 22 Fev. 1848) o povo pegou em armas e revoltou-se.

Uma revolução collocara Luis Philippe no throno; outra, e de consequencias bem graves, de lá o tirou.

IV

A Europa de 48 a 70.

Consequencias da Revolução de 48.

A revolução de 1848 na França, que á primeira vista pareceria simples episodio de uma agitação eleitoral, foi de facto a explosão de um movimento consideravel, filho de uma corrente de idéas caracteristicas do sec. XIX. As consequencias extenderam-se a quasi toda a Europa, mormente á Italia e á Allemanha. A tormenta revolucionaria irrompeu violenta, e rapida se propagou. Aos gritos de LIBERDADE, EGUALDADE e FRATERNIDADE sonhava-se estabelecer a republica social.

Em França o suffragio universal pareceu o remedio aos males sociaes da epoca. Um governo provisorio proclamou a REPUBLICA DEMOCRATICA. Mas as agitações socialistas perturbaram-lhe os breves dias, e o suffragio universal deu em resultado a eleição de Luis Napoleão Bonaparte (sobrinho de Napoleão I), o qual de principe PRESIDENTE não tardaria a tornar-se imperador. A segunda republica franceza, como a primeira, acabou pelo absolutismo imperial.

Na peninsula italica a agitação não exceptuou os proprios Estados da Egreja, onde Pio IX se viu obrigado a deixar Roma e refugiar-se em Gaeta, fugindo aos republicanos. Estes, porém, batidos noutros pontos pelos Austriacos, tiveram tambem de retirar-se de Roma, porque um exercito francês entrou nessa cidade e, dissolvido o governo republicano, restabeleceu-se o poder temporal do papa (1849).

Tambem os Húngaros, que se haviam insurgido, tendo por chefe Kossuth, e tinham proclamado a independencia da Hungria sob a forma republicana, tiveram de ceder após varios reveses (49).

**Segundo Imperio.
Napoleão III.**

Senhor absoluto do poder, Napoleão III applicou-se á realização de grandes trabalhos de utilidade publica, á criação de estabelecimentos de beneficencia, a medidas favoraveis ao commercio e industria e ao embellezamento da capital, chegando a realizar duas exposições universaes. No exterior desmentiu, porém, a formula que empregara em 1852: "O Imperio é a paz". Aspirando a reerguer a França para exercer a hegemonia na Europa, alliou-se á Inglaterra na luta contra os Russos, na chamada guerra da Criméa (1854-1856).

A questão começara propriamente em 1853, entre a Turquia e a Russia, devido a conflictos na Palestina entre Latinos e Gregos. Nicolau I da Russia invadiu os Principados Danubianos e mandou bombardear as



Napoleão III

ciudades turcas do mar Negro. Não convinha á Inglaterra que os Russos occupassem Constantinopla, nem que ficassem por demais poderosos no Oriente; d'ahi defenderem os Ingêses a existencia da Turquia (é a chamada QUESTÃO DO ORIENTE). Uniram-se França, Inglaterra e mais tarde o Piemonte para salvar a Turquia contra a Russia. A enorme

superioridade das esquadras alliadas permittiu atacar a Russia em todos os mares. Sebastopol, que era o arsenal dos Russos, na Criméa, foi cercada e resistiu quasi um anno, até que em Setembro de 1855 a tomada da TORRE DE MALAKOF fez cair a cidade em poder dos Francêses. O tratado de Paris (56) custou á Russia a perda do protectorado dos religiosos gregos da Turquia, neutralizou o mar Negro, estabeleceu a livre navegação do Danubio e tirou á Turquia a Moldavia e a Valachia, as quaes em 1881 se reuniram, formando a Romenia, ou Rumania.

Ainda alliada á Inglaterra, a França fez a guerra contra a China (58-60), que não queria abrir seus portos ao commercio europeu. A batalha de Pali-Kiao tornou possivel a entrada dos Francêses e Inglêses em Pekin. A paz então assignada declarou abertos ao commercio europeu varios portos do Celeste Imperio.

A Unidade Italiana.

Em 1859 Napoleão III alliou-se ao Piemonte contra a Austria, seguindo o PRINCIPIO DAS NACIONALIDADES. De accordo com esse principio cada estado deve ser uma nação politicamente organizada, isto é, toda nação deve constituir um estado independente. Mazzini e a escola italiana adoptaram-no para base do direito internacional e Napoleão III quis fazer delle a norma de sua politica. Fôra segundo taes idéas que os Gregos se haviam revoltado contra os Turcos, a Bélgica se separára da Hollanda e os Hungaros se tinham insurgido. Em nome deste principio foi que se constituiu o reino de Itália, após curta campanha. O Piemonte, governado por Victor Manoel II, preparava-se desde muito para a obra da unificação italiana. O ministro Camillo Cavour a queria em proveito da casa de Saboia e para isso procurou a sympathia e apoio da França. Em 59 um *ultimatum* da Austria, para que o Piemonte se desarmasse em tres dias, precipitou a guerra. As batalhas principaes foram: MONTEBELLO, ganha pelos Francêses, PALESTRO, pelos Piemontêses

e a grande victoria de Mac Mahon, em MAGENTA (4 de Junho). O proprio imperador Francisco José á frente de 200.000 homens deu combate nas alturas de SOLFERINO aos Franco-Piemontêses, que saíram vencedores. A paz de Villa Franca,, ratificada pelo tratado de Zurich, cedia ao imperador de França a Lombardia, que Napoleão retrocedeu ao rei da Sardenha. Os Estados da Italia formariam uma confederação sob a presidencia do Papa. A França teve NICE e SABOIA, com o voto unanime das populações respectivas.

Em 1860 o Piemonte annexou os ducados de Parma, Modena, a Romanha e a Toscana. O sul, isto é, o reino das Duas Sicilias, foi conquistado graças principalmente a Giuseppe Garibaldi, que partiu de Génova com 1.000 voluntarios e desembarcou na Sicilia.

Por sua vez os Piemontêses invadiram os Estados da Egreja e teriam occupado a propria Roma, si não fosse o governo francês mandar um pequeno exercito, que ahi se manteve dez annos, até 1870. Em 1861 Cavour propôs a proclamação do reino da Itália, sob Victor Manuel. Em 1870, aproveitando-se da guerra franco-prussiana e de terem sido retiradas as tropas francesas, os Piemontêses entraram em Roma (20 Setembro), ficando o papa só com o palacio do Vaticano e privado do poder temporal.

A Unidade Alleman. Guerra franco-prussiana.

Desde alguns annos vinha a Prussia preparando-se economicamente e desenvolvendo forças militares bem organizadas. Guilherme I, no throno desde 1858, era auxiliado principalmente pelo marechal Moltke e pelo ministro Bismarck.

Em 1864, numa guerra injusta, a Austria e a Prussia tomaram á Dinamarca o Slesvig-Holstein. Depois Bismarck, para esmagar a Austria, pretendeu reorganizar a Allemanha e intervir no Holstein. A Austria mobilizou tropas, mas a Prussia agiu fulminantemente, invadiu a

Bohemia e ganhou a batalha decisiva de Sadowa (Julho de 1866).

Pelo tratado de Praga dissolveu-se a CONFEDERAÇÃO GERMANICA. A Prussia, engrandecida, constituiu a CONFEDERAÇÃO DO NORTE com os Estados da margem direita do Meno.

A opinião publica em França manifestou-se vivamente irritada. Considerava-se a unidade da Allemanha uma

ameaça e um perigo; accusava-se Napoleão III. Deu-se a ruptura em 1870; foi-lhe pretexto a candidatura do principe Leopoldo de Hohenzóllern ao throno de Espanha.



Bismarck

Logo de principio os exercitos prussianos romperam as linhas francêsas e obrigaram Mac Mahon em REICHSHOFFEN (6 de Agosto) a retirar-se, deixando a Alsacia aberta aos invasores. No mesmo dia a victoria de Forbach dava aos Allemães caminho pela

Lorena. O principal exercito francês, sob o commando de Bazaine, tentou deter a invasão (batalhas de Gravelotte e Saint-Privat, 16, 18 Agosto), mas ficou bloqueado. Novo exercito, sob o commando de Mac Mahon, — 135.000 homens — em vez de defender Paris, foi em soccorro de Bazaine: erro fatal, que occasionou o grande desastre de Sedan (1-2 Setembro). Napoleão III, vencido e aprisionado, foi substituido por um governo da DEFESA NACIONAL (4 de Setembro) que tratou de salvar Paris, investida por dois exercitos allemães. Toul e Strasburgo caíram; Bazaine capitulou em Metz (27 Outubro). Gambetta, saindo de balão para Tours, quis ainda levantar os exercitos do Norte, de Leste e do Loire, mas nada pôde impedir a queda de Paris, onde a fome era medonha, após um assedio heroico (28 de

Janero 71). Pouco antes, a 18 do mesmo mês, em Versalhes, Guilherme fizera-se proclamar imperador da Allemanha.

Uma assembléa nacional, reunida em Bordéos, nomeou Thiers chefe do poder executivo e acceitou as preliminares da paz. O tratado definitivo foi assignado em Francfort-sobre-o-Meno, a 10 de Maio. A França teve de ceder á Allemanha a Alsacia e parte da Lorena, e pagar cinco mil milhões de francos como indemnização de guerra. Os Allemaes occuparam ainda varios departamentos, para garantia do pagamento estipulado.

A 18 de Março rebentára em Paris uma insurreição, a COMMUNA, que provocou uma guerra civil de dois meses. Paris foi cercada segunda vez pelas tropas de Thiers, e quasi destruida. Vencida a insurreição, Thiers tratou de reorganizar o país e de pagar quanto antes a divida de guerra, livrando a França da presença das tropas prussianas.

V

A abolição. — Os problemas sociaes. — O socialismo.

A abolição da escravidão.

Um homem, pelo seu direito á liberdade e á inviolabilidade pessoal, não póde ser sujeito passivo de um direito de propriedade, nem por parte de outro homem, nem por parte do Estado. Entretanto toda a antiguidade praticou a escravidão. O Christianismo, prégando a egualdade entre os homens, atacou essa barbara instituição pela raiz; dezenove seculos, porém, foram precisos para que, com os progressos da civilização christan, pouco a pouco desaparecesse tão hedionda mancha dos países da Europa e da América. A escravidão era alimentada pelo trafico dos negros. As horriveis scenas dos navios negreiros são quadros lugubres que se não podem ao vivo pintar: homens e

mulheres, amontoados a bordo em espaço estreito e infecto, famintos e semi-nus, arrancados á patria, á familia, ao lar.

O congresso de Vienna reprovou o trafico, que no Brasil foi supprimido em 1850. Em 1834 o Parlamento inglês aboliu a escravidão nas colonias de Inglaterra. A Revolução de 48, em França, proclamou para sempre a abolição do captiveiro. Na Russia, em 1861, o czar Alexandre II emancipou os camponios ainda sujeitos ao regimen da servidão. Nos Estados Unidos foi somente após terrivel guerra civil de quatro annos (1861-1865), a guerra de secessão, que o principio de liberdade triumphou. Os Estados do Norte, manufactureiros, eram abolicionistas; os do Sul, agricolas, viam na escravidão o elemento essencial de sua fortuna. A victoria do Norte assegurou emfim a extincção do captiveiro.

A escravidão subsiste ainda na Asia e na Africa e nos países muçulmanos.

O Socialismo. Em qualquer ponto de vista que nos colloquemos, não podemos fugir, ao contemplar as sociedades humanas, ao terrivel problema: “Porque ricos e porque pobres?”

Aos economistas do sec. XVIII afigurava-se a miseria effeito de leis naturaes, inevitaveis portanto. No sec. XIX surgiram partidarios da nova escola, para a qual a miseria é apenas resultado da má distribuição da riqueza entre os homens: emquanto uns gemem na indigencia, outros gozam e gastam ás mancheias. E’ mister, pois, destruir a ordem social existente e reconstruir a sociedade sobre novas bases. Os partidarios dessa revolução chamam-se SOCIALISTAS; tal doutrina é o SOCIALISMO.

E’ o grande perigo social da nossa epoca. Antigamente houve legisladores e philosophos que imaginaram e descreveram uma sociedade ideal (REPUBLICA, de Platão; CIVITAS SOLIS, de Campanella; UTOPIA, de Thomas More). Mas eram consideradas taes theorias sonhos irrealizaveis. Em

nossa epoca, porém, os socialistas querem realizar praticamente o seu ideal. Os progressos da democracia, as transformações do trabalho com a criação da GRANDE INDUSTRIA, dão maxima importancia ao problema.

De accordo em atacar o regimen actual da propriedade, divergem profundamente os socialistas na maneira de resolver a questão: dahi varias escolas. Confessam em geral que a verdadeira lei social ainda não foi encontrada.

Os principaes representantes do socialismo em França foram: — Saint-Simon, que adoptou a formula: “A cada um segundo sua capacidade, a cada capacidade segundo suas obras”. Abolida a propriedade, o Estado daria a cada individuo aquillo de que elle precisasse, na proporção de seu trabalho. — FOURIER, que sonhou uma sociedade fundada na harmonia, no accordo voluntario dos homens para o trabalho em commum. — PROUDHON, para quem a propriedade é o roubo e Deus é o mal.

Na Allemanha desenvolveu-se novo systema, graças a KARL MARX, judeu allemão, autor da celebre obra “O Capital”. Para Marx o capital em si nada vale: só o trabalho é que tem valor; a riqueza é apenas producto do trabalho.

Em 1864 foi fundada a INTERNACIONAL, associação de todos os operarios para defesa dos interesses das classes. Divididos os chefes, desappareceu em 1872.

O russo BAKOUNINE, fundador da ALLIANÇA UNIVERSAL, organizou o partido chamado ANARCHISTA. Adversarios de qualquer forma de governo, de qualquer Igreja, de qualquer instituição, os anarchistas (1) querem apenas destruir. Para substituir o que destruirem, nada propõem. Dahi a denominação que se lhes deu, na Russia, de NIHILISTAS (2).

(1) Do grego: *a*, privativo, *arche*, governo, autoridade.

(2) Do latim: *nihil*, nada.

A Igreja e a questão social. É' um facto innegavel, que tem impressionado os espiritos mais indifferentes aos problemas religiosos, a floração das obras sociaes catholicas no XIX e XX seculos. A maior parte das congregações então fundadas tem um objectivo de apostolado social, já no terreno intellectual dos bons livros e da propagação dos jornaes e revistas de san doutrina, já no campo da caridade e assistencia, graças a associações e confrarias, quaes a de S. Vicente de Paulo, as obras de Dom Bosco, os patronatos, asylos e outras instituições congeneres.

O successor de Pio IX, Leão XIII (1878-1903) preoccupou-se com a questão social e della tratou em diversas encyclicas, das quaes a mais celebre, a *RERUM NOVARUM*, de 1891, depois de condemnar o socialismo e de affirmar o character legitimo da propriedade, aponta os deveres e direitos reciprocos de patrões e operarios, conforme os principios de justiça e de caridade evangelica.

A influencia de Leão XIII foi grande, mesmo nos países não catholicos. Com elle o Papado impôs-se ao respeito e admiração da sociedade contemporanea, como expressão da mais alta potencia moral do mundo.

VI

Seculo XIX. — A literatura. O romantismo e as novas escolas literarias.

O gosto pela leitura. Até o principio da epoca contemporanea os livros não eram em geral lidos pelo povo, vendiam-se poucos e attingiam preços elevados. No seculo XIX ha uma completa transformação na imprensa e no commercio de livros, e o gosto pela leitura desenvolve-se de modo extraordinario. Organizam-se bibliothecas circulantes, começam a apparecer nos jornaes os romances folhetins, fundam-se revistas; •

numero dos leitores augmenta cada vez mais, e portanto cresce tambem a producção de obras, multiplicam-se os autores e alguns conseguem enriquecer graças á sua penna.

A facilidade das communicações, os caminhos de ferro, o telegrapho, os progressos da arte typographica dão admiravel desenvolvimento ao jornal. Hoje quasi todos lêem, e as grandes edições esgotam-se rapidamente.

O romantismo.

Na Allemanha por muito tempo tinham sido imitados os classicos francezes. No sec. XVIII, porém, começou uma reacção tendente a crear uma literatura original. Goethe e Schíller foram os dois grandes chefes desse movimento revolucionario na literatura alleman.

Buscando assumptos nas lendas medievaes e na historia dos tempos modernos, escrevendo em estylo natural, sem forma rebuscada, os novos autores procuraram antes de tudo despertar o sentimento. Pela evolução natural dos generos, iam-se desenhando pouco a pouco as formas da escola romantica.

Os classicos inspiravam-se principalmente na antiguidade pagan; escolhiam certas personagens como typos da humanidade, mas apenas reduzidas a uns tantos traços geraes; faziam questão da observancia da regra das *tres unidades* (tempo, lugar, acção); só admittiam os generos de que se occupara Boileau. Os romanticos revoltavam-se contra tantas regras e convenções; escolhiam como personagens individuos de todas as condições, até os doentes e os miseraveis; procuravam traduzir suas impressões e pintar com vivas côres os costumes proprios de cada lugar e de cada epoca. Enquanto os classicos se mantinham aferidos á *tragedia*, vasada nos moldes de Racine, os romanticos preferiam uma forma nova, o *drama*, genero mixto entre a tragedia e a comedia.

Na Inglaterra BYRON, poeta, e WÁLTER SCOTT, autor

de varios romances apreciados, influiram consideravelmente sobre o romantismo.

Em França, MME. DE STAEL, filha de Nécker, escrevendo o livro "A Allemanha", pôs em moda a literatura e a philosophia allemans. Mas o verdadeiro creador do romantismo em França foi CHATEAUBRIAND (Genio do Christianismo, os Martyres, Atala, etc.), seguindo-se os dois grandes mestres LAMARTINE e VICTOR HUGO.

CASTILHO, HERCULANO e GARRETT formaram a gloriosa trindade romantica de Portugal.

Escola naturalista. Os românticos, que tinham conseguido triumphar dos partidarios da escola classica e dominar na primeira metade do sec. XIX,



Victor Hugo

foram por sua vez atacados pelos *realistas*, mais tarde denominados *naturalistas*. Pretendem estes, realistas ou naturalistas, pintar a vida tal como ella é realmente, descrever com fidelidade a natureza, fugindo aos exaggeros dos românticos. Dominam a segunda metade do seculo passado e conservam ainda influencia preponderante em nossos dias. O genero preferido é o romance de observação, em que se analysam minuciosamente os costumes.

FLAUBERT, OS GONCOURT, DAUDET e ZOLA foram todos mais ou menos realistas.

Parnasianos e symbolistas. Os admiradores de Victor Hugo e de Theophile Gautier formaram um grupo, os "Parnasianos", que

se distinguiram dos românticos pelo exagerado apuro na metrificação e no estylo e por pretenderem ficar impassíveis ante os variados aspectos da vida, alheios de todo ao sentimentalismo. Taes foram LECOMTE DE LISLE e HERÉDIA.

Os "Symbolistas" ou "Decadentes", separando-se dos Parnasianos, seguiram VERLAINE, e tentaram exprimir pensamentos, estados d'alma, por meio de objectos que os evocassem. Muitos d'entre elles (MALLARMÉ), abusando dos symbolos, acabaram por se tornar quasi incompreensíveis.

Principaes autores. Entre os varios escriptores do seculo XIX que se distinguiram na poesia, no romance e no drama citam-se:

Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Musset, poetas; Balzac, George Sand, Flaubert, Zola, Daudet, romancistas; Augier, Dumas, autores dramaticos, em França.

Sílvio Péllico, Manzoni e Leopardi, na Itália.

Heine, Uhland, poetas, na Allemanha.

Thomas Moore, Byron, Wordsworth, Ténnyson, Coleridge, Southey e Schélley, poetas; Wálter Scott, Dickens, Tháckeray, romancistas, na Inglaterra.

Gogol, Turguénef, Tolstoi, Dostoiévsky, romancistas, na Rússia.

Garrett, Herculano, Castilho, Castello Branco, em Portugal.

Longfellow, poeta; Cooper, Edgar Poe, romancistas, na América do Norte.

Gonçalves Dias, Magalhães e Alencar, no Brasil

VII

Século XIX. — As sciencias. — As applicações das invenções: vapor, electricidade, etc. — A philosophia.

O progresso das sciencias. O século XIX foi periodo de consideravel progresso scientifico; não sem motivo, alguns o denominaram “o século da sciencia”.

Exploradores intrepididos procuraram dilatar as fronteiras da geographia, percorrendo as regiões inexploradas da África, da Asia, da Oceania e da América, não recuando ante os gelos do polo. Observadores pacientes resolveram ou tentaram explicar problemas largo tempo julgados insolúveis. Fundaram-se por toda parte escolas; crearam-se laboratorios; procurou-se por meio de jornaes e revistas vulgarizar os conhecimentos e diffundir pelo povo os resultados das investigações dos sabios.

Sciencias physicas e naturaes.

Graças a exactas e attentas observações, a physica recebeu notavel impulso. As experiencias de GALVANI e de VOLTA levam, por feliz acaso, á construcção da *pilha de columna*. AMPERE e FARADAY estudam as correntes electricas, descobrindo-se a *inducção magnetica*. MORSE inventa um *apparelho telegraphico*. BELL divulga o *telephonio* (77). ÉDISON inventa o *phonographo* (78). A photographia, bastante aperfeiçoada, começa a ser empregada na astronomia; e trabalha-se para obter a photographia das côres.

As experiencias de HERTZ sobre as ondas electricas

preparam o campo para a invenção da *telegraphia sem fio* (MARCONI).

Consegue-se produzir o ar liquido. Em 1896 Roentgen descobre os *raios X*.

Descobre-se a *analyse spectral* (Bunsen, Kirchhoff). Admitte-se a *unidade das forças physicas* (Secchi).

A chimica realiza espantoso progresso. Gay Lussac, Dalton, Davy, Dumas, Liebig esclarecem muitas questões. Obtem-se a *synthese chimica* (Berthelot). Wurtz faz adoptar-se a *theoria atomica*.

PASTEUR, com seus estudos sobre as fermentações, produz na chimica uma revolução.

Nas sciencias naturaes LAMARCK expõe as primeiras idéas sobre a evolução, depois desenvolvidas por DARWIN. CUVIER cria a *anatomia comparada* e applica sabiamente o principio ou lei da correlação das formas. BICHAT lança as *bases da physiologia*, que é erguida á dignidade de sciencia por CLAUDE BERNARD. PASTEUR, finalmente, entrega-se a estudos sobre os microbios, refuta cabalmente os partidarios da geração espontanea, descobre as injeções contra a raiva e opera na biologia e na medicina profunda transformação.



Claude Bernard



Pasteur

Aplicações das invenções.

O vapor, cuja força já fôra observada por Papin,

Jouffroy e Watt, teve no sec. XIX tres principaes applicações: machinas, navegação e caminho de ferro.

A applicação do vapor á navegação foi obra de FULTON, que em 1808 lançou um barco no Hudson, conse-

guindo assim fazer fortuna; ao passo que Jouffroy por falta de meios não conseguira levar adeante suas experiências. A navegação a vapor começou em França em 1819.

Em 1814 STÉPHENSON creou o caminho de ferro; mas só em 1830 foi utilizado para transporte de passageiros.

A electricidade, applicada posteriormente, deu nascimento ao telegrapho, ao telephonio, á iluminação electrica e á galvanoplastia. Os cabos submarinos multiplicaram-se rapidamente, unindo os continentes e facilitando as comunicações.

A philosophia.
As sciencias sociaes.

Na Allemanha os grandes philosophos procuraram construir systemas explicativos do mundo e do lugar do homem no universo (Fichte, Hégel, Schelling, Schopenhauer). Mas trabalhando principalmente com a imaginação, a philosophia deu em resultado um *idealismo transcendental* (Fichte) ou profundo *pessimismo* (Schopenhauer).

Os philosophos inglêses occuparam-se de psychologia, politica e moral, pondo de lado as preocupações metaphysicas. Herbert Spéncer applicou á philosophia o principio geral da evolução.

Em França Augusto Comte, autor de um Curso de Philosophia Positiva, lançou as bases do *Positivismo*.

As sciencias historicas, graças ao *methodo critico*, baseando-se em documentos e pondo de lado lendas muito tempo acceitas, conseguiram reconstruir fielmente certos periodos do passado. A philologia lucrou immenso com a applicação do *methodo historico-comparativo*. Estudando os hieroglyphos egypcios, CHAMPOLLION creou a egyptologia. Para cuidadosamente examinar os restos dos antigos monumentos, começaram-se grandes trabalhos de excavações no Oriente, e fundaram-se escolas de archeologia no Egypto, na Itália e na Grécia.

VIII

Seculo XIX.—A arte. Em especial a musica e a pintura.

A pintura. Assim como nas letras, houve na pintura, durante o XIX seculo, reacção contra o *classicismo*. Ante o movimento romantico, a escola classica, cujo chefe era, em Paris, David, teve pouco a pouco de recuar. O numero de pintores augmentou; e as exposições de quadros (tal o Salon de Paris) attrahiam maior quantidade de amadores.

DELACROIX e INGRES caracterizam a luta entre os artistas de tendencias romanticas e os defensores do gosto classico. — HORACIO VERNET foi por excellencia pintor de batalhas. — Delaroche consagrou-se aos assumptos historicos. — Daumier, caricaturista, ridiculizou os typos e os costumes do governo de Luis Philippe.

Na Baviera as artes tiveram um grande protector na pessoa de Luis I. MUNICH tornou-se uma capital artistica; construíram-se a Velha e a Nova Pinacotheca. Os pintores allemães, como por ex. CORNÉLIUS, imitando os artistas italianos, no desenho, inspiravam-se principalmente nos assumptos medievaes.

Paisagistas, Turner e Constable adquiriram justa fama na Inglaterra.

O *preraphaelismo*, que surgiu pelo meado do seculo, foi uma reacção contra a imitação dos autores italianos, mormente Raphael. Os preraphaelistas pretendiam reproduzir fielmente a realidade, indo a sua preocupação a ponto de não esquecerem insignificantes minucias em seus quadros. Entre elles destacou-se BURNE JONES.

O *realismo*, na França, também influiu sobre a pintura. Os artistas preferiram, entre os diversos generos, a paisagem e os retratos. Taes entre outros, COROT e MILET, paisagistas.

Entre os impressionistas, preocupados sobretudo em traduzir as proprias impressões, salientou-se MANET.

Alheio a qualquer escola, Puvis de Chavannes deixou, entre outros quadros, a Vida de Santa Genoveva (Pantheon).

Musica. “Seculo da electricidade”, “seculo da sciencia”, o XIX foi também o “seculo da musica”.

Allemaes e Italianos galhardamente disputaram a palma em magnifico duello de harmonias: Beethóven, autor de sonatas e symphonias; Wéber, Mendélsohn, Meyerbeer, Schumann e Wágner (Tanhäuser, Lohengrin); — Rossini e Verdi (Traviata, Rigoletto, Aída), são todos nomes de fama universal.

Nem se pode esquecer Schúbert, austriaco, e, em França, Berlioz e Gounod.

Os autores italianos dominaram durante o periodo de maior influencia romantica. A musica alleman, a principio desprezada ou atacada, conquistou modernamente as sympathias do publico em grandes centros artiscos. Muitos a consideram mais rica, mais profunda que a italiana.

Wágner operou com suas composições mais celebres verdadeira revolução musical, cuja influencia se estendeu a todos os paises cultos, não obstante as polemicas a que o seu systema deu logar. Rompendo completamente com as tradições, Wágner ideou *dramas musicaes*, de originalidade notavel, e de perfeita unidade, em que buscou a intima ligação das palavras e da musica, a absoluta exactidão na expressão dramatica, dando á orchestra um poder que ainda não fóra conhecido. Recebidas com vaias pelos Parisienses (em 1861) as representações do Tannhäuser, Wágner encontrou um protector em Luis II da Baviera

e mais tarde, em seu theatro modelo de BAYREUTH, teve applausos e homenagens de representantes de toda a Europa.

Architectura. O romantismo contribuiu para que saíssem do olvido as obras medievaes até então injustamente desprezadas. O estylo gothico foi rehabilitado, e na Allemanha e na França restauraram-se varios monumentos.

Mas a architectura não teve, no seculo XIX, um estylo propriamente original. As tradições classicas, apesar de tudo, dominaram. Nos Estados Unidos elevaram-se construcções gigantescas (*skyscrapers*) mas sem belleza artistica. A applicação do ferro entre os materiaes de construção permittiu erguerem-se monumentos de consideravel altura e de aspecto pesado.

IX

A América nos seculos XIX e XX.

Emancipação das colonias. As colonias da América espanhola, no principio do seculo XIX, formavam quatro grandes vice-reinados: México ou Nova-Espanha, Nova Granada, Peru e Rio da Prata. Animados pelo exemplo da independencia dos Estados Unidos, sob a influencia das idéas dos philosophos francêses e queixosos da má administração da metropole, os colonos aproveitaram a invasão francesa na Espanha e revoltaram-se. Allegavam querer conservar-se fieis a Fernando VII; na verdade lutavam pela independencia.

No México, em 1810, Hidalgo sublevou os patriotas, mas foi vencido e morto. Igual sorte teve Morelos (1812). Após o ephemero reinado de Iturbide (22-23) o México formou uma republica independente, á imitação dos Estados Unidos. Napoleão III, em 1864, pretendeu formar no

México uma monarchia, collocando no throno o principe Maximiliano da Austria. Mas os patriotas resistiram, ás ordens de Juarez, e Maximiliano foi vencido e morto (67).

A Colombia revoltou-se em 1811. Bolívar, o Libertador, com suas victorias conseguiu a formação da republica de Colombia (19), que por morte do heroe se fraccionou em tres (Ecuador, Nova Granada, Venezuela).



Bolívar

O Congresso de Tucuman (1816), proclamou a independencia das provincias do Prata. O Uruguay, ou Banda Oriental, annexado ao Brasil algum tempo, revoltou-se (25), e declarou-se republica independente em 1828.

O Chile revoltou-se em 1810, sem resultado. San Martin em 1817 o libertou pelas victorias de Chacabuco e Maypu. A batalha de Ayacucho (24) ganha por Sucre assegurou a independencia do Peru e do Alto-Peru, que se erigiu em republica da Bolivia.

A guerra do Pacifico (1879-1883) entre o Chile e o Peru alliado á Bolivia, fez que estes ultimos perdessem os districtos de Tarapaca, Tacna e Antofagasta. Ficou a Bolivia sem porto no Pacifico.

O Brasil. D. João VI, fugindo á invasão franceza, buscára refugio na América. Seu primeiro acto ao chegar ao Brasil foi a abertura dos portos ás nações amigas (1808). Elevado a reino em 1815, o Brasil tornou-se independente em 1822. A retirada de D. João VI para Portugal, e a má politica das côrtes de Lisboa, pretendendo retirar ao nosso país todos os beneficios e reduzi-lo de novo a mera colonia, apressaram o grito do Ypiranga. O principe regente foi acclamado imperador com o titulo de Pedro I; e, vencido o general Madeira na Bahia, a guerra da independencia foi facilmente concluida.

A' vista de suas pretensões exaggeradas. D. Pedro dissolveu a Constituinte, sendo a Constituição elaborada por uma Commissão de dez membros.

Não faltaram perturbações, mormente durante a regencia que se seguiu á abdicação de D. Pedro I (31-40). As revoltas multiplicaram-se em varias provincias.

Com o advento de Pedro II começou um longo periodo de grande progresso, apesar das lutas que o Brasil sustentou. A principal foi a guerra contra o Paraguay (1864-1870). Tendo Francisco Solano Lopez, dictador paraguayo, aprisionado o vapor brasileiro *Marquês de Olinda* e invadido Matto Grosso e Rio Grande do Sul, o Brasil, alliado ao Uruguay e á Argentina (cujo territorio Lopez tambem violára), sustentou uma luta heroica de parte a parte. As principaes batalhas foram: Riachuelo (11 de Junho de 65), ganha pelo almirante Barroso, e a passagem de Humaytá (19 de Fevereiro de 68). Depois das victorias de Tuyuty, Itororó, Avahy, etc., entraram os Brasileiros em Assumpção (Janeiro de 69). Lopez morreu em Cerro Corá, a 1 de Março de 70. Ahi propriamente findou a guerra, em que se distinguiram os generaes brasileiros CAXIAS e OSORIO, além de outros. Seguiu-se-lhe um periodo de profunda paz, sendo abolida (1888) a escravidão.

A 15 de Novembro de 1889 foi proclamada a Republica Federativa, e a 24 de Fevereiro de 1891 foi promulgada a Constituição vigente.

Durante a Republica o desenvolvimento do Brasil tem sido cada vez mais rapido, não obstante algumas lutas civis nos primeiros annos do novo regimen. Resolveram-se por arbitramento as questões de limites, graças sobretudo ao BARÃO DO RIO BRANCO. Em 1905 foi creado o primeiro cardeal da América do Sul, sendo escolhido o Arcebispo do Rio de Janeiro. Em 1907 o Brasil recebeu convite para tomar parte na conferencia da Paz em Haya, e ahi fulgurou o talento do nosso embaixador Ruy Barbosa.

Em 1917, após o torpedeamento de alguns de seus navios mercantes por submarinos allemães, o Brasil foi compelido a entrar na guerra contra a Allemanha.

Estados Unidos. Quando em 1776 foi declarada independente, a republica da América do Norte contava só 13 Estados; a população constava apenas de uns 4 milhões de habitantes. Hoje contam-se 48 Estados e 5 territorios, com 100 milhões de habitantes. O Texas foi incorporado em 1845; a California em 1850. O Alaska foi comprado em 1867 á Russia. O descobrimento das minas e a immigração contribuíram para que a população augmentasse rapidamente.

Pela extensão dos caminhos de ferro, ligando pontos extremos da União (uns 400.000 kilometros, mais que toda a Europa), pelo desenvolvimento da industria metallurgica, pelo commercio exterior, pelas grandes e audazes empresas, os Estados Unidos figuram entre as principaes potencias do globo.

O presidente James Monroe declarou em mensagem ao Congresso, em 1823, que qualquer tentativa de uma nação européa para intervir na politica do continente americano seria considerado acto de hostilidade. A doutrina de Monroe, — a América para os Americanos, — tem tido varias applicações nos ultimos annos. A ella se prende o PAN-AMERICANISMO, manifestado em diversos congressos das nações do Novo Mundo.

Guerra de secessão. Os Estados do Norte, manufactureiros, eram abolicionistas; os do Sul, agricolas e partidarios da escravidão. Dos dois grandes partidos politicos dos Estados Unidos — o republicano e o democrata — este era escravagista, aquelle favoravel á abolição. Em 1860 os republicanos elegeram á presidencia Abrahão Lincoln; a Carolina do Sul, o Mississippi, a Florida, o Alabama, a Georgia, a

Luisiania, o Texas, o Tennessee, o Arkansas insurgiram-se, formaram um congresso em Montgomery (no Alabama), escolheram para presidente Jefferson Davis e fixaram sua capital em Richmond, na Virginia.

A guerra durou quatro annos. A principio os Estados do Sul, SEPARATISTAS, SECESSIONISTAS OU CONFEDERADOS, dispondo de habéis officiaes, tiveram vantagens em relação aos FEDERADOS, isto é, aos do norte, sem exercito regular, mas em compensação possuidores de formidavel esquadra. Lincoln, reeleito em Novembro



Lincoln

de 1864, foi assassinado; mas as victorias de Grant e Sherman contra Lee obrigaram este a capitular, cahindo Richmond em poder dos federaes, que lograram aprisionar Jefferson Davis. A victoria do norte garantiu o triumpho da abolição.

Guerra espano-americana (1898).

Desde muito lutavam os Cubanos por sua independencia. Em 1895 rebentou nova e terrivel insurreição. A Espanha em dois annos enviou duzentos mil homens para submeter os Cubanos. Mas em 1898 os Estados Unidos, sob a presidencia de Mac Kinley, reconheceram Cuba independente. Seguiu-se logo uma guerra infelicissima para os Espanhoes, cuja esquadra foi destruida em CAVITE e SANTIAGO. O tratado de Paris — Dezembro de 1898 — reconheceu a independencia cubana e cedeu aos Estados Unidos Porto Rico e as Philippinas.

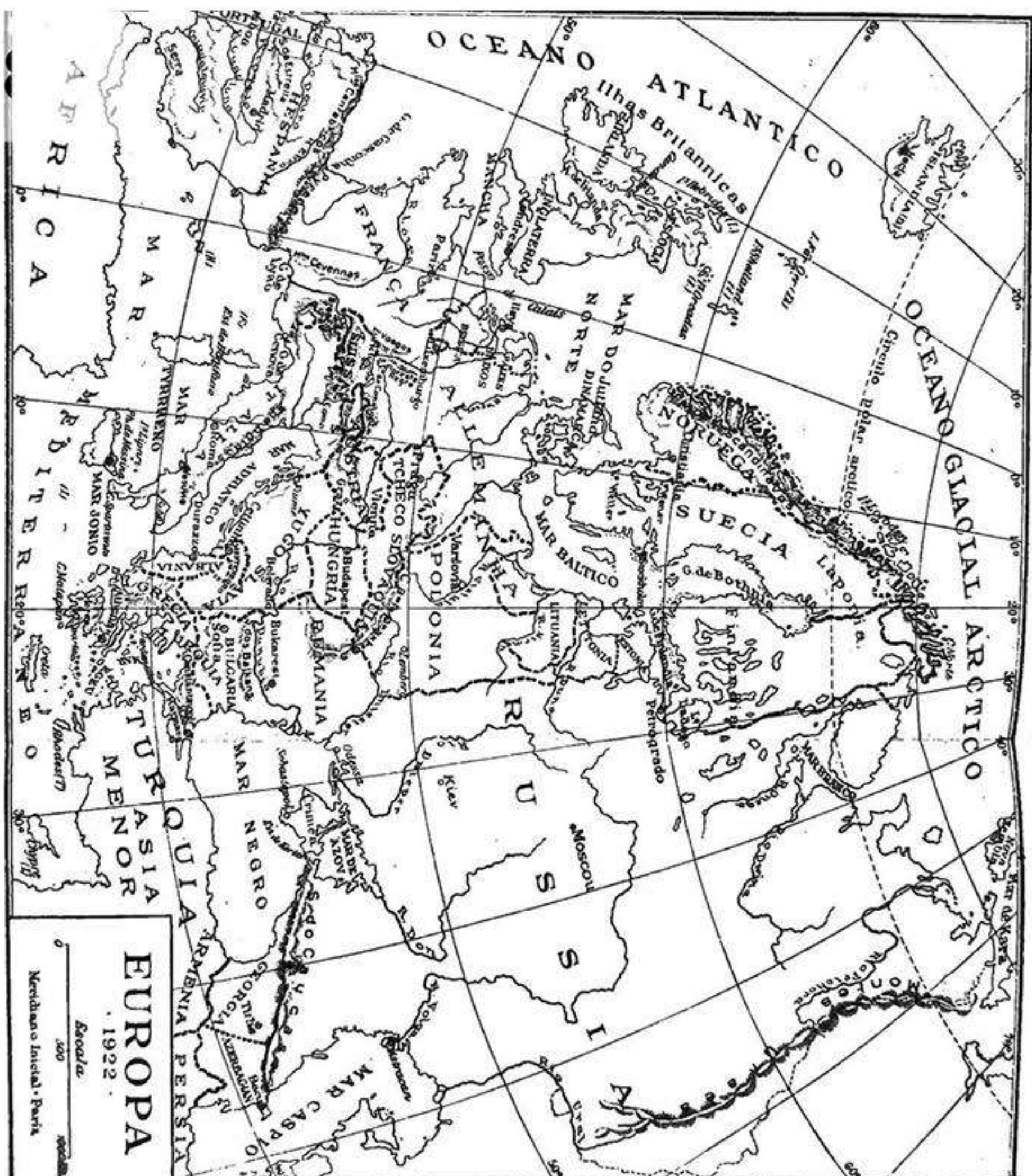
Desde muito lutavam os Cubanos por sua independencia. Em 1895 reben-

A guerra contra a Allemanha. Não foi possível que os Estados Unidos ficassem indifferentes ao conflicto europeu. Tendo proposto, a principio, a paz aos belligerantes e suggerido a idéa de uma liga das nações para evitar a repetição das lutas e garantir a liberdade e o direito dos povos (Dezembro de 1916) o presidente Wilson foi levado pouco depois a declarar guerra a Allemanha, quando esta annunciou a sua intenção, logo confirmada por factos, de desenvolver a campanha submarina sem restricções. A entrada dos Estados Unidos na guerra, em 1917, veio apressar a terminação da luta e a victoria dos Alliados.

X

A Europa nos ultimos annos do seculo XIX e primordios do XX.

A França. Victoriosa da luta contra a communa, a Assembléa nacional empreendeu a reorganização do país, mas desejando restabelecer a monarchia levou Thiers a demittir-se, sendo substituido por Mac Mahon (73-79). Os escrúpulos do conde de Chambord (filho do duque de Berry, assassinado em 1820 por Louvel), o qual não quis sacrificar á bandeira tricolor a bandeira branca, symbolo da realleza, não permittiram que voltasse a monarchia sob o governo de Henrique V, titulo que o mesmo conde de Chambord assumira desde 1843. Em 1875 uma constituição republicana era votada e em 79 Jules Grévy era eleito presidente, sendo reeleito em 85. Em 87 demittiu-se, tendo por successores: Sadi Carnot, assassinado em 94 em Lyão pelo anarchista italiano Caserio; Casimir Périer (94-95), Felix Faure (95-99), Emile Loubet (99-1906), Armand Fallières (1906-1913) e Raymond Poincaré, eleito



em Janeiro de 1913 e em cuja presidencia rebentou a conflagração europeia (Agosto 1914).

Inglaterra. Em 1837 falleceu Guilherme IV e subiu ao throno inglês a sua joven sobrinha, VICTORIA, que apenas contava 18 annos de idade. Longo e prospero ia ser o seu governo (1837-1901). Separaram-se, entretanto, as corôas inglesa e hanovriana, visto não admittir o Hanovre a successão monarchica em linha feminina. Em 1876 Victoria foi proclamada imperatriz da India. Propriamente quem governa, no regimen parlamentar, são os ministros, dependentes das Camaras, a dos LORDS e a dos COMMUNS. Eminentes estadistas occuparam então o poder: lord Russell, Disraeli, Gladstone. A reforma eleitoral, começada em 1832, foi completada em 1884 por Gladstone, chefe dos WHIGS ou liberaes, accrescentando mais dois milhões de eleitores aos antigos.

Or Irlandeses, catholicos e de origem celtica, ha muito opprimidos, começaram a lutar pela sua autonomia. A propaganda começada por Daniel O' Connell (que falleceu em 1847) foi ganhando vulto; em 57 organizou-se a sociedade secreta FRATERNIDADE FENIANA; dez annos depois rebentava uma insurreição, sendo presos, condemnados e executados muitos Irlandeses. Em 70 fundou-se em Dublin a liga do HOME-RULE. Gladstone, em 1886, e de novo em 1892, tentou fazer approvar projectos de autonomia para a Irlanda, mas foram rejeitados. Afinal, no ministerio liberal de Asquith, a autonomia foi approvada, mas sua execução adiada. Contrariamente ás previsões pessimistas de muitos, e não obstante alguns movimentos sediciosos logo suffocados, todo o Reino Unido se conservou coheso durante a guerra contra a Allemanha, declarada em Agosto de 1914.

Pouco antes da grande conflagração a Inglaterra começára a ser agitada por movimentos SUFFRAGISTAS, reclamando o direito de voto para as mulheres. A cooperação

da mulher na guerra, e as novas condições creadas pela extraordinaria luta vieram modificar os aspectos do problema e não é facil prever exactamente o que se vai passar depois de restabelecida a paz.

Allemanha. A unificação allemã foi resultante das guerras victoriosas contra a Austria e a França. Em 1871 era solennemente proclamado em Versalhes o imperio allemão, obra de Guilherme I, Moltke e Bismarck. Para garantir-se de qualquer tentativa de desforra por parte da França, a Allemanha uniu-se á Italia e á Austria na Triplice Alliança (1882). Por seu lado a França approximava-se da Russia. A Guilherme I succedeu, em reinado ephemero, Frederico III. Seu successor, Guilherme II, fiel ás tradições militares e conquistadoras da Prussia, declarando guerra á Russia e á França em Agosto de 1914, deu começo á conflagração geral.

Durante os ultimos tempos a Allemanha realizara um progresso admiravel no commercio, nas industrias, na colonização, no cultivo das sciencias. Após a violenta perseguição do KULTURKAMPF (1873-1880) os catholicos unidos e disciplinados organizaram-se em um partido forte, o do Centro, e graças a Windthorst e Ketteler desenvolveram obras sociaes de grande alcance. Tudo promettia á Allemanha um futuro grandioso, quiçá o dominio economico do globo, nas vespervas da guerra fatal de 1914.

Itália. Humberto I, successor de Victor Emmanuel II (1878), firmou com a Austria e Allemanha a Triplice Alliança (1882). Em 1895 tentou conquistar a Abyssinia, extendendo os dominios da Erythrea. Mal preparada, a invasão resultou no desastre de Adoua (1896). Victima do anarchista Bresci, morreu Humberto I em 1900, succedendo-lhe Victor Emmanuel III, que se approximou pouco a pouco da França. Em 1914, a Italia resolveu ficar neutra na guerra, apesar de alliada da Austria e

da Allemanha; em Abril de 1915 declarava guerra á Austria. Aliás o partido IRREDENTISTA de ha muito aspirava libertar do jugo austriaco Trieste e o Trentino, de accordo com o principio das nacionalidades.

Espanha e Portugal. Na Espanha a revolução de 1868 expulsou do throno Isabel II. A corôa foi offerecida a varios principes estrangeiros, entre os quaes Leopoldo de Hohenzollern, que tambem a rejeitou; mas dessa candidatura saiu a guerra franco-prussiana. Amadeu de Saboia acceitou a coroa, para logo abdicar (70-73). Seguiu-se uma republica ephemera, e em Dezembro de 74 o PRONUNCIAMIENTO de Sagunto pôs no throno o filho de Isabel II, Affonso XII (74-85). Em 76 findou a 2.^a guerra carlista, começada em 72. Na regencia de Maria Christina, mãe de Affonso XIII, estabeleceu-se o suffragio universal (1890) e deu-se a desastrosa guerra contra os Estados Unidos, de que resultou a perda de Cuba, Porto Rico e Philippinas (98). Em 1902 Affonso XIII foi declarado maior.

Em Portugal o partido republicano já tentára, em 1891, uma revolução no Porto. Após o assassinio de D. Carlos I e o reinado de D. Manuel II, foi proclamada a republica em 5 de Outubro de 1910. Em 1916 Portugal entrava na guerra contra a Allemanha.

Outros Países europeus. A Belgica progrediu grandemente no seculo XIX. O partido catholico dominou desde as eleições de 1884. Em 1893 foi estabelecido o suffragio universal.

Declarado país neutro pelos tratados de 1815 e 1832, a Belgica foi apesar disso invadida pela Allemanha em Agosto de 1914, martyrizada e em parte destruida, sem jamais perder a coragem e a confiança na victoria final do seu direito violado.

A Hollanda, adoptado o suffragio universal em 1895,

tem gozado de paz no reinado de Guilhermina, proclamada rainha em 1898.

A Noruega separou-se da Suecia em 1905.

Na Russia Alexandre II aboliu a servidão (61) mas caiu victima de uma bomba em 81. Nicolau II, successor de Alexandre III, após os desastres da guerra russo-japonesa instituiu, em Agosto de 1905, uma assembléa legislativa, a DUMA.

Os Países balkanicos **Guerra turco-russa.**

A QUESTÃO DO ORIENTE reabriu-se após a guerra franco-prussiana, visto a Russia não desistir de suas ambições nos Balkans e da idéa de reunir todas as nações eslavas sob a sua direcção (PANSLAVISMO). A Turquia, mal governada por Abd-ul-Aziz (1861-76) excitou contra si a Servia e o Montenegro. Os Turcos venceram a principio, mas a Russia interveiu (77) e a guerra assumiu grandes proporções. Apesar da heroica resistencia de Osman Pachá em Plewna (Outubro a Dezembro de 77), a cidade capitulou afinal. Os Russos marcharam rapidamente e em Janeiro de 78 chegaram a vista de Constantinopla. A Turquia assignou o tratado de S. Stefano, modificado pelo Congresso de Berlim (Julho, 78) que limitou as ambições da Russia; mas de facto desmembrou a Turquia. Emanciparam-se os tres principados da Romenia (reino em 81), da Servia (reino em 82), da Bulgaria e do Montenegro (reinos em 1908).

A GUERRA TURCO-HELLENICA, que durou apenas um mês (Abril-Maio de 1897), após as victorias successivas dos Turcos em Larissa, Pharsalia e Domokos, obrigou a Grécia a pedir paz e Creta foi erigida em principado autonomo. Em Maio de 1913, pelo tratado de Londres, após a guerra turco-balkanica, a ilha ficou pertencendo aos Gregos.

Guerra italo-turca.

Havia muito que a Itália aspirava à posse da Tripolitania. Em Setembro de 1911, depois da entrega de um protesto energico

contra o fanatismo dos Muçulmanos que punha em grave risco a colonia italiana em Tripoli, resolveu occupar militarmente a Cyrenaica. Em Outubro já Tripoli era bombardeada, assim como outros portos da costa. A esquadra turca era incapaz de impedir a acção das forças italianas. Em Novembro a Itália annunciava a annexação da Tripolitania. A Turquia protestou, seguiu-se curta guerra e após alguns combates fazia-se a paz, ficando a Itália de posse da região ambicionada (1912).

A conflagração balkanica. Aproveitando-se dessas dificuldades, os Christãos da península dos Balkans, oprimidos cruelmente pelos Turcos, revoltaram-se. Em Outubro de 1912 o Montenegro declarou guerra á Turquia, que em poucos dias rompia relações com os outros pequenos estados da península. Os Bulgaros, mais fortes e numerosos, venceram em Kirk-Kilisse; os Servios dois dias depois tomavam Uskub e em Novembro Monastir; pouco antes os Gregos occupavam Salonica. No fim de Novembro a Turquia assignava armistício com a Bulgaria, a Servia e o Montenegro. A Grécia recusou-se. A luta recommçou em Fevereiro de 1913 e em Março caía Andrinopla, e pouco depois Janina e Scutari. A Turquia acceitou a paz no tratado de Londres (Maio de 1913). Mas outra luta ia rebentar entre os alliados; a Bulgaria, orgulhosa, attribuindo a si todas as victorias, não quis entrar em accordo com a Servia e invadiu-a, em Julho. Apoiados pelo Montenegro e pela Grecia, os Servios derrotaram fulminantemente aos Bulgaros, em tres dias. A Romenia e a Turquia por sua vez invadiram a Bulgaria. Em Agosto assignou-se o tratado de Bucarest, que redistribuiu o territorio balkanico e creou o ephemero reino da Albania, logo destruido pela grande conflagração de 1914.

SEculo XIX

Principaes ministros: RICHELIEU, VILLELE, MAR-
 TIGNAC, POLIGNAC.
 Protege a agricultura, o commercio, a industria,
 as sciencias e as letras.
 Faz intervir a França na Espanha (1823) e
 figurar nas expedições da Grécia (1827) e de
 Argel (1830).

O governo
 da Restauração
 em França
 com Luis XVIII (1815-1824).
 e CARLOS X (1824-1830).

REVOLUÇÃO DE JULHO (1830).

Tem por principaes ministros MOLÉ e GUIZOT.
 Conquista da Argélia.
 E' tirado do throno pela Revolução de Feve-
 reiro (1848).

Luis PHILIPPE DE ORLÉANS
 (1830-1840).

2.^a REPUBLICA FRANCESA (1848-1852).

Toma parte nas guerras da CRIMÉA (1855-1856).
 Envia uma expedição ao MÉXICO (1862-1865).
 Luta contra a Allemanha (guerra franco-prus-
 siana); é aprisionado em SEDAN (1870).

NAPOLEÃO III, imperador
 (1852-1870).

Governo da *Defesa Nacional*. — Invasão da França (1870-1871).

3.^a REPUBLICA FRANCESA (1871)

FRANÇA.....

Guerras { **ALLEMANHA** . . .

A Prússia forma, por meio de guerras, a unidade alleman

{ **GUILHERME I.**
BISMARCK.
MOLTKE.

contra a Dinamarca (Schleswig-Holstein) 1864.

contra a Austria (batalha de Sadowa) 1866.

contra a França (que perde a Alsácia e parte da Lorena) 1870-1871.

Desenvolvimento do commercio e das colonias.

O Piemonte funda a unidade da peninsula (1859-1870).

{ **CAVOUR.**
GARIBALDI.
VICTOR MANUEL.

Roma é tomada violentamente ao Papado.

{ Pío IX reduzido ao palacio do

Vaticano.

{ **LEÃO XIII** successor glorioso
de Pío IX.

A Bélgica, em 1815 unida á Hollanda, separa-se della (1830).

Na Espanha o advento de Isabel II provoca a guerra carlista (1833-1839).

Luctando contra os Estados Unidos (1899), vem a perder Cuba, Porto Rico e as Philippinas.

A Inglaterra desenvolve cada vez mais seu imperlo colonial e prospera sob o longo reinado de VICTORIA (1837-1901).

A Austria, pelas guerras de 1852 e 1866, perde as suas possessões na Itália.

Na Rússia, Alexandre II liberta os servos (1861). Os Russos lutam contra a Turquia (1878).

A Turquia, pouco a pouco, é obrigada a reconhecer a independencia dos varios países da peninsula dos Balkans.

Outros países
da
Europa

SEculo XIX

(Continuação)

AMÉRICA

HIDALGO e MORELOS sublevam o México (1810-1813).
 BOLIVAR luta pela independencia da Colômbia e de varias outras nações sul-americanas, que tenta em vão reunir.
 A independencia da Republica Argentina é assegurada pelo Congresso de Tucuman (1816).
 O Uruguay, como *Provincia Cisplatina*, fica unido ao Brasil durante algum tempo (1821-1825).
 ITURBIDE, no México, é aclamado imperador (1822), depois abdica; mais tarde é morto (1824).
 Torna-se independente com PEDRO I (7 de Setembro de 1822).
 O Brasil (1822-1889) } Abdicação de PEDRO I (1831). — Regencia (1831-1840). — PEDRO II (1840-1889).
 Guerra contra o Paraguay (1864-1870). — Abolição (1888). — Republica (1889).
 Nos Estados Unidos a abolição dos escravos provoca a terrivel guerra separatista do Norte contra o Sul, ou *guerra de secessão* (1861-1865).
 MAXIMILIANO, no México, é deposto e fuzilado em Querétaro (1867).

ALGUMAS INVENÇÕES DO SEculo XIX

1800. — LEBON applica o gaz á iluminação
 1808. — FULTON ensaia os barcos a vapor.
 1819. — O primeiro vapor atravessa o Atlantico.
 1830. — A primeira via ferrea une Liverpool e Manchester
 1837. — WHEATSTONE inventa o telegrapho electrico.
 1839. — DAGUERRE inventa a photographia.
 1858. — DUPUY DE LOME intoduz os navios couraçados.
 1866. — NOBEL descobre a dynamite.
 1877. — GRAHAM BELL aperfeiçoa o telephonio.
 1878. — EDISON inventa o phonographo.
 1880. — Em Berlin circulam bondes electricos.
 1881. — PASTEUR vaccina contra a hydrophobia.
 1888. — HERZ descobre as ondas electricas.
 1896. — ROENTGEN descobre os raios X.
 1897. — MARCONI inventa o telegrapho sem fio.

XI

*Africa, Asia e Oceania***Expansão colonial.****A Africa.**

O desejo de expansão colonial, consequencia do grande desenvolvimento commercial e da necessidade de dar saída aos variados productos da industria, — o IMPERIALISMO — é um dos traços característicos da politica internacional contemporanea.

No ultimo quartel do seculo XIX as terras africanas ainda não exploradas foram objecto de ambição de diversas potencias. O governo de Luis Philippe acabára a conquista da Argelia, iniciada no reinado de Carlos X. Após a guerra franco-prussiana, que por algum tempo paralysoou o desenvolvimento colonial da França, estabeleceu-se o protectorado francês na Tunisia (81-83); foi conquistado o Congo, occupada grande porção do oeste africano.

A Allemanha e a Inglaterra pouco a pouco foram augmentando suas conquistas. A Africa Austral (Cabo, Transvaal, Orange), principalmente após a guerra contra os Boers (1899-1900) passou toda para o dominio da Inglaterra, hoje a primeira potencia colonial do mundo. Constituído o imperio, a Allemanha começou a engrandecer-se tambem por suas colonias, tornando-se na Africa rival da Inglaterra e da França.

Missionarios e exploradores, durante o seculo XIX, procuraram desvendar os segredos do interior africano. As viagens de Livingstone e Stanley resolveram o problema da travessia da Africa.

A abertura do Canal de Suez, por Lesseps (69) pôs em comunicação o Mediterraneo e o mar Vermelho, abrindo novo caminho para o Oriente.

Actualmente já varias regiões mineiras e cidades do interior se acham ligadas ao littoral por estradas de ferro. O telegrapho estende-se do Nilo ao Cabo da Boa Esperança. Nem muito longe está o dia em que enfim poderá ser facilmente percorrido em todos os sentidos o continente negro.

Guerra do Transvaal.
(1899-1900).

Começou a discordia em 1898, por pretenderem os Ingêleses habitantes da região das minas transvaalianas gozar de direitos politicos identicos aos dos naturaes do país, desde que ahi residissem por cinco annos. Krüger, presidente do Transvaal, vendo reforçadas as guarnições britannicas do Cabo e de Natal, mandou um ultimatum á Inglaterra, que não respondeu. Transvaalianos e Orangistas, declarada a guerra, assediaram Kimberley, Mafeking e Ladysmith.. Derrotados a principio, os Ingêleses deram o commando das operações a lord Roberts, já celebre na India e Afghanistan. Kitchener o auxiliava. Os BOERS começaram a perder terreno; Cronje, um dos seus chefes, foi obrigado a render-se, e afinal a capital do Orange foi occupada. Victoriosos, os Ingêleses annexaram o Transvaal e Orange ás suas possessões da Africa Austral.

Asia. No principio do seculo XIX a Companhia inglêsa das Indias dominava já o Indostão; e, vencidos os Mahratas, os Ingêleses submeteram afinal todo o Dekkan. Em 1833 passou a Companhia a ficar sujeita directamente ao governo. A revolta dos soldados indigenas, CIPAIOS (57-59), deu em resultado, depois de horrivel morticínio, a supressão da Companhia, passando o governo da India para a corôa da Inglaterra.

No Afghanistan, Inglêses e Russos vêem seus desejos de expansão encontrar-se e a fronteira scientifica, cedida aos Inglêses, é barreira natural contra qualquer tentativa moscovita a respeito da India.

A Russia, pela construcção do Transiberiano, unindo Moskow a Vladivostock, através da Siberia e Mandchuria (o maior caminho de ferro do mundo), tentou chegar ao Extremo Oriente, apoderando-se da Coréa. Mas o Japão, que já começara a revelar-se estado forte e de tendencias progressistas na guerra contra a China (94-95), aspirando tambem á expansão commercial e á hegemonia politica, oppôs-se ás pretensões russas. O desenvolvimento do Japão nos ultimos 30 annos, adoptando as idéas e os costumes europeus, é acontecimento de extraordinaria importancia na politica internacional. E' uma grande potencia que surge na Asia, e com a propria Inglaterra assignou um tratado de alliança.

Guerra russo-Japonesa (1904-1905).

A ambição russa collidiu com a japonesa. Embora o Japão se tivesse compromettido a manter a integridade da China, augmentava formidavelmente o seu poder militar, e contava, desde 1902, com a alliança inglesa. A Russia não queria retirar suas tropas da Mandchuria e procurava protrahir diplomaticamente a solução do caso. O Japão antecipou-se: sem prévia declaração, torpedeou a frota russa em Porto Arthur (Fevereiro 1904) e lançou tropas na Coréa. O assedio de Porto Arthur, heroico de parte a parte, durou quasi um anno, e aos Japoneses custou mais de 50.000 homens. Os Russos, mal preparados para a guerra, recuaram de derrota em derrota. A batalha de Mukden (Março 1905) durou quatro dias, com 120.000 perdas nos dois campos inimigos, tendo os Japoneses feito 40.000 prisioneiros. A Russia enviou uma esquadra contra o Japão, que foi destruida em Tsushima (Maio 1905). A paz de Portsmouth, em Setembro, reco-

nheceu ao Japão o protectorado da Coréa, e cedeu-lhe Porto Arthur e parte da ilha Sakhalina.

Oceania. A Australia, a principio destinada a degredo de condemnados inglêses, viu rapidamente augmentar sua população depois do descobrimento das minas auríferas (1851). Na producção de lan tambem é um dos primeiros paizes do mundo. Em 1901 foi inaugurada a Federação (Commonwealth) da Austrália, comprehendendo as cinco colonias da Australia e a Tasmania, cabendo o poder executivo a um governador geral nomeado pela Inglaterra.

Mais ousados na questão do suffragio feminino do que os outros estados, a Australia Meridional, por lei de 1895, concedeu ás mulheres o direito de votar nas eleições parlamentares; a Australia Occidental imitou-a em 1899; os outros estados, successivamente de 1902 a 1907. Em 1902 o Parlamento federal concedeu-lhes elegibilidade para as duas assembléas federaes. Em 1911 ainda não havia mulher alguma deputada ou senadora; mas 431.033 mulheres tomaram parte nas eleições.

A Nova-Zelandia, em 1893, tambem permittiu que as mulheres voltassem nas eleições parlamentares, sem entretanto serem elegiveis.

O suffragio feminino não modificou as forças dos partidos politicos, mas tem exercido benefica influencia moralisadora (1). Graças ao voto das mulheres, a Nova-Zelandia possue efficacissima legislação anti-alcoolica.

(1) *Année Sociale Internationale*, 1911, p. 306.

XII

A Grande Guerra

Causas. Não era propriamente uma surpresa para quantos reflectem no encadeamento dos factos a idéa de uma grande guerra européa, dada a situação da politica internacional e a attitude de certas potencias mais interessadas no resultado da luta. As consequências da guerra franco prussiana, o problema da Alsacia Lorena, a approximação franco-inglesa, a extraordinaria expansão da actividade commercial e colonizadora da Allemanha — ameaça para o dominio inglês nos mares — e, — não obstante as promessas e esperanças dos partidarios do pacifismo e a acção constante das forças moraes do Christianismo, — a preoccupação quasi exclusiva dos governos de só attender aos valores economicos e á concurrencia sem freio para conquista dos mercados — tudo isto explica o tremendo conflicto, de que o assassinio do principe Francisco Fernando, archiduque da Austria e herdeiro do throno, foi apenas o pretexto ou a causa occasional. Ainda assim não ha negar que a guerra assumiu proporções jamais vistas nem supostas e pôs em movimento massas humanas de todas as cinco partes do mundo, attingindo cifras espantosas.



Alberto da Belgica

**Do crime de Sarajevo á
batalha do Marne.**

A 28 de Junho de 1914 eram assassinados Francisco Fernando e sua esposa, em Sarajevo, capital da Bosnia, e a Austria por um *ultimatum* exigia satisfações da Servia.



Guilherme II (o Kaiser)

Um mês depois do attentado, a 28 de Julho, era declarada a guerra entre os dois países. Em Agosto já o conflicto arrastava as grandes potencias: Allemanha. Russia e França. A Inglaterra, que a principio se manifestara no sentido de uma solução diplomatica. á vista da invasão da Belgica — nação neutralizada — pelas forças do exercito allemão, declarou guerra á

Allemanha. A Belgica foi esmagada pela superioridade irresistivel das forças germanicas, não obstante uma defesa épica. Os allemães tomaram e destruíram em grande parte Lovaina e outras localidades da Belgica, logrando entrar em Bruxellas. O norte da França foi tambem invadido e assolado, recuando os franco-ingleses. A ameaça do cerco de Paris obrigou o governo francês a transferir-se para Bordeos. A 6 de Setembro os allemães passavam o Marne. A offensiva dos alliados obrigou porem o inimigo a retirar-se para a linha do Aisne. Paris estava salvo e a guerra ia tomar outro aspecto, mais demorado e mais terrivel ainda — a guerra de trincheiras. O primeiro plano allemão estava prejudicado e a copartição dos ingleses ia dar á luta nos mares um aspecto formidavel e desvantajoso para os imperios contraes.

**Da batalha do Marne
à entrada
dos Estados Unidos
na Guerra.**

combatia com o seu pequeno exercito ao lado dos franco-ingleses. A attitude intrepida do Cardeal Mercier, protestando contra as atrocidades commettidas pelos invasores, dava á causa dos Belgas a sympathia dos proprios neutros. Comtudo os allemães proseguiam em grandes victorias, occupando Antuerpia, Lille, Gand, Ypres, Bruges e Ostende e na batalha naval de Coronel, junto ás costas do Chile, os ingleses perdiam dois cruzadores. Mas pouco depois, em Dezembro, uma victoria naval inglesa junto ás ilhas Malvinas e o regresso do governo francês a Paris indicavam ter melhorado um pouco a situação geral dos alliados.

O anno de 1915 começa com as primeiras complicações creadas pela guerra maritima. Os allemães, comprehendendo a superioridade das forças navaes de Inglaterra e o perigo do bloqueio maritimo, appellam para a campanha submarina. Em Fevereiro os Estados Unidos protestavam contra qualquer damno causado a cidadãos ou navios americanos. Em Abril um accordo franco-italiano punha termo á Triplice Alliança e a Italia, que a principio se declarára neutra, entrava na guerra ao lado dos allia-



Wilson

dos. Entretanto a offensiva russa falhára e os allemães occuparam Varsovia. Em Outubro aggravam-se os dêsastres servios. Em Novembro ha submarinos allemães no Mediterraneo.

O anno de 1916 tambem não começou muito feliz para os alliados, que tiveram de evacuar Gallipoli e deixar que os austriacos occupassem Cettinhe. Em Fevereiro principiou o formidavel ataque allemão a Verdun. Em Março a campanha submarina agrava-se, Portugal entra na luta e ha nova offensiva russa. Wilson, presidente dos Estados Unidos, prevê a ruptura de relações com a Allemanha, si esta não modificar seus processos de fazer a guerra, e projecta pouco depois a Liga das Nações para garantir a paz e a liberdade maritima. Em Maio os ingleses ganham a batalha naval de Jutlandia. Em Julho os allemães conseguem chegar a Baltimore com o submarino *Deutschland*. Em Setembro Londres é atacado por *Zeppelins*. Em Dezembro os allemães tomam Bucarest.

O anno de 1917 iniciou-se com a resolução dos imperios centraes de fazer a guerra submarina sem restricções, para o bloqueio decisivo da França, Inglaterra e Italia. Wilson rompeu com a Allemanha e, pouco depois dos Estados Unidos declararem guerra aos allemães, tambem o Brasil entrou na conflagração, por ter sido torpedeado o *Paraná*.

Da entrada dos Estados Unidos na guerra até á paz de Versalhes.

Em Março a Russia revoltára-se contra o governo de Nicolau II, que abdicou. Seguiu-se um governo provisório e depois um periodo de anarchia. Em Setembro os Allemães occuparam Riga. Em Dezembro entravam os ingleses em Jerusalem.

O anno de 1918 ainda assistiu a grandes offensivas de parte a parte. Wilson, em Janeiro, expôs ao Congresso Americano o seu programma de paz. Em Março a Russia retirou-se da luta; no mesmo mês os allemães bombardeiam

Paris com o canhão de longo alcance e Foch toma o commando supremo dos alliados. Em Maio os allemães alcançam Chateau-Thierry, pondo em perigo Paris. Em Junho os alliados iniciam a grande offensiva pela frente italiana e em Julho na propria França, obrigando os allemães a recuar. Em Setembro a Bulgaria pede paz. No mês seguinte os imperios centraes solicitam um armisticio a Wilson. A 11 de Novembro são acceitas as condições desse armisticio, terminando a Grande Guerra. O Kaiser Guilherme II abdicou, e seguiram-se revoluções na Alemanha e Austria. Em Dezembro a Belgica estava liberta e começavam os preparativos para a conferencia da paz em Versalhes.



Foch

Consequencias. Ainda é cedo para podermos avaliar bem todas as consequencias da Grande Guerra, que estamos todos sentindo até agora. Póde-se comtudo affirmar que com ella começa uma nova phase na historia contemporanea. Ruiram imperios seculares, surgiram estados novos, reconstituiram-se antigas nações; o nacionalismo tomou formidavel intensidade em alguns países; e a medonha experiencia provou que a civilização não consiste apenas no elemento material: sem os valores moraes o mundo recairia no estado barbaro e estaria perdido o proprio patrimonio intellectual da humanidade.

XIII

*Caracteres geraes da civilização contemporanea. —
A evolução humana e a curva da Historia.*

**Caracteres geraes
da civilização contemporanea.**

A civilização material em nossa epoca parece haver attingido os derradeiros limites. Como observa um escriptor francês, só poderá desenvolver-se mais communicando-se a outros países e descendo mais profundamente até ás classes inferiores.

Será licito affirmar o mesmo da civilização moral? Não se pode negar que na sociedade contemporanea ainda existem muitos males, nem desconhecer os pontos difficeis que apresenta em nossos dias a solução do problema social. Em todo caso as idéas democraticas vão-se implantando. Tendem a desaparecer os governos absolutos. O regimen representativo desenvolve-se. Absurdos preconceitos de côr, nascimento e fortuna perdem constantemente terreno. Graças á diplomacia já não têm as relações entre os povos, barbaro character de hostilidade. Os publicistas referem-se á *sociedade internacional*. A evolução do DIREITO DAS GENTES já desperta em alguns espiritos a idéa de sua codificação. Autores ha mesmo que julgam possivel estabelecer-se um tribunal permanente internacional. Sem levar tão longe previsões que o estado actual do mundo ainda não autoriza, cumpre registrar o grande movimento realizado em favor da arbitragem. Cabe, aliás, neste assumpto, brilhante papel ao Brasil. Já se tem podido ver que a arbitragem não é apenas uma idéa: é, tem sido muitas vezes, um facto.

Si as guerras ainda continuam — poderão ellas jamais

desapparecer? — que differença no tratar feridos e prisioneiros! A convenção de Genebra (1864) em favor dos feridos e doentes, foi um grande passo no progresso dos sentimentos humanos.

Tortura e escravidão já se não admittem em países civilizados. E' bem expressiva tambem a evolução do regimen penitenciario e da legislação penal. Por toda parte se multiplicam instituições de caridade, asylos, sanatorios, hospitaes. A instrucção diffunde-se, o commercio e a industria augmentam incessantemente, em varios países desenvolve-se a immigração, graças á facilidade dos multiplos meios de comunicação. A propria conquista do ar já deixou de ser utopia para entrar na categoria dos factos reaes.

Sem ser exaggeradamente optimista, é licito esperar no futuro. A liberdade, a egualdade e a fraternidade proclamadas pelo Evangelho tendem cada vez mais a dominar os espiritos. Apesar de todos os obstaculos, a civilização christan vae sempre effectuando novas conquistas. A propria guerra geral, que em 1914 rebentou na Europa e nos primeiros momentos desorientou alguns espiritos, veio eloquentemente demonstrar que já não é possivel, em nossa epoca, affrontar com arrogancia as grandes conquistas do progresso humano e que, mais cedo ou mais tarde os violadores do direito e da justiça experimentam as tremendas consequencias de seus delictos.

A evolução humana. Assim, a investigação do passado humano é fecunda em lições de alto valor social. Mostra-nos quanto vai do mais graduado dos quadrumanos na escala zoologica ao bipede racional e admiravel, que da inopia das primitivas eras, nos alvares da civilização, chegou, vencendo estadios penosos e longos, da pedra lascada ás maravilhas da electricidade, das habitações lacustres ou dos antros dos troglodytas aos arrojados architectonicos e quasi babelicos dos *sky-scrapers*, da nudez vagabunda em que disputava ás feras o alimento quotidiano até aos requintes do luxo dos grandes centros hodiernos,

às commodidades dos transatlanticos enormes que são cidades fluctuantes, ou dos carros Pullman, que são palacios com rodas. A curiosidade insaciavel deste animal *sui generis* desvendam-se pouco a pouco os incognitos recessos do infinitamente distante e do infinitamente pequeno. Realiza os velhos mythos de Prometheu e de Icaro, rouba o fogo do céu que lhe vem dar luz, calor, meios de transporte e até recursos therapeuticos; vôa mais alto que as aves e, do alto, arremette contra os inimigos, mais feroz e terrivel que os grandes rapaces; penetra o seio dos oceanos; consegue ver através dos corpos opacos, e — sempre insatisfeito — procura cada dia novos instrumentos e armas novas, para conquista de mais dilatados dominios.

Progresso scientifico, artistico, industrial; eis o espectáculo que nos depara a historia. E ainda, não obstante recuos e desfallecimentos, epocas de corrupção e a supervivencia até hoje de injustiças sociaes clamorosas, não ha negar que tambem nos revela a historia as conquistas moraes do homem, a comprehensão cada vez maior de certas idéas superiores, a tendencia mais a mais accentuada para a organização democratica das collectividades, o facto eloquente emfim de provocarem as violações do direito e a oppressão dos fracos pelos fortes um sentimento crescente de repulsa e brados de indignação cada vez mais energicos e, não raro, efficazes. Mostra-nos a historia todas essas grandes lutas idéaes que são apanagio exclusivo do homem, unico animal philosopho e religioso, a quem preoccupam os “enigmas do universo”, os terriveis problemas das origens e dos destinos.

A curva da Historia. Fôra erro affirmar o progresso constante da Humanidade sem desfallecimentos nem recuos, susceptivel de ser posto em equação, resumivel numa formula, representavel graphicamente por uma recta que do ponto inicial avançasse para outro ponto sem inflexões nem sinuosidades. Applicada ao genero humano em seu conjuncto, a falsidade da repre-

sentação salta aos olhos mais myopes, e toda a historia protesta contra esse progresso sem recuos parciaes. Bastaria citar os primeiros seculos da Edade Media e contrapô-los aos de Pericles e Augusto. Para refutar a theoria da linha recta, não seria preciso mais do que aproveitar a parcella de verdade existente nas idéas de Vico e mostrar que a sequencia dos tempos faz passar periodicamente as sociedades por phases de uma evolução circular. Teriamos então o systema das repetições historicas e parece que, a representar schematicamente o caminho percorrido, a melhor e mais exacta das linhas fôra a circumferencia. Tanto vale dizer: o progresso é uma illusão; o homem é attrahido por uma miragem e, ao cabo de enormes desvios, regressa ao ponto de partida.

Mas isto é apparencia e nada mais. Não é um circulo vicioso que o movimento humano desenha: a historia jamais se repete exactamente. A curva representativa da evolução juridica e social não é a circumferencia, é a helice, cujas alternativas symbolizam bem as oscillações da historia e de todo o movimento progressivo, ao passo que sua direcção ascencional lembra a realidade da marcha para a frente e para um plano superior. A. Ch. Boucaud satisfaz a espiral como symbolo graphico da evolução humana. Preferimos, porém, a helice, que melhor corresponde á necessidade de representar isto, que é em summa a affirmacção do progresso: — mesmo quando os factos se dão de tal forma que seriamos tentados a dizer que a historia se está repetindo, não ha propriamente repetição; a curva não passa pelos mesmos pontos de um plano já percorrido: segue lenta, mas constante, a direcção helicoidal, para attingir um plano sempre mais alto

Seculo XX.

- 1901 — Santos Dumont contorna a Torre Eiffel em seu balão dirigível e ganha o premio Deutsch.
- 1902 — As mulheres australianas são consideradas elegíveis para ambas as casas do Parlamento.
Conclusão da estrada de ferro transsiberiana.
- 1903 — Morte de Leão XIII e advento de Pio X.
O Panamá separa-se da Colombia e constitue-se republica independente.
- 1904 — Começa a guerra russo-japonesa.
- 1905 — Batalhas de Mukden (Março) Tsushima (Maio) e Paz de Portsmouth (Setembro); fim da guerra russo-japonesa.
Instituição da DUMA russa.
A Noruega separa-se da Suecia.
Creação do 1.º Cardeal da America Latina.
- 1906 — Santos Dumont vôa de aeroplano, em Paris.
- 1907 — 2.ª Conferencia da Paz em Haya.
- 1908 — Bulgaria e Montenegro elevados a reino.
Revolução liberal ottomana, juramento da Constituição.
- 1909 — Advento de Alberto I da Belgica.
- 1910 — Sobe ao throno Jorge V de Inglaterra.
Proclamação da republica em Portugal.
- 1911 — Amundsen attinge o Polo Sul.
A Italia occupa a Tripolitania.
- 1912 — Morre o Barão do Rio Branco.
A republica é proclamada na China.
Guerra turco-balkanica.

- 1913 — Tratado de Londres (Maio), fim da guerra turco-balkanica.
Tratado de Bucarest, fim da conflagração balkanica.
- 1914 — Morte de Pio X. Advento de Bento XV.
A CONFLAGRAÇÃO EUROPÉA.

A grande guerra.

- 1914 — JUNHO, 28 — Francisco Fernando, archiduque da Austria e herdeiro do throno, é assassinado, juntamente com sua esposa, em Sarajevo, capital da Bosnia.
- JULHO, 24 — Ultimatum da Austria á Servia — 28 — Declaração de guerra.
- AGOSTO — A Allemanha declara guerra á Russia (1) e á França (3) e invade a Belgica. A Inglaterra declara guerra á Allemanha (4). A Austria declara guerra á Russia. — Os Allemães em Lovaina (19) e em Bruxellas (20). — Invasão da França, recuo dos Franco-Inglêses.
- SETEMBRO — O governo francês em Bordéos (3). Os Allemães passam o Marne (6). Offensiva dos Alliados, batalha do Marne, retirada allemã para o Aisne. — Bombardeio da Cathedral de Reims. — Batalha do Yser.
- OUTUBRO — O governo belga no Havre. — Os Allemães occupam Antuerpia, Lille, Gand, Ypres, Bruges e Ostende.
- NOVEMBRO — Batalha naval em Coronel, junto ás costas do Chile. Os Inglêses perdem dois cruzadores.
- DEZEMBRO — Batalha naval das ilhas Malvinas: victoria inglesa. Submarinos allemães nas costas de Inglaterra. — O governo francês regressa a Paris.

1915 — FEVEREIRO — Os Estados Unidos protestam contra qualquer damno causado a cidadãos ou navios norte-americanos.

MARÇO — Bloqueio marítimo da Alemanha pelos Aliados. — Bombardeio dos Dardanellos.

ABRIL — Accordo franco-italiano (fim da Triplíce Alliança).

MAIO — A Itália declara guerra á Austria.

JULHO — Bento XV exhorta á paz os belligerantes.

AGOSTO — Os Russos abandonam Varsovia. A Itália declara guerra á Turquia.

SETEMBRO — Offensiva anglo-franco-belga na Champagne.

OUTUBRO — Inglaterra, França e Itália declaram guerra á Bulgaria. — Desastres servios.

NOVEMBRO — Submarinos allemães no Mediterraneo.

1916 — JANEIRO — Inglêses e Francêses evacuam Gallipoli. — Avanço russo na Gallicia. — Occupação de Cettinhe pelos Austriacos.

FEVEREIRO — Começa o ataque allemão a Verdun (21).

MARÇO — Nova phase da campanha submarina. — A Alemanha declara guerra a Portugal. — Nova offensiva russa.

ABRIL — Os Allemães avançam em Verdun. Os Russos em Trebizonda. — Wilson prevê a ruptura com a Alemanha, si esta persistir nos seus processos deshumanos de fazer a guerra. — Revolta na Irlanda, logo abafada.

MAIO — Wilson projecta a Liga das Nações para garantir a paz e a liberdade dos mares. — Batalha naval da Jutlandia, entre Allemães e Inglêses; estes vencem.

JUNHO — Offensiva russa.—Morte de Kitchener.
JULHO — Offensiva franco-inglesa no Somme.
— O submarino allemão *Deutschland* chega a Baltimore.

AGOSTO — Os Italianos tomam Gorizia. — Batalha naval no mar do Norte, victoria inglesa. — A Romenia em guerra com a Austria; a Allemanha declara-lhe guerra.

SETEMBRO — Victoria inglesa no Somme. — Ataque de *Zeppelins* a Londres.

OUTUBRO — Prosegue a batalha do Somme. — Victorias francesas em Verdun.

NOVEMBRO — Os Allemães invadem a Romenia. Morte de Francisco José da Austria.

DEZEMBRO — Tomada de Bucarest pelos Allemães. — Wilson sugere aos belligerantes a paz e a Liga das Nações.

1917 — JANEIRO — Wilson expõe ao Senado americano um programma das condições da paz futura baseada na justiça. — Os Imperios centraes annunciam o bloqueio da França, Inglaterra e Italia e a guerra submarina sem restricções.

FEVEREIRO — A declaração alleman da guerra submarina provoca a indignação universal. — Wilson rompe com a Allemanha.

MARÇO — Revolução na Russia, abdicação de Nicolau II. — A China rompe com a Allemanha. — Bento XV intervem para que cessem as deportações dos civis belgas para a Allemanha.

ABRIL — Os Estados Unidos declaram guerra á Allemanha (5). — Torpedeamento do Paraná (5), o Brasil rompe relações com a Allemanha (11).

MAIO — O Brasil revoga a sua neutralidade em relação á guerra entre os Estados Unidos e a

Allemanha. — Os Alliados atacam a linha de Hindenburgo.

JUNHO — Governo provisorio na Russia. — Kerensky declara a patria em perigo.

JULHO — Anarchia na Russia: os maximalistas contra Kerensky.

AGOSTO — Exhortação á paz de Bento XV.

SETEMBRO — Os Allemães occupam Riga.

OUTUBRO — O Brasil reconhece e proclama o estado de guerra iniciado pela Allemanha contra o Brasil (26).

DEZEMBRO — Os Ingêleses occupam Jerusalem.

1918 — JANEIRO — Wilson expõe ao Congresso americano suas 14 clausulas de um programma de paz. — A Ukrania firma a paz com os Imperios Centraes.

MARÇO — A Russia assigna a paz de Brest-Litowsk. — Grande offensiva alleman na frente occidental. — Bombardeio de Paris pelo canhão de longo alcance. — Foch chefe supremo dos exercitos alliados.

ABRIL — A esquadra inglesa ataca e obstrue o porto de Zeebrugge.

MAIO — A Romenia assigna a paz de Bucarest. — Os Allemães avançam na direcção de Paris e alcançam Château-Thierry.

JUNHO — Offensiva austriaca na frente italiana.

JULHO — Os Italianos expulsam do Piave aos Austriacos. — Morte de Nicolau II, executado pelos revolucionarios russos. — Começa a grande offensiva dos Alliados em França. (18).

AGOSTO — Os Alliados intervêm na Russia.

SETEMBRO — A Bulgaria pede a paz.

OUTUBRO — Os Imperios Centraes solicitam a Wilson um armisticio.

NOVEMBRO — A Turquia, a Austria e a propria Allemanha acceitam as condições de armisticio

impostas pelos Alliados (11). — Abdicação do Kaiser — Revolução na Allemanha e Austria. DEZEMBRO — Os exercitos alliados occupam varias cidades allemães. — A Belgica liberta. — Preparativos para a Conferencia de paz em Versalhes.

Principaes Chefes de Estado durante o Seculo XIX e principio do Seculo XX.

França

Napoleão, 1.º consul	1799-1804
Napoleão I, imperador	1804-1814
Luis XVIII, 1.ª restauração	1814-1815
Napoleão I	1815
Luis XVIII, 2.ª restauração	1815-1824
Carlos X	1824-1830
Luis Philippe	1830-1848

2.ª REPUBLICA

Luis Napoleão, presidente	1848-1852
Napoleão III, imperador	1852-1870

3.ª REPUBLICA

M. Thiers	1871-73
Mac Mahon	1873-79
Jules Grévy (reeleito)	1879-87
Sadi Carnot	1887-94
Casimir Périer	1894-95
Felix Faure	1895-99
Emile Loubet	1899-1906
Armand Fallières	1906-1913
Raymond Poincaré	1913-1920
Alex. Millerand	1920

Inglaterra

Jorge III	1760-1820
Jorge IV	1820-1830

Guilherme IV.	1830-1837
Victoria.	1837-1901
Eduardo VII	1901-1910
Jorge V	1910

Allemanha (Prussia)

Frederico Guilherme III	1707-1840
Frederico Guilherme IV	1840-1861
Guilherme I, rei	1861-71
Guilherme I, imperador	1871-88
Frederico III	1888-88
Guilherme II	1888-1918

Austria

Francisco I	1806-35
Fernando I.	1835-48
Francisco José	1848-1916
Carlos I	1916-1918

Russia

Alexandre I	1801-25
Nicolau I	1825-55
Alexandre II	1855-81
Alexandre III.	1881-94
Nicolau II	1894-1917

Italia

Victor Emmanuel II	1861-78
Humberto I	1878-1900
Victor Emmanuel III	1900

Belgica

Leopoldo I.	1831-65
Leopoldo II	1865-1909
Alberto I	1909

Hollanda

Guilherme I	1814-40
Guilherme II	1840-49

Guilherme III.	1849-90
Emma, regente	1890-98
Guilhermina	1898

Espanha

Carlos IV	1788-1808
José Bonaparte	1808-1813
Fernando VII.	1813-1833
Isabel II	1833-1868
Republica	1868-1870
Amadeu de Saboia.	1870-1873
Affonso XII	1874-1885
Affonso XIII	1886

Portugal

D. João, regente	1792-1816
D. João VI, rei	1816-26
D. Pedro IV (I no Brasil)	1826-1826
D. Maria II	1826
D. Miguel	1826-1834
D. Maria II	1834-1853
D. Pedro V	1853-61
D. Luis I	1861-89
D. Carlos I	1889-1908
D. Manuel II	1908-1910
Republica	1910

Papas

Pio VII	1800-23
Leão XII	1823-29
Pio VIII	1829-31
Gregorio XVI	1831-46
Pio IX	1846-78
Leão XIII	1878-1903
Pio X	1903-1914
Bento XV	1914-1922
Pio XI	1922

Presidentes dos Estados Unidos

George Washington	1789-1797
John Adams	1797-1801
Thomas Jefferson	1801-1809
James Madison	1809-1817
James Monroe	1817-1825
John Quincy Adams	1825-1829
Andrew Jakson	1829-1837
Martin van Buren	1837-1841
W. H. Harrison	1841-1841
John Tyler	1841-1845
James K. Polk	1845-1849
Zachary Taylor	1849-1850
Millard Fillmore	1850-53
Franklin Pierce	1853-57
James Buchanan	1857-61
Abraham Lincoln	1861-65
Andrew Johnson	1865-69
Ulysses Grant	1867-77
Butherford Hayes	1877-81
James Garfield	1881-81
Chester A. Arthur	1881-85
Grover Cleveland	1885-89
Benjamin Harrison	1889-93
Grover Cleveland	1893-97
William Mac Kinley	1897-1901
Theodoro Roosevelt	1901-09
W. Taft	1909-13
Woodrow Wilson	1913-1921
Warren Harding	1921-1923
Calvin Coolidge	1923

Brasil

Pedro I	1822-31
Regencia	1831-40
Pedro II	1840-1889
Republica	1889

PRESIDENTES

Deodoro da Fonseca, chefe do gov. provisorio	1889-91
Deodoro da Fonseca, presidente	1891
Floriano Peixoto	1891-94
Prudente de Moraes	1894-1898
Campos Salles	1898-1902
Rodrigues Alves	1902-1906
Affonso Penna	1906-1909
Nilo Peçanha	1909-1910
Hermes da Fonseca	1910-1914
Wenceslau Braz	1914-1918
Delfim Moreira (vice-pr.)	1918-1919
Epitacio Pessoa	1919-1922
Arthur da Silva Bernardes	1922-1926

INDICE DOS CAPITULOS

	Pags.
PREFACIO	6
NOTA PRELIMINAR.....	13

INTRODUÇÃO

I — Historia : definição, objecto, importancia, posição no quadro geral das sciencias — Divisão da historia — Fontes historicas — Methodos historicos.....	15
II — Tempos prehistoricos — Antiguidade do homem — Primeiras formas sociaes — Raças humanas — Marcha geral da civilização.....	20

HISTORIA ANTIGA

I

ANTIGUIDADE ORIENTAL

I — Hebreus.....	31
II — Egypcios.....	39
III — Assyrios e Babylonios.....	46
IV — Phenicios.....	53
V — Medo—Persas.....	56
VI — Indús.....	62
VII — Chinêses.....	66

II

ANTIGUIDADE CLASSICA

GRECIA

I — A religião e o povo — Tempos primitivos e tempos heroicos — A religião — Esparta e Athenas	71
II — A arte militar dos Gregos—As colonias — Guerras com os Persas — Guerra do Peloponeso....	83

INDICE DOS CAPITULOS

433

PAGS.

III — Retirada dos Dez Mil — Hegemonia ephemera de Thebas — Philippe da Macedonia — Alexandre e seu imperio.....	93
IV — Vida privada em Athenas — A habitação, a vida familiar, a educação, as refeições, o vestuario..	99
V — Sciencias, letras e artes na Grecia — O seculo de Pericles.....	103

ROMA

I — A Italia primitiva — Fundação de Roma — Successores de Romulo — A religião romana, os deuses, o culto.....	111
II — Progresso da democracia e luta das classes — As magistraturas — Organização da familia....	118
III — Vida privada dos Romanos — A habitação — As refeições — O vestuario — A educação.....	123
IV — Arte militar dos romanos das guerras punicas em deante — A conquista e sua organização — As provincias. Os vencidos e os escravos.....	128
V — As dictaduras populares — Sylla — Cesar — A revolução e as guerras civis — Queda da Republica.....	136
VI — Os Doze Cesares — Instituições imperiaes....	147
VII — O Christianismo — Origens e propagação — Os monges do III seculo.....	159
VIII — O Christianismo — O baixo imperio — Triumpho da Egreja — Organização da Egreja — Os concilios — Hereticos e pagãos.....	165
IX — Letras, artes, sciencias entre os Romanos — Em especial a poesia e a historia — O direito e sua evolução até Justiniano.....	173

HISTORIA DA EDADE-MEDIA

I — Migrações e invasões barbaras — Os Germanos — Costumes primitivos e conversão ao Christianismo.....	183
II — O imperio byzantino no tempo de Justiniano...	188
III — O Islamismo e sua propagação.....	193
IV — Governo dos reis barbaros — Carlos Magno: a unidade imperial e christian no Occidente.....	198
V — Feudalismo.....	205
Historia Universal — J. Serrano	28

VI — A Igreja na Idade-Media — Organização e reformas — Conflictos com o poder temporal — Triumpho da Igreja.....	210
VII — A Igreja na Idade-Media — As heresias, as ordens religiosas, a Inquisição.....	214
VIII — Os Arabes — Civilização — Conquista e influxo no Occidente.....	219
IX — Cruzadas.....	223
X — O seculo XIII — Vida social e politica — Formação da burguesia — A servidão — Progresso da realza.....	232
XI — O seculo XIII—Vida intellectual e artistica — A escolastica, as universidades — A architectura gothica.....	235
XII — Instituições inglesas — A Magna carta—O Jury — O Parlamento.....	241
XIII — O commercio e as cidades medievas—A Hansea — Flandres — Cidades italianas : Genova, Veneza, Milão, Florença — Independencia da Suissa.....	243
XIV — A Igreja nos ultimos seculos da Idade Media — Enfraquecimento do poder pontificio — O captivo de Babilonia—O grande schisma do Occidente.....	250
XV — A arte militar na Idade Media — A guerra dos Cem Annos—A invasão turca.....	254

HISTORIA MODERNA

I — As grandes invenções. A bussola. A pólvora. O papel. A imprensa. Consequencias.....	267
II — Descobrimientos maritimos. Origens, marcha e resultados.....	270
III — Descobrimientos maritimos : em especial o da America — Colonização — O trafico dos negros.....	273
IV — A renascença. Seus caracteres na literatura e nas artes.....	281
V — O absolutismo em França — Luis XI — A nova feudalidade. Os apanagios — Inglaterra : a guerra das Duas Rosas.....	286
VI — Francisco I e Carlos V.....	290
VII — A reforma religiosa — Luthero — As diversas seitas anticatholicas.....	295
VIII — Henrique IV.....	300
IX — Philippe II — Isabel e Maria Stuart.....	304

X — A contra-reforma catholica — Reorganização — Os jesuitas.....	308
XI — O absolutismo em França—Luis XIII e Luis XIV	314
XII — O direito internacional nos tempos modernos. A diplomacia — O equilibrio europeu e os exercitos permanentes—Arte militar dessa epoca	321
XIII — Seculos XVII e XVIII. Sciencias, artes e letras	326
XIV — Formação da constituição inglesa nos seculos XVII e XVIII—O regimen parlamentar.....	332
XV — Luis XV. Frederico e Maria Teresa. Pedro o grande e Carlos XII.....	338
XVI — O movimento de reforma no seculo XVIII. Economistas, philosophos e reformadores. A Encyclopedia	343
XVII — A revolução da independencia americana.....	348

HISTORIA CONTEMPORANEA

I — A Revolução Francêsa — Appreciação geral das origens ; marcha dos successos ; consequencias	353
II — Consulado e Imperio.....	362
III — Governo constitucional na Europa.....	371
IV — A Europa de 48 a 70.....	376
V — A abolição — Os problemas sociaes — O socialismo.....	381
VI — Seculo XIX — A literatura—O romantismo e as novas escolas literarias.....	384
VII — Seculo XIX — As sciencias — As applicações das invenções : vapor, electricidade, etc. — A philosophia.....	388
VIII — Seculo XIX—A arte—Em especial a musica e a pintura.....	391
IX — A America nos seculos XIX e XX.....	393
X — A Europa nos ultimos annos do seculo XIX e primordios do XX.....	398
XI — Africa, Asia e Oceania.....	407
XII — A Grande Guerra.....	411
XIII — Caracteres geraes da civilisação contemporanea — A evolução humana e a curva da historia.....	

INDICE DAS GRAVURAS

	Pags.
A arte prehistorica: renna gravada em um osso.....	20
Machados de silex.....	21
Dolmen em Locmariaquer.....	22
Dolmen em Korconno.....	23
Menhir	24
Moisés	33
O Templo	35
Interior da sala hypostyla do templo de Luqsor.....	40
Cabeça da mumia de Ramsés II.....	42
Hieroglyphos.	43
Soberano assyrio a vasar os olhos dos prisioneiros...	47
Templo chaldeu	49
Escripta cuneiforme.....	51
Moedas phenicias	55
Tumulo de Dario.....	58
Um Templo indú.....	63
Escripta chinêsa	70
Sacrificios	75
Minerva	77
A pythonisa na tripode.....	78
Entrada da Acropole de Athenas.....	79
Athenas antiga.....	80
Athenas e a Acropole (estado actual).....	81
Ephebo armado	83
Trireme atheniense.....	84
Milciades	86
Themistocles	87
Pericles	88
Socrates	94
Chiton dorio.....	101
Trajo feminino do IV seculo.....	101
Eschylo	103
O Parthenon.....	105
Estatueta da epoca homerica.....	107
O primeiro templo de Jupiter Capitolino.....	112
O Tibre e a Cloaca Maxima.....	115

	Pags.
Vestal	116
Lictores	120
Aspecto interior de uma habitação romana	123
Aspecto exterior de uma habitação romana	124
A toga	125
Matrona de "stolla e palla"	125
Trajos de mulheres romanas	126
Soldado romano	129
Annibal	131
Escravo gaulês cavando a terra	132
Cicero	138
Cesar	139
Obras de Cesar no cerco de Alesia	140
Augusto	148
Arco triumphal de Tito	150
O Forum de Pompeia	151
A Via Tumular em Pompeia	152
Uma rua de Pompeia	152
Caricatura de Caracalla	159
Carro de corridas	160
Pintura das catacumbas	161
O Coliseu de Roma	162
A ponte do Gard	164
Estatua de Septímio Severo	166
Gladiador	167
Combate de gladiadores	168
Vergílio	173
Columna Trajana	174
Exterior das arenas de Arles	176
Interior das arenas de Arles	176
Um corredor das arenas de Nîmes	176
Pente, broches, espada, trompa de caça, encontradas na Allemanha em sepulturas do seculo IV	184
Chefe franco	185
Adolescente germanico	186
Moedas dos barbaros	187
Mosaico byzantino	189
Casa byzantina	190
Interior da egreja de Santa Sophia	192
Oliphante enviado a Carlos Magno por Harum-al- Raschid	194
Espada enviada a Carlos Magno por Harum-al- Raschid	195
Copo de vidro arabe	196
Sello de Pepino o Breve	199
Sello de Carlos Magno	200
Carlos Magno	201
Dama nobre da epoca dos carlovingios	202
Nobre da epoca dos carlovingios	202
O castello de Coucy	207
Cavalleiro armado	208

INDICE DAS GRAVURAS

437

	Pags.
Henrique IV em Canossa.....	212
Canossa (estado actual).....	214
Um franciscano.....	216
Estribo arabe.....	220
Cadeado arabe.....	221
Arcadas da mesquita de Cordova.....	222
Pateo dos leões em Alhambra.....	224
Mesquita de Omar em Jerusalem.....	225
Vista de uma rua em Jerusalem.....	226
Cavalleiro de S. João e Templario.....	228
A Egreja do Santo Sepulcro.....	229
Cathedral de S. Pedro em Angoulême.....	239
Cathedral de Amiens.....	240
Lubeck — a Camara Municipal.....	245
Veneza: palacio ducal.....	246
Armadura do tempo de Carlos VII.....	256
Joanna d'Arc.....	258
Janizaro do seculo XV.....	259
Tumulo de Tamerlão.....	260
Caravela do seculo XV.....	271
Vasco da Gama.....	272
Torre de Belem em Lisboa.....	274
Christovam Colombo.....	275
Ceramica peruana.....	277
Arte mexicana.....	277
O Moisés de Miguel Angelo.....	280
Busto de creança por Donatello.....	281
Retrato de Erasmo por Holbein.....	281
Murillo: a Immaculada Conceição.....	282
São Pedro e o Vaticano.....	283
O papa Julio II.....	290
Carlos V.....	292
O Escorial.....	294
Luthero.....	296
Calvino.....	299
Henrique VIII.....	300
Francisco de Lorena, duque de Guise.....	301
Henrique IV.....	302
Catharina de Medicis.....	303
Guilherme de Orange.....	304
Isabel.....	306
S. Ignacio de Loyola.....	309
Richelieu.....	314
Nobre no reinado de Luis XIII.....	315
Burguês no reinado de Luis XIII.....	315
Mazarino.....	316
Luis XIV.....	316
Dama nobre em 1693.....	317
Nobre, em 1693.....	317
Carruagem da corte de Luis XIV.....	319
Gustavo Adolpho.....	322

	Paga.
Navio de guerra do reinado de Luis XIV.....	324
Corneille.	327
Racine	328
Molière	328
Carlos I.....	333
Cromwell	333
Carlos II.....	334
Guilherme de Orange.....	334
William Pitt.....	336
Frederico Guilherme.....	339
Frederico II.....	339
Nobre russo do XVI seculo.....	341
Nobre russo em trajo de cerimonia.....	341
Catharina II.....	343
Montesquieu	344
Estatua de Voltaire.....	344
João Jacques Rousseau.....	345
Franklin	348
Washington	351
Luis XVI.....	354
Mirabeau	355
Danton	356
A Torre do Templo em 1792.....	357
Robespierre	358
Marat	359
Maria Antonietta a caminho do cadafalso.....	360
Napoleão I.....	363
Ney	366
Waterloo	367
Trajos da epoca de Luis Philippe.....	374
Luis Philippe.....	375
Napoleão III.....	377
Bismarck	380
Victor Hugo.....	386
Claude Bernard.....	389
Pasteur	389
Bolívar	394
Lincoln	397
Alberto I	411
Kaiser Guilherme II	412
Wilson	413
Foch	415